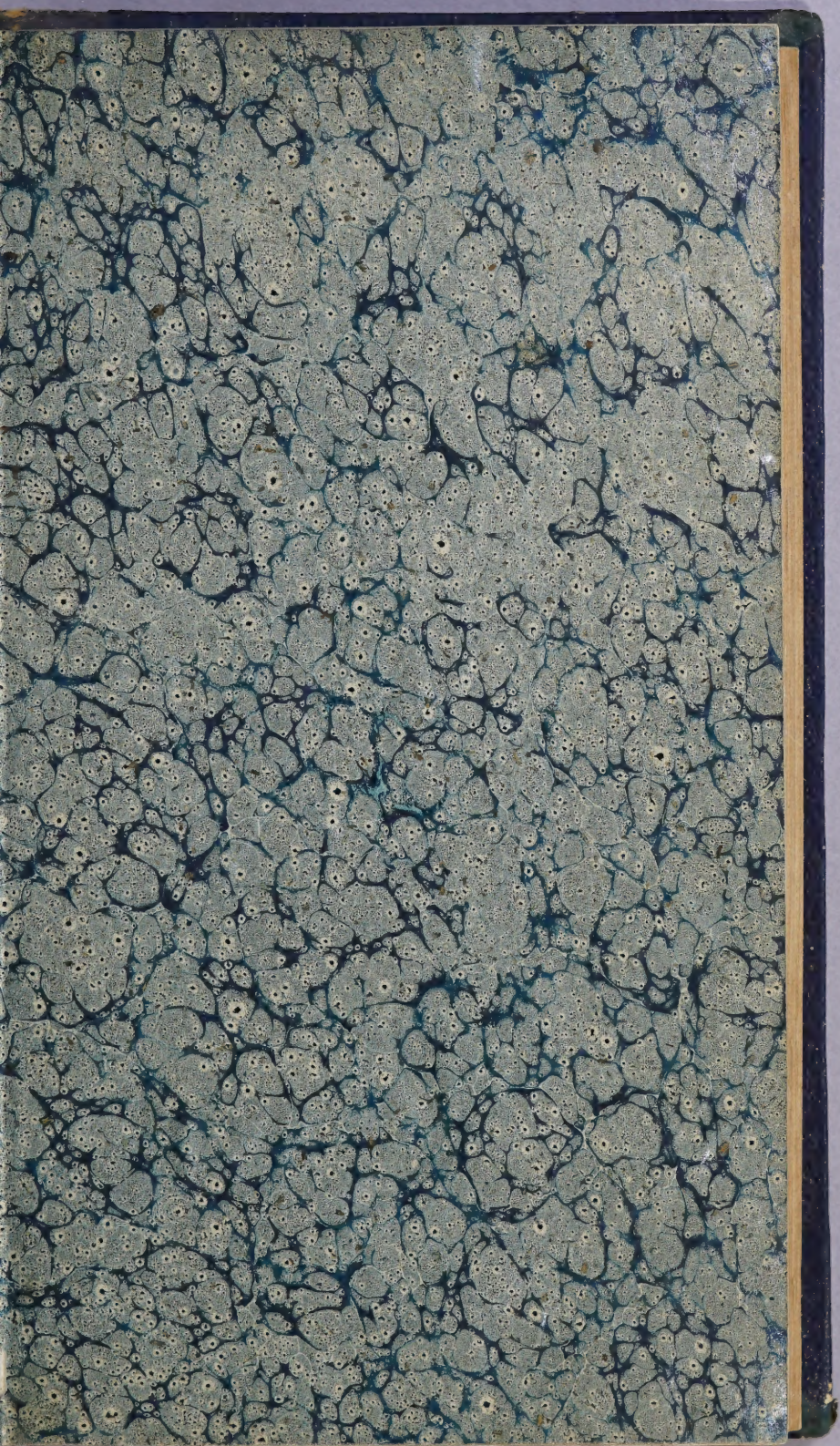


Acquired with the assistance of the

Sophia Augusta Brown
Fund

JOHN CARTER BROWN LIBRARY



1
P. 17-18

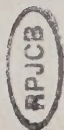
P. 3701

CARTAS SELECTAS

DO PADRE

ANTONIO VIEIRA.

PARIS. — NA TYPOGRAPHIA DE CASIMIR,
RUA DE LA VIEILLE-MONNAIE, Nº 42.



RPJCB



ANTONIO VIEIRA.

CARTAS SELECTAS

DO PADRE

ANTONIO VIEIRA,

PRECEDIDAS

D'UM EPITOME DA SUA VIDA, E SEGUIDAS D'UM INDICE
ANALYTICO DOS ASSUMPTOS E MATERIAS;

OFFERECIDAS

A' MOCIDADE PORTUGUEZA E BRAZILEIRA, CUJOS PAIZES
ILLUSTROU COM SUAS ACCOES, E A QUEM
DEIXOU ADMIRAVEIS EXEMPLOS A IMITAR;

Ordenadas e correctas

POR

J. J. ROQUETE.

VIEIRA escreveo cartas primorosas, em
que temos os Portuguezes, na presente edi-
ção, muito avultado numero de perfectos
exemplares.

F. A. L. BISPO DE VIZEU.

(Discurso hist. e critico acerca do P. A. Vieira e
das suas obras, p. 66.)



PARIS,

NA LIVRARIA PORTUGUEZA DE J. P. AILLAUD,
QUAI VOLTAIRE, Nº 11.

—
1838.

RPJCB



RAZÃO

E FIM D'ESTE LIVRO.

São as Cartas do Padre Antonio Vieira uma estimavel preciosidade da litteratura portugueza : não fallando da admiravel doutrina que contém, e dos importantes assumptos que tractão, « o decó-
« ro da phrase, como diz o douto Conde
« da Ericeira¹, póde ser o melhor mo-
« delo do profundo respeito, com que se
« deve escrever aos principes; da devi-
« da attenção, com que se hão de tratar
« os grandes; da amavel facilidade,
« com que se correspondem os iguaes; e
« da urbanidade preciza, com que se
« falla aos inferiores; » mas achando-se impressas sem alguma ordem nem systema, em quatro volumes, e d'estes o IIIº, mui raro, acontece só serem conhecidas

¹ Censura do tomo II.

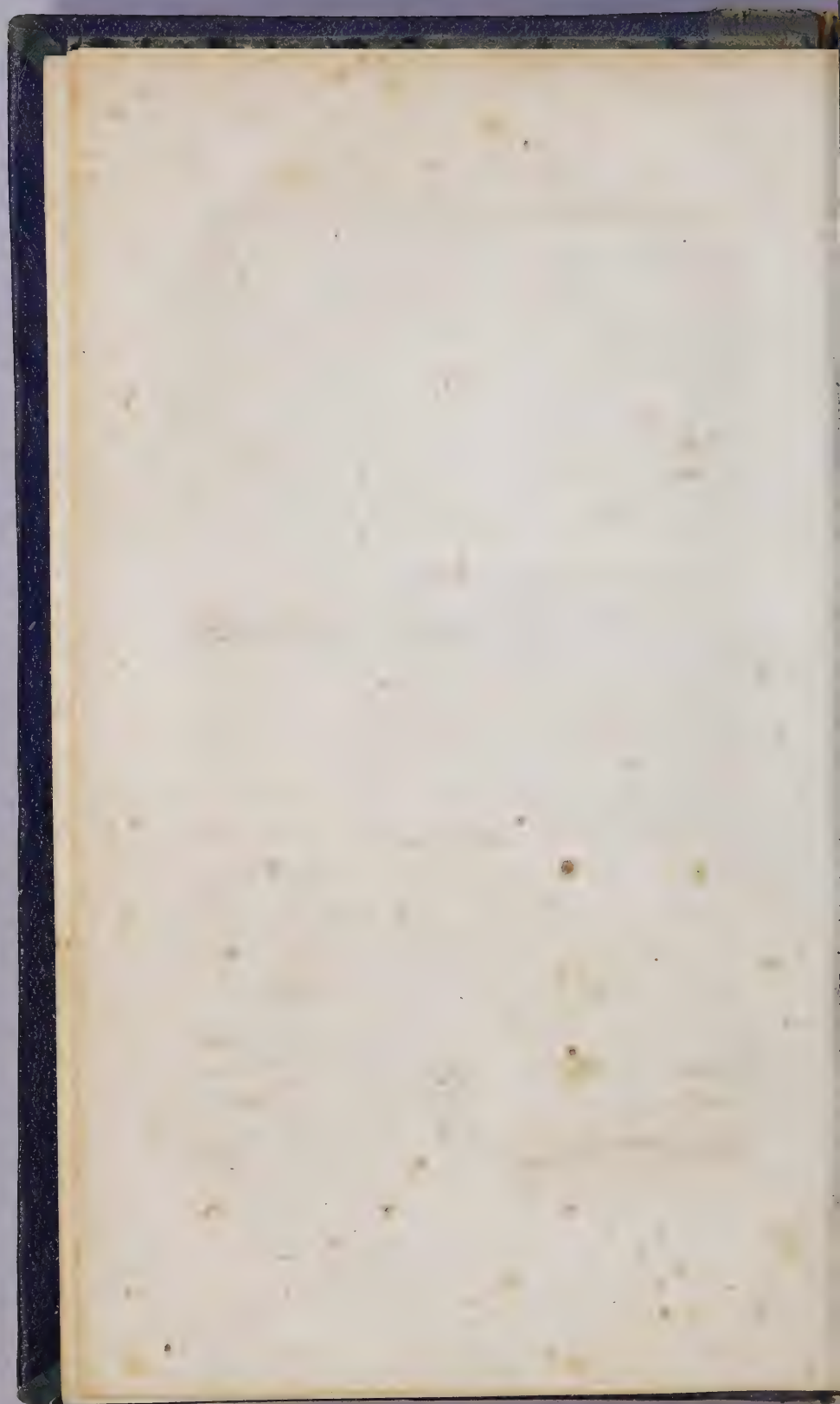
dos litteratos, e ficar o maior numero privado da utilidade, que de sua lição lhe deveria resultar, ou pelo menos ter grande difficuldade para conseguí-la : por esta razão, e com o fim de que a mocidade Portugueza e Brasileira possa, com commodidade e sem grande dispendio, trazer entre as mãos desde seus mais tenros annos *estas primorosas Cartas*, e nestes *perfeitos exemplares* formar-se um estilo epistolar e legitimamente portuguez, nos propozémos fazer esta collecção, em que se achão classificadas por ordem de materias, e generos de composição, as Cartas mais notaveis do Padre Antonio Vieira, e por certo a maior parte das que elle escreveo importantes.

E como a Biographia de um autor é de grande interesse para melhor apreciar seus escriptos, julgámos de toda a necessidade juntar-lhe o epitome da vida de um homem tão notavel, e em quem se encontrão tantas virtudes a imitar. Neste nosso trabalho tomámos por guia : 1º o projecto da antiga Junta da Directoria dos Estudos sobre uma se-

lecta portugueza, em que, como de razão, tinham grande parte as Cartas de Vieira; 2º o Discurso Historico e Critico á cerca do Padre Antonio Vieira e das suas obras, impresso em Coïmbra em 1823 : possa elle ser tão util á mocidade dos dous paizes, a quem Vieira illustrou com suas lettras e virtudes, como é sincéra a offerta que d'elle lhe fazêmos.

Pariz, 20 de Julho 1838.

JOSÉ IGNACIO ROQUETE.



EPITOME

DA VIDA

DO PADRE ANTONIO VIEIRA.

Nasceo o Padre Antonio Vieira em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1608. Fôrão seus pais Christovão Vieira Ravasco, que nascêra na Villa de Moura no Alemtejo, e D. Maria de Azevedo, natural de Lisboa; ambos de familias mui honradas e antigas.

Por fins de 1615 deixou o Reino Christovão Vieira Ravasco, e se passou com sua familia para a cidade da Bahia de todos os Santos, no Brazil, quando seu filho Antonio Vieira não tinha ainda completos oito annos de idade. Ignora-se qual o motivo d'esta ida; mas é muito de presumir fosse o desempenho d'algum emprego publico e honroso, talvez o de Secretario d'aquelle Estado, por quanto Bernardo Vieira Ravasco, filho tambem de Christovão Vieira Ravasco, exerceo depois aquelle emprego; e seus filhos e descendentes ou exercitárão iguaes profissões, ou se alliárão em casamentos com as pessoas de mais impor-

tancia em sangue e fazenda, que então erão conhecidas n'aquella Provincia.

Foi Antonio Vieira dotado d'um engenho subtil e penetrante, d'uma imaginação viva e assisada, d'uma alma nobre e aspirante a grandes emprezas; qualidades estas, que, sendo cultivadas pela desvelada educação que de seus pais recebeu, se desenvolvêrão tão promptamente, e se mostrarão tão suas, que a mesma subtileza e penetração, que se notava nas respostas e ditos de sua puericia, se admirou na sua decrepitude; com a addição d'uma firmeza de memoria, d'uma clareza de idéas, e d'uma facilidade de expressão que raramente se encontra em a avançada idade em que elle terminou seus dias *.

Não passou muito tempo, depois que desembarcou com seus pais na Bahia, que se não applicasse ao estudo das Humanidades nas escholas dos Jesuítas; os quaes, com grande proveito da Religião e do Estado, dirigião então a mocidade no estudo das lettras, e da moral christã. A applicação de Antonio Vieira ao estudo, o ardor em se avantajar a seus condiscipulos, a assiduidade em cultivar seus talentos; e, da parte de seus mestres, o dom particular de aperfeiçoar os

* Antonio Vieira faleceo de oitenta e nove annos a 18 de Julho de 1697. Veão-se as Cartas XCVIII, e XCIX d'esta collecção, escriptas ou no mesmo mez de sua morte, ou no precedente, nas quaes se não acha differença das da idade mais florente.

dotes naturaes de seus alumnos, e de os encaminhar suavemente a um fim justo e louvavel, formárão no Collegio da Bahia aquelle Antonio Vieira, que um dia deveria ser o lustre da Companhia, e um grande ornamento de sua Patria.

Venturosa é a idade em que amanhece a luz da razão ainda não obfuscada pelos vapores dos vicios! A candura, a franqueza, a docilidade formão o character da infancia, guiada por mão sábia e cuidadosa, n'essa época feliz, mas curtissima, da vida, em que a razão se emancipa, mas que das violentas paixões ainda não sente os impulsos. Taes erão as circumstancias em que se achava Antonio Vieira aos quinze annos de sua idade. Sentia-se chamado para cousas maiores do que as para que seus pais o destinavão; e como seu trato não era senão com homens de letras e virtudes, nenhum outro caminho se lhe ant'olhou tão seguro pára chegar a seus fins, como o de abraçar o instituto d'aquelles que o instruião com sua doutrina, e edificavão com seu exemplo. Lavravão ha muito em seu peito estes intentos e santos desejos, mas hesitava em pôl-os por obra; porèm, ouvindo a um Prégador certa historia, e reflectindo sobre ella, decidio-se a abraçar o Instituto Jesuítico¹: o que executou fugindo de casa de seus pais na noite de 5 de Maio de 1623, em idade pouco acima de 15 annos, e procurando o

¹ Elle mesmo o declara no vol. VII, Sermão vi, n.º 195.

Collegio da Companhia onde foi recebido pelos Padres com grande alvoroço. Quizerão os parentes retirál-o de seu proposito, e instarão fortemente para que voltasse á casa paterna; mas todos estes combates forão resistidos por Antonio Vieira com aquella firmeza e resolução que tanto caracterizão as acções de sua Vida.

Se os Jesuítas tivérão alguma parte em inspirar ao mancebo Vieira uma vocação, que parece prematura; e se nas pretensões e instancias de seu pai se houverão com menos desinteresse que o caso pedia, attentos os verdes annos do novo adepto, cousa é de que póde desconfiar-se: mas a preciosidade do thesouro desculpa a cobiça de possuil-o, e o procedimento invariavel de Vieira para com a sua Corporação justifica a sinceridade de seus votos.

Durou o noviciado dous annos completos vindo a professar a 6 de Maio de 1625: proseguio logo nos estudos, admirando os condiscipulos e os mestres com a promptidão e alto gráo de aproveitamento. O applauso porèm de seus progressos litterarios não o enlevou de tal sorte, que resolvesse fazer do estudo das Boas-Artes e Sciencias o emprego principal de suas applicações e trabalhos. Como que esta gloria, por facil, era insufficiente para satisfazer o seu coração! Propoz-se correr por caminhos mais arduos e menos trilhados. Fez voto, pouco depois da profissão, de gastar a vida instruindo nas doutrinas da Re-

ligião Christã os escravos Africanos, e os boçaes gentios do Sertão do Brazil. Aprendeo para isso as linguas Brazilica e Bunda; e sem declarar ainda o voto, que havia feito, entrou a desempenhál-o nas occasiões que se ião offerecendo.

Tinhão os Jesuítas por costume escrever annualmente ao Geral da Ordem uma carta latina, em que relatavão as cousas importantes succedidas n'aquella Provincia; e tal conceito fazião da capacidade de Antonio Vieira, que logo depois de sua profissão o encarregarão de compor estas cartas chamadas *ánnuas*: tambem o nomearão, tendo apenas dezoito annos, lente de Rhetorica para Olinda, o que desempenhou tão cabalmente, que não só explicou aquella disciplina, senão que até compoz commentarios ás Trágédias de Séneca, ás Metamorphoses de Ovidio; e o que é mais, sem ter ainda frequentado as aulas de Theologia nem de Philosophia, atreveo-se a commentar o Livro de Josué, e até o dos Cantares.

Quando entrou em os vinte e um annos de sua idade, parecendo aos Superiores que se achava em estado deprehender mais elevados estudos, resolvêrão que entrasse no ordinario curso de Philosophia, para passar finalmente a ouvir as doutrinas Theologicas. Foi então que Antonio Vieira declarou o voto, que d'antes fizêra, instando fortemente para que o dispensassem da carreira tranquilla das lettras, para todo se dedicar á laboriosa tarefa de instruir na Religião

Christã os Africanos e Indios selvagens. Porém os Superiores, julgando que não devião grande attenção a um voto, que, em razão da idade, se podia reputar mais pio que avisado; e não querendo privar a sociedade dos avultados proveitos, que justamente esperavão dos talentos insignes de Vieira, fôrão d'outro parecer, e irritando o vòto, o mandárão conformar com sua resolução. Obedeceo Vieira, posto que com alguma repugnancia, e conformando-se com a resolução de seus Superiores deo principio aos estudos philosophicos.

Alèm da intelligencia e engenho, que até ali manifestára Vieira, distinguio-se especialmente por uma facilidade de penetração em comprehender, e por uma subtileza e força em arguir tão extraordinarias, que seus mestres declaravão não tinha que aprender d'elles. Ainda era ouvinte de Philosophia, e já compunha no seu particular um curso philosophico; e quando depois frequentava as aulas theologicas saõ com tractados e questões de tal importancia, que teve dos Superiores positiva determinação para não tomar as apostillas d'outrem. Era o mesmo que confessar, que ao tempo, em que se considerava como discipulo, possuia cabedal bastante para ser mestre.

Antes de se ordenar Presbytero em Dezembro de 1635, e nos annos posteriores até 1640, exerceo na Bahia e suas vizinhanças o ministerio do pul-

pito com grande frequencia e applauso, começando a ganhar aquella celebridade, que depois se espalhou em toda a Europa¹.

Com a entrada do anno 1641 chegou á Bahia a feliz nova da restauração de Portugal, e do levantamento de rei natural na pessoa do Duque de Bragança D. João IV : successo este que não só foi applaudido n'aquella parte da Monarchia, mas imitado com igual primor e fidelidade. Era então Governador do Brazil, e residia como Vice-Rei na Bahia D. Jorge de Mascarenhas, primeiro Marquez de Montalvão; o qual, não satisfeito de cumprir fielmente as ordens que recebêra do novo Rei, mandou ainda seu filho D. Fernando de Mascarenhas, para que por seu pai e por si dêsse os parabens e prestasse a devida homenagem a El Rei : e querendo que elle viesse acompanhado d'um mentor, capaz de o dirigir em todas as cousas, escolheu para este ministerio o Padre Antonio Vieira, que ao principio recusára, mas que a final annuio, abrindo-se por este modo o passo a um novo campo, em que seus talentos devião de brilhar com mais lustre.

Com D. Fernando Mascarenhas, e o Padre Simão de Vasconcellos largou Antonio Vieira

¹ Foi no anno 1640 que elle prégou o celebre Sermão *pelo bom successo das armas de Portugal contra as da Hollanda*, um dos mais notaveis pela novidade do assumpto, o qual mereceo ser traduzido em Francez pelo Padre Raynal. Vem no tom. III, pag. 467.

da Bahia em 27 de Fevereiro de 1641. Foi a viagem ao principio prospera, mas já proximo das costas de Portugal forão uma e outra vez assaltados de furiosa tormenta, que os arrojou muito ao mar, e os obrigou a alijarem o batel, a artilheria, e até a aguada que trazião; e só a 18 d'Abril é que desembarcárão na praia de Peniche, onde os aguardava perigo d'outro genero, mas em que não tivérão as vidas menos arriscadas.

Raramente é o povo avisado em suas resoluções e propositos; porèm no momento de recobrar a liberdade é sempre suspeito e por vezes violento. Acabavão os Portuguezes de recobrar a perdida liberdade, olhavão com horror para tudo que lhe podia despertar a lembrança da passada sujeição, e como, por um infeliz acaso, se tivessem passado ao partido de Castella dous irmãos de D. Fernando de Mascarenhas, e sua mãe D. Francisca de Vilhena se achasse prêsa no Castello d'Arraiolos, por sua manifesta inclinação áquelle partido; alvorogou-se o povo ao ver sair em terra um membro d'aquella familia, que reconhecia traidora, e tendo-o por implicado em igual crime o maltratou cruélmente, fazendo-lhe uma grave ferida na cabeça, e de todo lhe tirára a vida se não viesse em seu soccorro o conde d'Atouguia, então Governador de Peniche, o qual, apaziguando o tumulto, o recolheu em sua casa, e d'elle houve cuidado. N'este ensejo, perigou tambem, como era natural, a vida de An-

tonio Vieira; foi mettido em prisão, onde esteve até o dia 19 d'Abril: porèm, acalmado o furor do povo, e conhecendo-se a innocencia e fidelidade dos que elle tinha por desleaes, foi Vieira posto em liberdade, e logo no dia 30 partio para Lisboa onde chegou a ver a Sua Magestade ¹.

Aqui começa verdadeiramente a vida pública de Antonio Vieira, que n'este novo theatro não fez menos luzida figura que no primeiro; antes, dando maior exercicio á sua natural e rara actividade, prestou serviços á Religião e ao Estado d'uma ordem mui to mais elevada e importante. O ministerio Evangelico foi quem lhe abriu o passo, seguiu-se a graça d'El Rei, que, justo apreciador de seu prestimo, não o quiz deixar ocioso, antes o empregou com frequencia, ouvindo o seu conselho, e confiando de sua dexteridade e zelo emprezas mui to relevantes e melindrosas ².

No 1 de Janeiro de 1642 prégo u á Côrte na Capella Real, e desde logo captou a attenção, e mereceu os elogios de tão escolhido auditorio. A novidade com que tractava os assumptos, o esmero com que se distinguia no gôsto do tempo, a oportunidade d'algumas lembranças não vulgares,

¹ Portugal Restaurado, vol. I, pag. 148, e André de Barros, liv. I, § xxxv.

² Pela Carta XXIX d'esta collecção se póde julgar quaes ellas erão.

o louvor e acerto com que fallava danossa Restauration, a facilidade, pureza e elegancia da lingua, e mais que tudo o desembaraço e affouteza com que combatia e prostrava os vicios então dominantes, ou que podião sêl-o, grangearão ao Prégador tal fama, que Lisboa inteira corria para ouvíl-o, e os mais vastos templos erão acanhados recintos para conter a multidão de todas as classes e gerarchias, que para tal fim a elles concorria. Dos ouvintes os que erão sabios saião admirados da vastissima lição das Escripturas, e de sua applicação nimiamente engenhosa, da subtileza dos argumentos, da finura dos conceitos, e da mûita agudeza que no Prégador encontravão; os menos cultos, e ainda o povo, admiravão não menos a clareza com que se explicava, o sal, ás vezes bem picante, com que adubava suas phrases, e a efficaç intimativa com que annunciava as verdades, de que estava convencido; as pessoas mais dadas á piedade não se cançavão de lhe ouvir propôr a moral mais austêra e desenganada: assim que, de seus sermões saião os ouvintes uns commovidos, outros satisfeitos, e todos admirados do engenho, do saber e espirito do Prégador¹.

Os grandes credits que Vieira havia ganhado

¹ Não só o diz André de Barros, e Francisco de Santa-Maria no Diario Portuguez no dia 18 de Julho, nº IV, mas até o confessa o Auctor da Deducção Chronologica, p. I, nº 361, o mais ardente adversario da gloria de Vieira.

como Orador, juntos com o particular conhecimento, que El Rei tinha de sua capacidade e préstimo, fizêrão com que o escolhesse para seu Prégador, de que no anno de 1644 lhe mandou Patente por um Grande do Reino. D'esta distincção tão notavel, da privança que tinha com o Soberano, e por ventura da acrimonia com que muitas vezes se expressava, proviêrão a Antonio Vieira varias contradicções e desgostos, não só entre os seculares, mas até entre os de seu mesmo instituto. Os Jesuítas, ou fosse porque vissem em Antonio Vieira mais um aulico do que um Socio da Companhia, ou porque receiassem que ajudado por El Rei quizesse introduzir novidades na Corporação, mostrarão-se pouco satisfeitos de seu procedimento, e até chegarão a pôr em conselho o demittil-o. Informado El Rei d'este caso, e do quanto devia elle penalizar a Vieira, propoz-se a valer-lhe por qualquer modo; e até lhe mandou offerecer, pelo Secretario d'Estado Pedro Vieira da Silva, alguns dos Bispados vagos, para sair airosamente da Companhia. Antonio Vieira porém não quiz aproveitar-se do real favor, respondendo ao Secretario d'Estado nos termos mais expressivos de devoção e respeito á Companhia, que allega André de Barros como formaes, e que são muito para notar: « Que a
« todas as Mitras, de que Sua Magestade podia dis-
« pôr, antepunha elle o viver no lugar mais hu-
« milde entre os Jesuítas. Que se estes chegassem

« a o despedir, e nem para servo o quizessem
« admittir de novo, ficaria da parte de fóra,
« lastimando-se e chorando, até acabar a vida
« junto d'aquellas amadas portas, dentro das
« quaes lhe tinha ficado a alma toda. »

Em consequencia da maneira nobre como se houye Vieira n'este caso, ou porque não era culpado como o querião criminar, ou em fim porque emendou o de que o accusavão, a Companhia não adoptou similhante expediente ¹, e An-

¹ Depois de composta esta vida de Vieira tivemos occasião de ver um manuscripto latino do nosso compatriota João Soares de Brito, que tem por titulo *Theatrum Lusitaniae litterarium*, e que se acha na Bibliotheca do Rei, o qual fallando do Padre Antonio Vieira, de quem era contemporaneo, pois escrevia em 1655, diz que elle chegára a ser despedido da Companhia, e que fóra segunda vez acceito com a expressa condição de se empenhar antes em unir a Companhia, que em a dividir, e de deixar Portugal e voltar para o Brazil: *Admissus iterum fuit ea conditione ut societati potius uniendae quam dissipandae incumberet, utque relictæ Lusitania in suam Brasiliensem Provinciã reverteretur, quod quidem non solum præstitit, sed nunc in expeditione Maranhonii insigne sui exemplum præbet.* D'aqui se póde concluir que Vieira se propunha algum projecto de divisão, ou independencia de Provincias da Companhia, o que parece comprovar-se com o que elle diz na Carta ao Confessor do Principe D. Theodosio; veja-se pag. 147: tambem d'aqui resulta grande luz para descobrir a razão da sua partida para o Maranhão, a que se vio forçado pela palayra que déra, mas de que pretendia esquivar-se fazendo com que interviesse ordem d'el Rei *para satisfação dos Padres*: veja-se a Carta ao Principe, p. 132.

tonio Vieira, sempre Jesuíta, continuou a ser ouvido nos Concelhos do Rei¹, e a propôr negocios da maior utilidade e importancia.

Propoz em 1.^o lugar que, á semilhança da Hollanda, se levantassem duas Companhias mercantes, uma Oriental, outra Occidental; chegando esta a estabelecer-se e a produzir grandes proveitos, e aquella não, de que elle muito se lamentava; em 2.^o lugar, que se mandassem passar ao Brazil as drogas da India, para destruir o commercio dos Hollandezes; em 3.^o lugar, que se comprassem quinze fragatas em Amsterdão para defender o porto de Lisboa e acudir á Bahia; em 4.^o lugar, os meios de haver dinheiro para estas e outras despezas; e porque erão necessarios 300,000. cruzados, e no Concelho d'Estado se disse que não era possível havêl-os, elle Antonio Vieira, com um simples escripto dirigido a Duarte da Silva, conseguiu esta somma².

No anno de 1646 enviou El Rei pela primeira vez Antonio Vieira a Pariz e a Haya, onde chegou a 18 do mez de Março: não foi longa sua demora n'esta Côrte, que por fins d'Agosto do mesmo anno já se achava de volta em Portugal. No verão de 1647 foi enviado segunda vez ás mesmas duas

* Foi consultado especialmente ácerca do modo de fazer a guerra a Castella, cuja consulta é a Carta XXV d'esta collecção.

² Tudo isto refêre elle mesmo n'uma Carta ao Conde da Ericeira, que é a XXIX d'esta collecção.

Capitães, fazendo viagem por Londres e Douvres. Chegou a Pariz por fins d'Outubro¹; e em Dezembro do mesmo anno achava-se já em Haya. Ahi negociou Vieira o modo de enviar a Portugal três fragatas, que fez construir em Hamburgo, n'uma das quaes viêrão petrêchos de guerra importantes em 50,000 cruzados, os quaes forão de tanta utilidade nas linhas d'Elvas. Tanto confiava El Rei d'Antonio Vieira que o tinha nomeado para acompanhar D. Luiz de Portugal ao Congresso de Westphalia, que então se celebrava; porém, como se desvanecesse este projecto, quiz deixál-o em Haya como Ministro, substituindo Francisco de Souza Continho, o que Antonio Vieira recusou, allegando as repugnancias de seu instituto. Passado pouco tempo voltou Vieira ao Reino, onde já se achava em fins d'Agosto de 1649.

Qual fosse o verdadeiro objecto d'estas missões elle mesmo o declara na Carta ao Conde da Ericeira². Era informar El Rei ácerca do modo como procedião seus Ministros n'aquellas Côrtes, de cujo serviço não parecia Sua Magestade muito satisfeito, e como que fiscalizar, ou espiar as suas acções, sendo que se correspondia com El Rei por cifra particular, e o Marquez de Niza, Ministro em França, tinha ordem positiva de não fallar á Rainha Regente, nem ao Cardeal Ma-

¹ D'esta Cidade escreveu ao Ministro d'Estado uma Carta digna de ler-se, e que é a LI d'esta collecção.

² É a XXIX supracitada.

zarini senão de companhia com Antonio Vieira.

Não esteve Vieira muito tempo ocioso, que logo a 10 de Janeiro de 1650 saio de Lisboa para Roma, encarregado de nova e mais importante missão. Tinha esta por objecto negociar o casamento do Principe D. Theodosio com a Infanta D. Maria Thereza, unica herdeira de Philippe IV, como meio de terminar a guerra, a que o animo d'El Rei estava mui inclinado, com a condição porèm que a Séde do Governo fosse em Lisboa; e tambem tinha outro fim mais recondito, qual era observar de perto as disposições dos Napolitanos, que havião dirigido a D. João IV propostas secretas pretendendo subtrahir-se ao jugo de Castella, ás quaes El Rei não tinha deferido, mas que, por boa politica, não lhe fazia conta desprezar de todo, para assim augmentar os embargos de Castella.

Entrou Vieira no desempenho d'esta missão com o seu costumado ardor e efficacia: introduzio a prática do casamento com o Duque do Infantado, ministro de Castella em Roma, mostrou as vantagens da alliança, destruiu com victoriosos argumentos as razões contrárias; e posto que se não podessem conciliar os pareceres sobre a residencia dos Monarchas, não desesperava de todo de suas pretensões, quando de repente rebentou uma ordem de Madrid tão terminante para que Vieira saísse de Roma, que o Duque do Infantado chegou a dizer que, se elle não partisse logo, se arrojaria a mandar-lhe tirar a vida.

Este procedimento tão rapido e violento da Corte de Madrid deve antes attribuir-se ao conhecimento que tivéra da missão secreta de Vieira ácerca de Napoles, do que ao projecto de casamento por elle proposto a seu Ministro.

Não se sabe ao certo quando Vieira saíu de Roma, mas é fóra de dúvida que ainda lá se achava a 30 de Maio, pela famosa Carta dirigida ao Principe D. Theodosio¹; nem quando chegou a Lisboa, mas sabe-se que foi antes do fim de Novembro de 1650, pois ja então prégava n'aquella Capital.

Achava-se, por então, Vieira desoccupado de negocios politicos, e como não podesse nunca conservar-se inactivo, saíu com o Padre João de Soto-Maior em Missão á Villa de Torres-Védras; onde foi ouvido com o costumado fructo e applauso. Desejava agora Vieira ficar em Lisboa, não menos o desejava El Rei, mas outra era a vontade de seus superiores, a qual, segundo parece, exigia que elle voltasse para o Brazil; para satisfazer a esta, ou por ventura para cumprir palavra que déra, fez Antonio Vieira os seus preparativos para a viagem: não contava porém que ella fosse a effeito por quanto El Rei lhe havia promettido de mandar contra-ordem na vespera da partida; mas como esta não chegasse, saíu do Tejo a 22 de Novembro de 1652 contra sua vontade, como elle mesmo confessa: porém reconhecendo em tudo isto

¹ É a XXXIX d'esta collecção.

os decretos da Providencia, a elles se submetteo de bom grado ¹, trocando as estimações e valias, que seus altos merecimentos lhe havião grangeado na Europa, por trabalhos arduos em Regiões tão apartadas e quas desconhecidas.

Depois d'um mez de viagem, em que não faltarão tempestades e infortunios, arribou a Caravella, que o conduzia, á Ilha de Cabo-Verde, d'onde escreveu ao Principe pedindo desculpa de se não ter despedido de Sua Alteza, e explicando os motivos de sua partida, e tambem ao Confessor de Sua Alteza intercedendo a favor dos Parochos e gentes d'aquella ilha ²; na qual se deteve pouco tempo, mas este mesmo empregou em fazer doutrina e prégar aos moradores; e quando forão 17 de Janeiro de 1653, achava-se no porto do Maranhão.

Ainda Vieira não tinha bem repousado dos trabalhos de sua viagem quando nova tormenta se levanta, e por ventura mais descomposta e difficil de aplacar. Em consequencia d'uma ordem Regia, que dava por livres todos os escravos d'aquelle districto, a qual fôra promulgada com solemnidade, amotinou-se o povo, e suppondo ter sido solicitada pelos Jesuítas arrojou-se contra elles violentamente; e na verdade grave risco terião corrido se não interviesse força armada. N'este conflicto empregou Antonio Vieira

¹ Veja-se a Carta ao Principe p. 132, e a nota a p. 16.

² Veja-se as Cartas XXX, e XXXV d'esta collecção.

toda sua actividade e intelligencia, fallando aos amotinados, e procurando por meios brandos acalmar suas paixões; o que lhe não foi mui difficil alcançar: graças ás poderosas armas que empregava, das quaes só aos Ministros da Religião é dado o servir-se! Prégava pelas ruas, catechizava os meninos, visitava os enfermos, e com as consolações espirituaes tambem lhes levava as temporaes, se as havião mistér; e porque não havia na Cidade um hospital, pelas exhortações de Vieira começárão a concorrer esmolos para se dar princípio á sua fábrica, e se esta por então se não ultimou não foi por falta do seu zelo.

Entretanto que n'isto se occupava, enviava Padres ao Pará para começarem as Missões, e nomeava os que devião ficar na Cidade de S. Luiz; e tendo tudo assim disposto determinou-se a ir procurar os Indios que se chamavão *barbados*, subindo pelo rio *Tapicuru*. Não podia Antonio Vieira levar a effeito esta jornada sem a coadjuvação do Capitão-Mór, para lhe dar Indios praticos, canôas, etc.; mas este, fosse por má vontade, fosse porque não queria perder o serviço dos Indios, foi retardando a viagem até que por fim não teve effeito. Vendo Vieira frustrada no Maranhão a sua esperança passou-se ao Pará com o projecto de remontar o grande Amazonas, e buscar a Nação dos *Poquiz*, que vivia nas margens do rio dos *Tocantins*. Encetou Vieira esta difficil tarefa, mas com grande mágoa sua vio baldados todos seus esforços; porque o Gover-

nador do Pará, sobre ser igualmente ambicioso que o do Maranhão, mostrou-se de mais a mais perfido, dando ordens públicas aos soldados para satisfazerem a Vieira, e outras particulares para, em despeito das ordens regias, saciar a sede de sua avareza e de seus apaniguados: o que vendo Vieira voltou immediatamente ao Pará, para buscar remedio; porém em vez d'este encontrou maior mal, convencendo-se pessoalmente das más intenções do Capitão-Mór.

Posérão então em concelho os Jesuítas o estado perpléxo em que se achavão as Missões, e tomarão por arbitrio enviar a Lisboa o Padre Antonio Vieira para advogar a causa dos Indios, e requerer a El Rei remedio contra a falta de observancia de suas ordens. Conformou-se Vieira com o voto commum, saio do Pará para o Maranhão, e começou a dispor as cousas para o embarque, o qual effeituou occultamente a 15 ou 16 de Junho de 1654. Não quiz porém deixar inteiramente occultas suas queixas contra os colonos, cuja reparação o trazia ao reino; e no Sermão de S. Antonio, pregado três dias antes de sua partida, desafojou o seu zelo, cobrindo-se com o véo da allegoria, e exprobrando aos peixes o que de si devião entender os homens¹.

Soffreo fariosa tormenta pela altura da ilha do Corvo, de maneira que o navio tombou, mettendo a borda no mar até meio do convéz,

1 É o Sermão XI da parte II.

e a gente vio-se obrigada a passar-se para o costado, onde esperava ser comida das ondas. Os marinheiros mais resolutos conseguirão picar os mastros, alijarão vélas e enxarcias ao mar, e assim alliviado o navio, a mesma força do mar o virou e poz a direito; de sorte que os naufragantes poderão recolher-se dentro, como vinhão de primeiro. Um corsario hollandez, que então cruzava aquelles mares, fazendo prêsa no navio os recolheo a bordo, e passados nove dias os foi lançar, posto que despojados e despídos, nas praias da ilha Graciosa.

Acudio Antonio Vieira com largueza, muito de admirar n'aquellas circumstancias, aos seus companheiros, provendo-os do que havião mister, empenhando os seus creditos na Graciosa; d'onde partio logo para a ilha Terceira e de lá para S. Miguel. Depois d'alguma demora n'esta ultima, em que prégoou o conhecido Sermão de Santa Thereza, partio em um navio Inglez a 24 de Outubro de 1654 para Lisboa, onde aportou em Novembro do mesmo anno, não sem insulto de nova tempestade. Achava-se então El Rei D. João IV em Salvaterra gravemente enfermo, e foi preciso esperar sua melhora e convalescença para dar principio a requerimentos. Chegão entre tanto procuradores mandados do Pará e Maranhão para justificarem o passado, e obstar a resoluções inconvenientes á utilidade dos colonos. Restabelecido El Rei da enfermidade, e começando a entender nos negocios publicos, vio

que este havia tomado um carácter importante, e para o resolver com mais segurança mandou formar uma junta, de que nomeou presidente o Duque d'Aveiro D. Raimundo de Lencastre, á qual confiou a decisão do negocio. Forão ouvidos os Procuradores das Colonias, advogárão os Jesuítas a sua causa, que era a da humanidade, pela bocca de Antonio Vieira; houve acordo conforme em favor d'estes, em que conviêrão os mesmos Procuradores: e esta resolução, roborada com a approvação Real, foi mandada pôr em inteira execução.

Queria Vieira ser portador de despachos tão importantes; mas El Rei desejando tê-lo mais perto de si insinuou aos Jesuítas que, pondo em concelho esta materia, lhe impedissem a partida, entendendo que este seria o meio efficaz de o demorar: porém Vieira, conseguindo ser ouvido no concelho, orou com tanta efficacia a sua causa, que inclinou em seu favor a pluralidade dos voaes, ao que El Rei, por uma condescendencia discreta, não quiz obstar.

Negociados os despachos necesarios, e disposto o que convinha para a viagem e ao seu proposito, embarcou Vieira no porto de Lisboa a 16 d'Abril de 1655; e depois d'uma prospera viagem chegou ao Maranhão a 17 ou 18 de Maio seguinte. Era então Governador d'aquella provincia André Vidal de Negreiros, que lhe fez mui bom acolhimento, e auxiliou em tudo; e com estes melhores auspicios começou a cumprir com o Regimento, que levava d'El Rei. Seus primeiros cui-

dados forão prover de mestres e Pastores as aldeias vizinhas, tendo em vista não só a Religião mas a educação civil dos Indios, que se achavão já d'antes aldeados. Abalançou-se logo a mais vastas emprezas, indo elle mesmo, ou enviando colaboradores em busca de povos errantes; uns em quem a Christandade estava ou de todo extincta ou muito amortecida e desfigurada pela communição com os Hollandezes, outros inteiramente barbaros, e que mais vivião como brutos que como homens; e não obstante as graves difficuldades que lhe oppunhão os desertos, os areiaes, as matas, os rios caudalosos que era forçoso atravessar, conseguiu Vieira fazer varias entradas no sertão com feliz successo, não só em proveito da Christandade mas dos interesses da coroa de Portugal, nomeadamente na Missão dos Nheengai-bas, cujas hostilidades não podéra conter o Governador Pedro de Mello, mas que forão desvanecidas e extinctas com a industria animosa e incansavel diligencia de Vieira ¹.

Seis annos bem completos e bem trabalhados empregou Vieira n'esta ardua tarefa, da qual ja começava a recolher copiosos fructos, e mais avultada colheita se promettia, quando novo contratempo veio frustrar todos os seus projectos. Falecêra no Reino El Rei D. João IV; a Rainha Regente parecia disposta a querer continuar o

¹ Veja-se a Carta X onde se acha a descripção d'este memoravel successo da Vida de Vieira, a quem os Nheengai-bas chamavão o Padre Grande.

Regio favor ás Missões; porém, ou porque mais graves negocios a divertissem, ou porque os Colonos julgassem que, com a morte d'El Rei, espirava a protecção para com os Jesuítas, renovou-se a antiga repugnancia contra estes, foram resistidas as Regias determinações, e por fim rompêrão em motim formal os moradores do Maranhão, e prendêrão os Jesuítas. Informado d'este successo correu Antonio Vieira ao Pará, d'onde andava ausente, para ver se ali atalhava igual rompimento; mas a prevenção foi inutil, que elle mesmo foi prêso com seus companheiros, e remettido para o Maranhão. Tratou de justificar-se, fez exhortações, escreveu protestações, mas tudo em vão: os do Pará lêrão seus protestos sem algum bom effeito, os do Maranhão não quizerão ouvi-lo, e Antonio Vieira e os mais Jesuítas, entre desprezos e vilipendios, foram obrigados a navegar para Lisboa, onde aportarão ainda dentro do anno de 1661 ¹.

Não encontrou Vieira na Côrte aquelle acolhimento, que era de esperar depois de tamanha violencia: com a morte d'El Rei e do Principe D. Theodosio tinha expirado para elle a privança de que d'antes gozava; e posto que a Rainha D. Luiza, então Regente do Reino, lhe não era menos affecta, todavia occupada com os espinho-

¹ Os protestos e exhortações, dirigidos desd'a caravella, em que foi mettido, á Camara do Pará em data de 13 d'Agosto de 1661, podem ver-se no l. III de Barros, e nas *Vozes saudosas* com o titulo de *Voz parentica*, a p. 189.

sos negocios d'aquella época, e quiçá angustiada d'elles e resoluta a deixál-os, não tomou este em grande consideração; e Vieira não podendo já advogar a sua causa perante o concelho do Governo, advogou-a na Cadeira Evangelica. Sendo chamado a prégar, no dia 6 de Janeiro de 1662, diante da Côrte na Capella Real, e em presença da Rainha, aproveitou-se mui judiciosamente do sujeito da Festividade e Evangelho, que era a primeira conversão da Gentilidade, para trazer á memoria a Conversão do Gentio d'America; e com tão energicas expressões representou o seu desamparo, e triste orfandade, vendo-se privados de mestres e pastores que os trazião á sociedade e ao gremio da Religião; e não menos os desatinos dos colonos e as injurias ditas aos Missionarios, que todos os ouvintes forão tocados d'um geral sentimento, e a Rainha especialmente se moveo a remediar os damnos, a emendar os aggravos, e a castigar a insolencia de vassallos refractarios; e com este proposito nomeou novo Governador para o Maranhão, fazendo-lhe efficazes recommendações a favor dos Indios, em satisfação e auxilio dos Missionarios seus defensores, e contra as ousadas pretensões da cobiça.

Não acompanhou Antonio Vieira o novo Governador para o Maranhão, como parecia natural, talvez porque negocios de não menos importancia o detiverão no Reino, e de novo o lançarão no campo da politica, onde só colheo ingratidões e desgostos. Assás conhecidas são as desintelli-

gencias que lavravão entre a Rainha D. Luíza e o Principe D. Affonso durante a sua minoridade, e bem sabido é quanto este se mostrava ambicioso do governo, sendo ao mesmo tempo pouco digno d'elle pelo seu máo comportamento e péssima escolha de pessoas de baixa condição, de quem se acompanhava, e que o trazião halucinado e sujeito a seus indecorosos caprichos. Não duvidava a Rainha fazer entrega do governo nas mãos de seu filho, que ja então contava dezanove annos de idade, mas queria que primeiramente fossem separadas do seu lado as pessoas que o desencaminhavão. Consultou para isto sujeitos de conhecida intelligencia e virtude, e entre elles o P. Antonio Vieira. Inclinou-se este ao parecer da Rainha, e não só se inclinou que até escreveo e assignou o papel, que em presença dos tribunaes do Reino foi lido a D. Affonso pelo Secretario d'Estado, na occasião em que fôrão prêsos os dous irmãos Contis e seus companheiros; o que succedeo a 27 de Junho do mesmo anno¹. Incorreo por tanto Antonio Vieira no desagrado do novó Rei e de seus valídos, dos quaes o principal era o Conde de Castello-Melhor; e logo que elle tomou posse do governo o mandou desterrado para o Collegio do Porto, assim como fez desterrar para Almeida o Duque do Cadaval, e varios outros fidalgos para differentes sitios. Chegou Vieira a desconfiar que o

¹ Este papel é o ultimo da collecção N. C.

querião mandar para a India ou para a Africa , mas não succedeo assim , que em principios de 1663 teve ordem de vir para Coimbra , o que logo cumprio.

Foi d'esta cidade que elle escreveo as principais cartas de sua correspondencia com o Marquez de Gouvêa , que tambem se achava no desgraço d'El Rei , e residindo em seu solar com ordem de não voltar mais á Côrte sem ser chamado , e com D. Rodrigo de Menezes , filho do 2º Conde de Cantanhede , e irmão do 1º Marquez de Marialva , Vencedor das linhas d'Elvas e de Montes Claros : não fôra desterrado este fidalgo como os outros , talvez porque não tomára parte nos successos com que se concluiu a Regencia da Rainha D. Luiza , mas participava das mesmas opiniões , e sendo muito acceito ao Principe D. Pedro não podia ser estranho aos projectos , que ácerca de sua regencia começáram logo a formar-se : era amicissimo de Vieira , como se vê da franqueza com que este lhe escrevia , e entre elles erão communs os desejos e pensamentos como consta claramente da correspondencia ; na qual o Principe D. Pedro é designado pelos symbolos de *Santelmo* e de *Corpo-Santo* , os erros e vicios da Corte são referidos ou alludidos com encarecida lastima , os descuidos são commentados com empenho , e os mesmos successos felizes , se não atenuados , em razão da grande parte que n'elles tivera o Marquez de Marialva , ao menos apreciados como não bas-

tantes para a completa restauração do Reino. Antonio Vieira não esconde, antes manifesta claramente as grandes esperanças que tinha de ver estabelecido um vasto imperio de brillantissima gloria para a Nação Portugueza, e de grande triumpho para a Igreja Catholica; dá conta das prophcias em que ellas assentavão, communica a obra mysteriosa em que ia trabalhando, e pede a D. Rodrigo a sua coadjuvação com livros e conselhos¹.

Em toda esta correspondencia, em que muito se admira o zelo e amor de patria de Antonio Vieira, conhece-se evidentemente qual era o seu principal defeito; era nimiamente credulo pelo que respeita a prophcias vulgares, e pouco philosopho pelo que pertence á influencia dos astros; mas ninguem ha que seja superior ao seu seculo, antes parece que os grandes homens como que caprichão em dar mór importancia ás opiniões da época em que vivem. Antonio Vieira todo enlevado nas futuras glorias do Portugal, e todo preocupado das opiniões propheticas do seu tempo, das quaes não sómente fôra sectario mais ainda coryptheo, escreveu um papel que intitulou *Esperanças de Portugal, Quinto Imperio do Mundo*. Este papel foi denunciado por principios de 1663, ou pouco adiante. O Santo-Officio de Lisboa mandou-o examinar com es-

¹ Veão-se especialmente as Cartas XII, XXII, XXVII, XLIX, LII e LIII d'esta collecção.

crupulo, e o mesmo praticou a Congregação de Roma. Topárão os censores, tanto Portuguezes como Romanos, com algumas proposições arrojadas, que notárão gravemente; e accrescendo ainda denuncias de proposições erroneas, que o Auctor arriscára ou no pulpito ou em particular conversação, foi Antonio Vieira chamado á Inquisição de Coimbra, e declarado réo em Novembro do mesmo anno. Formou-se-lhe processo, a que elle ia sempre acudindo com coarctadas e respondas, que julgava opportunas, já por escripto, já de viva voz. Foi longo e demorado o processo, não só pelas frequentes réplicas do réo, mas por molestias que lhe sobreviêrão, de sorte que a primeira resolução do Tribunal só appareceo em principios de Outubro de 1665, em que foi mandado reclusar n'uma das suas casas de custodia. Durou esta reclusão até 23 de dezembro de 1667; e todo este largo espaço de tempo se passou em pedir explicações a Vieira, em examinar as que elle offerencia, em attender ás suas replicas, e em o exhortar á desistencia e sujeição. Não parecia Vieira disposto a esta resolução, e o Tribunal via-se não pouco embaraçado n'este negocio; porém saio-se do enleio pela decisão de Roma. Alexandre VII approvou a censura, feita pelos Qualificadores da congregação do Santo-Officio; e dès que a Vieira constou esta approvação, desceo a desdizer-se e a retractar-se do que tinha sustentado, e a reconhecer a verdade em contrario, pedindo que a sua causa fosse decidida

n'estes ultimos termos. Layrou-se a sentença, que, expendido largamente o relatorio, manda que « seja privado para sempre de voz activa e « passiva e do poder de prégar, e recluso no « Collegio ou Casa de sua Religião, que o « Santo-Officio lhe designar; e que por termo, « por elle assignado, se obrigue a não tractar « mais das proposições de que foi arguido no « decurso de sua causa : e de maior condem- « nação o reléva, havendo respeito á sua desis- « tencia, retractação, protestos, e ao muito « tempo de sua reclusão, com outras conside- « rações que no caso se tivérão. » Esta sentença foi lida ao réo na Sala do Santo-Officio, perante os Inquisidores na tarde do dia 23 de Dezembro de 1667; e na manhã seguinte foi lida no seu Collegio de Coímbra em presença de toda a Comunidade por um dos Notarios do Tribunal ¹.

Assignou o Santo-Officio para reclusão a residencia de Pedroso, a 18 léguas de Coímbra na estrada do Porto. Porém estando Vieira ainda em Coímbra, lhe foi pelo Concelho Geral commutada a residencia de Pedroso na Casa da Cotovia de Lisboa; aos seis mezes depois de publicada a sentença foi em tudo dispensado e perdoado pelo mesmo Concelho; e tinha já passado da Casa da Cotovia para o Collegio de Santo Antão antes de sair para Roma em 1669.

¹ Tudo consta da Sentença, que se acha nas Provas da Deducção Chronologica n.^o XLV, nn. 104-108.

Não deixa de parecer assás estranho, e algum tanto contradictorio, o procedimento do Santo-Officio para com Vieira. Condemnado agora com tanto rigor, e logo absolvido com tanta indulgencia!!... Mas se reflectirmos que aquelle Tribunal, posto que todo consagrado ás cousas de Religião, não deixava com tudo de participar das influencias da politica, mórmente n'aquella época em Portugal; e se nos lembrarmos que El Rei D. Affonso VI desistio do Governo em 23 de Novembro de 1667, e que entrou na Regencia o Principe D. Pedro, a quem Vieira chamava *Santelmo*, teremos a chave para explicar este periodo de sua vida, que foi para elle o mais trabalhado e angustioso.

Entrou por tanto Antonio Vieira no exercicio de seu ministerio do pulpito. Prégou extemporaneamente a 6 de Janeiro de 1669 na presença do Principe D. Pedro, em applauso do nascimento da Infante D. Isabel, succedido na madrugada do mesmo dia: prégou tambem na Quaresma seguinte, e coroou seus trabalhos concionatorios d'este anno em Portugal com o Sermão de S.-Ignacio, já na Igreja de S.-Antão. O concurso dos ouvintes foi n'essa occasião estupendo: renovárão-se seus antigos creditos, e os applausos recebidos assás apagavão a nodoa originada pela sentença do Santo-Officio. Todavia Vieira, ou porque se não deo por satisfeito com este só desaggravo, ou porque esperava mais cabimento com o Principe, e por ventura igual

privação á que tivéra com seu pai, ou emfim porque achou acertado mudar de residencia por causa do desar que havia experimentado em Portugal, decidio-se, com o consentimento do Principe e approvação de seus socios, a partir para Roma. Deo-lhe o Principe carta de recommendação para João das Roxas de Azevedo, que fôra seu Secretario quando Infante, e então Residente por parte de Portugal em Roma; e tendo saído de Lisboa a 15 de Agosto de 1669, chegou áquella Capital a 21 de Novembro do mesmo anno, depois de ter arribado com grande temporal a Marselha. Recebêrão-no os Jesuítas com mostras de distincção pouco ordinarias; viêrão esperál-o a duas milhas da Cidade; e como em triumpho foi levado ao Geral, em quem as demonstrações d'affecto não forão menores. Logo que chegou a Roma escreveu ao Duque do Cadaval sobre o negocio de que o havia encarregado de lhe procurar casamento em Italia¹; tambem escreveu á Rainha da Grão-Bretanha², e por esta carta bem se conhece quanto elle estava queixoso do Principe, o qual lhe não consentira fazer sua viagem por Inglaterra, por onde elle queria ir com o fim, segundo parece, de empenhar o valimento d'aquella Princeza em seu favor na Côrte de Roma. Iguaes sentimentos se notão, e por ventura mais francamente pro-

¹ Veja-se a Carta XI.

² Veja-se a Carta XXXIX.

nunciados, na correspondencia que logo em Abril do seguinte anno 1670 abrio com Duarte Ribeiro de Macêdo, então Ministro em Pariz.

Achava-se em Marselha o Principe herdeiro do Grão Ducado de Toscana, quando ali arribára Vieira; e como fosse já d'elle conhecido, de quando estivera em Hollanda onde então se achava o Principe, foi Vieira comprimentá-lo liando com elle amizade: seguiu-se depois correspondencia amiudada, a qual por fim se encaminhou a negocio de mór importancia, qual foi o casamento projectado entre o herdeiro do Grão Ducado de Toscana com a filha do Principe D. Pedro, ha pouco nascida. Mostrou-se Vieira muito interessado n'esta união, propôz em chegando a Lisboa as pretensões do Grão Duque, e escreveu um papel em que expôz e ponderou todas as razões de politica e de interesse que a tal respeito cumpria attender¹: este projecto porém desvaneceu-se, porquanto falecendo a Raíinha, e passando o Principe a novas nupcias, teve successão masculina, ficando por consequencia a Princeza já não herdeira da Corôa, como até ali se julgava, que era este o pre-supposto sobre que assentava toda a negociação.

Como o nome de Vieira era demaziadamente conhecido pelos seus grandes creditos de insigne Prégador, cuidarão logo os Portuguezes, então

¹ Este papel vem no tomo III das Cartas, pag. 238. Veja-se também a Carta LXXX d'esta collecção.

residentes em Roma, em fazer conhecer os abalizados talentos de seu compatriota, a que Vieira se não recusou prégando o sermão de S.-Antonio, e alguns outros; os quaes fizérão tal impressão em Roma, e foi tal o enthusiasmo que se levantou em favor do Orador Portuguez, que os mesmos Italianos quizérão ouvíl-o em sua lingua. Negou-se porèm Vieira a tal pretensão, que era elle assás prudente e sensato para conhecer a quanto se expõe quem ousa fallar em publico em lingua estranha; mas teve finalmente que ceder sujeitando-se á voz de seu Geral, que sob pena d'obediencia o obrigou a prégar em Italiano. O primeiro sermão que prégoi n'esta lingua foi o das Chagas de S. Francisco: Vieira foi ouvido com igual satisfação e applauso dos estranhos como o havia sido dos conterraneos, de tal modo que logo lhe forão encommendados outros sermões no mesmo idioma.

E' bem de crer, e elle mesmo o confessa, que estes Sermões abundassem em mñitos defeitos de linguagem e de pronuncia, e que aquelle que fallava um portuguez purissimo mal fallasse um barbaro italiano; porèm taes erão seus dotes oratorios, tal a força de seus raciocinios, e por ventura a novidade de seus conceitos, que os delicados ouvidos Romanos se não davão por offendidos, antes se comprazião por verem vencida tão grande difficuldade, e todos admiravão Vieira como um talento raro, um genio superior no ministerio do pulpito; assim que, chegou a

prégar em presença do Papa e dos Cardeaes com igual acceitação, e teria sido nomeado seu Prégador se não houvéra saído de Roma.

Entre os ouvintes de Vieira em Roma teve lugar distincto a Rainha Christina de Suecia, filha do grande Gustavo, que havia abdicado a coroa para viver em retiro da Côrte e descativada das prisões da Realeza: era esta Princeza mui dada á cultura das Lettras e das Sciencias, e como houvesse abjurado os erros hereticos, e professado mui religiosamente as verdades catholicas, folgava d'ouvir os bons Oradores Christãos, e em seu palacio havia formado uma academia, em que se tractavão assumptos philosophicos e litterarios, a qual era composta de Cardeaes, e d'outras pessoas conspicuas em talentos e luzes. Vieira foi primeiramente por ella ouvido por curiosidade, logo com admiração e louvor, e por fim admittido com applauso á sociedade academica. Succedeo propôr-se um dia n'esta academia o problema: *Se tinha mais ou menos razão Heraclito para chorar, do que Democrito para se rir d'este mundo?* Fôrão escolhidos para contendores dos dous lados Jeronymo Catano, e Antonio Vieira, ambos Jesuítas. Cedeo Vieira ao seu concorrente o arbitrio da escolha, e Catano deixou-lhe por assumpto as lagrimas de Heraclito; sobre o que fez Vieira um papel, assás engenhoso, e que foi lido com grande applauso, e reputado superior ao do seu competidor ¹.

¹ Este papel parece hoje de menos preço do que o fôra

Quiz a Rainha, em attenção a seus talentos oratorios, nomeál-o seu Prégador, porém Vieira declinou o titulo, sem se negar ao occasional exercicio, receiando que isto fosse mal interpretado em Lisboa, e que d'aqui lhe resultassem novos desgostos, no que se não enganava; que não faltou quem murmurasse, e por tal lhe formasse culpa, mas esta ficou desvanceida com as declarações que a tal respeito fez Vieira para Lisboa.

Não gozava já n'este tempo Vieira de boa saúde; não lhe era favoravel o clima de Roma, e por cima d'isto accresceo cair de noite por uma escada de pedra, e pouco faltou para quebrar uma perna, ficando-lhe a cabeça mui mal tractada e contusa; por conselho dos medicos mudou d'ares, indo residir em Albano, villa maritima, mas suas enfermidades não diminuião, antes se aggravavão: á vista do que convenceo-se que lhe era forçoso deixar o clima de Roma, e buscar o de Lisboa para alongar seus dias, ou ter uma velhice menos enferma.

Que a viagem de Vieira a Roma tivéra um fim d'interesse pessoal, cousa é de que não póde duvidar-se; que elle contava com uma protecção mais efficaz do Regente, tambem é assas conhecido; é pois muito de presumir que elle preten-

n'aquella occasião, tem o cunho de Vieira subtil e engenhoso, mas é muito inferior a todos os seus papeis pragmaticos: foi vertido em Portuguez pelo Conde da Ericeira, e vem no tom. XIV, precedido d'uma noticia historica.

dia alcançar em Roma a revogação da Sentença : mas como lhe faltassem as protecções com que contava , de que elle não cessava de lastimar-se, desceo de tão alta pretensão , limitando-se a pedir para o futuro isempção da autoridade do Santo-Officio de Portugal, a qual lhe foi ultimamente concedida , em termos de grande recommendação e honra pelo Papa Clemente X , ja no anno 1685 ¹.

Assim como é certo que o Principe D. Pedro não mostrara para com Antonio Vieira aquella gratidão, de que elle se reputava credor , é igualmente certo que o Principe d'elle se não esquecia ; desde 1671 que o Regente lhe tinha mandado propôr que voltasse para o Reino , a que Vieira se havia recusado allegando as ingratidões de Portugal , as estimações de Roma , e a paz em que vivia com os Jesuitas *Estrangeiros* , concluia porèm sempre com protestos mais decididos de querer servir a patria e o principe , e de obedecer ao seu mais leve aceno. Requereo Antonio Vieira na dita occasião que o Principe escrevesse ao Geral da Companhia , instando pela sua volta para Lisboa. Mandou escrever o Principe , e o Geral , ainda que apontou difficuldades,

¹ Barros traz copiados os principaes fragmentos do Breve de Clemente X , e refere um dito do mesmo Papa ácerca de Vieira , que mostra penetração : *Dêmos graças a Deos por fazer este homem Catholico Romano , porque se o não fosse poderia dar muito cuidado á sua Igreja* (liv. IV, § 83 , e liv. V, §§ 263 e seg.).

não duvidou de condescender¹. Com tudo esta negociação ficou sem effeito; e da correspondencia de Vieira não se pôde alcançar o motivo: é porêem de presumir, ou que da parte do Regente esfriassem as instancias, ou que a Vieira parecesse que voltar naquella condição não era bem seguro. Pelo Breve de Clemente X se vê, que elle se precatára contra novos embarços com o Santo-Officio. Como quer que fosse, Vieira munido de Breve Pontificio, obrigado de suas molestias, e nunca esquecido da Patria, saio de Roma encaminhando-se para Lisboa, aonde ja estava em principios de Novembro de 1675, depois d'uma ausencia de seis annos. Fez sua jornada por Florença, onde conferenciou com o Grão Duque ácerca do casamento de que já se fez menção, e logo que chegou a Lisboa propoz o negocio ao Principe Regente: este, sem acceitar nem rejeitar, encarregou-o de escrever ao Grão Duque, pedindo ainda mais explicações. Escreveo Vieira, e o Grão Duque, á vista das suas cartas, houve por desfeita toda a negociação; e nestes termos se explicou em concisa resposta. Foi então que o principe lhe mandou pôr por escripto o que passára com o Grão Duque, e Antonio Vieira obedecendo escreveo o papel de que já se fez menção. Continuou Vieira a ser consultado pelo Principe e seu concelho em negocios graves, e se nem sempre era seguido seu

¹ Veja-se a Carta LVIII d'esta collecção.

parecer, era sempre respeitado seu voto como de um homem zeloso do bem publico e mui entendido nos negocios.

Havia pouco mais de três annos que tinha saído de Roma, com formal tenção de ahi não voltar, quando novo acontecimento parecia ali chamál-o. A Rainha de Suecia, determinada a entrar em observancia mais austéra da Religião Catholica, que havia abraçado, e querendo ter um confessor que a dirigisse no difficil caminho da virtude, fez escolha do P. Antonio Vieira, e o pedio ao seu Geral: escreveu este ao P. Vieira sem lhe impor o preceito d'acceitar, mas significando-lhe o quanto desejava que elle o fizesse. Respondeo Vieira escusando-se, allegando o máo estado de sua saúde, sua insufficiencia e adiantados annos¹. Foi aceita a sua escusa, e por ordens formaes de seu Geral Oliva, e do Principe Regente começou a cuidar na impressão de seus sermões; o primeiro tomo dos quaes appareceu em 1679. Continuou neste tempo a correspondencia com Duarte Ribeiro de Macedo, que havia começado em Roma, o qual se achava então em Madrid, e a quem havia encomendado a revisão dos seus sermões que ali se havião traduzido em Castelhana; e d'esta correspondencia se vê claramente que elle não estava satisfeito da maneira como corrião os negocios em Portugal, e por isso determinava recolher-se á

¹ Veja-se a Carta XXXI.

sua Provincia da Bahia , para n'ella acabar seus dias em retiro , e apartado do mundo ¹.

Saio pois pela ultima vez da barra de Lisboa em 27 de Janeiro de 1681 ; indo em busca d'aquella mesma costa da America, d'onde quarenta annos antes tinha soltado véla para applaudir em Lisboa o generoso brio , com que a Nobreza de Portugal accommetteo , e o Povo , sempre sisudo e honrado , seguiu a memoravel restauração de 1640.

Apenas chegou á Bahia , assentou Vieira de se entregar todo aos cuidados d'espírito , sem mais intervalo , que o dê apurar os seus escriptos , e proseguir a impressão começada em 1679. Tratou de se esquecer da Europa , e de fugir até da Bahia , sepultando-se na solidão d'uma quinta dos Jesuítas nomeada do *Tanque*. Mas em breve circumstancias inesperadas o obrigarão a sair a publico , a entrar em conflictos , e a fallar e escrever com o mesmo ou maior empenho com que n'outros tempos o fizéra.

Correndo o anno de 1682 suscitárão-se graves desavenças entre o governador da Bahia Antonio de Souza de Menezes , e Bernardo Vieira Ravasco , irmão do P. Antonio Vieira , e que era Secretario d'Estado da Bahia. Tinha este regimento real , com que se conformava no expediente dos negocios , mas o Governador , deseju motu próprio , teve por inconveniente o regimento , e mandou

¹ Veja-se a Carta XCVII e seg.

seguir outro; o Secretario deo parte para Lisboa d'este procedimento illegal, e d'aqui resultou grande indisposição do Governador contra elle e seus parentes, a qual não tardou em romper em maiores excessos.

Por motivos, que não forão conhecidos, passou Antonio de Souza ordem de prisão contra o filho do Secretario, e contra um seu sobrinho; os quaes só procurando refugio a poderão evitar. Ao mesmo Secretario suspendeo do exercicio do seu emprego; e posto que não tardou muito em o restituír, nem por isso ficou menos viva a memoria do aggravado. Succedeo n'este meio tempo ser morto (de dia e em rua publica, por Antonio de Brito de Castro) um grande parcial do Governador, que era alcaide-mór, e se chamava Francisco Telles de Menezes. O Governador ao receber a nova d'este successo desceo á Secretaria pessoalmente, e mandou metter na enxovia Bernardo Vieira, vedando-lhe toda a communicacão, ou de palavra ou por escripto. Foi ainda mais adiante a inconsideração do Governador, publicando que o delicto fôra ajustado na noite antecedente, assistindo o Secretario, e dirigindo seu irmão o ajuste no Collegio dos Jesuítas. Imputação calumniosa e absurda como depois se demonstrou.

Antonio Vieira conservou-se ao principio immovel á vista de taes acontecimentos, e parecia pouco disposto a ir fallar ao Governador a tal respeito, talvez porque, conhecendo-o, julgava

serião baldadas suas diligencias; porém pedia o dever do sangue que não ficasse insensível aos aggravos e vilipendios que soffria seu irmão. Resolveo-se por tanto a ir ter com o Governador, e representar-lhe que pedia d'elle a justiça que com maior socego d'animo remediasse os detrimientos e irregularidades, a que o fogo da paixão o tinha arrastado no primeiro impeto; mas o Governador em vez de o escutar com attenção, e de lhe deferir, como pedia a justiça, atalhou as suas representações com colerica impaciencia, affrontou com grosseiras injurias a sua corporação e a sua pessoa, e de sua casa arrojou com desprezo um sacerdote, um ancião, e um homem conhecido e admirado por seus talentos não só em Portugal e seus dominios mas em toda a Europa!

Soffreo Vieira com resignação e comedimento tamanha affronta, mas o Governador que se receiava que elle se queixasse para Lisboa, tractou de se prevenir dando parte a El Rei do succedido nos termos mais desfavoraveis a Vieira, propondo como aggravo feito á dignidade do cargo o que verdadeiramente fôra excesso seu contra o direito e honra de Vieira.

Partirão neste mesmo tempo para Lisboa o Vereador Manoel de Barros da Franca, e Gonçalo Ravasco d'Albuquerque: vinha este solicitar por seu pai e por si mesmo, e aquelle queixar-se do Governador em nome da cidade da Bahia; porém antes que elles fossem ouvidos chegou ás

mãos d'El Rei a parte do Governador, a qual produzio em seu animo o ordinario effeito das primeiras impressões; de sorte que quando chegou á sua presença Gonçalo Ravasco ouviu da mesma bocca do soberano a declaração do seu desgosto, pelas formaes palavras: *Estou muito mal com seu tio Antonio Vieira por descompor o meu Governador.*

Esta noticia chegando a Antonio Vieira sobre tantas ingratidões da patria (que até chegou a queimá-lo em estatua em Coimbra¹), foi bala que lhe deo nos peitos e derribou por terra. No mesmo dia caio gravemente enfermo, e passou largo tempo em cama com frequentes delirios, e muito risco de vida. Teve por fim allivio, mas ficou-lhe sempre cravado no coração aquelle espinho da ingratidão d'El Rei D. Pedro que o obrigava a romper em queixas amargas de que estão cheias as Cartas, que então escreveo ao Duque do Cadaval, ao Marquez Mordomo-Mor, e Antonio Paes de Sande.

Posto que El Rei ao principio dêsse credito ás representações de Antonio de Souza de Menezes, não deixou com tudo de prestar attenção ás queixas da Bahia; e tendo-se informado por pessoas graves, achou que o Governador não andára bem n'aquelle negocio, pelo que lhe deo por acabado o Governo, e despachou em seu lugar o Marquez das Minas, o qual chegou á Bahia antes

¹ Barros, liv. IV, §§ 135 e 138.

de Julho de 1684. Com elle foi um syndicante , para devassar de tudo o occorrido , de cuja rectidão não parecia Vieira muito satisfeito. Pelo dito d'uma só testemunha foi condemnado Bernardo Vieira ; e seu irmão, posto que não pronunciado na devassa, foi mandado com tudo, em consequencia d'este negocio, castigar por mãos de seus superiores. Talvez a mesma testemunha deposesse contra o Jesuita : e em tal caso foi um velho veneravel, por effeito do dito de testemunha unica, não só infamado de delicto gravissimo, mas submettido ao rigor e ao opprobrio da pena ! Isto não obstante, como neste meio tempo fallecesse a Rainha D. Maria Francisca¹, e o Marquez das Minas quizesse celebrar suas exequias com magnificencia, encarregou o desenho da fabrica e adornos a Bernardo Vieira; e a Antonio Vieira encommendou a Oração Funebre : escusou-se este a principio allegando enfermidade, falta de dentes, e todos os mais achaques da velhice; porèm instando o Marquez, em que n'isso levaria gosto S. M. ; esta só palavra bastou para que elle entendesse que não devia replicar. Prégou com effeito na Misericordia da Bahia em 11 de Setembro de 1684, e o seu discurso é notavel por servir d'ocasião a outros, ou por ser o primeiro annel da cadeia de *empenhos e desem-*

¹ Morreo a 27 de Dezembro de 1683, pouco mais de tres mezes depois d'El Rei D. Affonso seu primeiro marido.

penhos da palavra de Deos e do Prégador, que possuímos entre os mais sermões.

Continuou a prégar com o mesmo credito e applauso; e tambem escreveu um papel assás notavel, que intitulou *Voz de Deos ao mundo, a Portugal e á Bahia*¹: e tanto n'este como nos sermões se observa a mesma credulidade, o mesmo temor dos Comêtas, e uma presumpção de ler no futuro, que, por ser tão aturada e tão firme n'uma idade quasi nonagenaria, nenhuma duvida cabe de que era sincera.

Acalmada já a tempestade que, d'envolta com quasi toda a sua familia, tão cruélmente o apossára, contava Vieira passar dias mais socegados no seu retiro do Tanque; e para isso se dispunha: porém trabalhos d'outro genero lhe viêrão roubar o socego de que tanto havia mister. No principio do anno de 1688, lhe expedio o novo geral da companhia patente para governar os Jesuítas d'aquella parte d'America; por cujo motivo foi forçado a largar o seu retiro, e vir dirigir desd'o Collegio da Bahia os negocios da Sociedade, e principalmente o das Missões. O zelo e ardor com que se houve Vieira n'este novo emprego não parecia proprio de sua idade e molestias, mas era mui conforme com aquelle genio incansavel eprehendedor, que nunca o desamparou até aos ultimos dias de sua longa e cansada vida. Não cessava de escrever para El Rei, de

¹ Vem no tom. XIV dos Sermões.

enviar representações a favor das Missões, ás quaes El Rei se dignava responder, e muitas vezes deferir, o que d'alguma sorte mitigava seu antigo resentimento; e não obstante todo este trabalho continuou sempre a apurar os seus sermões para se darem a estampa. Onze tomos forão publicados durante a sua vida; e o duodécimo, posto que se publicasse depois de sua morte, foi ainda por elle apurado e posto em estado de estampar-se: e nestetrabalho empregou vinte annos.

Tinha Vieira escolhido o clima da Bahia como o mais favoravel á velhice; porém quando esta se adianta não ha clima que lhe impeça os passos. As forças do espirito nunca desmentirão de seu antigo vigor, mas o corpo macerado de trabalhos, curtido de desgostos, succumbio em fim ao peso dos annos. Desamparado da vista, privado do ouvido, assim mesmo ainda escrevia por mão alheia, e dictava aos amanuenses, tanto para pôr em limpo o duodecimo tomo dos sermões, como para adiantar a *Clave dos Prophetas*. Conhecendo que não seria longa a sua duração no mundo, e querendo guardar até o fim da vida aquella delicadeza e civilidade, que sempre o caracterizárão, despedio-se de todos seus amigos por uma Carta circular, não sendo excluído d'este numero o Conde de Castello-Melhor, de quem por ventura lhe viérão os maiores desgostos, mas com quem ultimamente se correspondia¹. Assim

¹ Veja-se a Carta LV d'esta collecção. São mui nota-

despedido do mundo, saõ da quinta do Tanque, para vir acabar entre seus irmãos, e dispor-se a entrar na eternidade, como verdadeiro Catholico e perfeito Religioso, que sempre o fôra. Entre os braços da Religião, alentado com o poderoso conforto de seus auxilios, e na consoladora confiança de suas promessas, depois de curta enfermidade, mas acompanhada de dores gravissimas, acabou o Padre Antonio Vieira na 1^a hora do dia 11 de Julho de 1697, aos oitenta e nove annos e seis mezes completos de sua idade.

Forão celebradas as honras funeraes com grande sentimento, e manifestas demonstraões de não vulgar estima; sendo o cadaver conduzido á sepultura pelo Governador D. João de Lencastre, seu filho, o Bispo eleito de S. Thomé, e outros sujeitos d'illustre nascimento; e só faltou o Arcebispo da diocese, que se achava impedido por molestia grave. Não se mostrou menos obsequiosa, e respeitadora das cinzas de Vieira a nobreza de Portugal. Na igreja de S. Roque se levantou soberbo mausoléo, e dissérão com elle as mais circumstancias do apparato; correspondendo tudo á larga e honrada fama de Antonio Vieira, e ao grande coração do quarto Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Mene-

veis os termos de affecto com que se explica, e com que lhe correspondia o Conde; verificando ambos exactamente o proverbio discreto dos Inglezes, *que os Politicos não amão nem aborrecem*. Veja-se tambem a Carta XCIII.

zes, por conta de quem corria a despeza. No dia aprazado, que foi o de 17 de Dezembro do mesmo anno, com um numeroso e luzido concurso do Reino todo, junto n'aquella occasião em Cortes, celebrou missa o Bispo de Leiria D. Alvaro de Abranches e Camara, e disse por fim a Oração funebre o Theatino D. Manoel Caetano de Souza, um dos Portuguezes mais acreditados de doutrina da sua idade.

As obras principaes que nos deixou escriptas o Padre Antonio Vieira reduzem-se a Cartas, Opusculos Pragmaticos, e Sermões.

As Cartas, posto que não tenham as graças das de Cicero, nem o delicado gosto das de Sevigné, são a umas e outras pouco inferiores na elegancia e nobreza de linguagem, e por ventura superiores na qualidade e importancia dos assumptos. São modelos d'estilo epistolar, e não se encontram n'ellas aquelles defeitos tão frequentes nos sermões, de que tanto adoecia o seu seculo, por isso forão sempre tidas pelos Portuguezes entendidos em subida estimação. Formão quatro volumes, sendo três d'antiga edição, e o 4.^o de inéditas contendo a correspondencia com Duarte Ribeiro de Macedo.

Os opusculos pragmaticos são não menos apreciaveis pela clareza, precizão, e intelligencia com que são propostos os assumptos, analizadas e discutidas as razões de utilidade ou desconveniencia; e são modelos a imitar, mas talvez poucas vezes imitados. Achão-se nos volumes das

Cartas , e tambem no tomo XIV dos Sermões.

Os Sermões , lidos hoje não produzem o mesmo effeito que produzião prégados pelo Auctor, ou mesmo quando sairão estampados ; em todos elles se vê e admira o mesmo engenho , agudeza , claridade d'estilo que tanto caracterizavão Vieira ; mas exceptuando os Sermões de Moral , em que , penetrado da materia , despréza meios improprios e empréga o seu raro talento como entendido pregoeiro do Evangelho , em todos os mais não póde admirar-se , e mui to menos imitar-se como Orador. Não se propõe Vieira de ordinario mais que agudas extravagancias , paradoxos insensatos , que proyocão o riso , se não é que a indignação. Abusa mui frequentemente das sagradas Escripturas , para comprovar emprezas ridiculas ; empréga sem critica as sentenças dos expositores ; excéde os limites da liberdade evangelica , degenerando mui tas vezes em descomedimento reprehensivel ; e sendo que prégou tantos Sermões de Santos não nos deixou um só panegyrico. Estes defeitos , que são assás para lamentar , erão em parte devidos ao máo gosto do seu seculo e de seus ouvintes , e em parte filhos das circumstancias tão variadas da sua vida. Vieira adoecia mui to d'amor proprio , e da pretensão de ler no futuro , era mui resentido , e , pungido tão constantemente dos espinhos da ingratição , abandonava-se a emprezas extravagantes , e escolhia assumptos allusivos em que desafogasse a sua paixão , e como que tomasse um honesto despi-

que de offensas não merecidas. Os seus Sermões comprehendem-se em treze volumes, doze dos quaes forão vistos e apurados por elle, em que gastou vinte annos; o decimo terceiro, que contém a *palavra empenhada e desempenhada*, foi impresso por industria do Duque do Cadaval, mas com o consentimento de Vieira; o decimo quatro volume, que foi ordenado pelo Conde da Ericeira, contém alguns discursos prégados em Roma, como as cinco Pedras de David, e varios outros opusculos estimaveis.

Escreveo tambem Vieira um livro que intitoulou *Historia do Futuro*; mas que não merece o nome d'historia; é antes uma especie de adivinhação, porèm em quanto ao estilo não dediz do de seu auctor.

Não se encontra é verdade em Vieira um estilo melifluo e cadencioso; sua imaginação viva e ardente fallêce de suavidade; seu coração secco não ministra á penna os doces traços da sensibilidade; assim que, debalde buscaremos em seus discursos os movimentos patéticos tão necessarios a um Orador Christão; porèm não ha um só escripto d'este homem extraordinario que seja desprezivel, e que não mereça ser lido; e pelo que respeita á linguagem, em que sobreelêva a todos os escriptores Portuguezes, concluirêmos repetindo o que disse o mais douto e mais justo apreciador de Vieira e de suas obras, que « se « o uso da nossa lingua se perder; e com elle « por acaso acabarem todos os nossos escriptos,

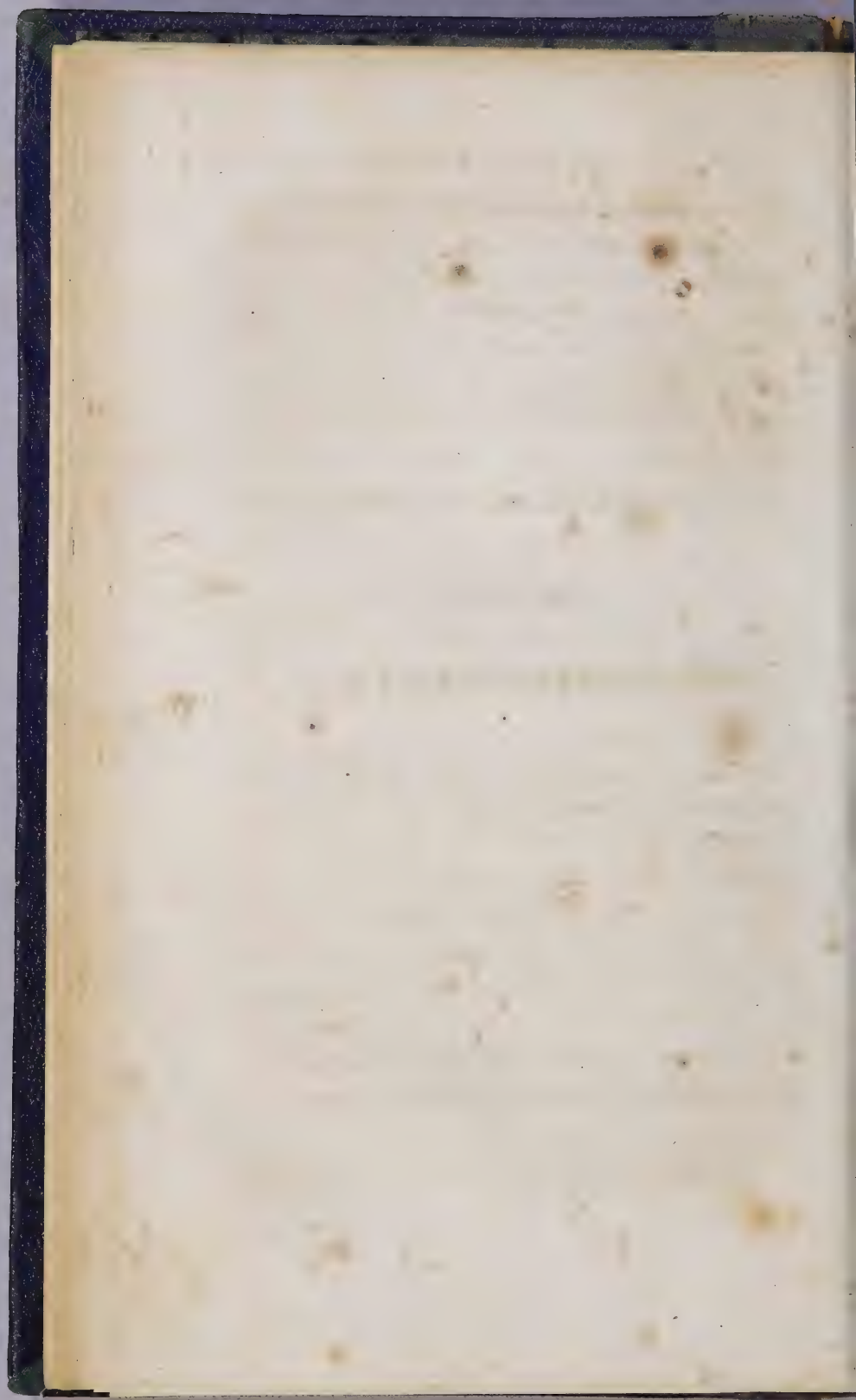
liv EPILOGO DA VIDA DO P.^e A. VIEIRA.

“ que não são os Luziadas e as obras de Vieira ;
“ o Portuguez, quer no estilo de prosa , quer no
“ poetico , ainda vivirá na sua perfeita indole na-
“ tiva , na sua riquissima copia e louçania. Será
“ talvez opinião temeraria , mas a minha é , que
“ nenhum povo possuiu jámais, nas obras d’um
“ só homem, tão rico, tão escolhido thesouro da
“ lingua propria , como nós possuímos nos d’este
“ notavel Jesuíta. Elle empregou a linguagem
“ culta e pública , e tambem a familiar e domes-
“ tica ; fallou a dos negocios , a da cortezia , a
“ das artes , a dos proverbios : e como tractou
“ tantos e tão diversos assumptos , póde affirmar-
“ se, fóra d’hyperbole , que em suas composições
“ a resumio toda inteira com felicidade singular. »

CARTAS SELECTAS

DO PADRE

ANTONIO VIEIRA.



CARTAS SELECTAS

DO PADRE

ANTONIO VIEIRA.

CARTA I.

A CERTO MINISTRO ¹.

Se não fôra de tanto serviço de Deos, não me atrevêra a inquietar a Vossa Mercê a tal hora; mas a causa me desculpa, e a grande piedade de Vossa Mercê me anima. Hoje se remetteo a Vossa Mercê do Concelho ultramarino uma petição de réplica do procurador do Brazil e padres missionarios do Maranhão, a quem Sua Magestade manda pagar a metade da Ordinaria de que lhes fez mercê nos dizimos da Bahia; e por-

¹ É a VI do tomo I.

que correndo este pagamento por mãos dos ministros da fazenda d'aquelle Estado fica muito incerto, antes totalmente é como se não fôra, como a experiencia tem mostrado; e os missionarios no Maranhão não têm, nem podem ter outra cousa de que se sustentem, nem acudir ao culto divino, e ás outras obrigações da conversão, para as quaes são necessarios resgates, e outras cousas, como na réplica se aponta; pedem e instão os padres que o dito pagamento se lhes faça por mão dos contractadores, ou rendeiros dos dizimos, que é o meio que os Reis passados tomáram, para que os ditos pagamentos fossem effectivos, assim ao bispo e clero, como aos mesmos padres da Companhia, por se experimentar que todos os outros apertos, com que as provisões reaes o mandáram, não erão bastantes contra as necessidades da fazenda, ou verdadeiras, ou suppostas, que os ministros allegáram; as quaes cousas no tempo presente, por ser de guerras, são mais ordinarias, e ainda mais justificadas: com que ficará de todo perdendo-se a Missão, e o fructo que d'ella se espera. E com a justificação da residencia, a que nos offerecemos (que era o ponto em que reparava o Concelho), fica o negocio sem inconveniente al-

gum. E assim me disse o conde d'Odemira, que o havia de votar, por ser materia muito clara, e o contrario contra o serviço de Sua Magestade, e o intento que se pretendia; e do mesmo parecer sei que estão os demais conselheiros.

Com Sua Magestade fallei esta tarde sobre esta materia, e porque elle se parte segunda feira, e a quer deixar resoluta, porque assim importa pela brevidade com que o navio, em que hão de ir os Padres, se apresta, foi servido de me dizer, que da sua parte dissesse a Vossa Mercê que folgaria que esta informação se fizesse a tempo, em que com ella se podesse consultar pela manhã no Concelho, e no mesmo dia subisse e se despachasse; e o mesmo me manda dizer ao conde d'Odemira. Com esta vão os Alvarás de que constão os exemplos, e o principal fundamento de justificação da nossa causa, que Vossa Mercê nos fará mercê, de que não saíão da sua mão, porque importão.

Tenho dito, e não recommendo mais porque a causa se recommenda por si mesma, e porque sei que para todas as do serviço de Deos está sempre mui prompto o favor de Vossa Mercê, que é a pedra fundamental dos que sobre elle hão de assentar seus

votos. Assim que, a Vossa Mercê caberá a maior e principal parte do merecimento d'esta santa obra; e todos nós ficaremos com nova obrigação de rogarmos a Deos pela vida e saúde de Vossa Mercê, que o Senhor guarde por mûitos annos, como havemos mistér. Por ser a hora que é, não vou levar este papel, mas estimarei que Vossa Mercê me mande dizer por palavra pelo portador quando o irei buscar.

Collegio, 5 de Julho de 1652.

Criado de Vossa Mercê,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA II.

A DIOGO MARCHÃO THEMUDO *.

Mêu Senhor,

Se estas regras chegarem ás mãos de Vossa Mercê, o portador d'ellas é Antonio de

* É a CIII do tomo II.

Brito de Castro, cuja culpa será mais conhecida de Vossa Mercê pelas devassas em que a parte o quiz encravar, e o Juiz não quiz admittir as razões que o escusarão. Ellas, nas leis da honra e do mundo, e ainda segundo a natureza da conservação da propria vida, forão as mais justificadas. E esta é a confiança, com que obedecendo ás ordens de Sua Magestade, se vai livrar a essa corte pelo modo com que o possa fazer, sem se expôr ao ultimo perigo. Para o tal caso péço a Vossa Mercê que em tudo o que fôr conveniente, lhe não falte Vossa Mercê com o secreto conselho e direcção, na qual elle e seu irmão levão postas suas esperanças.

El Rei D. João II deo occasião ao proverbio : *Mata, que El Rei perdôa*, querendo antes aquelle prudentissimo principe servir-se dos homens de valor, que perdêl-os : os soldados velhos da guerra do Brazil estão acabados, os dous mestres de campo decrépitos ; o presidio não chega a ter a metade da lotação, e essa de meninos e bizonhos ; a cidade sem fortificações, sem armas, sem munições, e com a peste presente muito despovoada, e por isso exposta a qualquer invasão de inimigos, de que a poderão defender, e servir de exemplo aos demais os vas-

sallos honrados, poderosos, e d'auctoridade e valor, quaes são os d'esta familia, assás castigada com o mûito que tem padecido e despendido. Eu, e os meus desejamos, e nos alegraremos summamente com todo o seu bom successo, pela antiga amizade, e bôa correspondencia, que sempre a nossa casa teve com as d'estes Fidalgos, que por fim re-commendo a Vossa Mercê como se a causa d'ambos fôra de meu irmão e sobrinho. Deos guarde a Vossa Mercê mûitos annos, como desejo, e a conservação do nosso reino em seus verdadeiros e zelosos conselhos lá e cá ha mistér.

Bahia, 4 de Julho de 1686.

De Vossa Mercê,

Capellão e obrigadissimo servo,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA III.

A DIOGO MARCHÃO THEMUDO 1.

Meu Senhor,

Ha de apresentar, ou mandar apresentar a Vossa Mercê estas regras João Alvares da Cunha, Governador que foi de S. Thomé, e vai preso por culpas, mûitas das quaes consta serem calumniosas; e porque é pessoa a quem por outra via devem os ministros da Igreja boas assistencias, que todas não só redundão, mas directamente pertencem ao maior serviço de Sua Magestade, entre as quaes os religiosos da Companhia lhe confessão particulares obrigações, e todos lhe desejamos bom successo em seu livramento; pela singular mercê que Vossa Mercê me faz, péço encarecidamente a Vossa Mercê que em tudo o que tiver lugar a justiça, experimente elle a piedade, e podêres do patrocínio de Vossa Mercê, e tenha eu

É a CVIII do tomo II.

demais este favor, por que darei a Vossa Mercê as graças, em que cada dia me vejo mais empenhado. Deos guarde a Vossa Mercê mûitos annos, como desejo, e todos havemos mistér.

Bahia, 30 de Maio 1687.

Maior captivo, e mais obrigado
servo de Vossa Mercê,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA IV.

AO MARQUEZ DE GOUVEA¹.

Excellentissimo Senhor,

E' fallecido Diogo Lopes de Ulhôa. Vagou por sua morte o officio que servia em Setuval; pretende-o um seu néto, filho do provedor mór da fazenda real no Brazil, o qual na capacidade e juizo não só iguala a seu avô, mas o excéde mûito nas lettras; de que eu

¹ É a L do tomo II.

sou testemunha, porque o vi examinar em Coïmbra, com admiração de todos : e porque sei que para o favor de Vossa Excellencia são estas as maiores valias, só digo que em tudo o que Vossa Excellencia for servido fazer-lhe, receberei muito particular mercê, e com ella me desempenhará Vossa Excellencia por sua grandeza de muitas obrigações, que ao pretendente, a seu pai, e avô devo. Deos guarde a Vossa Excellencia, como Portugal e os criados de Vossa Excellencia havemos mistér.

Collegio, 5a feira.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA V.

PARA O MARQUEZ DE GOUVEA ¹.

Excellentissimo Senhor,

O memorial incluso recebi agora por um proprio do padre Reitor do Porto, o qual me

¹ É a VIII do tomo III.

pede com o maior encarecimento esta carta para Vossa Excellencia, por ser muito de sua obrigação a pessoa empenhada. Devo grande affecto a este religioso, de quem sou amigo ha muitos annos, e no tempo, em que estive no Porto, me obrigou com grande particularidade, a qual continúa ainda, não se passando correio em que me não escreva; e é o auctor das novas, que mando a Vossa Excellencia do mar, e terra d'aquella banda. A mercê, que deseja de Vossa Excellencia, parece mais de piedade que de justiça, e assim estimarei que havendo lugar sem offensa d'ella, Vossa Excellencia se digne de interpor sua auctoridade para o perdão, ou desistencia da parte, no que receberei particularissimo favor e mercê de Vossa Excellencia, por ser esta a primeira occasião, em que o dito padre me occupa, e desejára mostrar-me agradecido ás obrigações que lhe devo, e não terei facilmente outra occasião: pois todo o meu cabedal é o favor, e mercê que Vossa Excellencia me faz.

O correio de Lisboa não trouxe mais novidade, que a partida de Sua Magestade e Alteza (que dizem seria a 22 d'este) á romaria de Santarém, para d'ali passarem a Salvaterra

até o entrúdo. Não deixará de pasmar o mundo, vendo que toda a potencia de Hespanha armada contra Portugal dá tão pouco cuidado aos nossos principes, que lhe não tira o divertimento da caça, nos mesmos mezes em que se preparão as campanhas. Agora me lembrarão aquellas palayras do meu sermão do advento, com que Vossa Excellencia rematou a ultima carta. Poderoso é Deos para em todo o tempo, e de todos os modos, conseguir os fins de sua providencia, e dar a El Rei e ao reino as felicidades, que lhe desejâmos: o mesmo Senhor guarde a Vossa Excellencia mûitos annos, como havemos mistér.

Coimbra, 25 de Janeiro de 1663.

Capellão, e menor criado de Vossa
Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA VI.

PARA D. RODRIGO DE MENEZES ¹.

Senhor,

No correio passado escrevia Vossa Senhoria, e não suppondo fazêl-o n'este, sou obrigado a isto por um aviso, que tive do Brazil. Em mim é attributo da natureza, em Vossa Senhoria obra de caridade, e em Sua Alteza, se for servido fazer-nos a mercê que se pede, acção de sua real grandeza.

É o caso, que uma irmã, que ainda tinha sem tomar estado, em que outras vezes falei a Vossa Senhoria, está casada na Bahia com Jeronymo Sodré Pereira, que servia a Sua Alteza com satisfação em Alentéjo. Pretende o posto de mestre de campo, que ali está vago, e segundo sou informado, excede na qualidade a alguns de seus antecessores, e os iguala nos procedimentos, posto que não na antiguidade dos serviços. El Rei,

¹ É a XL do tomo III.

que está no céo, sem eu lhe pedir (como nunca lhe pedi nada) me fez mercê (ainda quando o tinha servido menos) mandar passar, e registar uma portaria, em que se diz; que nos requerimentos de meus parentes se haverá respeito a meus serviços. Fui duas vezes a Hollanda, duas a França, uma a Italia em serviço de Sua Magestade, passando também a Inglaterra, e havendo de chegar á Diéta de Munster, com negocios de tanta importancia, e de tanto risco, como póde dizer o bispo de Leiria, e d'algum teve também noticia o senhor marquez de Marialva. Se no governo da Rainha, que está no céo, desejei servir a Sua Alteza, é quanto me custou este desejo, a Vossa Senhoria é bem presente; mas não trago isto á memoria, mais que para significar a Vossa Senhoria, que o não quero allegar, para dever-lhe toda a mercê, que de Sua Alteza espero n'esta occasião, só a sua grandeza e affecto, de que Vossa Senhoria tanto me assegura. E para que diga tudo a Vossa Senhoria, com a sinceridade que devo, e costume, toda a razão d'este meu empenho é querer, que este parente tenha posto as raízes na Bahia, para que fique n'ella, e não se resolva a vir a Portugal com o perigo, que já experimentou outro cunhado, e outra

irmã com cinco filhos, que ficarão sepultados no mar. A cabana, em que nasci, não tem outra esperança de ter successor legitimo, senão esta; e posto que o affecto do sangue está em mim tão morto, como outros, vive ainda nos que pedem isto com as maiores instancias, e eu não tenho onde as remetter senão á protecção de Vossa Senhoria.

Vejo quão importuno sou, e quanto molesto a Vossa Senhoria; mas a benignidade tão experimentada de Vossa Senhoria me dá a confiança, a que passe de seus limites. Deos guarde a Vossa Senhoria muitos annos, como desejo, e os criados de Vossa Senhoria havemos mistér.

Roma, 4 de Agosto de 1671.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA VII.

A' RAINHA ¹.

SENHORA,

As ordens de Vossa Magestade, e a carta com que Vossa Magestade nos fez mercê mandar honrar e defender, recebo esta Missão de Vossa Magestade com o affecto e veneração que devia; e com a mesma prostrados todos aos Reaes pés de Vossa Magestade rendemos a Vossa Magestade as graças pela justiça e piedade d'este favor, de cuja resolução dependia o estabelecimento d'estas christandades, como da continuação d'elle dependerão seus augmentos.

Eu em particular, Senhora, no despacho d'este memorial, que de tão longe representei a Vossa Magestade, conheci que ainda não estava totalmente morto na memoria de Vossa Magestade quem tantas vezes arriscou a vida ás tempestades, ás balas, ás pestes, e ás traições dos inimigos de Portugal, para que elle e todas as partes de sua monarchia

¹ É a XV do tomo I.

se estabelecessem na corôa de Vossa Magestade. Com a falta d'El Rei e do Principe, que estão no céo, tudo me faltou; e a benevolencia que o seu respeito me conciliava com os ministros, se sepultou toda com elle; e em seu lugar resuscitarão os odios, e a inveja d'aquelle favor, que então se dissimulava. O que mais me causa sentimento é que se vinguem estes odios, não em mim, senão nas almas d'estes Christãos e Gentios, cuja salvação se impede, e, quando menos, se perturba muito, por se darem ouvidos a informações tão alheias da verdade, e do conhecimento que os mesmos ministros devêrão ter da minha, e do meu desinteresse, na experiencia de tantos annos. Mas assim havia de ser, para que a mercê que Vossa Magestade me faz, a deva toda á grandeza de Vossa Magestade.

Com tudo, para que conste aos ministros e tribunaes, fiz petição ao governador D. Pedro de Mello mandasse examinar juridicamente todas as queixas, que nessa côrte se tem feito contra os religiosos d'esta Missão, e todas são examinadas, e a verdade provada na forma, que Vossa Magestade lhes póde mandar ver. Assim se mudão os tempos, e não é o menor sacrificio que posso offerecer

á Deos nas circumstancias do presente, ver-me por seu amor em estado que haja mistér testemunhas a minha verdade. Mas o ter-me Vossa Magestade mandado deferir sem ellas, foi a maior mercê que podia receber da real benignidade de Vossa Magestade; e por ella me podéra dar por bem pago de todos os meus serviços, perigos, e trabalhos, quando eu tivéra servido por paga.

Sobre este favor tão grande, me diz mais o bispo confessor da parte de Vossa Magestade, que tudo o que for necessario a mim, e á Missão, o represente a Vossa Magestade; porque Vossa Magestade nos quer fazer mercê de nos mandar assistir e soccorrer. Eu, Senhora, depois que deixei o lugar que tinha aos pés d'El Rei e de Vossa Magestade, nunca mais me foi necessario nada, porque n'aquelle sacrificio renunciei tudo, nem o mundo tem que me dar, depois que me deo quanto tinha, quanto podia, e eu o puz nas mãos de Deos para o empregar melhor. As Missões como não tem mais que a mercê, que Sua Magestade fez aos primeiros dés religiosos, e sobre este numero tem crescido muitos, e cada dia se esperão mais, bem se deixa ver a estreiteza com que se passará n'ellas, e a falta que se padecerá de tudo. Mas os em-

penhos das guerras presentes , a que os effeitos da fazenda real estão divertidos , são tão justos e tão grandes , que me não consente o zelo da conservação do reino (que em mim é sempre o mesmo) , atrevermo-nos a pedir fazenda , quando todos devem offerecer o sangue. O que só peço em nome de todos os religiosos d'estas Missões é , que Vossa Magestade nos mande conservar sempre na firmeza das ordens que trouxe o Governador , de que ácerca das Missões e dos Indios se não mude , nem altére cousa alguma ; mandando Vossa Magestade recomendar de novo muito , e ao mesmo Governador , a assistencia e favor dos missionarios , em fórma que entenda elle e todo o Estado , que o maior cuidado e desejo de Vossa Magestade é o augmento e propagação da Fé , e conversão das gentilidades , como verdadeiramente é ; e que os religiosos da Companhia , como ministros da mesma conversão , hão de ter sempre na grandeza e justiça de Vossa Magestade muito segura a protecção e amparo. Guarde Deos a real pessoa de Vossa Magestade , como a christandade e os vassallos de Vossa Magestade havemos mistér.

Maranhão , 4 de Septembró de 1658.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA VIII.

AO DUQUE DO CADAVAL ¹.

Excellentissimo Senhor,

Bem creio, que não por desoccupado, me faz Vossa Excellencia mercê de tão larga carta, pois é força que sobre os hombros de Vossa Excellencia carréguem os maiores cuidados da monarchia, quando é tão grande o peso d'elles, que pedem o concurso de toda; mas os affectos de Vossa Excellencia medem-se pela grandeza do animo, e tão impossivel é em Vossa Excellencia o deixar de honrar muito, como em mim natural o merecer pouco.

Pelo bom conceito que Vossa Excellencia tem do meu coração, dou a Vossa Excellencia as graças com todo elle; mas eu que o conheço de dentro, tenho mui differente opinião do seu valor.

Padecer por força, é fraqueza; não des-

¹ É a LIII do tomo II.

maiar nos trabalhos, necessidade. A adoração com que amo ao nosso Principe, e meu senhor, nasce dos retratos que por toda a parte espalha a fama (posto que são os do mais perfeito monarcha, na justiça, na prudencia, no valor, na gentileza, na magestade, e em todos os outros attributos que póde crear a natureza, e esmaltar a graça), mas é nascida d'uma idéa muito mais antiga, que se não distingue da alma, na qual sempre tive assentado com certissima esperanza tudo o que ainda creio por fé, e Vossa Excellencia já logra por vista. Para ella guardo um caso bem particular, que me aconteceu n'esta materia, quando eu não sabia o que passava no mundo. Mil parabens dou a Vossa Excellencia de tudo, e da grande parte que em tudo Vossa Excellencia teve; e de se haver conseguido com tanta facilidade e applauso o que Vossa Excellencia ha tanto tempo, e com todo o desvelo procurava, depois de tão bem traçada, e tão bem succedida fábrica. Com razão toma Vossa Excellencia o nome d'architecto; mas só lembro a Vossa Excellencia que em tão baixa, e tão pesada fortuna, como a minha, parece impossivel a toda a arte fazer que dê volta a roda. O passar de Coïmbra para a Cotovia,

e da profissão para o noviciado , não sei se é ir adiante , se tornar atrás. Ao senhor Dom Theodosio digo o mais. Vossa Excellencia me perdoe tanta ignorancia , que se em outro tempo houve em mim algum juizo , n'esta occasião se perdeu todo ; e se o não perdi é porque o não tinha. Os golpes que chegam á alma , como ella é immortal , fazem o effeito nas potencias ; e das minhas só me ficou a memoria para nunca a perder do que a Vossa Excellencia devo. Assim que, não escreve a Vossa Excellencia o Antonio Vieira que foi, senão o que é , ou o que deixou de ser, para que Vossa Excellencia se não admire da differença do seu estilo , e dê Vossa Excellencia por bem empregada toda a piedade que tem d'elle. Guarde Deos a Vossa Excellencia muitos annos.

Coimbra , 16 de Janeiro de 1668.

Criado de Vossa Excellencia ,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA IX.

A CERTO FIDALGO *.

Excellentissimo Senhor,

Vossa Excellencia não só prova que é válido, mas tão singular no valimento, como em tudo, pois os outros válidos recebem, e Vossa Excellencia dá. Em nome de toda a communiidade beijo a Vossa Excellencia as mãos pelas bellas camoêzas, que se forão só para os convalescentes, era necessario que adoecêramos todos; tocando a maior parte d'esta obrigação aos padres mestres, por serem estas as primeiras propinas, que se tirão na universidade de Santo Antão. Por tudo nos viva Vossa Excellencia mûitos annos, como este collegio de Vossa Excellencia deseja, e todos pedimos a Deos.

Collegio, 3a feira.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

* É a XLVI do tomo III.

CARTA X.

A EL REI ¹.

SENHOR,

Obedecendo á ordem geral, e ultima de Vossa Magestade, dou conta a Vossa Magestade do estado em que ficão estas Missões, e dos progressos com que por meio d'ellas se vai adiantando a fé, e christandade d'estas conquistas; em que tambem se verá quão universal é a providencia, com que Deos assiste ao felice reinado de Vossa Magestade em toda a monarchia, pois no mesmo tempo em que do reino se estão escrevendo victorias milagrosas ás conquistas, escrevemos das conquistas ao reino tambem victorias, que com igual e maior razão se podem chamar milagres. Lá vence Deos com sangue, com ruínas, com lagrimas, e com dôr da christandade; cá vence sem sangue, sem ruínas, sem guerra, e ainda sem despezas: e em lu-

¹ É a II do tomo II.

gar da dôr, e lagrimas dos vencidos (que em parte tambem toca aos vencedores), com alegria, com applauso, e com triumpho de todas, e da mesma Igreja, que quanto se sente diminuir, e attenuar no sangue que derrama em Europa, tanto vai engrossando, e crescendo nos povos, nações, e provincias que ganha, e adquire na America.

Trabalhárão este anno nas Missões d'esta conquista vinte e quatro religiosos da Companhia de Jesus, os quinze d'elles sacerdotes, divididos em quatro colonias principaes, do Seará, do Maranhão, do Pará, e do Rio das Amazonas. Nestas quatro colonias, que se estendem por mais de quatro centas leguas de costa, tem a Companhia dés residencias, que são como cabeças de differentes christandades a ellas annexas, a que acodem os Missionarios de cada uma em contínua roda, segundo a necessidade, e disposição que se lhes tem dado. O trabalho, sem encarecimento, é maior que as forças humanas, e se não fôra ajudado de particular assistencia divina, já a Missão estivéra sepultada com os que n'ella, por esta mercê do céo, conservão e continuão as vidas.

O fructo corresponde abundantemente ao trabalho, porque é grande o numero das al-

mas de innocentes e adultos, que d'entre as mãos dos missionarios, por meio do baptismo, estão quotidianamente voando ao céo; sendo muito maior a quantidade dos que, recebidos os outros sacramentos, nos deixão também certas esperanças de que se salvão. Porque, ainda que ha outras Nações de melhor entendimento para perceberem os mysterios da Fé, e passar da necessidade dos preceitos á perfeição dos conselhos da Lei de Christo; não ha porém Nação alguma no mundo, que, ainda naturalmente, esteja mais disposta para a salvação, e mais livre de todos os impedimentos d'ella, ou seja dos que traz com sigo a natureza, ou dos que accrescenta a malicia. Estes são os fructos ordinarios que se colhem, e vão continuando n'estas Missões, em que ha casos de circumstancias mui notaveis, cuja narração, e historia se offerecerá a Vossa Magestade, quando Deos, e Vossa Magestade, for servido de que tenhamos mãos para a seára, e para a penna.

Vindo ás cousas particulares: Fizêrão-se este anno três Missões, ou entradas pelos rios, e terras dentro; e forão a ellas três Padres com seus companheiros, professos todos de quatro votos, e os mais antigos, e de maior auctoridade de toda a Missão, por se-

rem estas emprezas de maior trabalho, difficuldade, e importancia, e todas por mercê de Deos succedêrão felizmente.

O Padre Francisco Gonçalves, provincial que acabou de ser da provincia do Brazil, foi em missão ao rio das Amazonas, e Rio-Negro, que de ida e volta é viagem de mais de mil leguas, toda por baixo da linha equinocial, no mais ardente da Zona Torrida. Partio do Maranhão esta Missão em 15 de Agosto do anno passado de 1658, e atravessando por todas as Capitánias do Estado, foi levando em sua companhia canôas, e procuradores de todas, para o resgate dos escravos, que se faz naquelles rios; e foi esta a primeira vez que o resgate se fez por esta ordem, para que os interesses d'elles coubessem a todos, e particularmente aos pobres, que sempre, como é costume, erão os menos lembrados.

Haverá quatorzé mezes que continúa a Missão, pelo corpo e braços d'aquelles rios, d'onde se tem trazido mais de seis centos escravos, todos examinados primeiro pelo mesmo Missionario, na forma das leis de Vossa Magestade. E já o anno passado se fez outra Missão d'este genero aos mesmos rios pelo Padre Francisco Velloso, em que se resgatarão, e descêrão outras tantas pecas em grande beneficio, e augmento do Estado;

posto que não é esta a maior utilidade, e fructo d'esta Missão. Excede esta Missão do Resgate a todas as outras em uma differença de grande importancia, e é, que nas outras Missões vão-se sómente salvar as almas dos Indios, e n'esta vão-se salvar as dos Indios, e as dos Portuguezes; porque o maior laço das consciencias dos Portuguezes n'este Estado, de que nem na morte se livrarão, era o captiveiro dos Indios, que sem exame, nem fôrma alguma de justiça, debaixo do nome de Resgate, ião comprar, ou roubar por aquelles rios. E a este grande damno foi Vossa Magestade servido acudir por meio dos Missionarios da Companhia, ordenando Vossa Magestade que os resgates se fizessem sómente quando fossem missões ao Sertão, e que só os Missionarios podessem examinar, e approvar os escravos em suas proprias terras, como hoje se faz; e depois de examinados, e julgados por legitimamente captivos, os recebessem, e pagassem os compradores: conseguindo os povos por esta via o que se tinha por impossivel n'este Estado, que era haver n'elle serviço, e consciencia. Assim que, Senhor, por mercê de Deos, e beneficio da lei de Vossa Magestade, se tem impedido as grandes injustiças, que na confusão e li-

berdade do antigo resgate se commettião, que foi a ruína espiritual e temporal de toda esta Conquista ; sendo certo que, se o fructo d'este genero de Missões se computar e medir, não só pelos bens que se conseguem , se não pelos males que se impedem e se atalhão, se deve estimar cada uma d'ellas por uma das grandes emprezas, e obras de maior serviço de Deos, que tem toda a Christandade. Além d'estes bens espirituaes e temporaes, se conseguem mûitos outros , por meio da mesma Missão, em todas as terras por onde passa ; porque se baptizão mûitos innocentes e adultos, que estão em extremo perigo da vida, que logo sobem ao céo : e se descobrem novas terras, novos rios, e novas gentes, como agora se descobrirão algumas nações, onde nunca tinham chegado os Portuguezes, nem ainda agora chegarão mais que os Padres. E assim como nas nossas primeiras Conquistas se levantarão Padrões das Armas de Portugal em toda a parte onde chegarão nossos descobridores, assim aqui se vão levantando os Padrões da sagrada Cruz, em que se vai tomando posse d'estas terras por Christo, e para Christo.

Foi companheiro n'esta Missão o Padre Manoel Pires, bem conhecido n'esse reino

com o nome do Clerigo de Paredes; o qual depois da Ermida, e fonte milagrosa, que o deo a conhecer n'aquelle sitio, estando retirado em um ermo de Roma fazendo vida solitaria, por particular inspiração do céo veio a pé a Portugal, e pediu ser admittido na Companhia, para servir a Deos nas Missões do Maranhão; e já o tem feito n'esta, e na do anno passado, pelo mesmo rio das Amazonas com grande zelo das almas.

A segunda entrada se fez pelo grande rio dos Tocantins, que é na grandeza o segundo de todo o Estado, e povoado de muitas nações, a que ainda se não sabe o nascimento. Foi a esta Missão o padre Manoel Nunes, Lente de Prima de Theologia em Portugal e no Brazil, da Casa e Missões do Pará, mui pratico, e eloquente na lingua geral da terra. Levou quatro centos e cincoenta Indios d'arco e remo, e quarenta e cinco soldados Portuguezes d'escolta com um Capitão d'Infanteria. Da primeira facção, em que se empregou este poder, foi em dar guerra, ou castigar certos Indios rebellados da nação Inheiguáras, que no anno passado, com morte d'alguns Christãos, tinham impedido a outros Indios da sua vizinhança que se descessem para a Igreja, e vassallagem de Vossa Ma-

gestade. São os Inheiguáras gente de grande resolução e valor, e totalmente impaciente de sujeição; e tendo-se retirado com suas armas aos lugares mais occultos, e defensaveis das suas branchas, em distancias de mais de cincoenta léguas, lá forão buscados, achados, cercados, rendidos, e tomados quasi todos, sem damno, mais que de dous Indios nossos levemente feridos. Ficárão prisioneiros duzentos e quarenta, os quaes, conforme ás leis de Vossa Magestade, a titulo de haverem impedido a prégacao do Evangelho, forão julgados por escravos, e repar-tidos aos soldados. Tirado este impedimento, entendêrão os Padres na conversão, e conduccão dos outros Indios, que se chamão Poquiguáras, em que padecêrão grandes trabalhos, e vencêrão difficuldades que parecião invenciveis. Estava esta gente distante do rio um mez de caminho, ou de não caminho, porque tudo são bosques cerrados, e talhados de grandes lagos, e serras: e erão dés aldeias as que se havião de descer, com mulheres, meninos, crianças, enfermos, e todos os outros impedimentos que se achão na transmigração de povos inteiros. Em fim depois de dous mezes de contínuo e excessivo trabalho, e vigilancia (que tambem era

muito necessaria), chegarão os Padres com esta gente ao rio, onde os embarcárão por elle abaixo para as aldeias do Pará, em numero por todos até mil almas. Não se acabou aqui a Missão, mas continuando pelo rio acima chegarão os Padres ao sitio dos Topinambás, donde haverá três annos tinhamos trazido mil e duzentos Indios, que todos se baptizarão logo; e por ser a mais guerreirã nação de todas, são hoje gadelha d'estas entradas. Os Topinambás, que ficárão em suas terras, seriam outros tantos como os que tinham vindo, e erão os que agora ião buscar os Padres; mas achárão que estavam divididos em dous braços do mesmo rio, um dos quaes, por ser na força do verão, se não podia navegar. Avistárão com estes por terra, e deixando assentado com elles que se descerião para o Inverno, tanto que as primeiras aguas fizessem o rio navegavel; com os outros, que erão quatro centos, se recolherão ao Pará, tendo gastado oito mezes em toda a viagem, que passou de quinhentas léguas. Deixárão tambem arrumado o rio com suas alturas, diligencia que até agora se não havia feito, e achárão pelo sol, que tinham chegado a mais de seis grãos da banda do sul, que é, pouco mais ou menos, a altura

da Paraíba. Os Indios, assim Topinambás como Poquigáras, se posérão todos nas aldeias mais vizinhas á cidade para melhor serviço da Republica, a qual ficou este anno augmentada com mais de dous mil Indios, escravos, e livres; mas nem por isso ficarão nem ficarão já mais satisfeitos seus moradores; porque sendo os rios d'esta terra os maiores do mundo, a sêde é maior que os rios.

De mais d'estas duas Missões se fez outra á ilha dos Nheengaibas de menos tempo, e apparato; mas de muito maior importancia, e felicidade. Na grande bocca do rio das Amazonas está atravessada uma ilha de maior comprimento e largueza que todo o reino de Portugal, e habitada de muitas nações de Indios, que, por serem de linguas differentes e difficulosas, são chamados geralmente Nheengaibas. Ao principio recebêrão estas nações aos nossos Conquistadores em bôa amizade; mas depois que a larga experiencia lhes foi mostrando que o nome de falsa paz, com que entráão, se convertia em declarado captiveiro, tomárão as armas em defesa da liberdade, e começáao a fazer guerra aos Portuguezes em toda a parte. Usa esta gente de canôas ligeiras, e bem arma-

das, com as quaes não só impedião, e infestavão as entradas, que n'esta terra são todas por agua, em que roubárão, e matárão muitos Portuguezes; mas chegarão a assaltar os Indios christãos em suas aldeias, ainda naquellas. que estavam mais vizinhas ás nossas fortalezas, matando, e captivando; e até os mesmos Portuguezes não estavam seguros dos Nheengaibas dentro de suas proprias casas e fazendas, de que se vêem ainda hoje muitas despovoadas e desertas, vivendo os moradores d'estas Capitanias dentro em certos limites, como sitiados, sem lograr as commodidades do mar, da terra, e dos rios, nem ainda a passagem d'ellas, senão-debaixo das armas. Por muitas vezes quizérão os governadores passados, e ultimamente André Vidal de Negreiros, tirar este embarço tão custoso ao Estado, empenhando na empreza toda as forças d'elle, assim d'Indios como de Portuguezes, com os Cabos mais antigos e experimentados; mas nunca d'esta guerra se tirou outro effeito mais que o repetido desengano de que as nações Nheengaibas erão inquistaveis, pela ousadia, pela cautela, pela astucia, e pela constancia da gente, e mais que tudo pelo sitio inexpugnavel, com que as defendeo e fortificou a mesma natureza. É

a ilha toda composta d'um confuso e intrincado labyrintho de rios, e bosques espessos, aquelles com infinitas entradas e saídas, estes sem entrada nem saída alguma; onde não é possível cercar, nem achar, nem seguir, nem ainda ver ao inimigo, estando elle no mesmo tempo debaixo da trincheira das arvores apontando, e empregando as suas flechas. E porque esse modo de guerra volante e invisível não tivesse o estorvo natural da casa, mulheres, e filhos, a primeira cousa que fizeram os Nheengaibas, tanto que se resolvêrão á guerra com os Portuguezes, foi desfazer, e como desatar as povoações em que vivião, dividindo as casas pela terra dentro a grandes distancias, para que em qualquer perigo podesse uma avisar ás outras, e nunca serem accommettidas juntas. D'esta sorte ficarão habitando toda a ilha, sem habitarem nenhuma parte d'ella, servindo-lhes porèm em todas os bosques de muro, os rios de fosso, as casas de atalaia, cada Nheengaiba de sentinella, e as suas trombetas de rebate. Tudo isto referimos por relação de vista do Padre João de Sottomaior, o qual com o Padre Salvador do Valle no anno de 1655 navegou e pizou todos estes sertões dos Nheengaibas, entre os quaes lhe ficou uma imagem de

Christo crucificado , que trazia no peito , a qual mandou a um principal Gentio , em fé da verdade e paz com que esperava por elle ; o que o barbaro não fez , nem restituição a sagrada imagem. Foi este caso então mal interpretado de muitos , e mui sentido de toda a gente de guerra d'aquella entrada , de que era Cabo o Sargentomór Agostinho Correa , que depois foi Governador de todo o Estado , o qual refere hoje , que lhe disse então o Padre Sottomaior , que aquelle senhor , que se deixava ficar entre os Nheengaibas , havia de ser o Missionario e Apostolo d'elles , e o que os havia de converter á sua fé.

Chegou finalmente o anno passado de 1658 o Governador D. Pedro de Mello com as novas da guerra apregoada com os Hollandezes , com os quaes alguma das nações dos Nheengaibas , ha muito tempo , tinham commercio , pela vizinhança dos seus portos com os do Cabo do Norte , em que todos os annos carregão de peixe-boi mais de vinte navios de Hollanda. E entendendo as pessoas do governo do Pará , que unindo-se os Hollandezes com os Nheengaibas , seriam uns e outros senhores d'estas Capitanías , sem haver forças no Estado (ainda que se juntassem todas) para lhes resistir ; mandarão uma pessoa

particular ao Governador, por meio do qual lhe pedião soccorro e licença para logo, com o maior poder que fosse possível, entrarem pelas terras dos Nheengaibas, antes que com a união dos Hollandezes não tivesse remedio esta prevenção, e com ella se perdesse todo o Estado. Resoluta a necessidade, e justificação da guerra por voto de todas as pessoas Ecclesiasticas e Seculares, com quem Vossa Magestade a mandou consultar, foi de parecer o Padre Antonio Vieira, que em quanto a guerra se ficava prevenindo, em todo o segredo, para maior justificação, e ainda justiça d'ella, se offerecesse primeiro a paz aos Nheengaibas, sem soldados, nem estrondo d'armas que a fizessem suspeitosa, como em tempo de André Vidal tinha succedido. E porque os meios d'esta proposição da paz parecião igualmente arriscados, pelo conceito que se tinha da fereza da gente, tomou á sua conta o mesmo Padre ser o mediador d'ella; suppondo porèm todos que não só a não havião de admittir os Nheengaibas, mas que havião de responder com as fréchas aos que lhes levassem similhante prática, como sempre tinhão feito por espaço de vinte annos; que tantos tinhão passado desde o rompimento d'esta guerra.

Em dia de Natal do mesmo anno de 1658 despachou o Padre dous Indios principaes, com uma carta patente sua a todas as nações dos Nheengaibas, na qual lhes segurava, que por beneficio da nova lei de Vossa Magestade, que elle fôra procurar ao Reino, se tinham já acabado para sempre os captiveiros injustos, e todos os outros aggravos, que lhes fazião os Portuguezes; e que em confiança d'esta sua palavra e promessa ficava esperando por elles, ou por recado seu, para ir ás suas terras: e que em tudo o mais dessem credito ao que em seu nome lhes dirião os portadores d'aquelle papel. Partirão os embaixadores, que tambem erão da nação de Nheengaibas, e partirão como quem ia ao sacrificio, tanto era o horror que tinham concebido da fereza d'aquellas nações, até os de seu proprio sangue; e assim se despedirão, dizendo que se até o fim da lua seguinte não tornassem, os tivessem por mortos ou captivos. Cresceo, e mingvou a lua aprazada, e entrou outra de novo, e já antes d'este termo tinham prophetizado máo successo todos os homens antigos e experimentados d'esta Conquista, que nunca promettêrão bom effeito a esta embaixada; mas provou Deos que valem pouco os discursos humanos, onde a

obra é de sua Providencia. Em dia de Cinza, quando já se não esperavão, entrárão pelo Collegio da Companhia os dous embaixadores vivos, e mui contentes, trazendo comsigo sete principaes Nheengaibas, acompanhados de muitos outros Indios das mesmas nações. Forão recebidos com as demonstrações de alegria e applauso, que se devia a taes hospedes; os quaes, depois d'um comprido arrezoadado, em que disculpavão a continuação da guerra passada, lançando toda a culpa, como era verdade, á pouca fé e razão que lhes tinham guardado os Portuguezes, concluirão dizendo assim: « Mas depois que vimos em
« nossas terras o papel do Padre Grande, de
« que já nos tinha chegado fama, que por
« amor de nós, e da outra gente da nossa
« pelle, se tinha arriscado ás ondas do mar
« alto, e alcançado d'El Rei para todos nós
« as cousas boas; posto que não entendemos
« o que dizia o dito papel, mais que pela re-
« lação d'estes nossos parentes; logo no
« mesmo ponto lhe démos tão inteiro cre-
« dito, que esquecidos totalmente de todos
« os aggravos dos Portuguezes, nos vimos
« aqui metter entre suas mãos, e nas boccas
« de suas pécas d'artilheria; sabendo de cer-
« to, que debaixo da mão dos Padres, de

« quem já de hoje adiante nos chamâmos filhos, não haverá quem nos faça mal. » Com estas razões tão pouco barbaras desmentirão os Nheengaibas a opinião que se tinha de sua fereza e barbaria : e se estava vendo nas palavras, nos gestos, nas acções, e affectos com que fallavão, o coração e verdade do que dizião. Queria o Padre logo partir com elles ás suas terras, mas respondêrão com cortezia não esperada, que elles até aquelle tempo vivião como animaes do mato, debaixo das arvores ; que lhes dessemos licença para logo descer uma aldeia para a beira do rio, e que depois que tivessem edificado casa e igreja, em que receber ao Padre, então o virião buscar mûitos mais em numero, para que fosse acompanhado como convinha ; signalando nomeadamente que seria para o S. João ; nome conhecido entre estes Gentios, pelo qual distinguem o Inverno da Primavera. Assim o promettêrão, ainda mal cridos, os Nheengaibas ; e assim o cumprirão pontualmente, porque chegarão ás aldeias do Pará cinco dias antes da festa de S. João com dezasete canôas, que com treze da nação dos Cambocas, que tambem são da mesma ilha, fazião numero de trinta ; e nellas outros tantos principaes, acompanhados de tanta e tão

boa gente, que a Fortaleza e a Cidade se poz secretamente em armas.

Não pôde ir o Padre n'esta occasião por estar totalmente enfermo; mas foi Deos servido que o podesse fazer em 16 de Agosto, em que partio das aldeias do Cómutá em doze grandes canôas, acompanhado dos principaes de todas as nações christãs, e de sómente seis Portuguezes com o Sargentomór da Praça, por mostrar maior confiança. Ao quinto dia da viagem entrárão pelo rio dos Mapuaeses, que é a nação dos Nheengaïbas, que tinha promettido fazer a povoação fóra dos Matos, em que receber aos Padres. E duas léguas antes do porto sairão os principaes a encontrar as nossas canôas em uma sua grande, e bem esquipada, empavezada de pennas de varias côres, tocando buzinas, e levantando pocemas, que são vozes d'alegria e applauso, com que gritão todos juntos a espaços, e é a maior demonstração de festa entre elles; com que tambem de todas as nossas se lhes respondia. Conhecida a canôa dos Padres, entrárão logo n'ella os principaes, e a primeira cousa que fizérão foi apresentar ao Padre Antonio Vieira a imagem do Santo Christo do Padre João de Sottomaior, que havia quatro annos tinham em seu poder;

e de que se tinha publicado que os Gentios o tinham feito em pedaços, e que por ser de metal a tinham applicado a usos profanos; sendo que a tiverão sempre guardada, e com grande decencia, e respeitada com tanta veneração e temor, que nem a tocál-a, nem ainda a vél-a se atreviã. Recebêrão os Padres aquelle Sagrado Penhor com os affectos que pedia a occasião, reconhecendo elles, os Portuguezes, e ainda os mesmos Indios, que a este Divino Missionario se deviã os effeitos maravilhosos da conversão, e mudança tão notavel dos Nheengaibas, cujas causas se ignorão.

Logo dissêrão, que desde o principio d'aquella Lua, estiverão os principaes de todas as nações esperando pelos Padres n'aquelle lugar; mas vendo que não chegavão ao tempo promettido, nem mûitos dias depois, resolverão que o Padre grande devia de ser morto, e que com esta resolução se tinham despedido; deixando porém assentado antes, que d'ali a quatorze dias se ajuntarião outra vez todos em suas canôas, para irem ao Pará saber o que passára; e se fosse morto o Padre, chorarem sobre sua sepultura, pois já todos o reconhecião por pai.

Chegados em fim á povoação, desembar-

cárão os Padres com os Portuguezes, e principaes Christãos, e os Nheengaibas naturaes os levárão á Igreja, que tinham feito de palma ao uso da terra, mas muito limpa e concertada, a qual logo se dedicou á sagrada imagem, com o nome da Igreja do Santo-Christo, e se disse o *Te Deum laudamus* em acção de graças. Da Igreja a poucos passos trouxeram os Padres para a casa que lhes tinham preparado, a qual estava muito bem traçada com seu corredor e cubiculos, e fechada toda em roda com uma só porta; em fim com toda a clausura que costumão guardar os Missionarios entre os Indios. Mandou-se logo recado ás nações, que tardarão em vir, mais ou menos tempo, conforme a distancia. Mas em quanto não chegarão as mais vizinhas, que forão cinco dias, não esteve o demonio ocioso, introduzindo no animo dos Indios, e ainda dos Portuguezes, ao principio por meio de certos agouros, e depois pela consideração do perigo em que estavam, se os Nheengaibas faltassem á fé promettida, taes desconfianças, suspeitas, e temores, que faltou pouco para não largarem a empresa, e ficar perdida e desesperada para sempre. A resolução foi dizer o Padre Antonio Vieira aos Cabos, que lhe parecião bem as suas ra-

zões, e que conforme a ellas se fossem embora todos, que elle só ficaria com seu companheiro, pois só a elles esperavão os Nheen-gaibas, e só com elles havião de tractar. Mas no dia seguinte começou a entrar pelo rio em suas canôas a nação dos Mamaynases, de quem havia maior receio por sua fereza; e forão taes as demonstrações de festa, de confiança, e de verdadeira paz, que as suspeitas e temores dos nossos se forão desfazendo: e logo os rostos, e os animos, e as mesmas razões e discursos se vestirão de diferentes côres.

Tanto que houve bastante numero de principaes, depois de se lhes ter praticado largamente o novo estado das cousas, assim pelos Padres, como pelos Indios das suas doutrinas, deo-se ordem ao juramento d'obediencia e fidelidade; e para que se fizesse com toda a solemnidade de Ceremonias exteriores (que valem muito com gente que se governa pelos sentidos), se dispoz e fez na fórma seguinte. Ao lado direito da Igreja estavam os Principaes das nações Christãs com os melhores vestidos que tinham, mas sem mais armas, que as suas espadas. Da outra parte estavam os Principaes Gentios, despidos e empennados ao uso barbaro, com seus arcos

e frêchas na mão ; e entre uns e outros os Portuguezes. Logo disse missa o Padre Antonio Vieira , em um altar ricamente ornado, que era da Adoração dos Reis , á qual missa assistião os Gentios de joelhos, sendo grandissima consolação para os circumstantes vêl-os bater nos peitos, e adorar a Hostia e o Calis com tão vivos effeitos d'aquelle precioso Sangue, que sendo derramado por todos, n'estes mais que em seus avós teve sua efficacia. Depois da missa, assim revestido dos ornamentos sacerdotaes, fez o Padre uma prática a todos, em que lhes declarou pelos interpretes a dignidade do lugar em que estavam, e a obrigação que tinham de responder com limpo coração, e sem engano, a tudo o que lhes fosse perguntado, e de o guardar inviolavelmente depois de prometido. E logo fez perguntar a cada um dos principaes, se querião reeeber a fé do Verdadeiro Deos, e ser vassallos d'El Rei de Portugal, assim como são os Portuguezes, e os outros Indios das Nações Christãs e avassalladas, cujos Principes estavam presentes? declarando-lhes juntamente que a obrigação de vassallos, era haverem de obedecer em tudo ás ordens de Sua Magestade, e ser sujeitos ás suas leis, e ter paz perpétua e invio-

lavel com todos os vassallos do mesmo Senhor, sendo amigos de todos os seus amigos, e inimigos de todos seus inimigos; para que n'esta fórma gozassem livre e seguramente de todos os bens, commodidades, e privilegios, que pela ultima lei do anno de mil seiscentos cincoenta e cinco erão concedidos por Sua Magestade aos Indios d'este Estado. A tudo respondêrão todos conformemente que sim; e só um Principal chamado Piyé, o mais entendido de todos, disse que não queria prometter aquillo. E como ficassem os circumstantes suspensos na differença não esperada d'esta resposta, continuou dizendo, que as perguntas e práticas que o Padre lhes fazia, que as fizesse aos Portuguezes, e não a elles, porque elles sempre forão fieis a El Rei, e sempre o reconhecerão por seu Senhor desd'o principio d'esta Conquista, e sempre forão amigos e servidores dos Portuguezes; e que se esta amizade e obediencia se quebrou e interrompeo, fôra por parte dos Portuguezes, e não pela sua. Assim que, os Portuguezes erão os que agora havião de fazer, ou refazer as suas promessas, pois as tinham quebrado tantas vezes; e não elles e os seus, que sempre as guardarão.

Foi festejada a razão do Barbaro, e agra-

decido o termo com que qualificava a sua fidelidade. E logo o Principal, que tinha o primeiro lugar, se chegou ao Altar, onde estava o Padre, e lançando o arco e frêchas a seus pés, posto de joelhos, e com as mãos levantadas e mettidas entre as mãos do Padre, jurou d'esta maneira: « Eu Fulano, Principal
« de tal nação, em meu nome, e de todos
« meus subditos e descendentes, prometto
« a Deos, e a El Rei de Portugal, a Fé de
« Nosso Senhor Jesu-Christo, e deser (como
« já sou d'hoje em diante) vassallo de Sua
« Magestade, e de ter perpétua paz com os
« Portuguezes, sendo amigo de todos seus
« amigos, e inimigo de todos seus inimigos;
« e me obrigo de assim o guardar inteira-
« mente para sempre. » Dito isto beijou a mão do Padre, de quem recebeo a benção; e forão continuando os mais Principaes por sua ordem na mesma fórma. Acabado o juramento viérão todos pela mesma ordem abraçar aos Padres, depois aos Portuguezes, e ultimamente aos Principaes das nações Christãs, com os quaes tinham até então a mesma guerra, que com os Portuguezes. E era cousa muito para dar graças a Deos, ver os extremos d'alegria, e verdadeira amizade, com que davão e recebião estes abraços, e

as cousas que a seu modo dizião entre elles.

Por fim postos todos de joelhos, dissérão os Padres o *Te Deum laudamus*, e saindo da Igreja para uma praça larga, tomárão os Principaes Christãos os seus arcos e fréchas, que tinham deixado fóra, e para demonstração publica do que dentro da Igreja se tinha feito, os Portuguezes tiravão as balas dos arcabuzes, e as lançavão ao rio, e disparavão sem bala; e logo uns e outros Principaes quebravão as fréchas, e tiravão com os pedaços ao mesmo rio, cumprindo-se aqui á lettra: *Arcum conteret, et confringet arma*. Tudo isto se fazia ao som de trombetas, buzinas, tambores, e outros instrumentos, acompanhados d'um grito contínuo de infinitas vozes, com que toda aquella multidão de gente declarava sua alegria; entendendo-se este geral conceito em todos, posto que erão de differentes linguas. D'esta praça forão juntos todos os Principaes com os Portuguezes que assistirão ao acto, á casa dos Padres, e ali se fez termo juridico e authenticico de tudo o que na Igreja se tinha promettido e jurado, que assignárão os mesmos Principaes, estimando muito, como se lhes declarou, que os seus nomes houvessem de chegar á presença de Vossa Magestade; em cujo nome se lhes

passarão logo cartas , para em qualquer parte e tempo serem reconhecidos por vassallos. Na tarde do mesmo dia deo o Padre seu presente a cada um dos Principaes , como elles o tinham trazido , conforme o costume d'estas terras, que a nós é sempre mais custoso que a elles. Os actos d'esta solemnidade , que se fizêrão , forão três , por não ser possível ajuntarem-se todos no mesmo dia ; e os dias que ali se detivêrão os Padres, que forão quatorze, se passarão todos , de dia em receber e ouvir os hospedes, e de noite em continuos bailes, assim de nossas nações como das suas , que como differentes nas vozes, nos modos, nos instrumentos, e na harmonia, tinham muito que ver, e que ouvir.

Rematou-se este triumpho da Fé com se arvorar no mesmo lugar o estandarte d'ella , uma formosissima Cruz , na qual não quizerão os Padres que tocasse Indio de menor qualidade ; e assim forão cincoenta e três principaes os que a tomárão aos hombros , e a levantarão com grande festa e alegria , assim dos Christãos como dos Gentios, e de todos foi adorada. As nações de differentes linguas, que aqui se introduzirão, forão as Mamaynáas , as Aroans, e as Anayás, debaixo dos quaes se comprehendem Mapuás , Guja-

rás, Pixipixis, e outros. O numero d'almas não se póde dizer com certeza ; os que menos o sabem dizem , que serão quarenta mil , entre as quaes tambem entrou um Principal dos Tricujús, que é provincia á parte na terra firme do rio das Amazonas , defronte da ilha dos Nheengaibas ; e é fama que as excede muito em numero , e que uns e outros fazem mais de cem mil almas. Deixou o Padre assentado com estes Indios, que no Inverno se saíssem dos matos, e fizessem suas casas sobre os rios , para que no verão seguinte os podesse ir ver todos ás suas terras, e deixar alguns Padres entre elles, que os comesçassem a doutrinar ; e com estas esperanças se despedio , deixando-os todos contentes e saüdosos. Pareceo aos Padres trazerem comsigo, até tornarem , a imagem do Santo Christo , a qual por commum applauso e devoção do Clero , das Religiões, e da Republica foi recebida na cidade do Pará em solemnissimo triumpho , dando todos a gloria de tamanha empreza a este Senhor, e confessando que só era , e podia ser sua.

Este é, Senhor, por maior, e sem casos particulares e de muita edificação, por brevidade, o fructo que colhêrão este anno na inculta seára do Maranhão os Missionarios de

Vossa Magestade; e estes os augmentos da Fé e da Igreja, que conseguirão com seus trabalhos : não sendo de menor consideração e consequencia as utilidades temporaes e politicas, que por este meio accrescêrão á corôa e estados de Vossa Magestade. Porque os que considêrão a felicidade d'esta empreza, não sò com os olhos no Céu, senão tambem na terra, tem por certo que n'este dia se acabou de conquistar o estado do Maranhão; porque com Nheengaibas por inimigos, seria o Pará de qualquer nação estrangeira, que se confederasse com elles : e com os Nheengaibas por vassallos, e por amigos, fica o Pará seguro e impenetravel a todo o poder estranho. O mesmo entendêrão a respeito dos Indios Tabajarás da serra de Ibiapába todos os capitães mais antigos e experimentados d'esta Conquista, os quaes o anno passado sendo chamados a concelho pelo Governador, sobre as prevenções que se devião fazer para a guerra, que se temia dos Hollandezes, respondêrão todos uniformemente, que não havia outra prevenção mais, que procurar por amigos os Indios Tabajarás da serra; porque quem os tivesse da sua parte, seria senhor do Maranhão.

Estes Indios de Ibiapába, como ja dei

conta a Vossa Magestade, por espaço de vinte e quatro annos, em que esteve tomado Pernambuco, forão não só alliados, mas vassallos dos Hollandezes, e ainda cumplices de suas herezias; mas depois que forão em missão a esta gente dous religiosos da Companhia, que residem sempre com elles, sobre estarem convertidos á Fé os que erão christãos, assim elles como todos os outros Indios d'aquella Costa, estão reduzidos á obediencia de Vossa Magestade, e ao commercio e amizade dos Portuguezes, e ainda a viver nas mesmas terras do Maranhão, aonde muiltos se têm passado. Assim que, Senhor, o estado do Maranhão até agora estava como sitiado de dous poderosos inimigos, que o tinham cercado e fechado entre os braços d'um e outro lado; porque, pela parte do Seará o tinham cercado os Tabajarás da serra, e pela parte do cabo do Norte (que são os dous extremos do Estado), os Nheengaibas. E como ambas estas nações tinham communicação com os Hollandezes, e vivião de seus commercios, já se vêem os damnos que d'esta união se podião temer, que a juízo de todos os praticos do Estado, não era menos que a total ruína. Mas de todo este perigo e temor foi servido livrar aos vassallos de Vossa Ma-

gestade por meio de dous Missionarios da Companhia e com despeza de duas folhas de papel, que forão as que d'uma e outra parte abríão caminho á paz e obediencia, com que Vossa Magestade tem hoje estas formidaveis nações, não só conquistadas e avassalladas para si, senão inimigas declaradas e juradas dos Hollandezes, conseguindo Deos por tão poucos homens desarmados, e em tão poucos dias, o que tantos governadores em mais de vinte annos, com soldados, com fortalezas, com presidios, e com grandes despezas, sempre deixarão em peor estado. Para que acabe de entender Portugal, e se persuadão os Reaes ministros de Vossa Magestade, que os primeiros e maiores instrumentos da conservação e augmento d'esta Monarchia são os Ministros da prégacão e propagação da Fé, para que Deos a instituição e levantou no mundo.

O que por agora representâmos, Senhor, prostrados todos os Religiosos d'estas Missões aos Reaes pés de Vossa Magestade, é que seja Vossa Magestade servido de mandar acodir-nos, e acodir a estas almas com o socorro prompto, que é necessario para que se conserve o que se tem adquirido. Toda a conservação d'estes Indios, e a perseverança na

fé, e lealdade que tem promettido, consiste em assistirem com elles alguns Religiosos da Companhia, que os vão sustentando e conservando n'ella, e desfazendo qualquer occasião ou motivo que se offerecer em contrario; e sobre tudo, que sejam sua rodéla, como elles dizem, contra o máo trato dos Portuguezes, de que só se dão por seguros debaixo do amparo e patrocínio dos Padres. Podem vir Padres do Brazil, podem vir Padres de nações estrangeiras; mas os mais promptos e effectivos, são os que podem vir de Portugal em menos de quarenta dias de viagem. A materia é tão importante, e de tão perigoso regresso, que não soffre dilação; e assim esperâmos sem falta até á monção de Março o soccorro que pedimos. Sirva-se Vossa Magestade, Senhor, de mandar vir para esta Missão um numeroso soccorro d'estes soldados de Christo, e de Vossa Magestade; e por cada um promettemos a Vossa Magestade mûitos milhares de vassallos, não só que nós iremos buscar aos matos, senão que elles mesmos venhão a buscar-nos, de que cada dia temos novos embaixadores. Tanto tem importado á Fé a fama das novas leis de Vossa Magestade, e dos Missionarios que as apregoão e as defendem. A mûito alta, e mûi-

to poderosa pessoa de V. Magestade guarde Deos , como a christandade e os vassallos de Vossa Magestade havemos mistér.

Maranhão, 41 de Fevereiro de 1660.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XI.

AO DUQUE DO CADAVAL. ¹

Excellentissimo Senhor,

A esta hora (que é uma da noite) chego de fallar toda a tarde (e esta é a primeira vez) sobre o negocio de Vossa Excellencia com a senhora Duqueza, de cujo amor e affecto para com Vossa Excellencia, e do extremo com que zéla suas conveniencias como proprias, já dei conta a Vossa Excellencia no correio da semana passada.

Primeiramente, Senhor, havendo-se examinado, e discorrido tudo o que há em Roma, Napoles, Milão, e ainda Genova, os

¹ É a LVIII do tomo II.

grandes Senhores por estas partes muito difficultosamente querem casar suas filhas, por não diminuir a substancia das casas, cuja conservação e augmento é o seu principal cuidado, querendo-as antes muito grandes e opulentas, que bem aparentadas; e n'este numero entra o principe de Caserta, com se chamar filho da Senhora Duqueza, e ter três filhas de nove até quatorze annos, mas destinadas ao convento como sua irmã. Quando se possa vencer esta difficuldade, e a dos pais quererem apartar de si suas filhas, e ellas desterrar-se a paizes estranhos; onde ha dinheiro, não ha qualidade; e onde ha qualidade suppõe a senhora duqueza, que não ha dinheiro, nem para a viagem. Com esta condição, em caso que Vossa Excellencia se conforme, ha em Napoles uma Senhora de quatorze annos, e bellissimas partes pessoaes, filha dos Marquezes de Pescara e Basto, duas vezes grandes em Hespanha, e por sua mãe da casa Carafa, por todas as vias a melhor cousa d'aquelle Reino; tem esta Senhora um tio Cardeal, que ha de vir necessariamente ao Conclave (porque da morte do Pontifice não se duvida), e com aviso de Vossa Excellencia fallará a Senhora Duqueza ao Cardeal, e tirando este casamento com suas incertezas, que podem

ainda ser maiores do que agora se representão, de Italia não ha outra cousa que esperar.

Casamento em França de nenhum modo o approva a Senhora Duqueza, pela experiencia que tem de alguns Senhores de Italia, que de lá trouxêrão mulheres, todos para destruição de suas casas, pela liberdade grande com que as Senhoras Francezas são creadas, pela largueza excessiva de seus gastos e appetites, e outros inconvenientes de maior reparo, que em França não tirão credito, e em Portugal não são tão toleraveis; e querendo-se vedar, será sem paz, e em perpetuo desgosto, e muito mais sendo a pessoa (como se suppõe) de tão relevantes qualidades, como convêm, para satisfação da Patria, a quem vai buscar mulher fóra d'ella.

O que supposto, e ser necessario que Vossa Excellencia case quanto mais de pressa, o que parece á Senhora Duqueza (eu tambem o julgára, como criado de Vossa Excellencia) é que Vossa Excellencia pelas melhores vias devia apertar o negocio de Carnide até averiguar o effeito, ou o desengano, e com este, quando não haja em Portugal, como Vossa Excellencia julgava que não havia, sujeito com quem aparentar commodamente, pedir licença para o fazer em Castella, onde não

faltarão conveniências de qualidade e dote juntas com os da vizinhança, sem despezas, que também vem a ser uma bôa parte d'elle.

N'este caso a Senhora Duqueza, que é o melhor mappa das qualidades da Hespanha, se offerece a tractar por vias mui decorosas o que Vossa Excellencia julgar mais conveniente; e como os correios são tão certos e ordinarios, se poderá fazer sem grandes dilacões. O que importa é que Vossa Excellencia depois de o resolver, faça os avisos com brevidade; e ainda que seja differindo uma Consulta do Concelho de Estado, não se esqueça Vossa Excellencia de escrever á Senhora Duqueza, que por todos os titulos o merece a Vossa Excellencia, muito, muito.

O marquez de Astorga, Vice-Rei que foi de Valença, e agora do Concelho de Estado, e Embaixador de Hespanha, é primo da Senhora Duqueza, e por conseguinte Tio de Vossa Excellencia, e por algumas consequencias que podem servir a Vossa Excellencia e ao Senhor D. Theodosio, pareceo á Senhora Duqueza, que de parecer d'ambos o visitasse eu, como fiz hontem, e elle estimou muito, e me disse: « Que las obligaciones que de
« via al señor duque de Cadaval y al señor
« Don Theodosio las tenia muy dentro en

« las venas, para desearlos servir en tudo, »
Vossa Excellencia julgará se convém escrever-lhe, e quando Vossa Excellencia não approve o comprimento, o zelo de quem o mandou fazer . e de quem o fez, merece desculpa. As novas de Roma dou ao senhor D. Theodosio, por não tomar mais tempo a Vossa Excellencia que Deos guarde muitos annos, como Portugal, e seus criados havemos mistér.

Roma, 6 de Outubro de 1669.

Criado de Vossa Excellencia ,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XII.

A DOM RODRIGO DE MENEZES .

Senhor,

Se o contentamento fizera milagres, tive-
ra-me Vossa Senhoria n'esta hora a seus pés,

• É a LXVIII do tomo I.

ajudando a celebrar a nova d'este successo, com que o Marquez, que Deos guarde, co-reou todas suas felicidades, e Deos nos tornou a dar por sua mão o Reino, que tantas vezes nos tem dado por ella. Mas pois o estado da minha enfermidade me não consente esta pequena demonstração, contento-me com que Vossa Senhoria tenha conhecido, que entre todos os criados da casa de Vossa Senhoria, nenhum tanto tem festejado e estimado este triumpho d'ella, de que dou a Vossa Senhoria mil vezes o parabem. Deos guarde a Vossa Senhoria muitos annos como desejo e hei mistér.

Villa Franca : Sabbado, 22 de Junho de 1665.

Capellão e menor criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XIII.

AO ALMOTACEL MOR LUIZ COUTINHO, QUANDO
FOI GOVERNAR PERNAMBUCO ¹.

Meu Senhor,

Como Antonio Vieira, como morador do Brazil, como Religioso da Companhia, e como quem tem esta Província a seu cargo, devo dar a Vossa Senhoria o parabem da felice viagem e chegada de Vossa Senhoria a essa venturosa terra. Como Antonio Vieira, por antigo criado do senhor Almotacel Mór, desde 1655, em que recebi este fôro (o qual continuei sempre) vindo juntamente embarcado em uma gondola de Salvaterra, quando El Rei D. João escapou do primeiro accidente, de que depois morreo. Como morador do Brazil, porque desde o dia, em que Sua Magestade, que Deos guarde, fez esta eleição na pessoa de Vossa Senhoria, logo a fama trouxe a noticia de que a Divina Providencia

¹ É a LXXX do tomo II.

tinha enriquecido a alma de Vossa Senhoria de todas aquellas virtudes, de que os Governadores do Brazil devem ser dotados para o conservarem a elle, e não se perderem a si. Como religioso da Companhia, porque além da informação do Padre Visitador João Antonio Andréonas, tenho eu muito certas de quanto Vossa Senhoria honrou e favoreceo a mesma Religião, da qual, se Vossa Senhoria não veste o habito, professa o amor. Finalmente, como quem tem a seu cargo esta Provincia, para toda, e em nome de todos a offerrecer logo, como faço, á obediencia e serviço de Vossa Senhoria, esperando que debaixo da protecção e amparo de Vossa Senhoria os ministerios de nosso instituto, a paz dos Gentios mais barbaros, e a conservação e salvação de muitas almas, que Sua Magestade tanto zéla, terão grandes augmentos. Deos guarde a Vossa Senhoria e prospere seus santos intentos com tantos annos de vida, e inteira saúde, como esse Estado, e os criados de Vossa Senhoria havemos mistér.

Bahia, 29 de Junho de 1680.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XIV.**AO ARCEBISPO DA BAHIA ¹.****Illustrissimo e Reverendissimo Senhor ,**

Não dou a Vossa Illustrissima o parabem da que outros chamão promoção, como quem conhece quão digna é ha mûitos annos a pessoa, e quão superior o merecimento de Vossa Illustrissima a outros maiores lugares, sendo este pela medida, que Deos lhe deo, assim no natural, como no espiritual o mais estendido da nossa monarchia. Ao mesmo Deos dei logo as graças, e lh'as deve dar infinitas todo este Estado, por sua Divina bondade e Providencia haver posto tão benigna e liberalmente os olhos na necessidade, que provido, e sem provimento, ha tantos tempos padece.

Por esta causa, e pelo Apostolico espirito tão conhecido, com que Vossa Illustrissima zéla o bem das almas, confio lhe acudirá Vossa Illustrissima sem dilação, que já não soffre seu desamparo, e só com a brevidade da partida po-

¹ É a LVII do tomo III.

derá Vossa Illustrissima satisfazer os applausos, com que universalmente foi celebrada esta eleição, e os alvoroços, e ancias, com que a vinda de Vossa Illustrissima é esperada. A viagem da Bahia está hoje tão facilitada nas melhores monções, que são as de Dezembro até Março, que se póde tomar, como quem passa o Tejo, e os achaques de Vossa Illustrissima não podem achar em todo o Mundo, nem ares mais benignos, nem clima mais propicio. Assim o tenho experimentado em todos os que lá me molestavão a saúde, sendo tão differente a carga dos meus annos. Se elles me não acabarem a vida, aqui achará Vossa Illustrissima em mim não só o maior venerador, como sempre, mas um subdito, e servo tão affectuoso e devoto, e tão desejoso de se empregar todo no serviço de Vossa Illustrissima, quanto pedem as repetidas obrigações e favores, com que Vossa Illustrissima o tem honrado. Entretanto guarde Deos e conserve a saúde e vida a Vossa Illustrissima, como o bem e remedio espirital d'este Estado ha mistér, e todos os que o zelão e amão summamente desejão.

Bahia, 23 de Maio de 1682.

De Vossa Illustrissima,

Capellão, e servo muinto obrigado,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XV.

A DOM RODRIGO DE MENEZES :

Senhor,

Três recebo juntas de Vossa Senhoria, e bastava uma só para grande allivio meu, se não lêra na ultima os disgostos e sentimento tão justo de Vossa Senhoria, que me tem lastimado o coração, com o qual faço ao de Vossa Senhoria toda a companhia que posso. Altissimos são os juízos de Deos, e creio eu que para dar exemplo a Vossa Senhoria em um caso d'estes, quiz elle tambem ter um filho innocente morto; para que conheção os homens por sua propria dor o muito que lhe devem, e quanto o mesmo Senhor estimará a conformidade de Vossa Senhoria com sua divina vontade n'este sacrificio tão sensivel; em nenhuma chaga é remedio tão efficaz a Fé como n'esta de Vossa Senhoria, em que a razão não tem motivo para duvidar,

; É a XLVIII do tomo I.

nem eu quero soffrer que Vossa Senhoria lhe chame castigo, posto que tenhamos exemplos de que mostra Deos o rigor de sua justiça em a executar nos innocentes. Eu lhe dou graças n'este caso (e assim o creio) por querer premiar o merecimento dos pais na innocencia do filho. Ah meu Senhor D. Rodrigo, quanto Deos ama a Vossa Senhoria, e quanto se agrada da verdade do coração de Vossa Senhoria, e da resolução com que Vossa Senhoria só a elle estima, e préza, e faz do mundo a conta que elle merece! Bem pôde ser que commutasse outra sentença n'esta, e que cortasse n'aquella vida os annos para os accrescentar na de Vossa Senhoria, cuja pessoa entendo eu há muito tempo guarda sua Divina Providencia para a empregar nos que esperâmos em muito heroicas acções de seu serviço e gloriã, obrigações, meu Senhor, a que Vossa Senhoria deve mui liberaes correspondencias, e mui agradecidas. Sobre esta materia tomára eu poder gastar a Vossa Senhoria algumas horas de feitoria, já que não podem ser as do soalheiro de Villa Franca: n'ella vou passando com menos queixa, experimentando já quanto pôde a continuação e o costume, ainda contra os mesmos elementos.

Trabalho as horas que posso, mas affirmo a Vossa Senhoria que me desmaiou a carta de Vossa Senhoria com a resposta das minhas perguntas, com que Vossa Senhoria me disse em poucas regras mais do que eu tenho sabido escrever em muito papel. Agora sinto os damnos do meu desterro, pois me priva de consultar mui frequentemente os oraculos de Vossa Senhoria; em tudo me confirmo com a doutrina, e auctoridade de Vossa Senhoria, e só cuidava que sem novidade se podia tambem esperar que fizesse algum milagre o Corpo Santo. Não digo nada n'este particular por affecto, nem juízo proprio, mas é muito o que tenho ouvido a gente que discorre pelas estrellas, e discorre d'ellas abaixo, e como cada Santo tem suas prerogativas, não é muito que se tenha mais fé n'aquelle em tempo de tantas tempestades; ellas forão causa de faltar com carta no correio passado, tendo-me em grande suspensão a tardança das de Vossa Senhoria, por se haver dito de boa parte, que havia quem as tomasse. E posto que nem as de Vossa Senhoria nem as minhas podem dar motivo á malicia, nem á curiosidade, quiz esperar a noticia que agora tive, não podendo ainda atinar com a causa de se não darem as minhas no Collegio, onde

sempre as remetti fóra do masso do Padre Reitor, por elle estár ausente. Em fim, Senhor, Vossa Senhoria com seu grande coração tracte de se alliviar, e viver para que também vivamos os criados de Vossa Senhoria, e particularmente este, que tanto ama a Vossa Senhoria, e tanto sente que Vossa Senhoria tenha occasiões de desgosto. Guarde Deos a Vossa Senhoria mûitos annos como desejo e havemos mistér.

Villa Franca, 8 de Dezembro de 1664.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XVI.

AO MARQUEZ DE GOUVEA *.

Excellentissimo Senhor,

Não sei que diga, nem que hei-de escrever a Vossa Excellencia n'esta occasião, porque

* É a XXV do tomo III.

de quinta feira a esta parte ando fóra de mim, e não se aparta um momento a minha memoria dos pés de Vossa Excellencia; e posto que na fé e na consideração dos meios por onde a Providencia Divina dispõe a predeterminação, e na vida e virtudes do Senhor D. Diogo, meu Senhor, acho grandes motivos para Deos o querer para o Céu, e para apressar tanto o premio de seus merecimentos, nenhum se me offerece bastante a consolar a dor de Vossa Excellencia em tamanha perda, e soledade. Só fio da grandeza do animo de Vossa Excellencia haverá offerecido a Deos este sacrificio, e supportado o rigor d'este golpe com a mesma constancia e valor, com que Vossa Excellencia tem vencido tantos outros desgostos, em que tinha menos parte a mão e vontade de Deos, que sempre ordena o que nos está melhor, posto que nós não alcançamos as causas de seus Decréto. O que só peço a Vossa Excellencia no excesso de tão devido sentimento é, que Vossa Excellencia se lembre do damno, que elle póde causar á saúde de Vossa Excellencia no estado em que ella se acha, e das razões, que Vossa Excellencia tem para hoje, mais que nunca, amar e conservar a vida, de que tanto depende o bem, e augmento da casa e

estado de Vossa Excellencia, e todos os que somos criados d'ella, e do mesmo Reino, que Deos por tantas vias castiga. Meu Senhor, guarde Deos mûitos annos a Vossa Excellencia com os auxilios de sua graça, e consolações do céo, que a Vossa Excellencia desejo.

Coimbra, 14 de Setembro de 1663.

Capellão, e menor criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XVII.

AO MARQUEZ DE GOUVEA.

Excellentissimo Senhor,

Já sei chegôu a Vossa Excellencia a triste nova, que eu suppunha se tinha encuberto a Vossa Excellencia, como a mim se me encubrio de Lisboa, e n'este Collegio por mûitos dias. Tão público era entre todos o mûito

É a IX do tomo III.

que eu amava a pessoa do Senhor Conde, que está no céo, e o mûito que desejava, e estimava sua vida, e quanto sentimento me havia de causar a perda d'ella. Perdeo Sua Magestade um tão grande vassallo, perdeo Portugal um tão grande Ministro, perdeo Vossa Excellencia um tão grande, tão fiel, e tão honrado amigo e parente; e eu tambem o perdi, e nas circumstancias em que o Rei, o Reino, e todos os mais o haviamos mistér. Mas pois a perda em todas as considerações é tão irreparavel, só nos fica o alivio e consolação da Fé; esperando que, assim como Deos o livrou das perseguições tão mal merecidas d'este mundo, lhe haverá dado no céo o descanso, que nos assegura a christandade de sua vida, e o juízo e piedade com que a soube acabar.

Assim que, Senhor, Vossa Excellencia vença a dor; e as saüdades com a mesma razão d'ellas, e offereçâmos por sua alma, em quanto eu lhe não vou fazer Companhia, o mesmo sentimento que nos causa sua ausencia, pois é o mais custoso suffragio, com que nos podêmos mostrar lembrados, e bons amigos. Já o nosso desterro tem no céo esta victima de sua innocencia, queira Deos, que com ella se acabem d'aplacar, e desenganar

os homens, e que por desconto d'esta desgraça vejâmos a Vossa Excellencia restituído ao descanso de sua casa, e nos lugares que á pessoa e merecimento de Vossa Excellencia se devem, e Portugal para sua conservação ha mistér. Console Deos, e guarde a Vossa Excellencia por mûitos annos com a vida e felicidades, que tanto de coração desejo a Vossa Excellencia.

Coimbra, 6 de Fevereiro de 1664.

Capellão, e menor criado de Vossa
Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XVIII.

EM QUE DA O PÊZAME A CERTO FIDALGO ¹.

Meu Senhor,

Uma das maximas, que se devião evitar entre os Politicos, é esta, que mais serve de

¹ É a LXXXIII do tomo III.

renovar a dor, que de diminuir a pena ; principalmente quando o sentimento , por grande e justo, parece não admitte allivio. Nem eu me atrevo a intimál-o a Vossa Senhoria, pois conheço não póde a minha persuasão ser poderosa para desvanecer a que Vossa Senhoria, por todas as razões, deve sentir. Deos, admiravel sempre em suas disposições, guarde a Vossa Senhoria por mûitos annos, e lhe dê na mais resignada conformidade o mais justificado merecimento.

Bahia, 49 de Julho de 1691.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XIX.

AO DUQUE DO CADAVAL.

Excellentissimo Senhor,

Entre todos os criados de Vossa Excellencia a nenhum tocou tão de péto este golpe,

É a LXXXIV do tomo III.

nem penetrou mais interiormente, que a quem só faltava esta desgraça, para não ter já no mundo que sentir, nem que temer. Eu ha mûitos dias ia dispondo o animo para ella, procurando reparál-a, se possivel fosse, com todas as forças humanas e Divinas; mas a Providencia do Céu, que criou para si aquella alma, não foi servida que a lograsse mais tempo a terra, que a não merecia: esta só consolação considéro a Vossa Excellencia em tamanha perda, em quanto o mesmo Céu a não substitue com a companhia d'outra prenda, que tanto será de maior allivio a Vossa Excellencia, quanto mais se parecer com o Senhor D. Theodosio; e este será d'aqui por diante o emprego de minhas orações e sacrificios, como tambem o foi antes.

Em recebendo a carta de Vossa Excellencia fui logo ao palacio da Senhora Duqueza, que já tinha lido a triste nova em carta do Conde d'Umanes, e bem necessario foi a Sua Excellencia todo o seu entendimento, valor, e christandade, e toda a assistencia e juízo do Duque para se conformar com a vontade de Deos, e lhe offerecer este sacrificio, que em uma mãi não podia ser mais sensivel. Não diminuiõ nada a dor de Sua Excellencia o não ter visto ao Senhor D. Theodosio, por-

que o via retratado nas suas cartas ; sei com tudo que deseja muito um retrato seu natural, não para recordo da memoria, mas para consolação dos olhos, a quem tantas lagrimas tem custado.

Dei a nova ao nosso Padre Geral , que a sentio grandemente , e além d'outras muitas orações , applicou logo Missas pela alma do dito Senhor, que eu entendo não tem já necessidade de suffragios ; e posto que todos meus sacrificios são offerecidos a Deos por sua conta , igualmente me encommendo na sua intercessão e protecção , a qual tenho por muito segura e verdadeira , como Principe, que já é d'aquella Corte, onde tudo é verdade. Vossa Excellencia me tem sempre a seus pés ; e ainda que me falta tão grande valia, espero que Vossa Excellencia me tenha sempre na sua graça , e me conserve no fôro, que por ella alcancei de criado de Vossa Excellencia, que Deos guarde muitos annos.

Roma , 27 de Agosto de 1672.

Criado de Vossa Excellencia ,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XX.

AO MARQUEZ DE GOUVEA. *

Excellentissimo Senhor ,

Não posso fazer estas regras senão por mão alheia; tal é o estado em que a minha convalescença me tem posto, depois que aos meos achaques se ajuntou o sentimento do desgosto de Vossa Excellencia: com elle me recolhi para o Collegio, que foi o luto, e demonstração, com que meu estado me permittia confessar o fôro de criado da casa de Vossa Excellencia n'esta occasião. Espero que a benignidade Divina haja moderado o rigor do golpe passado, com ter dado a Vossa Excellencia a inteireza da perfeita saúde, que a Vossa Excellencia desejo, e me tem agora em maior cuidado. Assim continuo em o pedir a Deos em meus sacrificios e orações, e a Vossa Excellencia, meu Senhor, me atrevo já a pedir se sirva Vossa Excellencia de me mandar dizer, que nos tem Deos feito esta

* É a XXVI do tomo III.

mercê, porque na ausencia das pessoas da Casa de Vossa Excellencia, que residião n'esta terra, não tenho quem me dê novas certas, posto que as procuro. Guarde Deos a Vossa Excellencia muitos annos, como este Reino, e os criados de Vossa Excellencia havemos mistér.

Coimbra, 24 de Setembro de 1665.

Capellão, e menor criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXI.

AO MARQUEZ DE GOUVEA.

Excellentissimo Senhor,

Arriscado estive a não escrever a Vossa Excellencia n'aquelle correio, pelas causas, que então disse, e agora [as não quero renovar; mas já constará a Vossa Excellencia que escrevi n'elle, e no seguinte, e depois que vi a firma de Vossa Excellencia, o faço com maior allivio, posto que não sem grande sen-

É a XXVII do tomo III.

timento, por ver quanto se retarda a convalescença, e que ainda Vossa Excellencia padece tão multiplicadas queixas. A fraqueza, a cabeça, e o estomago, tudo são indicações de que as causa o desgosto, e a demasiada apprehensão d'elle, o qual não póde curar a medicina, nem a natureza, nem ainda a razão, senão acompanhada da fé. Use Vossa Excellencia d'aquelle aphorismo do Anjo Raphael a Tobias, que é só o que n'este sentimento me tem dado algum allivio: « *Quia acceptus eras Deo, necesse fuit, ut tentatio probaret te.* » E espero eu na bondade do mesmo Senhor, que se tirou a Vossa Excellencia umas esperanças, com sua providencia, tem muitos e muito avantajados caminhos por onde restituir a felicidade. O primeiro effeito d'ella, e pelo qual eu não cesso de o importunar com meus sacrificios e orações, com a maior efficacia que posso, é a perfeita e inteira saúde de Vossa Excellencia, de que espero me mande Vossa Excellencia tão melhoradas novas, como desejo. Guarde Deos, meu Senhor, a Vossa Excellencia muitos annos, como desejo, e havemos mistér.

Coimbra, 28 de Setembro de 1665.

Criado de Vossa Excellencia,
ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXII.

A D. RODRIGO DE MENEZES ¹.

Senhor,

Já no correio passado dei a Vossa Senhoria o parabem, e ajudei a festejar (posto que não como eu quizéra) este ultimo milagre do céo, esta felicidade tão estranha de todo o Reino, e tão particular, e tão propria da pessoa e casa de Vossa Senhoria. Com as cartas e listas do Senhor Marquez, que mil annos viva, de que Vossa Senhoria me fez mercê, crescêrão as noticias e applausos, os quaes cada dia se augmentão com as novas circumstancias, que vão chegando, em que a grandeza da victoria, e as misericordias de Deos se conhecem mais e mais. Agora se espera com grande alvoroço a relação de todo o successo, em que costumâmos ser menos venturosos, que na campanha. Queira Deos encaminhar a penna do nosso Mercurio de ma-

¹ É a LXIX do tomo I.

neira, que a gloria de tamanho caso não fique escurecida, e acabe de conhecer a Europa, e o mundo o que é Portugal, em quanto não chega brevemente o tempo do que ha de ser.

O voto de Vossa Senhoria ácerca dos progressos do exercito me não parece só o melhor, mas o unico, porque em qualquer outro apparecem grandes inconvenientes, e em nenhum tão grande aballo ha feito, como esta entrada pôde causar nos animos de todos os Castelhanos, e muito mais nos que têm votado na paz, principalmente accomodando-se El Rei a ella com o successo d'esta campanha, que não podia ser melhor para de todo o desenganar. Os clamores serão geraes, e todos cairão sobre Castrilho, em cuja obstinação sómente parece se poderá sustentar hoje a opinião contraria; e se é certo, como escrevem todos, que o inimigo tinha e tem armada, tambem esta invasão tão interior serviria não pouco de divertir, e suspender qualquer intento d'ella, porque não me persuado que se tem feito o empenho, e hajão de querer perder totalmente podendo-o empregar, quando menos na costa do Algarve, em que não será difficuloso obrarem alguma cousa, posto que de menor

consequencia, com que queirão mostrar ao mundo que se desquitárão do descredito passado. Nenhuma cousa mais desejo saber, que o modo com que se tem portado n'elle o Caracena, depois de haver blazonado tanto. Seja Deos bemdito que assim confunde a soberba de nossos inimigos, e nos exalta a nós, sendo ingratos, e não humildes. Tudo são excessos de sua misericordia, e novas obrigações de começar a o servir, ou de acabar já de offender tanto. Não se me tira da memoria as muitas vezes que Vossa Senhoria em todas suas cartas, repetia este nosso desmerecimento, a cujo reconhecimento attribúo eu em grande parte a mercê que nos fez. O mesmo Senhor guarde a Vossa Senhoria muitos annos, como desejo, e havemos mistér.

Villa Franca, 29 de Junho de 1665.

Capellão, e menor criado de Vossa
Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXIII.AO MARQUEZ DE GOUVEA ¹.

Excellentissimo Senhor,

Dou a Vossa Excellencia as graças pelas relações ultramarinas, de que veio acompanhada esta ultima de Vossa Excellencia; se bem a melhor de todas, e para mim de maior estimação, é lograr Vossa Excellencia a saúde que lhe desejo, sem o cuidado em que nos poz o inverno passado.

Verdadeiramente não sou dos mais orgulhosos no desejo dos fins, posto que se representem muitos uteis; e só sinto que na nossa terra se não tracte tão promptamente dos meios, como pede a necessidade: nem sou tão amigo de companhia, que em muitas materias não tenha por mais verdadeira maxima: *Antes só, que bem acompanhado.* Isto é o que sempre me dóe, e grito quanto posso contra os que nos querem ligados con-

¹ É a CXX do tomo I.

tra a India, onde é melhor ter um inimigo, que três, todos desiguaes na fé, e maiores no poder.

Se eu não conhecêra os arcanos de Portugal, e até onde chegam as chaves do seu segredo, consolára-me com as considerações d'este; mas todos os nossos pensamentos sabem-se primeiro no mundo que nos concealhos d'Estado; e ainda que estes saírao muito acertados como eu presumo, e fossem muito secrétos, as razões não são as que sustentão os Estados, senão as execuções; e estas nem as ha, nem as póde haver sem meios. De bôa vontade trocára eu todos os nossos segredos e concealhos com que se soubesse em França, Inglaterra, e Castella, que tinhamos no Tejo uma muito poderosa armada, e muito dinheiro com que armar outras, e grandes exercitos, quando nos fossem necessarios; porque só isto causa respeito aos inimigos, e mantém o amor, ou correspondencia dos amigos. Fôra-o eu de todos, e cuidára de todos que podem não o ser; e fiára-me só do meu, com tal desconfiança, que sempre o fôra acrescentando, e fazendo mais seguro. Se isto é murmuração, isto é o que murmura o meu amor, tendo por companheiros todos aquelles que com amor, ou sem elle, olhão para as nossas cousas.

Morreo o cardeal d'Este, com que estão vagos três capellos, que serão provavelmente de Colona, Rospilhosi, e Crecencio. A guerra d'Italia crê-se que sem dũvida se porá em paz brevemente. A de Hollanda depende dos dous exercitos, que distavão só uma jornada. Segredo, dizem os ultimos avisos. Corre por certo que o Turco tem tomado Maminies, chave de Polonia, e que a Ungria com alguns soccorros do mesmo Turco se começava a sublevar, tendo já tomado alguma cidade, e obrigado a se retirarem alguns presidios do Imperio, que por occasião do exercito se havião diminuído. Deos guarde a Excellentissima Pessoa de Vossa Excellencia mũitos annos, como os criados de Vossa Excellencia havemos mistér.

Roma, 8 de Outubro de 1672.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXIV.

A EL REI '.

Senhor,

No fim da carta de que Vossa Magestade me fez mercê, me manda Vossa Magestade diga meu parecer sobre a conveniencia de haver n'este Estado, ou dous Capitães Móres, ou um só Governador. Eu, Senhor, razões politicas nunca as soube, e hoje as sei muito menos; mas por obedecer direi toscamente o que me parece. Digo que menos mal será um ladrão, que dous, e que mais difficultosos serão de achar dous homens de bem, que um. Sendo propostos a Catão dous Cidadãos Romanos para o provimento de duas praças, respondeo que ambos lhe discontentavão, um porque nada tinha, outro porque nada lhe bastava. Taes são os dous Capitães Móres, em que se repartio este governo. N. de N. não tem nada, N. do N. não lhe basta nada;

' É a X do tomo I.

e eu não sei qual é maior tentação, se a necessidade, se a cobiça. Tudo quanto ha na Capitania do Pará, tirando as terras, não vale 10,000 cruzados, como é notorio, e d'esta terra ha de tirar N. do N. mais de 100,000 cruzados em três annos, segundo se lhe vão logrando bem as industrias. Tudo isto sai do sangue e do suor dos tristes Indios, aos quaes tracta como tão escravos seus, que nenhum tem liberdade nem para deixar de servir a elle, nem para poder servir a outrem: o que, além da injustiça que se faz aos Indios, é occasião de padecerem muitas necessidades os Portuguezes, e de perecerem os pobres.

Em uma Capitania d'estas confessei uma pobre mulher, das que viêrão das ilhas, a qual me disse com muitas lagrimas, que de nove filhos, que tivéra, lhe morrêrão em três mezes cinco filhos de pura fome e desamparo; e consolando-a eu pela morte de tantos filhos respondeo - me: « Padre, não são esses os por que eu choro, senão pelos quatro que tenho vivos, sem ter com que os sustentar, e péço a Deos todos os dias que m'os leve tambem. » São lastimosas as misérias que passa esta pobre gente das ilhas, porque como não tem com que agradecer, se algum Indio se reparte, não lhe chega a el-

les, senão aos poderosos ; e é este um desamparo a que Vossa Magestade, por piedade, devêra mandar acudir com effeito ; mas também a isto se acode nos capitulos d'um papel que com esta vai.

Tornando aos Indios do Pará, dos quaes, como dizia, se serve quem ali governa, como se forão seus escravos, e os traz quasi todos occupados em seus interesses, principalmente no dos tabacos; obriga-me a consciencia a manifestar a Vossa Magestade os grandes peccados, que por occasião d'este serviço se commettem.

Primeiramente nenhum d'estes Indios vai senão violentado e por força, e o trabalho é excessivo, e em que todos os annos morrem muitos, por ser venenosissimo o vapor do tabaco ; o rigor com que são tratados, é mais que d'escravos ; os nomes que lhes chamão, e que elles muito sentem, feïssimos ; o comer é quasi nenhum ; a paga tão limitada, que não satisfaz a menor parte do tempo, nem do trabalho ; e como os tabacos se lavrão sempre em terras fortes e novas, e muito distantes das aldeias, estão os Indios ausentes de suas mulheres, e ordinariamente elles e ellas em máo estado, e os filhos sem quem os sustente, porque não têm os pais

tempo para fazer suas roças, com que as Aldeias estão sempre em grandissima fome e miseria. Tambem assim ausentes e divididos não podem os Indios ser doutrinados, e vivem sem conhecimento da Fé, nem ouvem Missa, nem a têm para ouvir, nem se confessão pela Quaresma, nem recebem nenhum outro sacramento, ainda na morte; e assim morrem e se vão ao inferno sem haver quem tenha cuidado de seus corpos, nem de suas almas; sendo juntamente causa estas crueldades de que muitos Indios já Christãos se ausentão de suas povoações, e se vão para a gentilidade, e de que os Gentios do sertão não queirão vir para nós, temendo-se do trabalho a que os obrigão, a que elles de nenhum modo são costumados, e assim se vêm a perder as conversões, e os já convertidos: e os que governão são os primeiros que se perdem, e os segundos serão os que os consentem, e isto é o que cá se faz hoje, e o que se fez atégora.

Assim que, Senhor, consciencia e mais consciencia é o principal e unico talento, que se ha de buscar nos que vierem governar este Estado. Se houvesse dous homens de consciencia, e outros que lhes succedessem, não haveria inconvenientes em estar o

Governo dividido. Mas se não houver mais que um, venha um que governe tudo, e tracte do serviço de Deos e de Vossa Magestade, e se não houver nenhum, como atégora parece que não houve, não venha nenhum, que melhor se governará o Estado sem elle, que com elle; se para a justiça houver um letrado recto, para o politico basta a Camara, e para a guerra um sargento-mór, e esse dos da terra, e não d'Elvas, nem de Flandes; porque este Estado, tendo tantas léguas de costa e de ilhas e de rios abertos; não se ha de defender, nem póde, com fortalezas, nem com exercitos, senão com assaltos, com canôas, e principalmente com Indios, e mûitos Indios; e esta guerra só a sabem fazer os moradores que conquistárão isto, e não os que vêm de Portugal. E bem se vio por experiencia, que um Governador que veio de Portugal, N. do N. perdeu o Maranhão, e um Capitão-mór, Antonio Teixeira, que cá se elegeo, o restaurou, e isto sem soccorro do Reino. Aqui ha homens de bôa qualidade, que podem governar com mais noticia, e tambem com mais temor; e ainda que tractem do seu interesse, sempre será com mûito maior moderação, e tudo o que grangearem ficará na terra, com que ella

se irá augmentando : e se desfrutarem as herdades , será como dônos, e não como rendeiros , que é o que fazem os que vêm de Portugal. Mas uma vez que os Indios estiverem independentes dos Governadores , arrancada esta raiz , que é o peccado capital e original d'este Estado , cessarão tambem todos os outros que d'elle se seguem , e Deos terá mais motivo de nos fazer mercê.

Este é, Senhor, o sentir de quasi todos , mas o meu sentir, e o meu chorar, e o meu lamentar, é que tendo vindo a este Estado , e trazido a elle tantos Religiosos muito servos de Deos, só com intento de o servirmos mais e com mais quietação, e não tractarmos d'outra cousa que da salvação de nossas almas, e das d'esta pobre gente, sem nos divertirmos a nenhum outro cuidado , como atégora pela bondade de Deos temos feito , e que , a pezar de tudo isto , seja tão poderoso o Demonio n'este Estado, e Vossa Magestade tão mal servido n'elle, que os que mais nos devêrão favorecer e ajudar, e ainda compadecer-se de nossos trabalhos, por não dizer edificar-se da constancia e alegria com que os vêem padecer e desprezar, estes sejam os que nos têm posto no maior trabalho de todos , perturbando nossas Missões, impedin-

do o remedio e salvação de tantas almas, e sobre tudo a quietação das nossas, principalmente da minha que é fraca, sendo-me necessario andar com pleitos, e requerimentos, e informações, e ainda descer ao particular d'escrever vidas e procedimentos alheios, de que só Deos é verdadeiro Juiz, e o que eu não posso fazer sem grande pena, e ainda escrupulo, posto que tudo o que digo, Senhor, é sem paixão, nem odio algum contra as pessoas de quem fallo, e sómente porque Vossa Magestade não póde deferir ao remedio que pedimos sem ser inteiramente informado, e esta informação se não póde fazer sem nomear as pessoas que nos encontrão, e as causas e interesses que a isto as movem, para que se atalhem.

Assim que, Rei e Senhor, Vossa Magestade mande considerar se é bem que estes Indios sirvão a Deos, a Vossa Magestade, a Republica, aos pobres, e a conservação de muitos outros Indios; ou que, desprezados todos estes respeitos, sirvão com tantas offensas de Deos aos interesses d'um só homem, que é o que sempre fizêrão e fazem. E porque a distancia do lugar não soffre dilacões, nem interlocutorias, Vossa Magestade se sirva de mandar tomar no particular de nossas Missões uma resolução ultima, com a qual

DO P.^o ANTONIO VIEIRA. 91

nos livre Vossa Magestade por uma vez de requerimentos, e de demandas com os Ministros de Vossa Magestade; porque se não estivermos totalmente izentos d'elles, nunca poderêmos conseguir o fim para que viêmos, da conversão e salvação das almas, e será melhor retirarmo-nos a tractar só da quietação das nossas.

A muito Alta, e muito poderosa pessoa de Vossa Magestade guarde Deos, como a Christandade e os vassallos de Vossa Magestade havemos mistér.

Maranhão, 4 d'Abril de 1665.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXV.

AO SECRETARIO D'ESTADO

Obedeço a Vossa Senhoria, e ponho em papel o que de palavra lhe respondi ácerca da guerra que convém fazer a Castella; e dos Cabos a que se deve fiar. Acceite Vossa Se-

É a I do tomo II.

nhoria estas mal concertadas razões como de quem as não professa, e sirva-lhes de desculpa, dictál-as o zelo da Patria, e escrevê-las o respeito que a Vossa Senhoria devo.

Quanto ao modo da guerra, percorrendo pelas razões communs, como quem não tem noticia das particulares, parece mais conveniente tractar de dispor o Reino a uma guerra defensiva, do que entrar com exercito em Castella, e fazer guerra offensiva; porque primeiro se deve attender a segurar a conservação do proprio, e depois, se for conveniente, se poderá conquistar o alheio.

Em quanto o Reino não está fortificado de maneira, que possa resistir a qualquer invasão do inimigo, toda a outra empresa é arriscada, por não dizer temeraria; e nas materias, em que não vai menos que a Monarchia, sempre se deve seguir a parte mais segura. Na guerra deffensiva tantas vezes póde o inimigo ser vencido, e desbaratado, quantos forem os lugares que se pozérem em defesa. Na offensiva póde-se perder tudo em um dia; na deffensiva ainda que se pérca, será pouco em mûitos annos, porque nenhuma Cidade tem Portugal que, se estiver fortificada e prevenida, não custe ao inimigo um exercito, e uma campanha, ficando im-

possibilitado para fazer outra em muitos dias.

Em qualquer Reino é verdadeira esta razão d'Estado, e muito mais nos Reinos menores a respeito dos maiores, e mais poderosos; porque na vantagem da fortificação se supre a desigualdade do poder, e é tão facil defenderem-se os menos dos mais dentro em sua casa, quão arriscado e possivel serem os mais vencidos dos menos quando os buscão na alheia. Só em caso em que as nossas forças fossem tão superiores ás de Castella, que a podessem acabar de destruir d'uma vez, seria conveniente começar pela guerra offensiva; mas nem isto se houvéra de intentar nunca, quando tivesse qualquer contingencia, quanto mais nas impossibilidades que são presentes e manifestas.

Os Hollandezes, cujo governo n'esta éra os tem feito dignos d'imitação, quando se rebellárão contra Hespanha, primeiro tractárão de se reduzir a suas Praças, e fortificar-se n'ellas, e soffrendo por alguns annos a guerra defensiva, viérão a quebrantar as forças de toda a Hespanha, de maneira que não só podem hoje resistir em campanha a seus exercitos, senão conquistar suas Provincias, senhorear seus mares, e aspirar ao dominio do mundo. Se começárão pelo fim,

antes de o conseguirem , estiverão perdidos ; e se a experiencia tem mostrado que foi conveniente aos Hollandezes fortificarem-se em suas Praças , e usarem da guerra defensiva , estando tão distantes de Hespanha , quanto mais convirá o mesmo conselho a um Reino que , rodeado por todas as partes de Castella , a maior parte que o divide é o Minho , e o Guadiana ?

Finalmente : reduzindo mûitas razões a uma. Na resolução d'entrar em Castella , os gastos são grandes e certos , porque para se formar um exercito , de que se espere reputação e effeito , quando menos ha de ser maior que o do anno passado , para o qual não bastarão as consignações de toda a substancia do Reino ; e sustentando-se este exercito o tempo que for necessario para o sitio de Badajoz e sua expugnação , ou d'outra Praça forte , é força que com o tempo cresça o empenho , e alfim se ha de gastar na conquista d'uma Cidade do inimigo o cabedal , gente , e dinheiro , com que se podem fortificar e defender mûitas nossas.

E' tambem successo duvidoso , porque demais das incertezas que traz toda a guerra , esta é dentro em Castella , onde se ha de presumir que fará o inimigo o ultimo esforço

de sua potencia para soccorrer qualquer Praça consideravel, que lhe sitiarmos, e Praça soccorrida nunca foi tomada; e posto que no presente estado de Castella se não considere tão grosso soccorro, que baste a romper o nosso sitio, nem por isso deixa de haver outros meios menos custosos de a divertir, ou mettendo-nos a guerra em casa por outra parte, que não será difficultoso em um Reino por mar e por terra tão aberto, ou impedir-nos os combois, e bastimentos do exercito, que sendo superiores, como são, na cavallaria, o podem fazer facilmente, não fallando na esterilidade do paiz, falta d'agua, calmas, doenças, fugidas de soldados, desuniões, intelligencias; e outros accidentes, por que as Praças se perdem; cada um dos quaes deve ser de muito pêso para quem reduz todo, ou quasi todo seu poder ao corpo d'um exercito.

E quando felizmente se consigão nossos intentos, e rendâmos uma ou mais Praças fortes do inimigo, ainda em tal caso se considera maior damno nosso, que utilidade; porque o poder quanto mais distincto, tanto é menos, e quanto mais nos dilatâmos, mais nos enfraquecêmos, empenhando-nos as Praças rendidas a maiores, e mais custosos pre-

sidios, que nem por isso, como alguns mal imaginão, podem ficar as nossas desguarnecidas; porque os presidios de Badajoz não segurão a Elvas d'uma entrepreza. Praça fortificada sem guarnição é cousa inaudita. Nem menos fica a conquista de Portugal mais difficultosa por esta via, porque quando Castella tivesse para nos render vinte Cidades, também o faria a vinte e duas; que os Reinos não os faz inexpugnaveis o numero, senão a fortaleza dos lugares.

Tambem se deve considerar muito o numero da Cavallaria, em que o inimigo nos é superior, e a pouca disciplina e obediencia militar, que sabem guardar os nossos soldados, tão pouco costumados á ordem dos esquadrões, e exercitos, razão que, quando não houvera tantas, devia ser de grande momento para eleger antes o partido da guerra defensiva; porque, assim como ninguém igualou nunca a constancia dos Portuguezes em sustentar um cerco, assim não podêmos negar que lhes fazem conhecida vantagem outras Nações na destreza e exercicio de manejar um exercito, e pelêjar formados; e nos exercitos, e modo de pelêjas, de que usa a milicia moderna, apenas temos exemplo entre os Portuguezes, salvo o dos

campos d'Alcácere, que é melhor para a cautela, que para a imitação. Emfim : se a historia é a alma da politica, e os successos passados são a mais certa prophesia dos futuros, nunca lemos nas nossas historias que os Portuguezes entrando em Castella fizessem cousa consideravel, nem que os Castelhanos entrassem em Portugal, que não fossem vencidos e desbaratados, para que se veja qual nos será mais conveniente, se esperar o inimigo em nossas fortificações, ou il-o buscar ás suas; e onde a experiencia tão clara nos ensina, parece que é escusada diligencia buscar outras razões.

E sendo tão solidas, e tão efficazes todas as referidas, não deve de pesar mais que ellas o que se póde allegar em contrario da reputação das nossas armas, e poder; o qual não ficará menos bem opinado para com as Nações estrangeiras por não entrarmos em Castella, se souberem juntamente que crescem nossas Fortificações, e engrossão nossas armadas, assistimos a nossas Conquistas, e depositâmos thesouros para o tempo da maior necessidade, como logo se persuadirá. Antes por esta acção tão prudente, e considerada, ganharemos muito maior credito, e opinião com todas as Nações estranhas, pois este é

o dictame, com que todos os politicos d'ellas dizem nos podêmos só conservar, prôgnosticando-nos certa a ruína se, por outros meios de maior risco e menos seguro effeito, malbaratâmos o poder que, pela desigualdade de nossos competidores, deve ser despendido com muito tento.

E quando Sua Magestade por cumprir a palavra, que haja dado á França ou a outro Principe, quizesse entrar em Castella, não parece que nos obriga a tanta pontualidade a pouca que se guardou o anno passado com-nosco; pois vemos que os Francezes em vez d'entrarem com grande poder em Aragão, como nos tinhamo promettido, não só não avançarão um palmo de terra, antes perdê-rão a Praça de Monçon por falta d'assistencia e soccorros; e para França dever muito á conservação de nossa amizade, basta a diversão quê nas nossas fronteiras fazemos a tantos mil soldados, e ser a principal causa de suas victorias a desunião, em que se conserva Portugal, pois em quanto Hespanha esteve inteira, e o poder de Portugal não faltou a Castella, bem vio o mundo quão pouco poderão contra ella todos os intentos de França: razões que não devem dissimular os Embaixadores d'este Reino, para que

nostros Confederados, e todos os inimigos de Castella entendão quanta guerra é a que se lhe faz por nossa parte.

O que posto, seria de parecer que o dinheiro que se ha de gastar, e consumir em exercitos, se applique á fortificação das principaes Praças do Reino, á fabrica de Galeões, e Navios da Armada, e a comprar cavallos de fóra do Reino, se n'elle não houver tanto numero que em um caso de necessidade possâmos ter e conservar até quatro ou cinco mil effectivos.

E' necessaria a prevenção de cavallos, porque em caso que o inimigo nos accommeta com poder, o que não é tão possivel como se imagina, e quando o fóra nunca se houvéra de imaginar, ou para encontrar o seu exercito, ou para o retirar do sitio d'alguma Praça, ou impedir qualquer outro intento, sempre nos é necessario este numero de cavallaria, a qual se não póde prevenir no Reino estando tão falto de cavallos. Assim o primeiro cuidado de todos devia ser prevenir com toda a brevidade esta falta; que sendo de materia tão importante, dentro do Reino se não póde supprir em mûitos annos, e de fóra em poucos mezes.

A armada tambem é de summa importancia

á conservação do Reino, não só para alimpar a costa de corsarios, e recolher os navios da India e Brazil, e franquear o commercio, que erão só os usos que antigamente tinha, tendo-se por bem empregadas n'elles tantas despezas; senão porque os nossos Galeões são os muros com que se hão de defender os nossos portos, mûitos dos quaes estão tão pouco fortes, como sabemos, e só os póde segurar o respeito d'uma poderosa Armada, se a tivermos. Se Portugal tiver uma poderosa Armada n'este rio de Lisboa, nunca o inimigo se atreverá a nos commetter por mar, que é o caminho por onde nos póde fazer mais damno, porque vindo com igual, ou inferior poder de navios, temerá ser desbaratado e destruído dos nossos, e quando venha com Armada superior, depois de lançada a gente em terra, com menos numero de Navios bem providos d'Infantaria poderemos accommetter os seus, que necessariamente hão de ficar menos guarnecidos, os quaes tomados, ou retirados do porto, todo o poder que tiverem em terra, fica perdido.

Finalmente : é necessario fortificar as Praças principaes do Reino além de todas as razões já ditas, por uma irrefragavel, porque ninguem haverá que diga ser possivel e

conveniente sustentar-se Portugal contra Castella, senão com guerra defensiva, dentro em suas fortificações, em caso que Castella, desembaraçada da opposição de França, voltasse contra Portugal com todo o seu poder, e se não estivermos sempre prevenidos para este caso, é certo que não temos o Reino seguro; porque ainda que a confiança prejudicial de muitos prezuma o contrario, os successos da guerra sempre são varios, os Francezinhos naturalmente inconstantes, e sobre inconstantes desejosos da paz, e quando esta se chegue a effectuar, ou não se concluindo a paz desejada, pelo menos se venha a ajustar alguma comprida trégoa, por mais que Portugal entre nos mesmos concertos, finalmente ha de ver sobre si as armas de toda Castella, com a qual nenhum Principe da Europa hade romper por causa nossa. Guarde Deos a Vossa Senhoria.

Collegio, em 4 de de 1644.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXVI.AO SENHOR D. THEODOSIO ¹.

Senhor,

O portador me não dá lugar a fallar muito com Vossa Senhoria, nem as materias são muito para papel, posto que são todas para penas. A minha maior é não me acabar Vossa Senhoria de dizer, que o Duque que Deus guarde é chamado, e mui chamado a Lisboa; mas espero que o seja brevissimamente, porque não é possivel que El Rei esteja tão endurcido vendo sobre si maiores portentos do céo e da terra, que os do Egypto. Ah, meu Senhor! quanto temo que se nos aparelha um tremendo açoute, e que havemos de sentir primeiro os rigores da Divina justiça, do que cheguem as promessas da sua misericordia!

¹ É a XVII do tomo II.

Assim é bem que sejamos emendados, já que não queremos emendar-nos. Eu ainda não li as cartas de Lisboa, mas todas fallão em felicidades, e esperão triumphos, que é o maior signal de fatalidades. Para mim o mais acertado juízo do Cometa é o voto de N. N. Se os Cometas, como tem provado a experiencia de todos, annuncião ruínas de reinos, nenhum reino ha hoje na Europa, que tenha disposições para uma grande ruína, senão Portugal. Todos estão em paz, e nós só em guerra; e posto que Castella a tem conosco, ella quer-nos conquistar, e não nós a ella: ella póde perder um exercito, e nós perdêmo-nos. A resposta de Sabugal, ainda que seja mui bem discursada, não me allivia; porque esta questão ha de averiguar-se em campanha, e não no gabinete: e nas folhas das espadas, e não nas do papel. Digamos nós o que quizermos, certo é que N. N. ferio o ponto, e todos os pontos; e a melhor resposta é a prevenção, e a melhor prevenção a reconciliação do Rei com os Grandes, e dos Grandes entre si, e de todos com todos; porque todos é bem conspiremos em um só corpo, e em um só espirito, e que todos nos dêmos as mãos, e os corações; e não será pouco se bastarmos todos. Tórno a

dizer, que ha de fazer o tempo e a necessidade, o que fôra melhor que fizesse a razão; mas temo que o faça mais tarde do que convinha, porque nos movemos mais pelo sentimento, do que nos governâmos pelo racional. De mim só tenho noticia, que mostra o Valído estar-me bem affecto. A mudança para Santarém me não parece provavel, nem conveniente; só a de Lisboa acceitára para poder fallar de mais perto, e servir a Vossa Senhoria com alguma efficacia; eu fizêra noutal caso o que o Mediador se não atreve a fazer: e tivêra elle occasião de applicar os seus meios. Deos ordenará o que for melhor, que em tempos tão arriscados, não é facil acceitar a eleger, nem ainda a desejar.

Mais casamentos viêrão na Nau de Francisco de Mello, que o d'El Rei. Tambem viêrão casadas as duas Provincias de Alentejo e Beira, cuja união se publicou em Lisboa, dia de S. Joseph, e aqui n'esta mesma hora com grande applauso de todos, não ha na Companhia outra vontade, nem outro juízo mais que a obediencia, com que tudo o que se manda, logo que chega a mandar-se, parece o melhor. O Padre Antonio Barradas é o Provincial de tudo. Ainda que eu haja de fazer mudança, que não espero, não será sem

DO P.^o ANTONIO VIEIRA. 105

fazer aviso, e me avistar de vagar com Vossa
Senhoria, etc.

Coimbra, 26 de Março de 1665.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXVII.

A D. RODRIGO DE MENEZES ¹.

Senhor,

Com excessivo contentamento recebi esta
ultima carta de que Vossa Senhoria me fez
mercê, escripta em 11 de Novembro, e ten-
do n'ella tantos motivos de pouco gôsto, que
chegão amplificados por outras vias, só os
póde alliviar, saber que passa Vossa Senho-
ria e o Marquez, meu Senhor, com saúde;
de que dou infinitas graças a Deos, confiado
de sua Providencia, que em quanto nos con-

¹ É a LXXV do tomo II.

servar estas duas columnas, nos não tem deixado de todo.

Vindo ao que Vossa Senhoria me manda que eu diga, não sei por onde comece, e se explicará melhor a minha dor com lagrimas e gemidos, que com palavras. Beijo mil vezes a mão a Vossa Senhoria por perdoar as furias de meu zelo, e honrar e animar a verdade do coração, d'onde nascem. Portugal, Senhor, está no mais miseravel estado, em que nunca o conheci, nem considerei; e a maior miseria é o nosso engano, e a maior guerra a nossa mal entendida paz. Já me contentára, que fôramos a segunda Galliza com segurança; mas esta não sei, nem vejo sobre que fundamentos no-la possâmos prometter. É necessario governarmo-nos com a espada sempre na cinta, e com a balança na mão, pesando os podêres de todos os Principes, e fiando-nos só do proprio. Não estamos em tempo d'El Rei D. Manoel, ou D. João III, em que só os nossos astrolabios sabião navegar, e só os nossos galeões tinham nome. Hollanda, Inglaterra, e França se têm feito potentissimas no mar, e por isso uns podem contrastar, e outros resistir á fortuna nos maiores apertos d'ella; e porque Hespanha (cujos erros nós seguimos, devendo apren-

der d'elles) o não fez, assim se começou a perder, e perderá de todo, se não abrir os olhos, como já parece quer fazer.

A mesma Hespanha é inimiga nossa irreconciliavel, e todos os Castelhanos em nenhuma outra cousa tem posto a mira, que em tornar a ser senhores de Portugal. Assim o ouço nas boccas de todos, e lh'o vejo muito melhor nos corações, e cada dia são impressos nas Gazettas d'Italia e Alemanha não só indícios d'estes intentos, mas os fins e meios declarados d'elles; entre os quaes andou mui vulgar estes dias o casamento do Duque de Yorch com a Casa d'Austria, para que Hespanha unida com Inglaterra nos conquistasse, repartindo - se entre os dous o Reino e as Conquistas, fallando-se na legitimidade da nossa Princeza, e no direito do Principe, com termos tão indecentes a nós, como assentados no juízo de muitos.

De Inglaterra não tenho que dizer de novo; e quando fallo em Inglaterra, não exceptuo a ninguem; mas Inglaterra, França, e Hollanda todos têm os olhos postos em conquistas, e não têm outras para onde olhar, senão as nossas, que só com armadas promptas no rio de Lisboa se podem defender; e ainda que ahi se apodréção, ao parecer inu-

tilmente, só ellas são os muros das Conquistas. E não nos envergonhâmos de se saber no mundo, que consta a nossa Armada de três fragatas?!

A razão de as Nações sobreditas se empregarem com tanto cabedal no poder marítimo, é principalmente a utilidade dos commercios; tendo conhecido todas as Corôas e Republicas por experiencia, que só commerciendo se pôdem fazer opulentas, e que os fructos das terras proprias apenas bástão ao sustento dos naturaes. O Imperador, e todos os Principes da Italia interior são pobrissimos; e as riquezas de Veneza, Génova, e Florença todas lhes vêem de seus portos e commercios, sobre os quaes cuidão e vigiã com tal gelosia, especulão com tal attenção, agudeza, e menudencia, que poderão parecer nimiedade, e ainda vileza, se não forão as consequencias de tanta importancia.

Mas, Senhor, o nosso caso é este. Não quero que sejamos ricos, quero sómente que conheçâmos a nossa fraqueza, e o nosso evidente perigo, e que tractemos de pervenir o precisamente necessario para conservar a liberdade, o Reino e as Conquistas; e supposto que estamos conhecendo e padecendo, com tantos descreditos, a impossibilidade dos qua-

tro palmos de terra que Deos nos deo na Europa, porque nos não havemos de valer da nossa situação, dos nossos portos, dos nossos mares, e dos nossos commercios, em que Deos nos melhorou e avantajou ás Nações do Mundo? Todas nos envejaão esta felicidade, e deixão as suas patrias para a vir buscar e lograr entre nós; e só nós não sabemos aproveitar d'ella, e enriquecemos as terras estranhas com os instrumentos nascidos e creados na nossa, que a poderão fazer a mais florente e poderosa de todas.

Sobre a liga d'Inglaterra e França, tenho as mesmas duvidas que Vossa Senhoria, e cada hora maiores, porque o estado das cousas de Hollanda se vai mudando, e os corsarios crescendo; e sempre tivera por mais util a paz, e alguma boa conveniencia com elles, que uma guerra tão arriscada, como a que nos podem fazer em todas as partes do mar, e do mundo. Partilhas com dous companheiros tão poderosos, nunca nos podem estar bem, e assim o escrevi a Duarte Ribeiro, não me podendo jamais inclinar a que partamos, com tanto risco, aquelle todo que foi, e póde ser nosso, se nos quizermos fiar mais do poder proprio, que dos interesses alheios. Na mesma conformidade fallo, e

escrevo aos demais Ministros, com quem tenho communicação; mas como o meu zelo está tão pouco auctorizado, não é muito que se desprese.

Espero com a maior brevidade, que a Vossa Senhoria for possível, a resposta da carta, que, ha muitos correios, escrevi a Vossa Senhoria sobre meus particulares, os quaes Vossa Senhoria poderá communicar, se for necessario, com o Padre João Juzarte, que já deve ser chegado a esse Reino. N'elle está tambem agora um meu sobrinho, a quem escrevo se valha do patrocínio de Vossa Senhoria em seus requerimentos, e a Vossa Senhoria peço sobre tudo me não falte com a continuação da mercê de novas suas, e do Marquez, meu Senhor, que é a unica consolação que tenho n'este desterro. E Deos guarde a Vossa Senhoria muitos annos, como os criados de Vossa Senhoria havemos mistér.

Ultimo de Dezembro de 1672.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXVIII.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO ¹.

Senhor meu,

Quando li esta de Vossa Senhoria de 4 de Janeiro, me resolvi que Vossa Senhoria e eu eramos os verdadeiros chimicos de Portugal, porque ambos me parece temos descuberto a pedra philosophal, e chimicos porque ambos medrâmos pouco.

Para prova da primeira parte d'esta proposição, ha mûitos annos que sei se dá no Brazil a pimenta e quasi todas as outras drogas da India, como se experimentou no primeiro descobrimento, e El Rei D. Manoel, por conservar a conquista do Oriente, mandou arrancar todas as plantas indiaticas, com lei capital que ninguem as cultivasse; e assim se

executou, ficando sómente o gengivre, que, como é raiz, dizem no Brazil, se metteo pela terra dentro, mas ainda se conserva a prohibição, e se toma por perdido.

Com esta noticia aconselhei a El Rei, que está no céo, mandasse do Brazil á India, ou que da India fosse ao Brazil um navio carregado das ditas plantas já nascidas, e acompanhadas de pessoas praticas da dita cultura, e que em diversos lugares e tempos do anno as fossem transplantando, ou semeando, para que a experiencia mostrasse em qual clima d'aquelle vastissimo Estado se davão melhor. D'ondé se seguiria que uma vez que tivessemos abundancia das ditas drogas, conduzidas ellas a Portugal com viagem e despeza tanto menor que as que navegação os Hollandezes, vendendo-as nós a muito menor preço, ficavão elles perdidos, e a India restaurada sem guerra. O mesmo representei ao Principe, que Deos guarde, e não sei se a algum de seus Ministros; mas o effeito foi como o que Vossa Senhoria e eu temos experimentado em outras muitas advertencias, que mal póde perceber, como convém, quem nunca saõ d'aquelle canto do mundo, nem cūda que ha outro.

Isto é, Senhor meu, a pedra philosophal

em que cuido nos temos encontrado, sendo muito mais para estimar (quando eu me não engane) haver Vossa Senhoria inferido esta consequencia de premissas tão remotas como os ditos d'El Rei d'Inglaterra e Grotius, ou havêl-a eu proposto depois das noticias do Brazil, que entre os antigos se referião com sentimento, e hoje estarão lá quasi esquecidas. Tambem suspeito, que o livro, em que Vossa Senhoria leo a caso esta experiencia, podia ser o da Historia natural de Pernambuco, escripta por um, cuido que Medico Hollandez, com as estampas dos animaes, peixes, e plantas; no qual me lembro que não muito longe do principio se refere isto mesmo: por signal que me pesou muito de ver tão publico um secreto, que podia acrescentar a cobiça d'aquellas terras, que nós tão pouco sabemos estimar.

Até qui o meu pensamento, que póde ser seja muito diverso do de Vossa Senhoria, mas bem cuido que se ambos estivéramos em parte onde conferir este e outros muitos, ambos poderíamos descobrir muito á flor da terra melhores e mais certas minas que as do Rio de Janeiro. E' porèm tal a fatalidade do nosso Governo, que a Vossa Senhoria tem em Pariz, e a mim em Roma, não só des-

terrados e abandonados, mas divididos, quando na Patria, e juntos a poderíamos servir, ao menos com as noticias que as nossas peregrinações nos tem ensinado.

De Lisboa me avisão, pergunta Sua Alteza muitas vezes se sou já partido, ou quando parto; mas não se responde á réplica do Padre Geral com a instancia, e resolução que convém, estando mais perto outra Magestade, a quem elle quer agradar, e levará mal esta mudança; com tudo a minha doença vai mostrando tal contumacia que, por força ou por vontade, haverei de ser remetido aos ares patrios, estando determinado, por todos os Médicos, que em Roma não posso viver, e muito menos esperar n'ella outro inverno: e por esta causa parto amanhã a Neptuno, que é um lugar marítimo distante d'aqui trinta milhas, mas nem por esta ausencia deixe Vossa Senhoria de me escrever, porque deixo ordem para se me enviarem as cartas.

Na mudança de Vossa Senhoria para Madrid considero os mesmos inconvenientes, que não sei como se não conhecem na nossa terra; muito mais conveniente e summamente importante era vir Vossa Senhoria a Roma para dar fim a este negocio, que só o

póde ter bom na direcção de Vossa Senhoria; assim o tenho representado ha mais de três annos, quasi em todas as cartas, e n'este ultimo correio o faço com mais instancia e ultimo desengano de que este homem, sem embargo das ordens que tem, o ha de deitar a perder. Vossa Senhoria por amor do que devêmos á Patria, se não escuse d'esta commissão, e replique á de Madrid com a evidencia das razões que ha n'esta de Vossa Senhoria, que eu tambem tenho apontado como de mim, e com todas as mais que o podêrem efficazmente impedir, para que ou Vossa Senhoria venha, ou quando menos nos vejâmos em Lisboa, onde *collato studio* podêmos servir a quem é tão mal servido; e nos daremos as mãos fortissimamente (porque de lá depende hoje tudo), e acabado o negocio procurarei que Vossa Senhoria se não dilate aqui, e vá, como convém, para melhor e mais necessario lugar que o da Fazenda. Não sei o que digo, não posso mais. Só fico com proposito firme e desejo ardentissimo de que, na mudança de Vossa Senhoria ou minha, nos avistemos antes; e conforme a disposição de tudo (de que avisarei a Vossa Senhoria e espero Vossa Senhoria me avise) disporei o caminho por onde mais

convenha. Deos guarde a Vossa Senhoria
muitos annos como havemos mistér.

Roma, 28 de Janeiro de 1675.

Capellão e Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXIX.

AO CONDE DA ERICEIRA ¹.

Excellentissimo Senhor,

Como Religioso, e tambem sem este respeito, antes quero padecer com silencio, que defender-me com apologias. Com tudo, porque na Carta que Vossa Excellencia me fez mercê escrever em 3 d'Abril de 1688 entre as outras excellentes virtudes, que n'ella venéro, com aquella que Vossa Excellencia chama sinceridade, me ordena Vossa Excellencia diga o de que poderia estar queixoso na Historia de Portugal Restaurado; respon-

¹ É a CXVIII do tomo II.

dendo com a mesma sinceridade, digo, que não pude deixar d'estrnhar na dita Historia a folhas 633 as palavras seguintes.

« E para que os negocios podessem tomar
 « melhor fôrma depois de varias conferen-
 « cias, que houve entre os maiores Minis-
 « tros, mandou Sua Magestade a França o
 « Padre Antonio Vieira da Companhia de
 « Jesus, em quem concorrião todas as partes
 « necessárias para ser contado pelo maior
 « Prégador do seu tempo; porèm como o
 « seu juízo era superior, e não igual aos ne-
 « gocios, muitas vezes se lhe desvanecêrão,
 « por querer tractál-os mais subtilmente do
 « que os comprehendião os Principes e Mi-
 « nistros, com quem communicou muitos
 « de grande importancia. »

Primeiramente admirei n'esta sentença não ter materia alguma sobre que caísse; porque se precedêra a narração d'algum negocio proposto por mim, que El Rei, e os seus Ministros não percebessem, ou quando menos se tivesse desvanecido, (ainda que não bastava ser um, para se dizer *muitas vezes*, e para que a proposição fosse universal) d'este caso se podia tomar occasião para se estender a muitos o que se affirma.

Mas é certo, Senhor, que Vossa Excellen-

cia n'ella foi informado por quem não sabia, nem soube, nem podia saber o motivo por que El Rei me mandou n'aquella occasião a França, e d'ahi a Hollanda. O fundamento e fim por que Sua Magestade me mandou a estas duas Cortes, foi porque não estava satisfeito dos avisos pouco coherentes, que lhe fazião os dous Embaixadores de França e de Hollanda; e quiz que eu em uma e outra parte me informasse do estado de nossas cousas, com toda a certeza, sinceridade e desengano, o que os Embaixadores não fazião, querendo com bom zelo antes agradar que intristecer (que era a moeda que então corria, tão falsa como perigosa): d'onde tambem se convence, que a minha jornada não foi tractada em conferencia dos Ministros, como acima se diz, pois Sua Magestade não communicou o seu intento a outra pessoa mais que a mim, e como não levei a meu cargo negocio algum, mais que a dita informação, a qual sómente fiz com as cautelas necessarias, e logo tornei para Portugal a informar de bocca a Sua Magestade, sobre que desvanecimento dos meus negocios podia cair aquella proposição universal, mettida, como ali se vê, entre os três Navios do Verejão mandados a França e a partida do Duque de Guiza para Napoles?

Supposto pois que nem d'este lugar, nem d'algum outro da mesma Historia, consta que eu propozesse negocio que se desvanecesse, ha-me de dar licença Vossa Excellencia para que, discorrendo por elles, demostre o contrario.

O primeiro negocio que propuz a Sua Magestade, pouco depois de sua felice restituição, foi que em Portugal, á imitação de Hollanda, se levantassem duas Companhias mercantis, uma Oriental, e outra Occidental, para que sem empenho algum da Real Fazenda, por meio da primeira se conservasse o commercio da India, e por meio da segunda o do Brazil, trazendo ambas em suas Armadas defendido dos Hollandezes, o que elles nos tomárão, e bastaria a sustentar a guerra contra Castella. A isto se ajuntava que, como as nossas Companhias ficavão mais perto d'uma e outra Conquista, seriam menores os seus gastos, e maiores os lucros; os quaes naturalmente chamariam, e trariam a Portugal o dinheiro mercantil de todas as Nações, e muito particularmente dos Portuguezes, que em Hollanda estavam muito interessados nas Companhias, e em Castella tinham todos os assentos; e porque na dita proposta se dizia, que o dinheiro applicado ás Compa-

nhias de Portugal estivesse izento do fisco (por quanto de outra maneira, nem os mercadores estrangeiros, nem os do mesmo Reino, que o trazem divertido por outras partes, o quererão metter nas nossas Companhias sem a dita segurança).

Esta condição foi causa de que o Santo Officio prohibisse o papel da proposta, posto que sem nome, e que ella por então não fosse acceitada. Porém depois que os apertos da guerra mostrárão que não havia outro meio igualmente effectivo, não só foi abraçado com a mesma condição, senão com outras muito mais largas, consultadas e approvadas pelos Lettrados mais doutos do Reino.

Assim que : este negocio se não desvanecio, e sómente tardou em se acceitar, até que a experiencia desenganou aos Ministros, que a principio por ventura o não capacitarão. Quanta fosse a utilidade e efficacia d'elle, bem o mostrou a Companhia Occidental, a qual foi trazendo sempre do Brazil o que bastou para sustentar a guerra de Castella, conservar o Reino, restaurar Pernambuco, e ainda hoje acudir com promptos e grandes cabedaes ás occurrencias de maior importancia.

E se juntamente se acceitára, e fizéra a Companhia Oriental, não chegára a India ao estado em que hoje a temos, tão desenganada porèm da utilidade e necessidade d'este mesmo meio, que agora em Portugal, e na mesma India se tracta d'elle; e para que se veja quão solida e fundamental é, e foi, não deixarei de referir aqui o que me escreveo o Padre João de Matos, Assistente das Provincias de Portugal em Roma. Chegou lá o dito papel, e diz elle que lendo-o os Politicos Romanos dissérão: « Nós atégora cuidavamos que Portugal se não podia conservar, mas pois elle tem homens que sabem excogitar semelhantes arbitrios, ja não duvidâmos da sua conservação: » e este é o primeiro negocio meu, ou proposto por mim, que Vossa Excellencia julgará se merece o nome de desvanecido.

O segundo que pratiquei a Sua Magestade foi, que mandasse passar as drogas da India ao Brazil, referindo como n'elle nascião, e se davão igualmente, e El Rei D. Manoel as mandára arrancar sob pena de morte, para conservar a India, como com effeito se arrancárão todas, ficando sómente o gengibre, do qual se disse discretamente que escapára por se metter pela terra dentro, como raiz

que é. Consistia a utilidade d'este meio, em que tendo nós no Brazil as ditas drogas, e sendo a conducção d'ellas tanto mais breve, e mais facil, as podiamos dar muito mais baratas que os Hollandezes, com que os ficiamos destruindo na India. Respondeo El Rei que lhe parecia muito bem o arbitrio, e que o tivéssemos em segredo até seu tempo, pelos embarços com que de presente se achava. Estando eu em Roma me escreveo Duarte Ribeiro de Pariz, tivéra carta de D. Francisco de Mello, na qual lhe referia dizer El Rei d'Inglaterra que só seu cunhado sem fazer guerra aos Hollandezes os podia destruir, mas que não descobriria o modo, nem D. Francisco, nem elle o sabião conjecturar, que se a mim me occorresse o avisasse.

Avisei-lhe o sobredito meio, e elle o representou a Sua Magestade em um papel particular, no qual juntou a minha carta, e esta está tambem inserta no Regimento do Provedor mór da Fazenda d'esta Bahia, a quem Sua Magestade encarecidamente encarregou a planta das ditas drogas, e ellas encommendadas com o mesmo aperto aos Vice-Reis, e Governadores da India, se vêm trazendo em todas as Náos plantadas, e regadas, com que já hoje ha no Brazil grande

numero d'arvores de canella, como tambem algumas de pimenta. E este é o negocio, ou arbitrio que tambem tardou, mas não se desvaneece, sendo tão pouco subtil que o entendem aqui os Cafres, e o exercitão só com a enxada na mão.

Quando os Francezes tomárão Dunquerque cantou-se o *Te Deum laudamus* em a nossa Capella Real, e eu entrando no Paço vi que ião saíndo pela Galé todos os Presidentes e Ministros depois de beijarem a mão a El Rei; então cheguei eu, e disse a Sua Magestade: Agora soube, Senhor, que todos beijarão a mão a Vossa Magestade pela tomada de Dunquerque, de que eu pelo contrario dou a Vossa Magestade o pêzame.

Perguntou-me El Rei, por que? E respondi, porque os Hollandezes atégora sustentavão uma Armada de frente de Dunquerque para assegurar a passagem do Canal aos seus navios; e como sendo confederados de França cessa esse temor, desoccupada d'ali a Armada, a mandarão sem duvida contra nós, como antes de partir d'Amsterdão me constou desejavão muito; e Sigismundo, que segunda vez governa Pernambuco, fará agora o que já no tempo de Diogo Luiz de Oliveira promettia, e é que se havia fazer Senhor de tudo

sem lhe custar um copo de sangue, impedindo os mantimentos com seus Návios.

E que vos parece que façamos? (disse El Rei). Que, Senhor? que em Amsterdão se offerecia por meio de Jeronymo Nunes, um Hollandez muito poderoso, a dar quinze fragatas de trinta peças, fornecidas de todo o necessario, e postas em Lisboa até Março, por 20,000 cruzados cada uma, que fôra o preço da Fragata Fortuna que veio a Portugal; e tudo vinha a importar 300,000 cruzados, e que esta quantia se podia tirar facilmente, lançando Sua Magestade um leve tributo sobre a frota, que poucos dias antes tinha chegado opulentissima de mais de quarenta mil caixas d'assucar, o qual no Brazil se tinha comprado muito barato, e em Lisboa se vendia por subidissimo preço; e pagando cada arroba um tostão, ou seis vintens, bastaria para fazer os 300,000 cruzados. Disse-me El Rei, que lhe puzesse tudo isto em um papel, sem labia (que foi o termo de que usou Sua Magestade), e fazendo-o eu assim, me disse d'ahi a poucos dias, que mandando consultar o dito papel, responderão os ministros, que aquelle negocio estava muito crú. O meu intento era: que vindo as fragatas de Hollanda, tivesse Sua Ma-

gestade duas Armadas, uma que ficasse em Portugal, e outra que fosse soccorrer a Bahia; e não se passarão seis mezes, quando El Rei muito de madrugada me mandou chamar de Carcavellos, onde estava convalescente, a Alcantara. Fui, e as palavras com que Sua Magestade me recebeo, forão: « Sois Pro-
« pheta. Hontem á noite chegou caravella
« da Bahia com um Padre da Companhia
« chamado Philippe Franco, e traz por no-
« vas ficar Sigismundo fortificado em Tapa-
« rica. Que vos parece que façamos? » Res-
pondi: « O remedio, Senhor, é muito facil.
« Não dissérão a Vossa Magestade os Minis-
« tros que aquelle negocio era muito crú?
« Pois os que então o achárão crú cozão-no
« agora. »

Era mandado chamar o Concelho d'Esta-
do, e porque não havia de acabar senão de
noite, disse Sua Magestade que me recolhesse
á quinta, e tornasse ao outro dia. Tornei, e
soube que todo o Concelho tinha represen-
tado a importancia de ser soccorrida a Bahia,
e que para isso erão necessarios perto de
300,000 cruzados, mas que os não havia,
nem occorria meio algum de os poder haver.
Isto me disse Sua Magestade, e eu respondi
como indignado: « Basta, Senhor, que a um

« Rei de Portugal hão de dizer seus Minis-
« tros que não ha meio de haver 300,000 cru-
« zados com que acudir ao Brazil, que é
« tudo o que hoje temos! Ora eu com esta
« roupeta remendada espero em Deos que
« hoje mesmo hei de dar a Vossa Magestade
« toda esta quantia. » Parti logo para Lis-
boa, escrevi um escripto a Duarte da Silva,
a quem tinha conhecido mercador na Bahia,
representei-lhe a perda do Reino, e do com-
mercio, o aperto e necessidade da Fazenda
Real, e quanto Sua Magestade estimaria que
seus vassallos o soccorressem n'esta occasião
com 300,000 cruzados que erão necessarios,
dos quaes se embolçarião em um tributo de
tostão, ou seis vintens em cada arrôba de
assucar do mesmo Brazil.

Respondeo Duarte da Silva que o negocio
era tão grande, que o não podia tomar só
sobre si, mas que buscaria e fallaria a algum
amigo, e que pelas duas horas me trazia a
resposta a Santo-Antão. Assim o fez, tra-
zendo comsigo á um fulano Rodrigues Mar-
ques, e ambos promettêrão tomar o assento
dos 300,000 cruzados. Levei-os a El Rei, que
lhes agradeceo muito aquelle serviço, di-
zendo, que tivessem segredo até lhes man-
dar fallar por seus Ministros.

Tornou n'aquella tarde o Concelho d'Estado com as mesmas impossibilidades do dia antecedente; e n'esta suspensão, disse Sua Magestade ao Conde de Odemira, e ao Secretario Pedro Vieira, que fossem a Lisboa tentar alguns mercadores, e que da sua parte fallassem a Duarte da Silva e ao sobredito fulano Rodrigues Marques, os quaes responderão, o que não esperavão os dous Ministros, e ás carreiras vierão trazer a nova a Sua Magestade, dizendo todo o Concelho d'Estado, que erão dignos de que Sua Magestade lhes mandasse muito agradecer um tão singular serviço.

Recolheo-se El Rei com a Raíña, que se achou no concelho, e me fez depois mercê de contar lhe disséra: « Elles querem que « agradeça eu o negocio ao Conde, e a Pedro « Vieira, e Antonio Vieira é que o fez. » Agora estimára ouvir a Vossa Excellencia quem teve o juízo igual a este negocio? Se quem previo o perigo, e apontou e executou o remedio, ou os primeiros que o não quizerão reconhecer, ou os ultimos que o não soubérão remediar? Mas isto succede muitas vezes, quando uns são os que aconselhão os negocios, e outros os que os executão, e por isso este se não desvanesceo.

Na vespera de S. João, estando El Rei em Alcantara, disse eu a Sua Magestade, que lhe havia de inculcar uma festa, com que magnificamente celebrasse a noite do seu Santo, e perguntando-me qual? respondi, que com trinta e nove fogueiras, que tantas são as Caravellas que tinha contado, embarcando-me no caes da Pedra até Alcantara. As Caravellas, Senhor, são escholas de fugir, e de fazer cobardes homens do mar, e de entregar aos inimigos, do primeiro tiro, a substancia do Brazil. Prohiba Vossa Magestade as Caravellas, e que em seu lugar naveguem os Portuguezes em naus grandes, e bem artilhadas, as quaes pelo contrario serão as escholas em que as armas de Vossa Magestade terão tão valentes soldados no mar, como na terra.

Este foi o conselho, ou negocio, o qual se se desvanecio, ou não, se está bem vendo hoje n'este porto da Bahia, onde o Comboi consta d'uma só fragata pequena, e as naus mercantes, quasi todas maiores que ella, são trinta, as que dêrão escolta á mesma fragata, e ás duas naus da India.

Muitos outros exemplos podéra junctar aqui de propostas minhas não desvanecidas, mas porque não basta serem muitas para provar a coartada da proposição universal de

Vossa Excellencia é obrigado Vossa Excellencia a me dizer algum negocio meu, ou aconselhado por mim, que se desvanecesse, etc.

Tambem quero dar a Vossa Excellencia uma noticia que ninguem tem, nem teve, e é que os negocios, a que El Rei muitas vezes me mandava, são muito differentes do que se podia cuidar, ainda entre os Ministros meus interiores, correndo a communicação dos ditos negocios por cifra particular, de que só era sabedor o Secretario Pedro Fernandes Monteiro, e por isso ficavam sujeitas minhas jornadas a juízos e conjecturas muito erradas, as quaes não são materia de Historia, antes tem ella obrigação de as emendar com a verdade, se a sabe, e não com dizer que não tiverão fundamento. Seja exemplo quando parti para o Maranhão. Sendo o meu intento, querer antes arriscar a vida pelo Rei do céu, que pelo da terra, cuidarão muitos que aquella resolução não era minha, senão d'El Rei, a muito differente fim. Dizião: *Este Maranhão é maranha*; e declarando-se commigo o Conde da Torre o Velho, o seu pensamento era, etc., Quiz Deos que esta noticia não chegasse a Vossa Excellencia para que o Potosí não fosse uma riquissima prova dos meus negocios desvanecidos.

Mas deixando de acudir por mim, quero acudir pelo jūizo dos Principes e Ministros, que Vossa Excellencia affirma não percebião as subtilezas dos meus negocios. Se El Rei D. João, que era principe, as não percebia, como me encarregava os seus na fôrma que acabo de referir? E se elle, e seus Ministros me não percebião em Portuguez, como me mandavão Patente para todos os dos Hollandezes, e a Munster para os de todas as Nações?

De Roma veio aviso a Manoel Alvarès Carrilho, Inviado de Napoles, depois de o restaurarem os Castelhanos; que aquelle Reino se quèria entregar a El Rei de Portugal. Se a mim me não entendião, como me mandou El Rei a Roma, com podêres de examinar este negocio, e o resolver pormim só, e se despendarem por ordem minha 600,000 cruzados que lá tinha Sua Magestade?

Para França nomeou Sua Magestade por Embaixador a Sebastião Cesar com negocios, para que tinha determinado mandar o Duque de Aveiro. Se El Rei me não entendia, porque então se me entregárão as instrucções do dito Sebastião Cesar, e a elle as minhas, para que de Paris a Roma nos dessemos as mãos em todos os negocios? Antes d'estes;

nô mesmo Pariz, porque ordenou Sua Magestade que o Marquez de Niza a nenhuma audiencia da Raïnhã Regente, e do Cardeal Mazarino fosse, sem eu assistir juntamente com elle a tudo que se tractava, se eu não havia de ser entendido da Raïnhã, nem do Cardeal seu primeiro Ministro?

E quando o mesmo Marquez tractou com o Cardeal o negocio da Liga com entrega de Praças, e outras condições não só approvadas por outros Embaixadores, mas tambem pelo Senhor Infante D. Duarte, sendo eu de contrario parecer em carta que de Hollanda escrevi ao mesmo Marquez, e mandei a copia a Sua Magestade; se Sua Magestade me não entendia, porque lhe mandou que se conformasse em tudo com o que eu lhe tinha escripto em carta de tantos de tal mez?

Se Vossa Excellencia tem os seus livros e copiadores, lá o achará Vossa Excellencia assim em uma carta descontente de duas regras e meia.

Falta o restante em todas as copias que se virão; que forão muiitas.

CARTA XXX.AO PRINCEPE D. THEODOSIO ¹.

Senhor,

Esta escrevo a Vossa Alteza no Cabo-Verde, a onde arribámos depois de trinta dias de viagem, obrigados de tempestades, cossarios, e outros trabalhos e infortunios, que n'ella se padecêrão. Eu, Senhor, não sei se as padeci, porque desd'a hora em que o navio desamarrou d'esse rio, não estive mais em mim, nem o estou ainda, attonito do caso e da fatalidade da minha partida, e de não saber como Sua Magestade e Vossa Alteza a receberião, pois não é possivel serem-lhe presentes todas as circumstancias d'ella, que não fui eu o que me embarquei, senão ellas que me levárão.

Vossa Alteza vio muito bem a promptidão e vontade com que me rendi á de Sua Magestade o dia que, em presença de Vossa

¹É a VII do tomo I.

Alteza, me fez mercê significar queria que agora ficasse; mas como então se assentou que procedesse eu em supposição de que havia de vir, em quanto Sua Magestade de publico me não mandava revogar a licença para satisfação dos Padres, fil-o eu assim, procedendo em tudo, como quem se embarcava. Na vespera da partida fui avisar a Sua Magestade e a Vossa Alteza da brevidade com que se apressava, e que n'aquelle dia descia a Caravella para Belém, e Sua Magestade, e Vossa Alteza me fizêrão mercê dizer que logo da tribuna se mandaria recado ao P. Vieira, e na mesma tribuna o tornei a lembrar a Sua Magestade; esperei todo aquelle dia, em casa, por Pedro Vieira, ou escripto seu, e não veio, mas á noite recado que nos fossemos embarcar em amanhecendo. Não tive outro remedio mais que fazer o aviso que fiz a Vossa Alteza, o qual enviei, pelo primeiro portador que pude haver, ao Bispo do Japão, assim por não ser hora de outra pessoa fallar com Vossa Alteza, como porque todo o outro recado, que fosse direito ao Paço, seria muito suspeito n'aquella occasião, em que todos os incredulos andavão espreitando minhas acções, e esperando o successo.

Sai em fim indo-me detendo quanto pude,

como avisei a Vossa Alteza, mas na praia soube, que o Procurador do Brazil tinha recebido um escripto de Salvador Correa, no qual lhe dizia, que elle fallára com Sua Magestade, que eu não ia para o Maranhão; e que o Sindicante tinha ordem de m'o notificar assim, quando eu fosse embarcar-me. Entendi então que Sua Magestade tinha mudado de traça, e com esta noticia e supposição me fui mais desassustado para a Caravela, onde achei o sindicante, mas elle não me disse cousa alguma. As vélas se largarão, e eu fiquei d'entro n'ella, e fóra de mim, como ainda agora estou, e estarei até saber que Sua Magestade e Vossa Alteza tem conhecido a verdade e sinceridade do meu animo, e que em toda a fatalidade d'este successo não houve da minha parte acção, nem ainda pensamento, ou desejo contrario ao que Sua Magestade ultimamente me tinha ordenado, e eu promettido.

Não sei, Senhor, que diga n'este caso, senão ou que Deos não quiz que eu tivesse merecimento n'esta Missão, ou que se conheça que toda ella é obra sua; porque a primeira vez vinha eu contra vontade de Sua Magestade, mas vinha por minha vontade, e agora parti contra a de Sua Magestade, e

contra a minha ; por mero caso , ou violencia : e se n'ella houve alguma vontade , foi só a de Deos , a qual verdadeiramente tenho conhecido em muitas occasiões , com tanta evidencia , como se o mesmo Senhor m'a revelára. Só resta agora que eu não falte a tão clara vocação do céo , como espero não faltar com a divina graça segundo as medidas das forças com que Deos for servido alentar minha fraqueza.

Em fim, Senhor, venceo Deos. Para o Maranhão vou voluntario quanto á minha primeira intenção , e violento quanto á segunda ; mas mui resignado , e mui conforme , e com grandes esperanças , de que este caso não foi acaso , senão disposição altissima da Divina Providencia , como já n'este Cabo-Verde tenho experimentado , em tão manifesto fructo das almas , que quando não chegue a conseguir outro , só por este posso dar por bem empregada a Missão e a vida. O muito que n'esta terra e nas vizinhanças se póde fazer em bem das almas , e a extrema necessidade em que estão , aviso em carta particular ao Bispo do Japão , para que o communique a Vossa Alteza , e o modo com que facil e promptamente se lhe póde acudir. Não encareço este negocio , que é o uni-

co que hoje temos no mundo, e o unico que o mundo devia ter, porque conheço a piedade e zelo de Vossa Alteza, a que Nosso Senhor ha de fazer por este serviço, não só o maior Monarcha da terra, mas um dos maiores do céo. Eu não me esquecerei nunca de o rogar assim a Deos em meus sacrificios, offerecendo-os continuamente, como hoje fiz os três, um por El Rei, que Deos guarde, outro pela Rainha, Nossa Senhora, e outro por Vossa Alteza; e o mesmo se fará na nossa Missão tanto que chegarmos a ella, e em tudo que n'ella se obrar e merecer terão Sua Magestade e Vossa Alteza sempre a primeira parte.

Principe e Senhor da minha alma, a graça Divina more sempre na alma de Vossa Alteza, e o guarde com a vida, saúde e felicidade que a Igreja e os Vassallos de Vossa Alteza havemos mistér.

Cabo Verde, 25 de Dezembro de 1652.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXXI.

AO SEU GERAL JOÃO PAULO OLIVA, EM ROMA ¹.

Reverendissimo Padre Nosso Geral :

A carta de Vossa Paternidade Reverendissima, escripta em o 1.^o de Dezembro, recebi aos 25 de Janeiro, não sem mui^{ta} admiração, pelo elevado da materia, que contém; e por isso parecendo-me cousa quasi incrível, que fosse para mim, examinei uma e outra vez o sobrescripto; até que pelo nome, e outras circumstancias acabei de persuadir-me que commigo fallava o conteúdo n'ella.

O intento da Serenissima Rainha a maior retiro e perfeição é dignissimo da alteza incomparavel do juízo, e espirito de Sua Magestade, e sem duvida inspirado de Deos, que outra vez quererá ser glorificado, e glorificar sua Igreja com um tal exemplo, e co-roar com este segundo prodigio a heroica generosidade do primeiro. Mas por esta

¹ É a LIV do, tomo III.

mesma razão não posso acabar de entender, que possa servir para um tão alto ministerio um sujeito tão indigno, como eu sou, cuja inhabilidade para tudo póde ter bem conhecido Vossa Paternidade Reverendissima. Não obstante que a singular honra, que Sua Magestade se digna fazer á Companhia, não permite que o conhecimento de minha indignidade possa parecer ingratição, não me render logo ás insinuações de Sua Real memoria e vontade.

Depois de haver encommendado a Deos uma materia tão grave, e quasi infinitamente superior á minha capacidade (insistindo no dictame, que sempre desejei practicar em todas minhas acções) me deixo inteiramente nas mãos, e disposição de Vossa Paternidade Reverendissima, como que é o unico e verdadeiro interprete da vontade Divina. E para que Vossa Paternidade Reverendissima tenha individual noticia, não só do meu espirito, que por minha grande negligencia cada dia é mais imperfeito, senão da minha saúde, e forças corporaes, lhe digo, que estas ao presente se achão em mui peor estado do que estavam, quando Vossa Paternidade Reverendissima, por falta d'ellas, se servio escusar-me do governo da Casa Professa. A mi-

nha idade passa de setenta annos ; a vista totalmente perdida em um dos olhos , e no outro mui debilitada ; e em uma palavra os demais sentidos e potencias , principalmente a memoria , estão mui débeis e defeituosos ; e de dous mezés a esta parte tão mal tractado d'uma perna , que hoje mesmo , dando-me licença o Padre Provincial para ir a cavallo a uma consulta , em que havia d'assistir , não me foi possível montar na mula , e sustentar-me n'ella. Em consideração de todas estas enfermidades , originadas do frio e humidade d'este clima (ainda que mais benigno n'esta parte que o de Roma), havia chegado a persuadir-me que não podia viver em Portugal outro inverno ; e assim esta vez por propria conveniencia tinha ajustado minha viagem para o fim do verão para a minha Provincia do Brazil ; duvidando sómente se devo ir ao Maranhão , a proseguir as antigas Missões , ou á Bahia , aonde com mais commodidades poderei continuar no trabalho de pôr em limpo os meus sermões ; esperando sómente que a ordem de Vossa Paternidade Reverendissima me tiraria d'esta dúvida , determinando-me o lugar para onde devo partir.

Está é , Reverendissimo Padre , a ingenua

informação do estado, em que actualmente me acho, em quanto á saúde do corpo, e mais em quanto á do espirito, indifferente e sempre prompto para tudo aquillo, que Vossa Paternidade Reverendissima julgar ser vontade, e de maior gloria de Deos. A experiencia me representa muito maiores trabalhos na viagem de Roma, que na do Brazil; porém não é isto o que me faz temor, senão o conhecer evidentemente, que a Magestade da Rainha não poderá ser servida com aquella satisfação, que Vossa Paternidade Reverendissima deseja; e assim peço a Vossa Paternidade Reverendissima que, se for possível, represente a Sua Magestade, tenha a bem fazer outra vez reflexão sobre uma verdade tão manifesta, como é da minha ineptidão para tão alto emprego, e que com mais credito da Companhia, e maior consolação espiritual de Sua Magestade poderá eleger entre os Jesuítas d'essa Santa Cidade sujeito mais digno, e do espirito e prudencia que se requer para este ministerio; quando eu de mim não posso offerecer outra cousa mais, que o sacrificio da obediencia, com a qual estou esperando a resolução de Sua Magestade, e a decisiva de Vossa Paternidade Reverendissima; pois para morrer não ha lugar mais

oportuno, que o que me signalar Deos por meio de Vossa Paternidade Reverendissima, supposto que, segundo os meus annos e achaques, posso dizer : *Solum mihi superest sepulchrum*. Deos, Nosso Senhor, guarde a Vossa Paternidade Reverendissima muitos annos, com a saúde, que o bem da universal Companhia ha de mistér.

Lisboa, 30 de Janeiro de 1679.

de Vossa Paternidade Reverendissima.
Humilissimo, devotissimo, e obrigadissimo servo,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXXII.

AO MARQUEZ DE GOUVEA.

Excellentissimo Senhor,

Carlos Bonacosi, Gentil-homem Florentino, que esta ha de dar a Vossa Excellencia,

É a LXV do tomo II.

parte a essa Corte a negocios d'importancia , é muito da obrigação d'um Religioso da Companhia , por sua qualidade e póstos uma das maiores pessoas que ella tem em toda a Italia, a quem eu devo particular affecto, e obrigações ; e me pedio esta carta de recommendação para Vossa Excellencia, por ser tanta a mercê que Vossa Excellencia me faz , que a toda a parte onde chego , se não póde esconder. Se houver occasião em que o dito Carlos Bonacosi se valha do patrocínio de Vossa Excellencia em todo o favor que Vossa Excellencia for servido fazer-lhe , receberei particular mercê ; e conhecerá o mundo , que não sou tão pouco , como meus desterros publicação , pois Vossa Excellencia me conserva no numero de seus criados. Deos guarde a pessoa de Vossa Excellencia.

Roma, 21 de Fevereiro de 1670.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXXIII.

AO MARQUEZ MORDOMO MOR ¹.

Excellentissimo Senhor,

Manoel de Barros da Franca , um dos principaes Fidalgos d'esta Cidade , e Vereador d'ella , preso , degradado , e inhabilitado pelo Governador , se vai queixar em nome da mesma Cidade , e buscar o remedio d'estas e outras violencias. Tambem vai com elle Gonçalo Ravasco d'Albuquerque , filho do Secretario d'Estado , o qual deixa seu pai Bernardo Vieira na enxovia , e ao Padre Antonio Vieira , seu tio , criminado de mandar matar um homem ; que a tanto chega o odio e paixão do dito Governador. E posto que as cousas que os levão aos pés de Sua Alteza são tão justificadas , que lhes não póde faltar o patrocínio e amparo de Vossa Excellencia ; o que eu com todo o encarecimento peço a Vossa Excellencia é que , na attenção e agra-

¹ É a XXXVIII do tomo II.

do com que Vossa Excellencia me fará mercê de os ouvir, vejão elles que não está esquecido na memoria de Vossa Excellencia o antigo e particular favor, com que Vossa Excellencia, por sua benignidade e grandeza, me honrou sempre. Deos guarde a Vossa Excellencia mñitos annos, como desejo, e os criados de Vossa Excellencia havemos mistér.

Bahia, 4 de Junho de 1683.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXXIV.

A DIOGO MARCHÃO THEMUDO.

Meu Senhor,

Parte a essa Corte Antonio d'Abreo de Lima, morador no Rio de Janeiro, e da qualidade que a Vossa Mercê constará, não sei se a livrar-se da culpa que lhe imputarão, se a queixar-se dos damnos que padeceo em

É a CXXXIII do tomo II.

sua Casa e pessoa. Entendo que estes dous são os fins da sua viagem, como tambem tenho eu ouvido a pessoas religiosas e desinteressadas d'aquella terra, que não se occultando os auctores do delicto, que tanta perturbação tem causado n'ella, os que padecem e forão accusados estão totalmente innocentes. Tudo isto acontece muiltas vezes n'estes lugares, que estão tão longe das fontes da justiça. E porque eu além das razões geraes da caridade, tenho muiltas particulares para me compadecer dos trabalhos do dito Antonio d'Abreo, em todo o favor com que Vossa Mercê o amparar em seus requerimentos, o receberei ~~em~~ muiltos particular; e estimarei que experimente elle os effeitos d'esta minha recommendação, a qual não encareço mais, porque fallo com o Senhor Diogo Marchão Themudo. Deos guarde a Vossa Mercê muiltos annos como desejo.

Bahia, 15 de Julho de 1691.

Maior e mais obrigado servo de Vossa
Mercê,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXXV.

AO CONFESSOR DE SUA ALTEZA ¹.

Pax Christi. Padre, e Senhor meu,

Excepta a Carta de Sua Alteza, esta é a unica, que escrevo a Portugal, e é razão eu o faça assim; porque a singularidade d'esta lembrança mostre, que não desdiz do affecto, que sempre conheci dever a Vossa Reverencia, e eu me não descuidarei de lh'o rogar assim, pedindo a Vossa Reverencia me não falte com a mesma lembrança em suas orações e sacrificios, de que agora tenho mais necessidade.

Faço esta em Cabo-Verde, aonde chegámos com trinta dias de viagem, obrigados dos ventos contrarios, e de todos os outros trabalhos de tempestades, calmarias, e corsarios, que em mais compridas navegações se costumão padecer. Bemdito seja Deos, que assim quer exercitar a minha pouca confor-

¹ É a I do tomo III.

midade, e premiar a de todos os companheiros.

Muito contra nossa vontade tomámos este porto, assim pelo mal acreditado que está de doentio, como pela dilação forçosa, que aqui se havia de fazer, tão contraria a nossos intentos, e aos desejos com que iamos de chegar ao nosso desejado Maranhão; mas depois que pozemos os pés em terra, e vimos por experiencia o que isto é, nos resolvemos, que foi providencia mui particular do céo o trazer-nos aqui, não só pelo fructo que se tem feito em muitas almas, que é grandissimo, mas para que conhecendo eu os muitos thesouros espirituaes, que aqui estão escondidos e desprezados, podesse dar a Vossa Reverencia este alvitre, e rogar-lhe que de lá queira ser Apostolo d'esta antiga e nova Conquista, e aggregál-a á nossa Provincia do Alemtejo, para que n'este dilatissimo Oceano d'almas se venhão desafogar os fervorosos espiritos dos que, só para maior honra e gloria de Deos, augmento de sua Fé e da Companhia, desejão esta divisão, ou multiplicação das Provincias, e padecem por ellas.

E' o caso, que n'esta ilha de Santiago, cabeça de Cabo-Verde, ha mais de sessenta

mil almas; e nas outras ilhas, que são oito, ou déz, outras tantas, e todas ellas estão em extrema necessidade espiritual; porque não ha Religiosos de nenhuma Religião, que as cultivem, e os Parochos são mui poucos, e mui pouco zelozos, sendo o natural da gente o mais disposto, que ha entre todas as Nações das novas Conquistas, para se imprimir n'elles tudo, o que lhes ensinarem. São todos pretos, mas sómente n'este accidente se distinguem dos Europêos. Tem grande juízo e habilidade, e toda a politica, que cabe em gente sem Fé, e sem muitas riquezas, que vem a ser o que ensina a natureza.

Ha aqui Clérigos, e Conegos tão negros como azeviche; mas tão compostos, tão auctorizados, tão doutos, tão grandes Musicos, tão discretos, e bem morigerados, que podem fazer invejas aos que lá vemos nas nossas Cathedraes. Em fim a disposição da gente é qual se póde desejar, e o numero infinito; porque além das cento e vinte mil almas, que ha n'estas ilhas, a Costa, que lhe corresponde em Guiné, e pertence a este mesmo Bispado, e só dista d'aqui jornada de quatro ou cinco dias, é de mais de quatrocentas leguas de comprido, nas quaes se conta a gen-

te, não por milhares, senão por milhões de Gentios : os que ali vivem ainda ficão áquém da verdade, por mais que pareça encarecimento ; porque a gente é sem numero, toda da mesma indole, e disposição dos das ilhas ; porque vivem todos os que as habitão, sem idolatria, nem ritos gentilicos, que fação difficullosa a conversão, antes com grande desejo em todos, os que têm mais commercio com os Portuguezes, de receberem nossa santa Fé, e se baptizarem ; como com effeito têm feito muitos ; mas por falta de quem os catequize e ensine, não se vêem entre elles mais rastos de Christandade, que algumas Cruzes nas suas povoações, e os nomes dos Santos, e os sobrenomes da Barreira, o qual se conserva por grande honra entre as principaes d'ellas, por reverencia, e memoria do Padre Balthazar Barreira, que foi aquelle grande Missionario da Serra Leôa, que sendo tanto para imitar, não teve nenhum que o seguisse, nem levasse adiante o que elle começou ; e assim estão indo ao Inferno todas as horas infinidade d'almas d'adultos, e deixando de ir ao Céu infinitas d'innocentes, todas por falta de doutrina e baptismo, sendo obrigados a prover de Ministros Evangelicos todas estas Costas e Conquistas os Principes

d'um Reino , em que tanta parte de vassallos são Ecclesiasticos , e se occupão nos bandos e ambições , que tão esquecidos os traz de suas almas , e das alheias : mas tudo nasce dos mesmos principios.

Padre da minha alma , este é o estado d'esta gentilidade , e d'esta Christandade ; porque os das ilhas , ainda que todos baptizados , por falta de cultura , vivem quasi como os da terra firme. Affirmo a Vossa Reverencia que chegando aqui , e vendo , e informando-me d'este desamparo , e experimentando nas confissões d'estes dias o grande que ha nas almas dos Portuguezes , que por estas partes vivem , assim a mim , como aos companheiros , nos vierão grandes impulsos de não passarmos mais adiante , e applicarmos as nossas fouces a esta tão vasta , e tão disposta messe ; e sem dúvida o fizemos , se ametade da Missão não tivéra ido no outro navio , e sem pessoa que a levasse a cargo ; e com eu ser tão apaixonado pelo Maranhão , confesso a Vossa Reverencia que não posso deixar de conhecer quantas vantagens esta Missão faz áquella ; porque está muito mais perto de Portugal , muito mais junta , muito mais disposta , e de gente , sem nenhuma comparação , muito mais capaz , e ainda muito

mais numerosa, em que n'estas ilhas não tem necessidade de se lhe aprender a lingua; porque todos a seu modo fallão a Portugueza, e apenas se póde em nenhuma Nação considerar necessidade mais extrema.

Eu me arranco d'aqui com grande inveja e dor, e parece que se me está dizendo n'esta parte d'Africa, o que na opposta se disse : *Facta fugis, facienda petis*. Mas como os fados me levão ao Maranhão, já que eu não posso lograr este bem, contento-me com testar d'elle, e o inculcar, e deixar a quem mais amo, que são os meus Padres do Alentejo, de cujo espirito, que eu conheço melhor que outros, espero que hão de abraçar esta empreza com tanto affecto e resolução, e que as difficuldades, que n'ella se representam, sejam os principaes motivos de a quererem por sua. Deos e o mundo verá (porque é bem que tambem o Mundo veja) se é maior e melhor espirito o dos que deixarão esta Conquista, ou o dos que agora a tomão. Mas não é isto o porque eu o peço a Sua Alteza, e a Vossa Reverencia, senão porque tenho visto com os olhos o mūito serviço de Deos, que n'esta Missão se póde fazer, e quanta gloria lhe podem dar os que aqui vierem empregar os talentos, que d'elle re-

cebêrão, e sacrificar-lhe as vidas, que por tantos titulos lhe devemos. Em fim já não ha papel, nem tempo; venhão os Padres, e venhão logo, e não haja falta em virem, que se estão indo ao Inferno infinitas almas, das quaes Deos ha de pedir conta de hoje por diante a Vossa Reverencia e a Sua Alteza, e eu por lh'a não dar faço esta instancia. Deos guarde a Vossa Reverencia como desejo, para nosso amparo e desempenho.

Cabo-Verde, 25 de Dezembro de 1652.

Humilde servo, e que muito ama a
Vossa Reverencia.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXXVI.

A DIOGO MARCHÃO THEMUDO *.

Meu Senhor,

Visitando um dia d'estes a meu irmão no Convento, aonde ja podéra ter professado

* É a C do tomo II.

duas vezes, me leo uma carta que escreve a Vossa Mercê em que diz tudo a que se póde fiar d'um papel. E porque o Capitão José Sanches, com quem contrahimos nova affinidade, é carta viva e experimentada, que largamente póde referir o demais, que me fica a mim que podêr dizer a Vossa Mercê? Pedir a Vossa Mercê justiça, é aggravar a intei-reza com que Vossa Mercê a faz, e fez sempre a todos. Pedir favor, ainda seria maior ingratidão e desconhecimento dos que meu sobrinho, meu irmão, e eu experimentâmos tão continuados e excessivos. Pedir finalmente piedade e compaixão; a causa é tão digna de enternecer e magoar até as pedras, que sem encarecimento posso affirmar a Vossa Mercê fica em muito maior miseria a Bahia, depois das devassas do Sindicante, que quando a governava N. N.

Em conclusão, senhor, que não tenho que pedir a Vossa Mercê nem a minha dor, nem o meu desejo, nem o de todos os que tanto padecem, e no voto e efficaz amparo de Vossa Mercê têm posto em grande parte a sua confiança. Só me resta pedir a Deos, como faço em todos meus sacrificios, nos guarde e conserve um tão singular protector com os

annos de vida e felicidades, que todos a Vossa Mercê devemos desejar.

Bahia, 4 de Julho 1685.

O mais amante e fiel criado de Vossa Mercê.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXXVII.

AO PADRE SEBASTIÃO DE MATOS E SOUZA ¹.

Meu Senhor,

Já Vossa Mercê se não queixará de eu lhe não dar occasiões de me fazer as mercês, que Vossa Mercê deseja. Faltei este anno, e o passado, com o que Vossa Mercê chama costumado tributo; e este tributo era o que me sustentava a mim, e a meu Companheiro, com que me vejo muito empenhado n'esse Reino, d'onde me vêm os principaes soccorros.

Meu sobrinho Gonçalo Ravasco me quer

¹ E a LXXII do tomo III.

acudii com a sua tença, que tem na Alfandega de Porto, que ha quatro annos se lhe não paga, como informará a Vossa Mercê o Padre Balthazar Duarte, Procurador Geral d'esta Provincia. Parece-me, que bastará uma Carta, que Vossa Mercê se sirva escrever a quem tem esta superintendencia; e quando seja necessaria a firma do Duque meu Senhor, tambem creio, que entre as muiltas obras de misericordia, com que Sua Excellencia sustenta tantos necessitados, me sirva ella de despacho, para que esta, que tem nome de mercê dos Reis, seja esmola de Sua Excellencia, em que Vossa Mercê terá tanta parte. Não péço isto com maior encarecimento, por não offender a fé, que devo, ao que em todas as cartas de Vossa Mercê leio, e venero. Deos guarde a Vossa Mercê muiltos annos, como desejo, e hei mistér.

Bahia, 17 de Julho de 1690.

De Vossa Mercê muiltito obrigado criado.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXXVIII.

MEU PADRE FRANCISCO LOPEZ¹.

Um milagre dos Sermões, nunca eu hei podido duvidar, o havia de fazer o Prégador dos prodigios, buscando para seu elogio o Apostolo da India, a melhor India de Castella; um Xavier a um Lopes, e um Francisco a outro Francisco.

Ainda que prégoouo Santo Apostolo a barbaras nações, que jamais tinham ouvido a palavra da verdade, e ainda que Vossa Reverencia o não ha seguido n'estes passos, como eu fiz indignamente, com tudo tem prégado em auditorios tão palacianos, tão honorificos, e tão discretos, que não fará menos serviço a Deos, se converter uma d'essas personagens, do que se se empregasse em muitas missões; porque os Gentios, tanto que conhecem a verdade, baptizão-se, e um d'estes muitas vezes se desbaptiza por negar a verdade, e vivendo no gremio d'ella,

¹ É a LIII do tomo III.

obra peor do que se vivêra entre a Gentilidade.

Se eu houvesse de formar a Vossa Reverencia o auditorio, nunca o comporia de todos os Prégadores do mundo; porque largas experiencias me têm mostrado, principalmente n'este Reino, que elles fazem verdadeiro o proverbio, que nós cá dizemos : *Official do teu officio, teu inimigo* : e em Vossa Reverencia ainda tinha maior força esta inimizade, porque de tanta doutrina, verdade, e subtileza tirarião elles maiores odios, calumnias, e invejas em um tempo em que só reina a ignorancia, a mentira, e a lisonja.

Não deito esta fóra, para dizer a Vossa Reverencia o que lhe tenho dito, e o mais que lhe direi; porque é ella uma culpa de que me não tenho confessado, se bem me lembro; mas só com o estilo da verdade, e com a lizura do coração digo a Vossa Reverencia que as profundidades, as clarezas, as subtilezas, as doutrinas, as elegancias e as bizarrias, que Vossa Reverencia nota, e me faz notaveis, não podem conter senão verdade politica; porém no caso que a tiverão rigorosa, erão depois de largos annos d'estudo da Escriptura e Santos Padres, em que

a minha rudeza, se não fôra tamanha, não era muito que descobrisse algum ouro, tendo cavado tanta mina.

Agora o que me admira e assombra, e o de que dou infinitas graças á Omnipotencia Divina, é de ver a Vossa Reverencia nos preludios de seus annos, e nos primeiros raios de seus estudos, brilhar com tão scientificos resplandores, que parece que em Vossa Reverencia se vê o sol nas mantilhas do Oriente com as luzes do Zenith.

A Vossa Reverencia cãem-lhe os assumptos, antes que os levante, vêm-lhe as provas, antes que as traga, e quando propõe os Evangelhos, ja os deixa declarados; e estas vantagens são tão merecedoras do pasmo dos outros, como do applauso dos intendidos.

Eu não pretendo entrar no numero d'estes, porque ainda que seja grandemente affeçoado a tão elegantes orações, quando lhe confesso o suave, não lhe poço encarecer o sublime; e d'aqui verá Vossa Reverencia que esta Aguia, ou sempre foi bastarda, ou está já tão velha, que se não atreve a examinar o sol.

Muito mais dissera para expressar o meu sentimento, a não ser tambem meu principal

desejo o fazer patente a Vossa Reverencia, pela pureza e candidez de minhas palavras, o affecto do meu coração, para que Vossa Reverencia veja n'elle um de seus maiores afeiçoados; porèm como Vossa Reverencia na offerta de tão grande Sermão me paga esta sinceridade com dadiva por tantos titulos generosa, fico sentindo, que os primores d'ella me convertão a fineza em divida, e o affecto em obrigação.

Confesso, que são mûitas as que recebo, e sempre tenho recebido de toda a nação Hespanhola, em quem anda sempre a agudeza junta com a politica; mas esta, em que Vossa Reverencia agora me põe, sem offensa de nenhuma, é maior que todas, porque, no mesmo tempo que me dá credito, traz-me ensino.

D'esta mesma confissão voluntaria verá Vossa Reverencia a desobrigação, que eu tenho de dar direcções de doutrina, a quem me manda Sermão de milagres; e ultimamente a obrigação, em que fico de dizer em abono de Vossa Reverencia em minhas cartas aquillo, que sem rubor de Vossa Reverencia, e com grande credito da nossa Companhia, se póde saber em toda a Castella. Deos guarde a Vossa Reverencia por mûitos annos, para

honra d'uma e outra, e grande consolação minha.

Lisboa, 3 de Abril de 1677.

Humilde servo, e afeiçoado de Vossa
Reverencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXXIX.

A' RAÏNHA DA GRÃO-BRETANHA ¹.

Senhora,

Tem Vossa Magestade a seus Reaes pés a Antonio Vieira n'este papel, porque é tal a sua fortuna que o não pôde fazer em pessoa, por mais que o desejou, e procurou. A quem me queixarei do Principe D. Pedro meu Senhor, senão a Vossa Magestade? Por sua causa, depois do primeiro desterro, padeci as indignidades que me não atrevo a referir; e quando para o reparo d'ellas esperava o

¹ É a LXII do tomo II.

escudo de sua Real protecção, nem uma folha de papel para o seu Embaixador pude conseguir, em que lhe encommendasse me assistisse n'esta Curia.

A Companhia do Commercio do Brazil, que restaurou Pernambuco e Angola, e deo cabedal ao Reino, para se defender, por ser invento e arbitrio meu, me tem trazido á presente fortuna, quando se pudéra prometter uma muito avantajada e honrada a quem tivesse feito ao seu Rei, e á sua Patria um tal serviço sobre tantos outros, em que tantas vezes, e com tão uteis effeitos arrisquei sem nenhum interesse a vida. Mas permite Deos que nos Principes da terra se experimentem semelhantes galardões, para que só de sua grandeza e verdade se esperem os que não hão de ter fim.

Quiz fazer a minha viagem a Roma por Inglaterra, para antes de morrer ter a consolação de ver a Raíinha da Grão-Bretanha minha Senhora (como ainda espéro), e communica a Vossa Magestade de palavra muitos particulares, que se não podem fiar de papel; e só porque os N. N. N. não imaginassem que Sua Alteza por este rodeio consentia no fim da jornada, me não concedeo que passasse, uma vez por amor de

mim, aquelle mesmo Canal d'Inglaterra, em que sete vezes me vi perdido pela conservação da sua Corôa. Mágoa é maior que toda a paciencia a consideração de que experimente estes rigores em um filho d'El Rei D. João IV e da Rainha D. Luíza d'immortal memoria, um criado tão favorecido d'ambos, que um o nomeou por Mestre, e outro por Confessor do mesmo Senhor. Vossa Magestade por sua clemencia perdôe a indecencia d'estas queixas, que a dôr não tem juízo, e nenhuma é maior que a do amor offendido.

Rainha e Senhora minha, Deos guarde a Real pessoa de Vossa Magestade, como a Igreja Universal, e os vassallos e criados de Vossa Magestade havemos mistér.

Roma, 21 de Dezembro de 1669.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XL.

AO PRINCIPE D. THEODOSIO ¹.

Senhor,

Meu Principe e meu Senhor da minha alma. Pelos avisos que vão a Sua Magestade entenderá Vossa Alteza com que coração escrevo esta, e muito mais com que raiva, e com que impaciencia, vendo-me prêso, e atado para não poder em tal occasião ir-me deitar aos pés de Vossa Alteza, e achar-me a seu lado em todo o perigo. Mas eu rompereí as cadeias quanto mais de pressa me for possível, e partirei voando, se não a fazer companhia nos trabalhos do principio, ao menos a ter parte nas glórias do fim; que estes são os passos por onde se hão de encaminhar os successos, e felicidades d'este fatal anno, ou seja a guerra só em terra, ou só no mar, ou juntamente em ambas as partes: porque o meu roteiro não especifica o

¹ É a V do tomo I.

genero, nem as particularidades d'ella, empregado todo em referir, admirar, e celebrar as victorias.

Ah! Senhor! que falta póde ser que faça a Vossa Alteza n'esta occasião este fidelissimo criado, e quão poucos considéro a Vossa Alteza com a resolução, e valor, e experiencia que é necessaria para saberem aconselhar a Vossa Alteza o que mais lhe convém em tão apertados casos! Mas ja que na presença não posso, aconselhe a Vossa Alteza a minha alma que toda mando a Vossa Alteza n'este papel, e com toda ella lhe digo, que tanto que chegar esta nova, Vossa Alteza logo sem esperar outro preceito, se ponha de curto o mais bizarro que poder ser, e se saia a cavallo por Lisboa, sem mais apparato, nem companhia, que a que voluntariamente seguir a Vossa Alteza, mostrando-se no semblante muito alegre, e muito desassustado, e chegando a ver, e reconhecer com os olhos todas as partes em que se trabalhar, informando-se dos designios, e mandando, e ordenando o que melhor a Vossa Alteza parecer, que sempre será o mais acertado; mandando repartir algum dinheiro entre os soldados, e trabalhadores; e se Vossa Alteza por sua mão o fizesse, levando para isso

quantidade de dobrões, este seria o meu voto, e que Vossa Alteza se humane conhecendo os homens, e chamando-os por seu nome, e fallando não só aos grandes e medianos, senão ainda aos mais ordinarios; porque d'esta maneira se conquistão e se conformão os corações dos vassallos, os quaes se Vossa Alteza tiver da sua parte, nenhum poder de fóra será bastante a entrar em Portugal; sendo pelo contrario muito facil ainda qualquer outra maior empreza a quem tivesse o dominio dos Corações.

Sua Magestade tem n'esta parte uma vantagem muito conhecida, que é estar de posse, e podêr dar, quando Castella só póde prometter. Como ha poucos Antonios Vieiras, ha tambem poucos que amem só por amar, e Sua Magestade não deve esperar finezas, senão contentar-se muito de que se queirão vender aquelles, que lhe for necessario comprar. A pólvora, as bálas, e os canhões são comprados, e bem se vê o ímpeto com que servem, e o estrago que fazem nos inimigos; e mais natural é em muitos homens o interesse que n'estes instrumentos a mesma natureza. Os que menos satisfeitos estiverem de Sua Magestade, esses chegue Vossa Alteza mais a si, que importará pouco que no

affecto se dividão as vontades com tanto que no effeito Sua Magestade e Vossa Alteza as achem obedientes e unidas. Faça-se Vossa Alteza amar; e n'esta só palavra digo a Vossa Alteza mais do que podéra em largos discursos. Considére Vossa Alteza, Senhor, que esta é a primeira acção em que Vossa Alteza ha de adquirir nome, ou de mais, ou de menos grande Principe. A idade, o engenho, as obrigações, tudo está empenhando a Vossa Alteza a obrar conforme seu Real Sangue, e mostrar ao mundo que é Vossa Alteza herdeiro de seus famosissimos Primogenitores, não só no sceptro, mas muito mais no valor.

Toda a Europa, cujos ouvidos estão cheios de louvores de Vossa Alteza, está com os olhos n'esta occasião, que é a primeira em que Vossa Alteza sai a representar no theatro do mundo; e na qual o nome, que Vossa Alteza ganhar com as suas acções, será o por que será avaliado, e estimado para sempre. Não aconselho a Vossa Alteza temeridades, mas tenha Portugal e o mundo conceito de Vossa Alteza que antes despreza os perigos do que os reconhece. O que tocar á segurança da pessoa de Vossa Alteza deixe Vossa Alteza sempre ao amor e zelo dos seus vassallos, mas não acceitando n'esta conselho,

que de muito longe possa tocar ao decóro. A vida está só na mão de Deos, e esta é a occasião em que servem as philosophias que tantas vezes ouvi a Vossa Alteza do desprezo d'ella. Da mesma criação de Vossa Alteza saíó Achilles a ser terror de Troya, e fama de Grécia; e esta mesma desconfiança (a qual inculco a Vossa Alteza) o fez mais Achilles.

Eia, meu Principe, despída-se Vossa Alteza dos livros, que é chegado o tempo de ensinar aos Portuguezes, e ao mundo o que Vossa Alteza n'elles tem estudado. Armas, Guerra, Victorias, pôr bandeiras inimigas, e corôas aos pés, são de hoje por diante as obrigações de Vossa Alteza, e estas as minhas esperanças. Oh como as estou ja vendo não só desempenhadas, mas gloriosamente excedidas! A graça do Espirito Santo, que é Espirito de fortaleza, assista sempre no coração de Vossa Alteza, cuja muito alta, e muito poderosa pessoa guarde Deos, como a Igreja, e os vassallos de Vossa Alteza havemos mistér.

Faço meu substituto ao Padre Ignacio Marcarenhas, a quem peço ouça Vossa Alteza com grande confiança n'estas materias, porque fio muito do seu valor, resolução, e conselho, que tenho bem experimentado.

Perdõe Vossa Alteza ao meu amor este e os outros atrevimentos d'esta Carta.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XLI.

AO MARQUEZ DE GOUVEA. *

Excellentissimo Senhor,

Começarei esta por onde acabão todas, desejando a Vossa Excellencia os bons annos. Bem me lembro que esta usança se tinha ja exterminado da nossa Corte, e permittido só nos Janeiroiros; mas como o novo Senado de Lisboa se empréga todo em resuscitar antiguidades, em quanto me não consta do que ordena n'esta parte, permitta-me Vossa Excellencia que o affecto, com que desejo a Vossa Excellencia todas as felicidades, siga d'esta vez o ceremonial de Portugal o velho; e verdadeiramente, Senhor, que vão os annos tão estéreis de novidades, que se o co-

* É a CIII do tomo I.

meçarem uns e acabarem outros nos não der esta tão ordinaria materia, não haverá com que encher um quarto de papel, ainda que seja tão pequeno como este romano. Os Embaixadores de Hespanha se não mudarão ainda, nem o nosso Residente, que ja começa a andar por casa, teve a primeira audiencia do Papa. Deos guarde a Vossa Excellencia como os criados de Vossa Excellencia havemos mistér.

Roma, 5 de Janeiro de 1672.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XLII.

EM QUE DÁ OS BONS ANNOS A CERTO FIDALGO ¹.

Meu Senhor,

Os annos passam, e a eternidade se chega; e que bom fôra se os gastássemos todos em amor Divino, e logo teriamos a eternidade

¹ É a XXX do tomo III.

em sua gloria! Todos os desejo assim a Vossa Senhoria, para que em uma e outra parte dê Deos a Vossa Senhoria o prémio grande de suas gloriosas, e repetidas emprezas militares e politicas, em que Vossa Senhoria tem dado tantos credits ao Reino, como lições ao Mundo.

Em meus sacrificios péço sempre ao mesmo Senhor pela vida, e saúde de Vossa Senhoria como criado, por tantos titulos, da illustrissima Casa de Vossa Senhoria.

Coimbra, 2 de Janeiro de 1665.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XLIII.

AO DUQUE DO CADAVAL. *

Excellentissimo Senhor,

Conheço quanto devo á grandeza e piedade de Vossa Excellencia, e quanto ella poderia

* É a LI do tomo II.

valer, se os decretos da Providencia Divina se poderão impedir com diligencias humanas.

Os homens escrevêrão a sentença, o Céu a dictou, e eu a acceitei com a paciencia e conformidade que se deve ás suas ordens. Sobre tanto desengano do mundo estava e estou resolutto a o tractar como elle me tem tractado, e não apparecer mais onde me veja. Debaixo d'esta condição, que não póde deixar de parecer bem a Vossa Excellencia, irei para onde me mandarem, pois assim Vossa Excellencia o manda, cuja obediencia para mim foi sempre o mais seguro acerto, ainda antes de meus erros estarem tão conhecidos, e condemnados.

Eu, Senhor, fico sempre aos pés de Vossa Excellencia sem discurso, nem juízo, e hoje mais rendido que nunca, porque hoje mais obrigado. Deos guarde a Vossa Excellencia.

Coimbra, 3 de Janeiro de 1668.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XLIV.

AO SEU GERAL JOÃO PAULO OLIVA, EM ROMA ¹.

Reverendissimo Padre N. Geral,

Quando Vossa Paternidade Reverendissima se comprazeo de me significar a inestimavel honra, que Sua Magestade de Suecia se dignava fazer-me, em se querer servir de mim n'essa Curia, exhortando-me com tanto encarecimento, a que na primeira bôa occasião apprehendesse esta jornada; depois de representar a Vossa Paternidade Reverendissima a minha incapacidade para tão soberano ministerio, dei juntamente conta do estado, a que meus annos e enfermidades me tinham reduzido, sem esperanza de poder aturar os rigores do frio em qualquer clima da Europa, e que por essa causa de conselho dos Medicos, estava ja então deliberado a me passar aos ares da minha Provincia. Offerecendo-me porêm com toda a

¹ É a LV do tomo III.

resignação a ir morrer aos pés de Sua Magestade, e aos de Vossa Paternidade Reverendissima, sendo este o unico motivo por que dilatei a partida, não sem alguma confiança, que pelas forças naturaes do desejo, ou pelas superiores da obediencia, me fizesse Deos mercê de que as do corpo se restaurassem. Mas tem succedido tanto pelo contrario no presente inverno que, sem evidente perigo de vida, não poderei supportar o que résta d'elle, e muito menos aguardar o vindouro para a frota seguinte, que não parte para o Brazil senão d'anno em anno.

Sendo pois de parecer, que eu me embarcassem com os outros Missionarios, em companhia do Padre Antonio de Oliveira, assim o mesmo Padre, como o Padre Procurador Francisco de Matos, com beneplacito do Padre Provincial (pois não posso ter o expresso de Vossa Paternidade Reverendissima) e com o da consulta d'esta Provincia, havendo tambem alcançado o de Sua Alteza, pelo nome que ainda tenho de seu Prégador, pedindo humilissimamente a benção de Vossa Paternidade Reverendissima, me parto para a dita minha Provincia; n'ella espero em a Divina Bondade me succederá o mesmo, que a outros velhos, que pela mesma causa

se passarão áquelle clima : e de qualquer modo que Sua Providencia o disponha , sempre acabarei a vida com a consolação de ser mais religiosamente do que n'esta Provincia, na qual, por ser tractado como hóspede, me falta em grande parte o exercicio da obediencia, como tambem o da pobreza, por me sustentar a despezas proprias.

Igualmente é certo, que por esta via poderei muito melhor, e mais brevemente satisfazer á expedição dos meus escriptos, que Vossa Paternidade Reverendissima tanto me encarrega ; cessando os forçosos impedimentos e embaraços d'esta Corte, e accrescendo todo o tempo inutil, que pérco nos invernos, com que cada anno de vida (se Nosso Senhor for servido conceder-m'a) virá a ser, para este fim, dobradamente maior.

O que só resta é render a Vossa Paternidade Reverendissima infinitas graças, pelos excessivos favores, que da paternal benignidade de Vossa Paternidade Reverendissima, em presença, e na ausencia, tenho recebido, sendo esta uma particular obrigação de perpétua memoria d'elles, e de em todos meus sacrificios, e orações, rogar a Nosso Senhor nos conserve por muitos annos a vida de Vossa Paternidade Reverendissima, como

DO P.^o ANTONIO VIEIRA. 175

o bem da universal Companhia ha de mistér.

Lisboa, 21 de Janeiro de 1681.

De Vossa Paternidade Reverendissima,
Humilissimo, Devotissimo, e obrigadissimo,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XLV.

AO PADRE BALTHASAR DUARTE DA COMPANHIA
DE JESUS ¹.

Meu Padre Balthasar Duarte,

Ha pérto de quinze dias, como tenho escripto em outras, que estou sustentando á capa n'esta quinta a grande tempestade de catarrhos, que com pleurizes, e sem outra fébre mais que a sua natural, ouço que fazem grande destroço em todas as sortes de vidas, e idades. Em fim me resolvo a deixar este deserto, e ir para o Collegio, ou para

¹ É a XCVI do tomo III.

sasar como homem com os remedios da Medicina, ou para morrer como Religioso, entre as orações, e braços dos meus Padres, e irmãos. A deos Tanque, não vou buscar saúde, nem vida, senão um genero de morte mais socegado e quieto, que é o memorial mais frequente, que de mûitos annos a esta parte trago diante de Deos; não sei o que será, mas no que for peço a Vossa Reverencia se conforme com a vontade Divina, tão indifferentemente, como se a vida ou morte fôra d'ambos. Vale.

Quinta, 3 de Julho de 1696, ás onze da manhã.

De Vossa Reverencia,

Humilde, e obrigadissimo servo,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XLVI.

A EL REI '.

Senhor ,

Recebi a carta que Vossa Magestade me fez mercê mandar escrever, e depois de a venerar com todo o affecto que devo, achou a minha alma n'ella toda a consolação, que Vossa Magestade por sua piedade e grandeza quiz que eu com ella recebesse. Dou infinitas graças a Deos pelo grande zelo da justiça e salvação das almas que tem posto na de Vossa Magestade, para que assim como tem sido restaurador da liberdade dos Portuguezes o seja tambem das d'estes pobres Brazís, que ha trinta e oito annos padécem tão injustos captiveiros e tyrannias tão injustas do nome christão. Eu li aos Indios assim do Pará como do Maranhão a carta de Vossa Magestade, traduzida na sua lingua, e com ella ficarão mui consolados e anima-

' É a XI do tomo I.

dos , e se acabárão de desenganar, que o não sêrem atégora remediadas suas oppressões , era por não chegarem aos ouvidos de Vossa Magestade seus clamores ; esperão pelos effeitos d'estas promessas , tendo por certo que lhes não succederá com ellas o que atégora com a demais , pois as vêem firmadas pela Real mão de Vossa Magestade.

Vossa Magestade me faz mercê dizer, que mandou se confirmassem os despachos com tudo o que de cá aponteí; mas temo que aconteça ao Maranhão o que nas enfermidades agudas , que entre as receitas e os remedios peore o enfermo de maneira, que quando se lhe vêm a applicar, é necessario que sejam outros mais efficazes. Tudo n'este Estado tem destruído a demasiada cobiça dos que governão , e ainda depois de tão acabado , não acabão de continuar os meios de mais o consumir. O Maranhão , e o Pará é uma Rochella de Portugal , e uma conquista por conquistar, e uma terra onde Vossa Magestade é nomeado, mas não obedecido.

Vim com as ordens de Vossa Magestade , em que tanto me encarregou a conversão d'estas Gentilidades , e aos Governadores e Capitães Móres que me dessem toda ajuda e favor, que lhes pedisse para as jornadas

que se houvessem de fazer ao sertão. Apresentei as ditas ordens ao Capitão Mór N. de N. e logo assentámos que a primeira Missão fosse o descobrimento dos Indios Ibirajarás, de que ha fama n'estas partes que são descendentes de homens de Europa, que aqui viêrão dar em um naufragio. Fez-se este ajustamento no primeiro de Março de 1653 para se executar em Junho do mesmo anno; e fazendo eu todas as diligencias, e mûitas mais das que me tocavão, o Capitão Mór me foi entretendo sempre com promessas, e demonstrações exteriores de prevenções, até partir o ultimo navio d'aquelle anno, para que eu já não tivesse por onde avisar a Vossa Magestade.

Partido o navio, fui ás Aldeias a fazer rezenha da gente e das armas que tinham para a jornada, e tanto que o Capitão Mór me teve tambem ausente, fez uma junta a que chamou as pessoas que elle quiz, e por seus votos, posto que não de todos, se assentou que não era tempo de ir ao dito descobrimento; e d'isso se fez um auto, com que ficou desfeita a Missão. Este, Senhor, foi o pretexto, mas a causa, que se teve por verdadeira, era porque os Indios n'este Maranhão são poucos, e se queria aproveitar d'el-

les como aproveita, ou occupando-os em cousas de seus interesses, ou repartindo-os com quem lh'os sabe agradecer. E prova-se claramente que nunca teve tenção de que a jornada se fizesse, porque havendo de ser dezoito ou vinte canôas as que havia de ter prevenidas, pedindo-lhe eu uma, tanto que se desfez a Missão para ir ao Pará, custou-lhe muito o buscál-a para m'a dar; e sobre tudo no mesmo tempo em que se havia de dispor a jornada, mandou elle fazer duas grandes lavouras de tabaco, as quaes era força que se colhessem e beneficiassem no mesmo tempo, e pelos mesmos Indios que havião de ir a ella, por não haver outros. E não é de crer que um homem que é pobre, e tem desejos de o não ser, quizesse perder a sua lavoura, e plantar o que não havia de colhêr. E estes indícios erão tão manifestos ainda antes de se descobrir o effeito d'elles, que por vezes m'os avisárão os Padres que andavão pelas Aldeias, advertindo-me que me não fiasse das promessas do Capitão Mór, porque elles não vião disposição nenhuma nos Indios, e os trazia o dito Capitão Mór occupados todos em cousas muito alheias do nosso pensamento. Finalmente o tempo em que a Missão se assentou, era não só bas-

tante, senão dobrado do que se havia mistér para a prevenção, e disposição d'ella, quanto vai de Março a Junho. Assim que, se faltou o tempo, foi porque o não quiz aproveitar quem tinha obrigação d'isso, e mais fazendo-lhe eu contínuas lembranças, como fazia.

Desenganado d'esta Missão, ou enganado n'ella, parti-me para o Pará com os Padres que tinha detido, e tratando de passar ao Rio das Amazonas me offereceo o Capitão Mór d'ali N. do N. outra Missão para o rio dos Tocantins, em que se dizia estarem abaladas mûitas aldeias de Indios para se descêrem. Acceitei, e tractei logo de se dispor tudo o que nos era necessario; mas as traças e enganos com que n'este negocio se houve N. do N. e as machinas que urdio para levar o effeito d'esta entrada ao fim de seus interesses, é impossivel podêl-o eu representar a Vossa Magestade. Primeiramente dizendo elle que os Indios erão mais de déz ou doze mil, tractou de os repartir todos pelos moradores, que era um modo córado de os captivar e vender, sem mais differença que chamar á venda repartição, e ao preço agradecimento. Por vezes me disse que os havia de repartir na fórma sobredita, offerecendo-me que tomaria d'elles para as nossas aldeias

do Maranhão e Pará todos os que quizesse, o que eu de nenhuma maneira acceitei; só disse que os Indios, quando quizessem vir por sua vontade, se havião de pôr em suas aldeias, nos lugares que fossem mais accomodados á sua conversão e conservação, porque isto era o que Sua Magestade ordenava, e o contrario manifesta violencia e injustiça. Procurei que antes que os ditos Indios descessem do sertão, se lhes fizessem mantimentos, para que vindo não morressem á fome, como succede ordinariamente em semelhantes casos; mas N. do N. me respondeo por vezes, que morressem muito embora, que melhor era morrêrem cá que no sertão, porque morrião baptizados.

Esta é uma das causas que tem destruído infinidade de Indios n'este Estado, tirarem-nos de suas terras e trazerem-nos às nossas sem lhes terem prevenidos os mantimentos de que se hão de sustentar; mas fazem-no assim os que governão, porque se houverem de fazer as prevenções necessarias, ha-de-se gastar muito tempo n'ellas, e entre tanto passam-se os seus três annos, e elles antes querem cincoenta Indios que os sirvão, ainda que morrão quinhentos, que muitos mil vivos e conservados, de que elles se não hajão

de aproveitar. Em fim, depois de grandes batalhas vim a conseguir que os Indios se houvessem de trazer para quatro aldeias das antigas do Pará, em que se podessem menos incommodamente doutrinar, sendo que Vossa Magestade nas ordens que foi servido dar-me, ordêna que os Indios que descêrem do sertão se ponhão no lugar, que eu eleger e julgar por mais conveniente; mas nada d'isto me quer consentir nem guardar N. do N., e ainda no ajustamento das quatro aldeias referidas faltou logo com a palavra, mandando que fossem trazidos os Indios para oito aldeias, e essas as que mais accommodadas ficavão aos seus tabacos e outros interesses.

Nas sobreditas ordens manda Vossa Magestade que as Missões no sertão, ou por terra, as faça eu na fôrma que julgar e tiver por melhor; e no particular das ditas Missões só encarréga Vossa Magestade aos Governadores e Capitães Móres, que sob pena de caso maior, nenhuma pessoa secular de qualquer estado ou condição que seja possa ir ao sertão buscar os Gentios por nenhum modo, nem trazêl-os, ainda que seja por sua vontade: e sem embargo, Senhor, d'estas duas ordens de Vossa Magestade, a primeira tão particular, e a segunda tão apertada, en-

tregou N. do N. esta jornada do Rio dos Tocantins a um Gaspar Cardoso, ferreiro actual com tenda aberta, fazendo-o Capitão e Cabo d'ella; a este homem deo o regimento do que se havia de obrar, ordenando-lhe que elle fizesse as praticas aos Indios, e que os trouxesse e puzesse nos lugares que lhe nomeava, em fim entregando tudo á sua disposição: e só no cabo do regimento lhe dizia que me dêsse conta do que fizesse. Repliquei a este regimento, e mostrei a N. do N. as ordens de Vossa Magestade, requeri-lhe da parte do serviço de Deos e de Vossa Magestade que nos não quizesse perturbar as nossas Missões, nem intrometter-se no que Vossa Magestade nos encommendava a nós, e não a elle, antes a elle o prohibia; e que se era necessario ir Capitão e soldados para a segurança da jornada, que fossem muito embora, mas que esses entendessem só no que tocasse á guerra, e não no particular de praticar, ou descer os Indios, pois Vossa Magestade no-lo encommendava a nós, e para isso mandava vir Padres, Linguas do Brazil, a tantas despesas suas; e sobre tudo prohibe expressamente, sob tão graves penas, que nenhuma pessoa secular podesse ir buscar Indios: mas de nada d'isto fez caso N. do N. dizendo que

não havia de mudar o seu regimento, e assim o deo ao dito Gaspar Cardoso, mandando-lhe que o guardasse inviolavelmente. Succedeo isto tudo no mesmo dia da partida; indo-me já embarcar, veio ter commigo o Vigario Geral do Pará N. do N., de quem Vossa Magestade, por outra via, terá largas informações, intimo amigo e confidente de N. do N.: trouxe-me o dito Vigario um papel, em que N. do N. ordenava a Gaspar Cardoso, que seguisse na jornada o que eu dispuzesse; mas aqui estive o maior engano de todos, porque debaixo d'esta ordem lhe deo N. do N. outra em contrario, em que lhe mandava que a não guardasse, e fizesse em tudo o que dizia o regimento que lhe déra: e em effeito assim o fez e cumprio o dito Gaspar Cardoso.

Partîmos para o rio dos Tocantins, eu e outros três Religiosos, todos Sacerdotes theologos e praticos na lingua da terra, e dous d'elles insignes n'ella. Navegámos pelo rio a cima duzentas e cincoenta leguas, chegámos ao lugar onde estavam os Indios que iamos buscar; e Gaspar Cardoso foi o que, conforme o seu regimento, governou sempre tudo, e o que em seu nome antes de chegar mandava embaixada aos Indios, e a

quem elles forão reconhecer depois de chegado, e o que lhes disse que os ia buscar da parte de Vossa Magestade e do Governador, e o que lhes fazia as práticas por meio d'um mulato que lhe servia d'interprete : e no mesmo tempo estavam nós nas nossas barracas, mudos como se nos não pertencêra aquella empresa, nem tivéramos linguas, nem tanta auctoridade como o ferreiro para fallar, nem fôramos aquelles homens a quem Vossa Magestade mandou vir ao Maranhão com tantos empenhos só para este fim, nem Gaspar Cardoso fosse secular a quem Vossa Magestade o prohibe sob pena de caso maior.

Fiz por três vezes requerimento ao dito Gaspar Cardoso, se não intromettesse no que lhe não tocava, e era proprio de nossa profissão e o para que Vossa Magestade nos mandára; mostrei-lhe, e li-lhe diante dos Padres e de oito ou dez soldados, que levava comsigo, a ordem de Vossa Magestade e a do Capitão Mor, e respondeo publicamente que a de Vossa Magestade não podia guardar, e que a do Capitão Mor não queria. Bem entenderão todos que este modo de fallar era de quem se fiava em ordem secréta, que tinha encontrada; e assim m'o declarou o mesmo Gaspar Cardoso por mûitas vezes e a

differentes pessoas, como consta por certidões juradas, nas quaes, e em outras que envio, poderá Vossa Magestade mandar ver outras muitas circumstancias d'este caso, mui notaveis e indignas.

Em fim, Senhor, os pobres Indios nos dizião que não querião fazer outra cousa senão o que os Padres quizessem, e o que El Rei mandava, trazendo sempre El Rei na bocca; mas Gaspar Cardoso e os seus, parte com promessas, parte com ameaças, parte com lhes darem demasiadamente de beber, e os tirarem de seu juízo, parte com lhes dizerem que os Padres havião de tirar aos Principaes as muitas mulheres que costumavão ter, para com isto os alienarem de nós: com estas e outras semelhantes violencias e impiedades arrancarão de suas terras metade dos Indios que ali estavam (e serião por todos mil almas), e os trouxérão pelo rio abaixo, e depois de Gaspar Cardoso repartir alguns pelos soldados, e levar outros para sua casa, a maior parte de todos se pozérão na aldeia chamada de Morajuba, sem embargo de não haver n'ella mantimentos alguns para se sustentarem, mas é esta aldeia a que está mais perto dos principaes tabacos de N. do N.

Este foi, Senhor, o fim d'esta mal lograda

Missão, na qual se se guardarão as ordens de Vossa Magestade, e os Padres se ficarão com os Indios, como elles e nós pretendiamos para se descêrem depois commodamente, assim d'estas como de três outras nações vizinhas esperavamos trazer em mui pouco tempo á Fé de Christo mais de cinco ou seis mil almas, e com ellas muitas outras no mesmo rio. Mas não só ficarão estas almas fóra do grémio da Igreja, senão que tambem forão os Padres constrangidos a deixar n'aquelle sertão muitas d'innocentes que já tinham baptizado, ficando em tão evidente risco de não terem jamais quem lhes ensine a Fé que recebêrão, e de viverem e morrerem como os demais Gentios. E certo, Senhor, é dor grande, e que ha mistér muita graça do céo para se suffrer, vêrem tantos Religiosos, homens de bem, que depois de deixarem suas patrias e Provincias, e as commodidades que n'ellas tinham, e tudo quanto podião ter, por amor de Deos, depois de passarem mares, e atravessarem tão grandes e perigosos rios; padecêrem fomes, frios, chuvas, enfermidades, e as inclemencias do mais destemperado clima que tem o mundo; e depois de se expôrem a tantos e tão evidentes perigos de vida, só por salvar estas pobres almas que

quando tinhão já quasi dentro das redes de Christo, lh'as houvessem de tirar d'ellas por uma violencia tão enorme : e que os que fizerão esta injuria a Deos, á Fé, á Igreja, e a Vossa Magestade, não fossem os barbaros das brenhas, nem outros homens inimigos, ou estranhos, senão aquelles mesmos de quem Vossa Magestade confia os seos Estados, e a quem Vossa Magestade encommenda primeiro que tudo a conversão das almas, e lhes encarrega os meios d'ella sob pena de caso maior!

Por esta dor, e por esta causa forão de parecer todos os Padres d'esta Missão, que eu partisse logo aos pés de Vossa Magestade a representar estas injustiças e violencias, e a clamar, e bradar, quando não bastasse, e assim estive deliberado; mas este pobre rebanho é tão pobre, tão desamparado e perseguido, que nem por poucos dias se póde deixar sem grande risco : e da Real grandeza, justiça, e piedade de Vossa Magestade esperamos que bastem estas regras para Vossa Magestade lhes mandar deferir com tão prompto e breve remedio, como a materia pede, e como todos estes perseguidos Religiosos, vassallos de Vossa Magestade, e seus Missionarios, prostrados aos Reaes pés de

Vossa Magestade com todo o affecto de nossas almas lhe pedimos.

Pedimos, Senhor, a Vossa Magestade o que verdadeiramente é cousa indigna de pedir-se em um Reino tão Catholico como Portugal, e a um Rei tão pio e tão justo como Vossa Magestade; pedimos que mande Vossa Magestade acudir aos Ministros do Evangelho, que mande libertar a Prêgação da Fé, e desforçál-a das violencias que padece, que mande franquear o caminho da conversão das almas, e pôl-as no alvedrio natural em que Deos as creou: e que mande Vossa Magestade tomar conta de todas as que n'esta occasião se poderão salvar, e se querião converter, e ficão perdidas.

E porque a experiencia nos tem mostrado quão pouco temidas e obedecidas são n'estas partes as ordens de Vossa Magestade, por particular mercê lhe pedimos, que as que de novo for servido mandar-nos, não sejam com clausula de que, fazendo-se o contrario, se dê conta a Vossa Magestade; porque o recurso está mui distante, e não ha navio senão d'anno a anno: e em um anno, e em um dia perdem-se, Senhor, muitas almas.

A pena de caso maior grande é, e que devêra ser mui temida, e respeitada, mas

como estas penas se ouvem tantas vezes, e nunca se vêem, são tão mal cridas, como nós estamos experimentando. Assim que, Senhor, não ha senão isentar Vossa Magestade as Missões de toda a intervenção, e jurisdicção dos que usão tão mal da que não têm, e libertar Vossa Magestade os Ministros da Prêgação do Evangelho, pois Deos a fez tão absoluta, e tão livre, que não é bem que até a salvação dos Indios seja n'este Estado captiva como elles.

A muito alta, e muito poderosa Pessoa de Vossa Magestade guarde Deos como a Christandade e os vassallos de Vossa Magestade havemos mistér.

Maranhão, 4 d'Abril de 1654.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XLVII.

AO DUQUE DO CADAVAL I.

Senhor,

Com razão diz Vossa Excellencia que andão os trabalhos encadeados. E quanto ao do Senhor Conde de Soure, não acho outro allivio a tão grande materia de sentimento, mais que a consideração de haver Deos trocado as sentenças, deixando-nos a vida do Conde para muitos annos, como havemos mistér, e levando para o Céu aquelle penhor, cuja saúde se póde consolar com muitos outros, que Deos ainda lhe dará. Mas applicando a cadeia dos trabalhos aos meus, tem-se ella travado de maneira, que sendo o meu maior sentimento a ausencia de Vossa Excellencia d'essa Côrte, quasi me vem a ser allivio, ou remedio a mesma ausencia, pois seria nova circumstancia de pena faltar-me

* É a XVIII do tomo I.

a communicacão de Vossa Excellencia, se Vossa Excellencia faltar de Lisbôa.

Narrarei o caso como tem passado, posto que ja dei a Vossa Excellencia as primeiras noticias d'elle. Tive aviso haverá quinze dias, que me estava decretado novo desterro; uma versão diz, que para o Brazil, outra para o Maranhão, outra para Angola; saíu isto d'um dos maiores Ministros, e com termos tão effectivos, que se tomou informação dos navios que havia para aquellas partes. Desejei saber a causa d'esta novidade, e no correio passado me avisarão, ou notificarão fôra por uma carta ou cartas, que eu escrevêra a Vossa Excellencia, discorrendo sobre as pazes do Minho, a favor da negociação e de quem a obrava, etc., e que communicando Vossa Excellencia estas Cartas, chegára de mão em mão o que n'ellas se dizia a parte, onde de tudo se fizêra (palavras formas) refinadissima peçonha. Não ha heresia que se não tirasse da Sagrada Escriptura, e com tudo as palavras são dictadas pelo Espirito Santo, mas não está o mal nas palavras, senão na interpretação que lhes querem dar; e como dizem que forão de mão em mão, bem póde ser que chegassem tão differentes, que totalmente não fossem as

minhas, e assim o creio. Mas de qualquer modo que haja, ou não haja sido, eu estou pela sentença, e irei para onde me mandarem, seja Africa, ou America, que em toda a parte ha terra para o corpo, e Deos para a alma; e lá nos acharemos todos diante d'aquelle Tribunal, onde só testemunha a verdade, sentencea a justiça, e nunca é condemnada a innocencia.

Além d'este castigo, que dizem está decretado, se me notifica outro, posto que me não decláram de que tribunal saio, em que me ordenão por modo de conselho, que me abstenha d'escrever áquella Personagem, a quem escreve o sobredito (porque não nomeião a pessoa de Vossa Excellencia) e que só o faça por esta vez, dando satisfação de mim e conta da occasião. Esta é, Senhor, toda a historia com que entrou o anno de 1663, e se vai declarando por crítico contra mim, pois não só desterrão a Vossa Excellencia de Lisbôa, mas a mim de Vossa Excellencia; da qual sentença o meu coração se ri muito no meio do seu sentimento, appellando dos instrumentos da memoria para a mesma memoria, e dando graças a Deos, porque os que têm jurisdicção sobre o papel, não a tem sobre a alma.

São hoje os vinte que Vossa Excellencia tem signalado por dia decretorio da partida. O tempo está claro e concertado, ainda que o não esteja o mundo. O que importa é que Vossa Excellencia tenha mui boa viagem, e que Vossa Excellencia a procure fazer com o maior descanso e commodidade, e se Vossa Excellencia em Gouvea achar menos Lisbôa, tambem será allívio achá-la menos; e nenhuma cousa faltará a Vossa Excellencia em toda a parte, pois se leva comsigo. De mim não tenho que dizer a Vossa Excellencia, porque o mesmo que tenho dito serve para todos os tempos, pois sou e hei de ser o mesmo em todos. Se com effeito me mandarem embarcar, como na hora da morte não ha reservação, aproveitar-me-hei do privilegio para dizer a Vossa Excellencia o *a dio*; no entretanto, se me não é licito procurar novas de Vossa Excellencia em direitura, fál-o-hei por outra via, que não me hão de impedir todos os homens. E quando elles o fação, as de Deos estão fóra da sua jurisdicção, e empregar-se-ha o meu affecto todo em orações, e sacrificios, rogando ao mesmo Senhor, como sempre faço, pela felicidade da pessoa e Casa de Vossa Excellencia, e sobre tudo pedindo a sua Divina Magestade, tenha

a Vossa Excellencia no numero de seus vassallos, conservando sempre a Vossa Excellencia em sua graça com grandes augmentos d'ella, que é o que só ha de durar, e o que só importa. Guarde Deos a Vossa Excellencia muitos annos como desejo.

Convém que a noticia d'esta resolução não passe de Vossa Excellencia por respeito de quem m'a notificou, principalmente não se me dizendo d'onde manou, o que eu procurei saber.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XLVIII.

AO MARQUEZ DE GOUVEA ¹.

Excellentissimo Senhor,

Como outras das que escrevo n'esta occasião a Vossa Excellencia são de differentes materias, seja esta toda ecclesiastica.

¹ É a XXVIII do tomo III.

Chegou o nosso Arcebispo, quando ja se não esperava a sua vinda este anno, antes se suspeitava que a efficacia do mesmo patrocinio, que o promôveo a esta Mitra, era a que o dilatava, para que sem passar o mar chegasse ao Porto. Em fim aportou na Bahia, onde foi festejado com iguaes applausos aos desejos e ancias, com que era esperado. De-têve-se um dia no mar, onde logo fui saber d'elle novas de Vossa Excellencia; e ao terceiro fez sua entrada á Sé, e d'ali se recolheo a sua casa, sem o fazer á sua Religião, nem a outra, como era costume, com que agradou a todos. N'este Collegio, a que fez a segunda visita, depois de ir a S. Francisco, foi recebido com orações, e Poêmas em todas as linguas; e estive o assumpto tão elegante, como proprio, por não ser mais, nem melhor lisongead o um Papa. Vai governando com grande approvação de todos.

Dei-lhe as graças pela approvação do terceiro Tomo (na qual se vê bem, que foi feita a Vossa Excellencia, e não ao meu livro) e lhe disse, que a havia mandar tirar d'elle; por que tudo o que se lesse depois, era força, que parecesse mal: pois o que se dizia era tão differente e levantado d'estylo, que mais pa-

recia escripto para escurecer a obra, que para louvar o Auctor.

Não julguei que o segundo Sermão de Santo Antonio houvesse de ser mal recebido, caindo aquellas sombras sobre as luzes do outro. Todos as Auctores das mais famosas Nações do Múndo, escrevendo da sua, as notão da inveja, que por ser vicio primogenito da altiveza, e da generosidade, entenderão que não desdouravão muito com elle as mesmas Nações. Assim o fizérão Gregos, e Romanos, e nos Hespanhoes e Portuguezes se lêem, sem reprehensão semelhantes exemplos. Quarenta e dous annos ha que préguei em S. Maméde este mesmo assumpto, e ninguem então se queixou de mim; antes o applaudirão todos os queixosos, que pela maior parte são os mais benemeritos. Com tudo sem fazer caso d'esta, nem de nenhuma outra razão, me sujeitei logo ao parecer de Vossa Excellencia, e em lugar d'aquelle Sermão vai outro para supprir o numero.

O mesmo juízo faço do Sermão, que a Vossa Excellencia pareceo menos mal que os outros d'aquelle Tomo, posto que não sei qual seja o que teve esta ventura. Por uma circumstancia, que me refere Francisco Barreto, dizendo-me que Vossa Excellencia o

mandára ler, entendo que é o Sermão do Banquete; mas este, como elle aponta, é d'uma Dominga de Quaresma; e assim não posso atinar qual seja. O certo é, que nenhum d'estes dous Sermões era n'aquelle Tomo o meu mimoso, nem agora me admiro da differença; porque deve suppôr Vossa Excellencia que os meus dictames, n'este ermo, são todos como os dos primeiros oito dias, quando saía dos exercicios, em que Vossa Excellencia dizia, que se não podia fallar commigo.

Na Universidade de Mexico me dedicarão umas Conclusões de toda a Theologia, que eu remetto, e dedico a Vossa Excellencia; e posto que da empreza da Fenix, das palmas, e das trombetas nenhum caso faço, porque tudo é ventò e fumo, não posso deixar de me magoar muito, que no mesmo tempo, em uma Universidade de Portuguezes se affronte a minha estatua, e em outra Universidade de Castelhanos se estampe a minha imagem. Por certo, que nem a uns, nem a outros merecia eu semelhantes correspondencias. Mas assim havia de ser, para que quanto em uma parte se faltou á justiça tanto se excedesse na outra. E para que não pareça, que são isto influencias da America; quando na

que é sujeita a Castella me honrão d'este modo; na que é sujeita a Portugal me fazem as affrontas, de que Vossa Excellencia será informado por outras vias. Deos guarde, e nos conserve a Vossa Excellencia muiitos annos, como o mesmo Portugal, qual é, e os criados de Vossa Excellencia havemos mistér.

Bahia, 24 de Julho de 1683.

Criado de Vossa Excellencia,
ANTONIO VIEIRA.

CARTA XLIX.

A D. RODRIGO DE MENEZES I.

Senhor,

Muitos tempos ha que vivo desconfiado, não da vontade, senão da memoria de Vossa Senhoria. Vai um anno que não vejo firma da mão de Vossa Senhoria, nem uma carta de mão alheia; e quando comparo esta diffe-

É a LXXII do tomo II.

rença com a dos tempos passados, e olhando para o meu coração, o acho sempre o mesmo, e sempre aos pés de Vossa Senhoria, não posso deixar de me ver em uma grande suspensão, acompanhada de maior sentimento.

Accrescenta-me esta imaginação, e os escrúpulos d'ella, a materia das ultimas duas cartas que escrevi a Vossa Senhoria o anno passado, e a sinceridade e zelo com que manifestei a Vossa Senhoria o meu parecer, e o juízo que fazião sobre aquella materia os homens mais doutos, e timoratos da Cabeça da Igreja, que sem odio, nem amor a considerão. O effeito mostrou quanto se enganarão os interpretes d'aquelle caso; e o justo sentimento do sacrilegio convence a necessidade de se buscar prompto e breve remedio a tantos, quantos se commettem occultamente, sem bastar o fogo para atalhar o incendio, etc. Isto é em summa o que dizia a Vossa Senhoria n'aquellas cartas, referindo algumas admirações e execrações das pessoas que allegava, e as consequencias da pureza da Fé, honra, e utilidades do Reino, que d'aqui se seguião. Se tudo pareceo mal a Vossa Senhoria não devia porém parecer mal, nem o zelo e serviço de Deos e do Principe, nem o animo e sinceridade com que escrevi, prin-

principalmente tendo-me Vossa Senhoria ordenado que o fizesse. E todas estas considerações, e a ignorancia das causas de tamanha differença, não podem deixar de lastimar muito a quem sobre tantas desattensões do Reino, em que Vossa Senhoria assiste, chega a cuidar que tambem isto podem ser instantias suas. Se assim é, não quero, nem espero outra razão de Vossa Senhoria, e com o silencio, como atégora, a haverei por entendida; mas se não é esta a causa, sirva-se Vossa Senhoria pelo que lhe merece o meu coração, de me livrar d'este cuidado.

Não deixarei com tudo de confessar a Vossa Senhoria, que contra a presumpção e tristeza d'estes pensamentos, se oppõe o muito que sempre me escreve o Padre João Pimenta da firmeza do affecto de Vossa Senhoria, e o muito que me referia o Padre Pedro Juzarte, a ainda Manoel da Gama, dizendo-me recebêra Vossa Senhoria a minha carta com grandes demonstrações de contentamento; mas como nem d'esta, nem de nenhuma outra vi resposta, não basta a benignidade tão natural, e cortezia de Vossa Senhoria para desfazer tantos argumentos, e tão interiores. Eu, Senhor, estou em Roma com mais commodidade do que desejo, nem quero

de Portugal mais que o seu bem ; e pois me não sei mudar, nem esquecer sobre tantas ingratições , julgue Vossa Senhoria se mereço um desengano , que é o que só peço.

Com esta dará a Vossa Senhoria o Padre João Pimenta uma carta para Sua Alteza que Deos guarde , em que peço outra para Sua Santidade , em que se recommende efficazmente a causa dos quarenta Martyres , de que se nos hão dado novas esperanças , e entendemos se quer fazer esta graça a instancias de Suas Altezas. Não remetto a carta á secretaria , porque emporta a brevidade , e eu tenho tão pouco favor n'aquella casa , como a Vossa Senhoria é presente.

Tambem me torna a pedir Manoel da Gama , só suppondo-me na graça de Vossa Senhoria. Eu como não sei o estado em que estou , etc. , o refiro a Vossa Senhoria protestando , que de qualquer modo , Vossa Senhoria e o Senhor Marquez me terão a seus pés. Deos guarde a Vossa Senhoria muitos annos , como desejo e os criados de Vossa Senhoria havemos mister.

Roma , 15 de Agosto de 1672.

Criado de Vossa Senhoria ,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA L.

AO CONDE DA ERICEIRA ¹.

Excellentissimo Senhor,

Tão desobrigados estão os doentes de escrever, como os mortos de fallar; e este foi o impedimento porque na frota passada fallei com resposta á carta de que Vossa Excellencia me fez mercê, a qual, quando eu estivera, ou me dera por muito offendido, não só bastava, mas excedia a satisfação dos maiores aggravos.

Por relações alheias ouvi que a Historia de Vossa Excellencia me louvava com descredito, ou me desacreditava com louvores, e por que eu depois que fugi do mundo, tão pouco estimo uns, como sinto os outros, contentei-me com que estas noticias me entrassem por um só sentido, e este foi o motivo do que o Senhor Marquez das Minas, e o Senhor Conde d'Alvor referirão a Vossa Excellencia.

¹ É a CXII do tomo II.

Não me appliquei a ler a dita Historia, porque a parte d'ella que pertence ao Brazil, vi-a com os olhos, e a outra parte das embaixadas passou-me pelas mãos. Mas depois que com segundo e repetido favor me chegou a ellas, mandado por Vossa Excellencia, o pequeno volume, e grande livro de Castrioto, resuscitado gloriosamente na penna de Vossa Excellencia, pôde ella fazer, que ainda depois de morto continuassem as suas victorias, vencendo-me a mim no presuppuesto, em que ainda estava, de não ler o Portugal Restaurado. Já o li, e em ambos admiro o método, a ordem, a disposição, a felicidade, a facilidade, a atiloquencia do estylo, e pureza da linguagem; a arte sem affectação, a discrição, o juízo, e todas as outras excellencias, de que se póde compor no gráo summo o mais perfeito historiador; só tem uma e outra escriptura de differença a que costuma dar a memoria á Antiguidade, ou a vista.

O Prologo de Vossa Excellencia começa assim: « Uma das maiores emprezas do mundo é a resolução d'escrever uma historia, » e a empreza e resolução de Vossa Excellencia foi muito mais que todas, pois não só se resolveo Vossa Excellencia a escre-

ver historia do passado aos vindouros, senão do presente, ou quasi presente, aos que ainda vivem; e sendo as informações dos successos sempre várias, e na mesma variedade incertas, é força que em muitas cousas os que do anno quarenta, e mais atrás, vivem atégora, achem alguns reparos que se encontrão com o affecto, e assim me succedeo no primeiro successo do Brazil, que é a restauração da Bahia, em que não concorda com muitas circumstancias o que Vossa Excellencia refere com o que vimos os que ainda agora vivemos; e o mesmo póde succeder nas batalhas, como Vossa Excellencia diz no Prólogo, não havendo quem pudesse ver uma toda, e os que virão as partes, quasi todas as referem por diversos modos.

Mas d'estes claros e escuros se compõe a pintura de Portugal Restaurado, com tal methodo no todo, e tal simetria nas partes, que seria injusto Juiz quem quizesse mais do possivel ao estudo e diligencia humana. No que póde tocar-me me assegura Vossa Excellencia que nada escreveria contra acção minha, se não fôra obrigado do preceito da historia. Se o tempo, e a saúde me der lugar, poderá ser que pretenda de Vossa Excellencia saber sobre uma só proposição, para que eu já que

não posso emendar esta culpa, faça penitencia d'ella. Deos guarde a Vossa Excellencia.

Bahia, 15 de Agosto de 1688.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LI.

A CERTO MINISTRO.

Não quero deixar de dar novas minhas a Vossa Mercê porque sei que Vossa Mercê as estimará, sendo melhores do que a falta d'ellas, e a tardança da minha viagem haverão lá prognosticado. Cá se cuidou que eramos tomados ou perdidos, e para tudo houve occasião, porque lidámos com inimigos, com tempestades, com outros infinitos generos de trabalhos e perigos, de todos os quaes foi Deos servido livrar-me, e trazer-me ao cabo de cincoenta e nove dias a Pariz, onde fico ao serviço de Vossa Mercê de saúde, que não é pouco, havendo padecido tanto, e

É a II do tomo II.

não sem esperanças de que os negocios, a que Sua Magestade foi servido mandar-me, tenham o fim que Vossa Mercê e eu desejâmos.

Segundo o estado em que Vossa Mercê tinha posto aquelle negocio, entendia eu que n'estes ultimos navios viessem novas de estar já publicado. Só me pezará que, se contra elle levantárão algumas difficuldades, hajão prevalecido os auctores d'este mal entendido zelo contra os que o têm mais verdadeiro. Quanto mais ando pelo mundo, mais me confirmo n'esta verdade; e se os que estão n'esse Reino tiverão saído d'elle, tambem sairão da cegueira em que vivem n'esta, e em outras materias. Baste o exemplo do Marquez de Niza, e do seu Fr. Francisco de Macedo, os quaes, tendo sido de tão contraria opinião, que um deo conselhos, e outro escreveo livros contra ella, depois que virão o mundo, se lhes abrirão os olhos de maneira, que ambos se têm retractado; e o Marquez antes de eu vir tinha escripto a Sua Magestade pedindo com grande aperto o mesmo de que nós tratámos, e se préza muito de ser este o seu voto. Os proveitos, que da execução d'este negocio se esperão, são infalliveis, e assim o promettem todos os Portuguezes d'estas partes, que fallão com

menos receio nas acções do que os que lá vivem. Todos estão muito sentidos d'El Rei de Castella, pela destruição que se tem feito nas Indias, e porque de presente tomou todas as consignações a todos os Assentistas Portuguezes (exceptuando nomeadamente os Genovezes) de que recebêrão igual perda e escandalo. Agora é o tempo de que experimentem favor em seu Rei natural, para que tractem de o servir antes a elle. Vossa Mercê vá por diante com esta empresa, e diga a El Rei Nosso Senhor o que sente, pois Vossa Mercê sabe que conhece Sua Magestade a verdade, e inteireza do zelo e justiça de Vossa Mercê, e quão livre é de todos os outros respeitos mais que o de seu maior serviço, que por esta via se adiantaria com grandissimas vantagens; e quando a experiência as não mostrasse, ou d'ella se seguisse algum grave inconveniente, a concessão d'este privilegio não tira a Sua Magestade o poder para o derogar, ou mudar quando for servido.

Ao Padre Manoel Monteiro me fará Vossa Mercê mercê de offerecer por mim esta, em quanto o tempo me não dá lugar, até lhe escrever particularmente; e se se descuidar em fallar a Sua Magestade sobre o negocio que ficou á conta de Sua Reverendissima

Vossa Mercê lh'o lembre, e lh'o requeira por parte do serviço de Deos e bem da Patria, porque sei quanto importarão suas diligencias para o levar ao cabo, pelo grande conceito que sua Magestade tem de suas letras, virtude, e zelo. Deos guarde a Vossa Mercê mûitos annos como desejo, e como o nosso Reino ha mister.

Pariz, 25 d'Outubro de 1647.

Servidor de Vossa Mercê,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LII.

A D. RODRIGO DE MENEZES.

Senhor,

Com uma firma de Vossa Senhoria, que o Padre Reitor de Santo Antão me remetteo em um seu escripto, tive mûi alegres Paschoas, porque ella me segourou do meu maior cuidado, que é a saúde de Vossa Se-

É a XXIV do tomo I.

nhoria; e do que mais estimo depois d'ella n'este mundo, que é saber me tem Vossa Senhoria em sua graça.

Na mesma carta, que aquelle meu recommendado havia de apresentar a Vossa Senhoria, significava eu a Vossa Senhoria quam pouco empenhado estava no seu despacho, mas Vossa Senhoria, pela muita mercê que em tudo me quer fazer, mede os favores com a sua grandeza, e não com o meu desejo, por o que beijo muitas vezes as mãos a Vossa Senhoria.

Cà tive meus rebates, como o anno passado, de me quererem mudar o dègre do para mais longe n'esta occasião de náos da India; mas não são necessarias as calmas de Guiné, nem as tormentas do Cabo da Boa-Esperança; bastão os frios de Coïmbra para satisfazerem á vontade de meus amigos. Depois que entrou Abril, se esfriarão notavelmente os dias, e ao mesmo passo se atrazou a saúde, mas nem por isso levantei a mão da nossa Obra, cujo successo depende tanto do tempo, que poderá ser se apresse mais do que alguns cuidão.

Na Livraria d'El Rei ha um Comento do Abbade Joaquim sobre o Apocalypse, que ha muitos annos se me emprestou, e agora

me importava muito tornál-o a ver, podendo ser, Vossa Senhoria me fará mercê mandál-o entregar ao Padre Reitor para que m'o remetta. De cá não ha mais novidades que ouvirmos sómente os estrondos que se publicão de exercitos de Castella sobre Alemtejo, e como eu vou tão dobradamente empenhado nos bons successos d'aquella Provincia, desejo que Deos ouça as minhas orações, posto que indignas, e as de meus companheiros que são continuas. O mesmo Senhor guarde a Vossa Senhoria com tão alegres Paschoas como a Vossa Senhoria desejo.

Coimbra, 14 d'Abril de 1664.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LIII.

A D. RODRIGO DE MENEZES ¹.

Senhor,

Nunca tanto desejei poder escrever, e muito largamente a Vossa Senhoria como

¹ É a XXXII do tomo I.

n'esta occasião da victoria do Senhor Marquez, que Deos guarde; cuja nova chegou a esta Cidade primeiro que as Cartas de Vossa Senhoria, e foi n'ella tão festejada e celebrada, como a felicidade do successo, e a importancia da Praça merece. Com as cartas de Vossa Senhoria soubémos as circumstancias, e auctoridade das capitulações que com alvoroço se esperavão, e se renovou, e acrescentou com ellas a alegria de tudo se concluir com grande credito de nossas armas, e menos reputação do poder contrario: por tudo sejam dadas muiltas graças a Deos, a quem o Senhor Marquez com maior gloria sua refere todo o louvor; elle pagará este grande serviço, que tanto redunda em bem de toda a Christandade, na moéda que costuma, e com as vantagens que merece, as quaes nunca igualará a Patria, que por natureza é tão invejosa, e tão ingrata.

De mim não posso dar as novas que Vossa Senhoria deseja, como já não pude no correio passado, por estar então recaído, como ainda fico, cada vez mais penetrado e mais quebrantado do mal, posto que os Médicos o não conhecem, e me animão; que é o mesmo caminho por onde o anno passado me levá-
rão tão perto das portas da sepultura. Alguns

medicamentos me applicarão esta semana, com que se não remediou, antes se dobrou a doença; e este é o estado em que fico, sempre ao serviço de Vossa Senhoria com o mesmo coração, rogando a nosso Senhor guarde a Vossa Senhoria muitos annos, e ao Senhor Marquez com a vida e saúde que o Reino ha mistér, e com as felicidades e augmento d'estado, que eu a toda a Casa de Vossa Senhoria, como o mais affeiçãoado criado d'ella, desejo.

Coimbra, 7 de Julho de 1664.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LIV.

A D. RODRIGO DE MENEZES.

Senhor,

Ja dei a Vossa Senhoria o parabem, e muitas vezes tenho dado as graças á Divina

É a LXXIII do tomo I.

Bondade, por o Senhor Marquez se haver restituído á sua Casa, e á presença de Vossa Senhoria sobre tão glorioso successo, com tão inteira saúde, que não é pequena mercê de Deos, depois de tão continuado trabalho, e em dias tão rigorosos como todos estes tem passado. Tudo são experiencias e argumentos novos de quanto devemos á Providencia Divina, e de quanto suas disposições fôrão encaminhadas em tudo a nosso remedio, e credito. O demais que se ouve, e se estranha, não é para ser fallado de tão longe, e vinhão a mui bom tempo as diligencias de Vossa Senhoria, se a opposição que sustenta o meu desterro não estivera tão empenhada n'elle; e posto que sei tambem com quão bôa vontade o Senhor Marquez, que Deos guarde, ajudará o intento de Vossa Senhoria, estou certo e firmissimo em que se não ha de conseguir por esses meios, em quanto o tempo não trazer outros de mais alta providencia, porque esta e outras difficuldades de maior importancia se facilitem. D'esta banda não ha mais que festas e mais festas, e só nos falta para cumprimento do gosto a noticia dos sentimentos de Madrid, que já tem tempo de haver chegado, posto que ainda não espero a verdade da resolução que hão de to-

mar, que deve ser mui diversa depois de esfriarem as feridas.

N'essa Corte anda requerendo ha muiitos dias o Licenciado Domingos Sá Correa, Vigario Geral que foi do Estado do Maranhão muiitos annos, e onde com seu grande zelo e christandade fez muiitos serviços a Deos. E' pessoa que tenho por dignissima de qualquer lugar Ecclesiastico, e que ha muiito poucos no Reino de Portugal, a quem com mais segura confiança se possam entregar as ovelhas de Christo. Além d'esta razão geral, lhe devo algumas obrigações particulares pela bôa assistencia que sempre fez aos Missionarios, e pela differença que depois experimentámos em outros lobos, que lá se mandarão com nome de pastores. Se Vossa Senhoria, no que houver lugar, for servido de apadrinhar seu merecimento, além de ser obra muiito grata a Deos, e muiito do seu serviço, me fará Vossa Senhoria muiito particular mercê; em cuja confiança o aviso se póde valer do amparo de Vossa Senhoria, pois eu não tenho outro. Guarde Deos a Vossa Senhoria muiitos annos, como desejo e havemos mistér.

Villa Franca, 27 de Julho de 1663.

Criado de Vossa Senhoria,
ANTONIO VIEIRA.

CARTA LV.

AO CONDE DE CASTELLO-MELHOR ^r.

Excellentissimo Senhor,

Emfim outra vez, meu Senhor, que tudo tem fim, se o não tem a vida. Já não escrevo a Vossa Excellencia de Roma a Turim, nem agora o faço da Bahia a Lisboa, senão d'este retiro do meu deserto ao de Vossa Excellencia no Pombal; e d'esta generosa circumstancia principalmente é que dou a Vossa Excellencia o parabem, e a Deos as graças.

Quando cessarem os movimentos dos Orbes celestes, não sabemos em que lugar ha de parar o Sol, mas sabemos que ha de resplandecer então com luz sette vezes maior que agora; e tal considero a Vossa Excellencia no lugar que Vossa Excellencia escolheu para seu solsticio. Necessaria foi a roda que Vossa Excellencia fez pelo Zodiaco das principaes Cortes do mundo, e depois de Vossa

^r É a CVI do tomo II.

Excellencia em todas acreditar sua pessoa, honrar sua Nação, e finalmente augmentar sua illustrissima Casa, só n'ella podia Vossa Excellencia parar. Lembra-me que quando Vossa Excellencia com tanta felicidade governava a nossa Monarchia, vi em Coïmbra dedicadas umas Conclusões a Vossa Excellencia com a figura de Atlante; e quanto melhor é, Senhor, ter o mundo debaixo dos pés, que sobre os hombros! Assim parece-me estar vendo a Vossa Excellencia rindo-se da fortuna, e logrando descansadamente quanto ella podia dar, e não póde tirar.

De mim que direi a Vossa Excellencia? Digo que entre tantas mortes, de que lá chegarão os échos, ainda por mercê de Deos me achô com vida; e em quanto não posso invejar a Vossa Excellencia ver as felicidades de perto, approve-me Vossa Excellencia ouvir as fatalidades de longe. Deos guarde a Vossa Excellencia mûitos annos, como Portugal sempre ha de mistér, e os criados de Vossa Excellencia mûito desejâmos.

Bahia, 15 de Julho de 1686.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LVI.A D. RODRIGO DE MENEZES ¹.

Senhor,

Não posso negar a Vossa Senhoria que sou homem do tempo; com elle vivo, com elle morro, com elle adoeço, com elle saro. Entrou S. Martinho com o seu veranico, que nas calmas póde competir com o maior verão, e como não ha frio, logo estou em paz com os ares de Coïmbra. Passo estes dias em Villa Franca só commigo, e com os livros; e se Deos for servido que continuem os alentos com que me acho, aquella obra se porá em estado, que possa ir a tempo ás mãos de Vossa Senhoria.

Do successo, ou costume do Alemtejo, dou o parabem ao Senhor Marquez, que Deos guarde, e me alegro com Vossa Senhoria de ter tão constante a sua fortuna. Bemdita seja a Providencia Divina, que tão conhecidamente

¹ É a XLVII do tomo I.

nos assiste nos campos, e nas campanhas, no mesmo tempo em que nossos competidores colhem n'elles, e n'ellas tão pouco sustento, e tão pouca opinião. Pelas copias d'ambas as cartas beijo a Vossa Senhoria a mão; forão tão festejadas de todos, como merecem, e também pelo lugar, e circumstancia em que forão recebidas, tiveram no meu coração particular applauso. Não quero dizer com isto a Vossa Senhoria que morão as minhas esperanças no mesmo lugar, porque ainda que todos os dias se confirmão mais, não sei se estão depositadas em S. Vicente de fóra, se fóra de S. Vicente; mas sempre será em lugar Santo. Já pedi a Vossa Senhoria me fizesse mercê dizer seu sentimento, porque sempre seguirei, e estimarei a opinião de Vossa Senhoria como de Vossa Senhoria. Deos guarde a Vossa Senhoria muitos annos como desejo, e havemos mistér.

Villa Franca, 17 de Novembro de 1664.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LVII.A D. RODRIGO DE MENEZES ¹.

Senhor,

A Carta, que Vossa Senhoria me fez mercê escrever em 9 d'Agosto, recebi ao primeiro de Outubro, e com toda a verdade do meu coração digo a Vossa Senhoria que para elle não ha outro allivio, nem outra consolação maior, que o conhecimento, e fé de quanto leio nas cartas de Vossa Senhoria. Pague Deos a Vossa Senhoria este affecto, que eu nem mereço, nem posso gratificar a Vossa Senhoria, mais que com a contínua memoria diante do mesmo Senhor em todos os meus sacrificios, offerecendo-os a sua Divina Magestade pela vida, e conservação da pessoa e Casa de Vossa Senhoria, com mûitos augmentos de sua graça, que são os que Vossa Senhoria só deseja, como quem faz d'este

¹ É a XXXVI do tomo III.

mundo ao outro a verdadeira differença , que entre elles ha.

Muito estimo que Sua Alteza, que Deos guarde, esteja informado da mudança, que tenho experimentado na antiga mercê, que a Senhora Rainha d'Inglaterra me fazia, e da causa d'esta differença: todos os meus trabalhos e infortunios tivrão, e têm a mesma origem, que foi o zelo, e amor da Patria, e dos Principes, que Deos nos deo, e do excessivo desejo, e esperança de suas felicidades, presentes, e futuras, sobre todos os outros Principes do Mundo; materia que ainda aqui me faz não pequena guerra, como tão mal soffrida de todas as nações; e eu sou tão louco, que nenhuma experiencia, nem desengano basta a me emendar: por signal, que prégando dia de Santo Antonio aqui, disse taes cousas da Nação Portugueza, que sem tocar em nenhuma outra nação, conciliei contra mim o odio de todas, principalmente da Castelhana, em cuja graça e estimação podéra eu ter muito grande lugar, só com me mostrar menos apaixonado Portuguez. Mas ja hei de seguir este fado até á morte, pela satisfação que terei depois d'ella, de que conheça a alma d'El Rei D. João a fidelidade, que guardei ás suas cinzas, ainda

que tão mal conhecida de seus descendentes.

O affecto, e bôa vontade, que Vossa Senhora me segura de Sua Alteza, prézo quanto devo, e aïnda prezára muito mais, que Sua Alteza acabára de se convencer a si, e de usar de seu juizo e valor, em que Deos o fez tão superior a todos os Principes do Mundo, de maneira que todo elle estivera muito cheio da fama de suas gloriosas acções, e que ellas posérão silencio a todo o odio, e inveja de nossos émulos. Este é o meu sentimento, e este o sentido, em que alguma vez tenho fallado com aquelles, que entendo têm o mesmo coração, como aqui fazia com o Enviado João de Rochas. E se na mesma conformidade escrevi alguma cousa a esse Reino, de que não estou lembrado, foi a pessoa de quem os nossos Principes fiarão todo o seu governo e secretos mais de vinte e quatro annos, e mal podia eu presumir, que revelasse este, e muito menos em differente sentido; mas eu prometto a Vossa Senhora de emendar este bom conceito, que tinha dos homens, e de fiar só de Vossa Senhora o que sei não ha de passar do seu peito. Assim o faço n'esta occasião, em que digo a Vossa Senhora que sobre a expedição dos Bispos receio uma grande tormenta. O

Embaixador me perguntou meu parecer, e eu lh'o dei de palavra, na fórma em que o remetto a Vossa Senhoria, para que Vossa Senhoria com a verdade d'estas noticias aconselhe a Sua Alteza o que mais conviér. Peço muito encarecidamente a Vossa Senhoria, que este papel não passe dos olhos de Vossa Senhoria, e que nenhuma pessoa saiba que eu lhe dei voto, nem fui perguntado n'esta materia; porque tudo quanto se passa n'essa Corte, e concelhos de Sua Alteza, se sabe logo n'esta, e se houver a menor noticia, ou presumpção, de que eu me opponho em qualquer modo ás pretensões d'estes Ministros, no mesmo ponto fico perdido, assim fóra, como dentro de casa; e ficão tambem perdidos, e desesperados para sempre, os intentos, que me trouxérão a Roma: com isto tenho dito a Vossa Senhoria tudo o que posso, e devo.

Dou a Vossa Senhoria infinitas graças pela mercê, que Vossa Senhoria fez a meu irmão, e seus procuradores. Ao Senhor Marquez de Fronteira escrevi, e estou muito certo da mercê, que sempre me fez, e fará. Hontem chegou aqui uma carta, em que se refere por um Religioso nosso, que Sua Alteza tinha accrescentado o titulo ao Senhor Marquez,

sendo todos muito menores que o merecimento, e fama de Sua Excellencia, de que me dou o parabem, como tão antigo criado da casa de Vossa Senhoria.

Pelo verdadeiro lenho farei todas as diligencias; espero ainda que Vossa Senhoria seja tão dono das reliquias de Jerusalem, que nos não seja necessario buscá-las em Roma. O Turco dispõe Exercito com o Grão-Visir, que foi d'elle mui bem recebido em Constantinopla, onde estão alojados todos os soldados velhos, que são em grande numero, com ordem d'estarem prestes para o principio de Março, e a este fim se mandarão refazer pontes, e estradas. Não sei a que proposito lembrou agora aquillo, que ha tanto tempo se diz de interdicto. Tenha-me Vossa Senhoria em todos estes disparates o segredo, que peço. E Deos me guarde a Vossa Senhoria muitos annos, como o Reino e os criados de Vossa Senhoria havemos mistér.

Roma, 11 de Outubro de 1672.

Criado de Vossa Senhoria

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LVIII.

AO PRINCIPE D. PEDRO¹.

Senhor,

No maço do Residente escrevo pela Secretaria a que será presente a Vossa Alteza. N'esta darei conta d'algumas circumstancias, que não convêm passem á noticia dos Ministros, para melhor execução do que Vossa Alteza me tem ordenado.

Entreguei ao Padre Geral a carta, que Vossa Alteza foi servido mandar-lhe escrever; e elle depois de considerar dous dias a materia, me disse hontem sentia grande repugnancia em me apartar de si, e de Roma; não só pelo affecto, que me tinha, mas principalmente pelo serviço e crédito da Religião, e pelo desprazer que d'isso terião muitas das maiores pessoas d'esta Curia; e sobre tudo, porque havendo mudança de Pontificado, em caso que tambem a houvesse

¹ É a XLIII do tomo III.

no Prégador do Vaticano (como muitas vezes aconteçe) tinha elle por mais provavel, que concorrerão os votos de todos os Cardeaes, a que se me dêsse aquelle lugar, o qual seria d'igual honra para a Companhia, e para a Nação; e que se a cousa estivesse n'estes termos, elle se havia de atrever a replicar a Vossa Alteza, pedindo-lhe por mercê, me deixasse ficar em Roma. Porém que sendo esta esperança dilatada, e contingente, a sua resolução era, que elle, e eu obedecêssemos logo a Vossa Alteza, mettendo-se só de premeio aquelle tempo, que for necessario para se ver, e conseguir o modo com que eu possa ir seguro d'alguns inconvenientes, que me podem prejudicar, e ao mesmo serviço e intento de Vossa Alteza; o qual, e a honra, que Vossa Alteza me faz, e quer fazer, ficaria frustrada e exposta a um effeito tão contrario: e que assim o havia de representar a Vossa Alteza, ou em carta publica por termos geraes, ou em outra secreta com mais particular expressão.

Até aqui as palavras formaes, e resposta do Padre Geral, em que eu não pude negar a força da ultima razão, a qual só, sem fazer caso de nenhuma das outras, represento a Vossa Alteza, para que Vossa Alteza sobre

a verdadeira supposição d'ella seja servido mandar-me ordenar, ou significar, pelo portador d'esta, o que for mais do seu real agrado; porque affirmo a Vossa Alteza com toda a verdade, e sinceridade de fiel criado, e com todo o affecto do meu coração, que ainda com este risco, e qualquer outro de honra e de vida, o meu maior e unico desejo é ver-me aos Reaes Pés de Vossa Alteza, tanto mais cedo quanto for possivel; e que não ha cadêas, por mais douradas que se representem, as quaes me possam deter um momento, para que por mar, por terra, e pelos ares não siga o menor aceno da inclinação e vontade de Vossa Alteza, não só pela obrigação de vassallo ao seu Principe, mas pelo affecto e adoração á pessoa de Vossa Alteza, a quem, depois de Deos, mais venéro e amo. O mesmo Senhor guarde a Real pessoa de Vossa Alteza., como a Christandade e os vassallos de Vossa Alteza havemos mistér.

Roma, 7 de Setembro de 1671.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LIX.AO PADRE SEBASTIÃO DE MATOS ¹.

Senhor meu ,

Recebi a carta de Vossa Mercê com singular gôsto e applauso, porque só Vossa Mercê soube conjugar a voz activa e passiva (de que outros me derão o pêzame) como eu fiz pelo verbo *Rideo*, estimando muito não ter parte no que suppuzérão os que me conhecem, que eu o podia duvidar. O que n'este caso agradeço a Vossa Mercê é o conhecimento, que tem de mim, como eu também n'este mesmo anno conheci a Vossa Mercê por outro acaso, e foi, que abrindo um livro de Sermões varios, achei n'elle alguns com o nome de Vossa Mercê, o qual me confirmarão os discursos que não era equivocado, senão o mesmo; logo o meu

É a LXXVI do tomo III.

errado conceito despio de capa e espada a imagem, que atégora tanto idolatrava, como fingida : e dou o parabem á nossa Ordem Clerical de que uma tal pessoa lhe pertença. Venéro em Vossa Mercê a corôa sacerdotal ; em quanto a não vejo coroada com a Mitra, e me admiro muito que dando o Secretario d'Estado duas a dous irmãos, a de Vossa Mercê atégora seja esteril ; mas com os augmentos Reaes d'essa casa de nossos amos não poderão tambem faltar aos principaes membros d'ella, com o que ha tanto tempo tarda na pessoa de Vossa Mercê á superabundancia de seus merecimentos.

Hontem me veio ver a este meu deserto um soldado da frota, sem outro interesse que a curiosidade de poder testemunhar em Lisboa, que ainda sou vivo. Deo-me muitas novas do Duque, que estimei, e entre ellas dos grandes aprestos de sellas, botas, pistolas, e os mais adereços de Cavallaria, que em todo o Reino se prevenião. Perguntei-lhe se se fazião tambem cavallos ; e como me respondesse que não, sirva-se Vossa Mercê de dizer da minha parte a Sua Excellencia, que a minha especulação é tão maliciosa, que, supposto não se fazerem cavallos, tenho para mim que não devem estar muito longe. Deos

nos allumie, e guie em tudo, e a Vossa Mercê
guarde muitos annos, como desejo.

Bahia, 22 de Julho de 1693.

De Vossa Mercê muito obrigado servo,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LX.

A DONA MARIA DA CUNHA ¹.

Senhora D. Maria da Cunha,

Muito sinto a necessidade, que Vossa Mercê representa, e muito mais não estar em minha mão remediál-a. Eu não tenho podêr sobre as acções do procurador de meu irmão, a quem já encommendei este negocio, com o encarecimento, que Vossa Mercê vio, nem estou em parte d'onde lhe possa fazer outras instancias. Vossa Mercê as póde fazer mais efficaçmente pela via que lhe parecer, porque a minha não tem esta efficacia e valia. E digo isto a Vossa Mercê com toda esta

¹ É a LII do tomo III.

clareza, para que Vossa Mercê não tome o trabalho inutil de me escrever a este deserto aonde me recolhi, para tractar só de me aparelhar para morrer, e dar conta de mim a Deos, a quem prometto de encommendar muito particularmente este negocio de Vossa Mercê, e o remedio da necessidade, em que Vossa Mercê se acha. Por essa razão torna o papel. E Deos guarde a Vossa Mercê muitos annos, e lhe assista com sua graça, como desejo.

Carcavellos, sexta feira 16 de Agosto de 1680.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXI.

AO PADRE FRANCISCO DE MORAES, SEU GRANDE AMIGO, E CONDISCIPULO DO CURSO *.

Em fim, amigo, pôde mais Deos que os homens, e prevalecêrão os Decretos Divinos a todas as traças, e disposições humanas. A primeira vez vinha contra a vontade d'El Rei,

E a II do tomo III.

d'esta segunda vim até contra a minha, para que n'esta obra não houvesse vontade mais que a de Deos, seja elle bemdito, que tanto caso faz de quem tão pouco val, e tanto ama a quem tão mal lh'o merece. Ajudai-me, amigo, a lhe dar infinitas graças, e a pedir a sua Divina Bondade m'a dê, para que ao menos n'este ultimo quartel da vida lhe não seja ingrato, como fui tanto em toda. Ah quem podéra desfazer o passado, e tornar atrás o tempo, e alcançar o impossivel, que o que foi não houvéra sido! Mas já que isto não póde ser, Deos meu, ao menos seja o futuro emenda do passado, e o que ha de ser, satisfação do que foi. Estes são, amigo, hoje todos os meus cuidados, sem haver em mim outro gôsto mais que chorar o que tive, e conhecer quão falsamente se dá este nome aos que sôbre tantos outros pezarês, ou hã de ter na vida o do arrependimento, ou na eternidade o do castigo.

Ditoso quem, por se condemnar ao primeiro, se livrar para sempre do segundo; e mais ditoso quem, tirando totalmente os olhos d'este Mundo, os pozér só n'aquelle summo e infinito bem, que por sua formosura e bondade, ainda que não tivera justiça, devêra ser amado. Amigo, não é o temor do

Inferno o que me ha de levar ao Céu ; o amor de quem lá se deixa ver, e gozar, sim. Oh que bem empregados mares, e que bem padecidos Maranhões, se por elles se chegar com mais segurança a tanta felicidade! Só um defeito acho n'esta minha, que é não a poder repartir convosco ; mas ja que vivemos sem nós, vivamos com Deos, pois está em toda a parte : vejâmo-nos n'elle, e ouçâmo-lo a elle, que melhor será que ouvirmo-nos. Se eu ouvira suas inspirações, já não fôra tão grande peccador ; mas se o menos mal é parte do bem, alguma consolação posso ter hoje, que n'outro tempo me faltava. E para que vós tambem a tenhais, saabei, amigo, que a melhor vida é esta. Ando vestido d'um panno grosseiro cá da terra, mais pardo que preto, cômo farinha de páo, durmo pouco, trabalho de pela manhã até a noite, gasto parte d'ella em me encommendar a Deos, não trato com minima creatura, não sáio fóra senão a remedio d'alguma alma. Chóro meus peccados, faço que outros chorrem os seus, e o tempo que sobeja d'estas occupaões, levão-no os livros da Madre Thereza, e outros de similhante leitura.

Finalmente, ainda que com grandes imperfeições, nenhuma cousa faço, que não

seja com Deos, por Deos, e para Deos, e para estar na bemaventurança, só me falta o vê-lo, que seria maior gôsto, mas não maior felicidade. Esta é a minha vida, e estas as novas, que vos posso dar de mim, esperando n'aquelle Senhor, que está em todo o lugar, e na sua graça, que não depende de lugares, me possais mandar as mesmas d'esse aonde estais. Amêmos a Deos, amigo, e para o amarmos só a elle, conhecerêmos que pouco merecem nosso coração todas as cousas do mundo. Todas acabão, nenhuma tem firmeza; n'esta vida ha morte, na outra inferno, e ainda é peor que um e outro o esquecimento de ambos. Ah, amigo, quem poderá trasladar-vos aqui o coração, para que lesseis n'elle as mais puras e as mais importantes verdades, não só escriptas, ou impressas, senão gravadas! Salvação, amigo, salvação, que tudo o mais é loucura; livre-vos Deos de todas, e de vós mesmo, e vos uma muito comsigo, e vos guarde, como desejo, e continuamente lhe peço. Amen.

Maranhão, 26 de Maio de 1653.

Vosso amigo da Alma,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXII.A D. RODRIGO DE MENEZES ¹.

Senhor,

Ainda as naus da India na altura de Cabo-Verde não estarão, e posto que nos perdoarão o degredo, padecemos em Coïmbra as calmas de Guiné, e menos mal fôra se só se padecêrão as calmas, mas são as doenças tão geraes, e tão malignas, que já os médicos lhes mandarão applicar os defensivos da peste, e falta pouco para lhes darem o nome; espero na Divina bondade que não ha de dar tamanho castigo a esta terra, posto que bastem só os meus peccados para o merecer, mas quando assim succedesse, tambem confio me ha de dar sua graça para dedicar a vida ao serviço e cura d'estas almas, como já lh'o tenho offerecido, com que darei por bem trocada a minha missão. Assim que, Senhor, quando a restituição de que Vossa Senhoria

¹ É a XXVI do tomo I.

tanto se lembra por me fazer mercê, tivéra algum lugar, não é o do tempo presente, em que pôde haver occasião de fazer a Deos, que tanto nos merece, algum particular serviço.

As novas que Vossa Senhoria me faz mercê dar do Senhor Marquez, que Deos guarde, estimo sempre igualmente, e agora muito mais pela circumstancia do tempo em que imos entrando. O inimigo, como Auctor, sairá primeiro, e nós observaremos seus designios segundo as leis das guerras defensivas; mas o successo da Campanha consiste na victoria, e esta ha de ser d'aquelle a quem Deos á quizer dar, e ha de querer dál-a a quem a tiver promettido. E certo, que se não tivéra tanta confiança nas suas promessas, não sei se me desconfiarão os nossos merecimentos; mas Deos pôde primeiro castigar aos culpados, e depois fazer os castigados victoriosos: permitta Vossa Senhoria estes receios ao meu amor, que quem ama muito teme tudo.

O meu recommendado do perdão tardou em me avisar da mercê que recebêra de Vossa Senhoria, pela qual torno a beijar a mão a Vossa Senhoria muitas vezes. Vim de Villa Franca ao Collegio assistir a uns actos: pas-

sados elles, se Deos der vida, faço conta de voltar, porque não perde nada na mudança aquella Obra de Vossa Senhoria. Deos guarde a Vossa Senhoria muitos annos como desejo.

Coimbra, 5 de Maio de 1664.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXIII.

A D. RODRIGO DE MENEZES.

Senhor,

Com todo o coração sinto que Vossa Senhoria passe com achaques, mas pois elles se aggravarão com a incommodidade de Salvaterra, espero que com a mudança e melhoria do lugar tenham remittido de todo, e Vossa Senhoria esteja restituído á inteira saúde que desejo a Vossa Senhoria, e a nosso Senhor peço sempre em todas as minhas orações e sacrificios. Tambem considero outras conve-

⁴ É a LV do tomo I.

niencias em Vossa Senhoria antecipar a vinda de Sua Magestade, que a tudo dá motivo este máo mundo em que vivemos.

Eu passo como permite o rigor do tempo, escarrando vermelho, que não é bôa tinta para quem está com a penna na mão; mas a tudo obriga não só o gôsto, senão também a necessidade. Isto é o que signifiquei a Vossa Senhoria, de cujo favor e do Senhor Marquez, que Deos guarde, me valerei quando a verdade se não possa defender por si mesma; mas a materia, sendo para muito papel, não é para este. Até a esperança se nos tolhe, que é o ultimo allivio que ninguem tirou na mais triste fortuna aos mais desafortunados. Vossa Senhoria pela mercê que me faz não tome pena pelo que digo, que o meu coração é muito grande, e muito costumado a navegar com grandes tormentas; e só me falta n'esta o allivio da communicação de Vossa Senhoria, que de tudo o mais me rió, e verdadeiramente é para rir. Bem a proposito da tormenta vinha agora o Senhor Santelmo. Dizia o nosso Principe que não havia peor gente que os semidoutos, (e ainda são peiores sem bôa vontade). Deos sabe o que faz, e porque, e para que. Se eu pudéra tomar as lições, que Vossa Senhoria me dá com o seu exem-

plo da conformidade com a vontade Divina, nenhuma cousa me faltava; mais ainda que não chego a padecer com alegria, soffro com paciencia, e é tal o costume que pôde parecer constancia. Tambem isto pôde ser Comêta dos que Vossa Senhoria diz se vêem todos os dias, o nosso se vio ainda menos ha de quinze, e hontem fallei com outro Religioso mathematico, dos que escapárão do naufragio do navio do Maranhão, que me disse fôra visto, não só no mar aos 12 de Novembro, como avisei a Vossa Senhoria, mas mûitos dias antes em terra, e que era lá mûi vermelho, e afogueado ao principio, e que logo dissera um Padre Alemão, que anda n'aquella missão, bom mathematico, que era universal. Se apparecerem cartas dos Padres, de que tenho algumas esperanças, ellas dirão com alguma miudeza o que lá se vio. De Castella viérão ao Porto dous prognosticos, que mandei pedir; se m'os mandarem irão a Vossa Senhoria. Dizem que este Comêta é parecido em tudo ao d'El Rei D. Sebastião, e que assim como aquelle significou a sujeição de Portugal a Philippe Segundo, assim este a Philippe Quarto. Mas o nosso Mercurio nos segura de todos estes temores com o pouco medo, que tem ás pre-

venções de Castella. Quererá Deos que assim seja. Pela mercê, que Vossa Senhoria faz ao Padre Procurador, beijo mil vezes a mão a Vossa Senhoria. Guarde Deos a Vossa Senhoria mûitos annos como desejo e havemos mistér.

Coimbra, 23 de Fevereiro de 1665.

Capellão e menor Criado de Vossa
Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXIV.

AO SENHOR D. THEODOSIO¹.

Senhor,

Se Vossa Senhoria não fallára com este seu criado, entendêra que era supposto a occasião da bôa companhia, com que Vossa Senhoria se acha, que é mûi reciproco allivio para tão continuado desterro; mas como creio e sinto o cuidado de Vossa Senhoria, não me

¹ É a XVI do tomo II.

alegra a ausencia de Almeida, quanto aquella má terra me merece, e eu quizera. Bom será esquecer d'ella, em quanto estes rebates de Castella divertem os olhos das nossas sentinellas em outras attensões. Eu espero que nos ha de vir a saúde por mãos de nossos inimigos; e que ha de obrar a necessidade o que não acaba de fazer a razão. Veio o Clerigo de Castella, e vêm muitos Frades por todas as fronteiras. Temo ver que o braço secular pede ajuda ao ecclesiastico. Hoje acabei de saber que Carracena era Conde de Penharanda. Elle me conhece muito bem, e me fez desterrar de Roma; mas se eu fôra qual elle cuidava, não me tivéra Portugal desterrado, e em terra, onde aos achaques passados se accrescenta lançar ha muitos dias sangue pela bocca. Bem é que cuspa vermelho quem fallava claro.

Coimbra, 20 de Março de 1665.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA

CARTA LXV.AO SENHOR D. THEODOSIO ¹.

Senhor,

Pelo Correio tinha escripto sempre a Vossa Senhoria e ao Duque, que Deos guarde. No ultimo dei conta do negocio que Sua Excellencia me fez mercê encarregar, sendo mais fiel a conta que venturoso o negocio, posto que apadrinhado da auctoridade da Senhora Duqueza, e do seu excessivo zelo e amor, que é maior que de mãe.

Esta tarde estive com Sua Excellencia, cuja discretissima conversação só póde alliviar as ausencias de Vossa Senhoria, ainda que, quando Vossa Senhoria está em Coïmbra, tanto monta Roma, como Lisbôa.

O Padre João de Almeida me avisou a novidade d'esta resolução que, se teve alguma cousa de menos bôa, foy não ser feita mais cedo. Estude Vossa Senhoria, e faça

¹ É a LXI do tomo II.

seus actos como seus, e ainda que a conversação dos Grandes não faz consequencias, diga-me Vossa Senhoria a mim o que se diz n'elles, porque me quero acreditar com a Senhora Duqueza de tão amante, como isto, de Vossa Senhoria.

Senhor, porque os Conselheiros d'Estado não têm tempo de escrever novas, posto que a mim tambem me falta, quero dar a Vossa Senhoria as de Roma, que póde ser que não passem tão facilmente o Mondego, como o Tejo.

Morreo em fim o Papa Nosso Senhor Clemente XI em 9 do Corrente pelas três horas da manhã, que lá chamâmos sette; celebráram sua morte os valídos com sentimento, os demais com alvoroço, uns pela novidade, outros pela esperança. Ao dia seguinte com duas horas de noite passou pela nossa porta a pompa do enterro pela ordem seguinte. Ião diante os Estafeiros de Sua Santidade com tochas, logo a guarda dos Tudescos, e n'este lugar o corpo revestido de Pontifical, descoberto por todas as partes em umas andas de veludo carmezim bordadas, acompanhado d'um e outro lado com os doze penitenciarios de S. Pedro, todos Padres da Companhia; seguirão-se seis peças d'artilheria

levadas por cavallos em suas carretas, e guardadas d'alguns infantes; após estes duas companhias de cavallo, uma de couraças, e outra de cavallos ligeiros com as lanças enristadas; e por fim os Officiaes do Palacio Pontificio em Carroças. Saío de Monte Cavallo para ser depositado em S. Pedro, onde se vão continuando as Exequias : *Sic transit gloria mundi*.

Deixou este bom Pontifice sua memoria mais rica de fama, que os parentes de fazenda. O conclave se prepara, onde ficará recolhido o Sagrado Collegio aos vinte. Está nomeado por confessor d'elle o Padre Ximenes Reitor da Penitencia. O nosso Embaixador teve sua oração ao Consistorio, com que ficou n'esta Corte com igual opinião de Orador que de politico; porque soube negociar, depois do Pontifice morto, o que sua enfermidade lhe atalhou fazer em vida. Com que já está publicamente recebido. O Cortejo que o levou foi grande, mas o da entrada que se está preparando, dizem, que será o mais estrondoso que nunca vio Roma. O demais dirá a Senhora Duqueza, que tambem me mostrou uma caixa de guantes para Vossa Senhoria, que não poderá levar o Correio.

No passado recommendava a Vossa Senho-

ria um negocio meu com carta para a Rainha Nossa Senhora ; mas espero que onde está o Duque meu Senhor, não sinta este criado falta da presença de Vossa Senhoria que Deos guarde.

Roma , 16 de Dezembro de 1669.

Capellão e menor Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXVI.

A CERTO PRELADO ¹.

Meu Senhor,

A de Vossa Senhoria Illustrissima de 2 de Novembro recebi esta semana , e li com lagrimas , fazendo d'este favor e affecto de Vossa Senhoria tanto maior estimação, quanto a experiencia do mundo me tem mostrado ser raro o que permanece, quando os tempos

¹ É a LXIII do tomo II.

se mudão. A differença d'estes me trouxe a Roma por não haver outro desterro menos decente, depois de Portugal me haver tratado, como eu lhe não merecia.

Levou Deos para sí o Papa Clemente, e em que a Igreja perdeu grande pastor, e Vossa Senhoria grande amigo. Ha cincoenta e oito dias que o Sagrado Collegio está em Conclave sem se concordar. Ao principio estava dividido em quatro partidos, que hoje se reduzem a dous, um de Barberino, outro de Chigi; e cada uma das partes tem vinte e cinco votos, sendo os cardeaes por todos sessenta e seis: com que cada um vem a ter segura a exclusiva, não bastando os que se chamão Volantes, ainda que se inclinem a qualquer d'ellas para eleger pontifice. Entretanto se desfada Paschino, e se escreve de todos em prosa e verso com tanta paixão, como indignidade: de tudo o que vejo, tiro uma consolação muito desconsolada, e é que de todos os Christãos do mundo nós somos os mais Catholicos, com que venho a não desesperar do que alguma hora esperei.

O Turco faz em Constantinopla e Candia maiores apparatos de guerra que nunca, mas não ha quem o tema. Deos se lembre da sua Igreja, e a Vossa Senhoria Illustrissima guarde

Deos mñitos annos, para bem d'ella, como
havemos mistér.

Roma, 14 de Fevereiro de 1670.

Capellão de Vossa Senhoria Illus-
trissima,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXVII.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO r.

Senhor meu,

Grande é aquelle mal que, até para soli-
citar os allivios, tira o alento. Tal foi o meu
estado todo este mez de Setembro, em que,
guarecido dos pés, me commetteo o humor
á cabeça com terriveis dores de dentes, e
defluxão a uma face, que ajudadas agora das
novas aguas e humidades, quando toda Roma
sai a tomar no Campo a refrescata, fico eu
no da minha paciencia experimentando quão

É a II do tomo IV.

desigual é para juntamente resistir aos sentimentos do corpo e aos do espirito. Passando a estes, ja me tenho queixado a Vossa Senhoria da tyrannia do meu zelo, e da obstinação do meu amor, a que não bastão ingratidões, desenganos, e ainda desesperações, para não sentir os males de quem por vontade os quer, e sem juízo os não melhora. Aqui se diz que El Rei (D. Alfonso VI) está livre na ilha, e que nós não estamos seguros de seus parciaes em Portugal. Escrevem os maiores ministros de Castella, que agora era o tempo de recuperarem o seu, que assim lhe chamão. As cartas particulares do Reino não dizem tanto; mas dizem alguma cousa, porque insinuão mysterios. O Senhor Marquez tem cartas da ilha, que mostra; e eu tambem as tenho d'alguns dos maiores Ministros, com que defendo a nossa reputação n'esta casa, que é um theatro de todas as Nações, e nem todas amigas; mas o que basta para os refutar a elles não é bastante para me convencer a mim. Vejo ir o nosso Embaixador de Hollanda a Inglaterra, e ouço que ha de tornar: vejo eleger Embaixador de França (bem escuzada eleição onde Vossa Senhoria está) e que se escuzão d'ella: vejo sair de Lisboa em uma Esquadra

tão pequena três cabos tão grandes ; e sobre tudo vejo a nossa desatenção, e o nosso descuido ; antes o cuidado que pômos em augmentar inimigos dentro , e não conservar amigos fóra , nem applicar os meios com que só se concilia o respeito d'uns, e a constancia dos outros. Dizem que temos valor, mas que nos falta dinheiro e união ; e todos nos prognosticão os fados que naturalmente se seguem d'estas infelizes premissas. Eu não quizerá crer em prophecias, como tão escandalizado d'ellas ; mas tambem não posso negar o que tenho visto, e vou vendo. Se fiára mais d'este papel, mandára a Vossa Senhoria um, em que ha duzentos annos está escripto tudo o que vimos n'estes quatro ultimos , e só falta o que já se começa a dizer. Mas como tudo é para fins de grande gloria de Deos, e d'aquelles a quem elle faz mercês acinte, não acabo de me desconsolar e desanimar de todo ; Vossa Senhoria pelo que lhe merece o meu coração me faça mercê de participar alguma cousa do que com isto póde ter analogia, principalmente se são certas as resoluções, que em nosso despeito se tem tomado (conforme dizem) em Inglaterra. A da Rainha, que Deos guarde, quanto ao divorcio, não posso crer, estando tão bem

quista do Reino, como o Mundo publica. Mais me temo do amor de seu Irmão, que do desamor de seu Marido, ou Vassallos.

Esperamos ao Senhor Bispo de Lans, a quem quizera mais capellos vagos, porque os Eminentissimos apesar dos annos teimão a viver. O Padre Confessor da Princeza Nossa Senhora me dá boas esperanças do que tanto se deseja. O da Raíinha de Castella está n'esta casa, e todos os Castelhanos dizem lindezas sobre o matrimonio, em cuja validade fallão de maneira que se considerão hoje mais herdeiros de Portugal, que em tempo de Philippe Segundo. Por todos os modos nos fazem a guerra que podem, e onde têm tão poderosa parcialidade, qualquer rumor basta, senão para produzir grandes males, para impedir grandes bens. O Marquez trabalha com juízo, industria e valor, e foi a mais cabal eleição que podia fazer Portugal; mas peleja com armas muito desiguaes, ainda que destrissimamente meneadas. Esperamos o parto dos Bispados, que em Portugal se suspirão com maior desejo do particular, que zelo do commum. Parece que o fallar com Vossa Senhoria allivia; mas a cabeça e os dentes, que não se governão pelo racional, me obrigão a não ir por diante. Julgue Vossa Senho-

ria como poderá prevenir papeis para a estampa quem não póde continuar tão poucas regras. Só por milagre da obediencia poderei fazer alguma cousa, de que darei conta a Vossa Senhoria. Guarde Deos a Vossa Senhoria muitos annos como desejo.

Roma, 26 de Setembro de 1670.

Capellão e Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXVIII.

AO MARQUEZ DE GOUVEA ¹.

Excellentissimo Senhor,

Faltou-me n'este correio carta de Vossa Excellencia, e nem por isso me tenho por menos favorecido, porque sei quanto tempo levão as visitas, e quão precisa é a paga d'estas dívidas, de que já considéro a Vossa Excellencia mais desempenhado.

Aqui não ha novidade. Por toda a semana

¹ É a LXXXV do tomo I.

que vem , me disse hontem o nosso Embaixador, irão os Bispados com as letras abertas ou cerradas , sobre que se fizerão duas Congregações , e ainda não está resoluto ; melhor fôra não intentar, que não conseguir, nem desejar os fins , se não se hão de applicar os meios. Acabada esta função , e não havendo Capellos , porque estes que havia estão providos , parece que fica pouco que fazer, e menos que esperar.

Fez o Vice-Rei de Napoles Embaixador de Obediencia as suas entradas com grande ostentação , eu as vi, porque passárão pela nossa porta , sendo tão pouco curioso que morrem Papas , e se corôão , e nada vejo. Mais gôsto de ver em Roma as ruínas e desenganos do que foi , que a vaidade e variedade do que é; e com isto me parece o mundo muito estreito , e a minha cella muito larga , só me falta poder discorrer com Vossa Excellencia sobre isto uma tarde , ainda que não fôra á vista das moletas do Tejo , nem das hortas de Santo Antão. Hoje começam as mascarar do carnaval , em que eu digo as tirão , porque verdadeiramente mostram , que não são por dentro o que parecem por fóra.

Muito nos magoôu o successo da Rainha que Deos guarde , e muito mais o conselho

que a deixou metter em tal perigo : de cá o vi, e escrevi, e hoje recebi carta em que, dando-me a nova, me chamarão propheta, mas sempre o será, quem de más resoluções prognosticar semelhantes successos.

N'esta côrte está o Padre Antonio Vás, de quem sou antigo amigo, e o pudéra ser de menos tempo a esta parte pela similhaça da fortuna. Em Lisboa o tractarão como inconfidente, sendo um dos mais finos Portuguezes de quantos se prézão d'este nome; Vossa Excellencia deve ter bastante informação de seus talentos, e a melhor de todas será a experiencia, que toda a mercê, que Vossa Excellencia lhe fizer, a receberei mui particular.

Eu fico trabalhando na Canonização dos Martyres, que por muiitos, e Portuguezes, tem encontrado grandes embaraços na emulação, com tudo esperâmos que antes da Pascoa nos dê sua Santidade estas boas festas; passadas ellas, entrarei em consulta com a minha vida, esperando a resolução do que tem o lugar de Deos, porque não quero ter parte n'ella. Vejo que se inclinão a que se escreva, e só me inclino a não ter nem mostrar inclinação, e a fazer o que me ordenarem, que é a mais segura razão, que pos-

so dar a Deos quando me pedir conta, para que só trato de me aparelhar, e com isto a tenho dado de mim a Vossa Excellencia quanto de presente posso. Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos, como o nosso Reino, e os criados de Vossa Excellencia havemos mistér.

Roma, 31 de Janeiro de 1671.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXIX.

AO MARQUEZ DE GOUVEA ¹.

Excellentissimo Senhor,

Este correio, que trouxe d'essa Côrte novas do novo descobrimento de minas, me enriqueceo com duas cartas da mão de Vossa Excellencia, que beijo mil vezes por tanta mercê e honra, e dou graças a nosso Senhor,

¹ É a LXXXVI do tomo I.

que Vossa Excellencia passe com a saúde que havemos mistér, ainda que entre neves, de que atégora aqui estamos livres.

A carta em que Vossa Excellencia dá os parabens ao Senhor Embaixador de haver botado de parte o negocio dos Bispados, lhe quiz mostrar antehontem, mas sendo já dadas as onze pela medida dos nossos relogios, ainda o achei na cama restituindo ao somno (comô me dissêrão) as horas que lhe tinham tirado as comedias do Carnaval, que aqui se fazem de noite; e digo que se fazem, e não se representam, porque o que se vê, mais parece obrado pela natureza que fingido pela arte; mudando-se de repente os edificios em bosques, a terra em mar, os penhascos em jardins; e o melhor que isto tem, é que tambem o podemos ver os Padres da Companhia nos nossos Seminarios, onde este anno se recitarão pelos mesmos estudantes duas famosas historias, uma de Santa Ita, outra de Santo Canuto: nas nossas quarenta horas se representou pelo mesmo artificio a batalha de Josué, com o sol parado, que foi cousa magestosa, e muito para ver, não se vendo mais que os reflexos dos lumes, que erão mais de seis mil, e tudo isto é o que posso dizer d'estes dias a Vossa Excellencia,

o de mais , se o houver, irá no Proprio , que cada dia parte , e não acaba.

Das novas do Norte terá Vossa Excellencia n'essa Côrte mais frescas, e certas noticias. As de Levante promettem grandes novidades n'esta primavera, porque os apparatus do Turco, assim da terra, como marítimos, são formidaveis. Uns fallão em Malta, outros em Sicilia, e esta voz se tem por mais provavel. Um grande Principe de Polonia, aggravado de se lhe negar certo posto que pretendia, mostrou quão pouco merecedor era d'elle, com se sujeitar ao Turco, e lhe jurar fidelidade. Tambem se passárão á Transilvania alguns Senhores, e Magistrados dos de Ungria, e de Croacia se escrevem cousas similhantes, que aqui não dão muito cuidado. Casa uma Sobrinha do Cardeal Nepote com um Principe da Casa Ursina, que será herdeiro d'ella; e para um seu Irmão, Frade de S. Domingos, dizem que está destinado um dos primeiros Capellos que vagarem, mas os Eminentissimos, passando muitos de setenta annos, se defendem da vacatura galhardamente. Sua Santidade, Deos o guarde, está muito bem disposto, e promete guardar o deposito por mais tempo do que suppoz a concordia dos Eleitores. É de vida innocen-

tissima, e mais benemerito dos Santos, que mûitos de seus Antecessores juntos. Esperâ-mos a declaração dos quatro martyres do Brazil, mas é a maior difficuldade serem mûitos. O nosso mallogrado Principe cá anda estampado nas gazetas, e de bôa mão me escrevem, se repete a viagem de Salva-terra. D'aqui por diante começarão a ser mais pontuaes as novas de Madrîd, em que sempre espéro com ancia mûito bôas de Vossa Excellencia. Deos guarde a Vossa Excellencia mûitos annos como desejo, e os criados de Vossa Excellencia havemos mistér.

Roma, 14 de Feyeireiro de 1671.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXX.

AO MARQUEZ DE GOUVEA.

Excellentissimo Senhor,

Dizem que parte ámanhã um correio, e posto que o proprio, e ordinario, intendo

É a LXXXVII do tomo I.

chegarão nos mesmos dias, não quero deixar de solicitar os favores de Vossa Excellencia por todos, como em todos os espero.

Em fim, vão n'este despacho sette Bispados, a saber : Guarda, Lisboa, Coïmbra, Leiria, Gôa, Bahia, e um *in partibus* para o Capellão-Mór, com titulo de Hiponia, e será o Senhor Luiz de Souza dignissimo successor de Santo Agostinho. Lembra-me um dito d'El Rei D. João ao Capellão-Mór Manoel da Cunha, mas não quero fazer memoria dos mortos, porque me não causem as saüdades, que me não merecem os vivos. Estes são os Bispados da primeira plana, sobre que será muito para ouvir o Arcebispo d'Evora, posto que sem razão; mas como falla tão alto, tambem cá chegão as suas queixas, como chegão os seus votos.

Vão as Bullas abertas, e aïnda não sei como se concordou esta dúvida : ouço que dizem, *Dilecto Filio Regi Portugalliæ*, e que mais abaixo se nomeia D. Pedro Principe, e Governador de Portugal, que, sem embargo das regras em meio, se devem entender como substantivos continuados. O que tenho por certo é que os termos, quaesquer que sejam, devem ser muito honoríficos, e muito sem escrupulo, pois o Senhor Em-

baixador os admittio, tendo trabalhado n'este ponto, como nos demais, tanto á Portugueza no valor, como á Romana na destreza. Se elles entendem uma cousa, e nós entendemos outra, cada um cuidará o que lhe estiver melhor.

Vão podêres ao Nuncio para sagrar os primeiros Bispos, com assistencia de duas Dignidades; d'elle se não sabe mais, que haver partido de Pariz para a Rochella, e suspeitar-se em Madrid que estava occulto n'aquella Côrte; mas ainda que eu tenho tão grande opinião da sua grandeza, não me parece tão pequena cousa o Nuncio de Portugal, que se podesse esconder n'ella. Isto é, Senhor, tudo o que posso dizer de presente, mais por fallar com Vossa Excellencia que por dar noticias de Roma, quando Vossa Excellencia as tem mais verdadeiras e puras da mesma fonte, onde eu acudo poucas vezes, porque não tenho sêde, nem vazilha. Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos, como desejo, e como o nosso Reino, e os criados de Vossa Excellencia havemos mistér.

Roma, 21 de Fevereiro de 1671.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXI.A DUARTE RIBEIRO DE MACÊDO ¹.

Senhor meu ,

Não me faltão tambem ha mûitos dias novas de Vossa Senhoria por eu as não procurar, mas tambem na terra ha naufragios. Aqui me informei, e me dissêrão que mandando-as francas passarião em paz de Leão a Pariz, mas experimentei o contrario. Esperava pelo Senhor Duque de Lans para ter as estradas mais seguras, como entendo que esta a terá. Dito Senhor chegou com bôa saúde, está mûito bem alojado no melhor Palacio de Roma, d'onde ainda não sai, nem recebe visitas públicas; suspeito que por se ajustarem entre tanto os tratamentos. Sua Excellencia me admittio, e fez toda a mercê que se podia esperar e prometter um criado, a quem a Raïnha Nossa Senhora faz tanta por sua benignidade e grandeza. Fallámos mûito

¹ E a IV do tomo IV.

em tudo, e em Vossa Senhoria não pouco, sentindo quanto se deve que havendo Sua Alteza, que Deos guarde, ter Ministro em Roma se não considerasse quanto Vossa Senhoria estava mais perto que todos, e diante de todos. Mas assim ha de ser para que em nada acertêmos, e procedâmos coherentemente em tudo, sem outra solução que a de saber mais o sandeo no seu que o sizudo no alheio, como se as cousas de Portugal forão menos nossas dos que por cá andâmos, que dos que só lhe podem chamar suas porque as logrão, e dispõem d'ellas como absolutos Senhores, por não dizer possuidores injustos. A maior pena que aqui padeço é ouvir fallar em Portugal, porque todas as nossas acções desmerecem a nossa fortuna, quando a poderamos por todas as vias adiantar ao summo auge da felicidade e grandeza. Mas como o que ha basta para a ambição dos presentes, não querem aventurar nada com a esperança, porque possuem o que nunca esperarão. Se aqui me podéra consolar com Vossa Senhoria fôra um grande allivio, mas nem esse posso ter, porque não ha por cá quem se desconsole. Deos lhe faça bem com o seu pouco, e lh'o sustente por muitos annos, como elle só sustenta, obrando, como na creação do

mundo, sem concurso de causas segundas.

Hontem busquei ao Senhor Marquez Embaixador para lhe apresentar o livro de Vossa Senhoria, mas não estava em casa, onde lh'o deixei a bom recado para que pudesse responder n'este correio. Ao Abbade dei o que lhe tocava, e o seu ao Padre Bento Pereira, que muito estimarão. Eu li os meus de dous fôlegos, que a doçura do estilo não me consentio fazêl-o com menos sofreguidão. Aprendi muito, e o maior encarecimento que posso dizer do meu gôsto, é que não invejei nada, sendo que conheci que não sei fallar Portuguez. Não sei se faz mal aos Principes sabermos que têm tão altas descendencias?

O caso de Odivellas, com que foi recebido o Nuncio, nos tem suspensos por todas as circumstancias; estimarei que Vossa Senhoria me diga o que por lá se sabe ou se suspeita, porque aqui chegou alguma carta que dá a entender podia ser o furto Catholico, não por fazer desacatos, mas para mostrar os que já se fizêrão e podião temer. Queimando-se um Palacio na antiga Roma, e vendo um Senador que estavam muitas mulheres chorando, mandou-as buscar agua ao Tibre, dizendo-lhes que com esta se podia apagar o fogo, e não com a das suas lagrimas. Sabêmos

chorar, e não sabêmos pôr remedio. Enlutâmo-nos por um desacato publico, e não olhámos para os occultos que mandâmos fazer por obrigação a quem não tem vontade d'isso.

Senhor meu, já que Vossa Senhoria não vem a Roma, nem eu posso ir a França, entenda-me Vossa Senhoria, e compadeçâmos-nos ambos do que entendêmos. Em Módena me dizem agora que succedêo um notavel terremoto. Aqui tudo está quiêto; e posto que Sua Santidade não fez a funcção de S. Pedro, dizem que passa com melhor saúde do que a sua idade promettia e seus successores desejão.

Deos guarde a Vossa Senhoria mûitos annos como havemos mistér.

Roma, 30 de Junho de 1671.

De Vossa Senhoria

Capellão e Criado,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXII.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO *.

Senhor meu,

Sendo tão util e necessario para a saúde de Vossa Senhoria não posso deixar d'estimar muito que Vossa Senhoria tenha o despacho de voltar para os ares patrios, ainda que não poderá ser sem experimentar os rigores d'este inverno, que d'esta banda começa a ser menos toleraveis que os do anno passado. Conserve Deos a Vossa Senhoria a saúde com augmentos d'annos que eu desejo e lhe peço, conhecendo quanto nos importa a vida de Vossa Senhoria se nós nos soubéramos aproveitar d'ella. Dizem-me que sem dúvida sai da Secretaria d'Estado Francisco Correa. E o haver de esperar Vossa Senhoria por Embaixador de França é argumento que não querem n'aquella terra acabar de entender o que só lhes convém.

* É a VII do tomo IV.

A forma monstruosa do nosso governo cada dia pare novos monstros, antevistos todos dos que naturalmente aconselhavão a Corôa ou a Regencia. Mas prevaleceo contra o juízo commum o capricho obstinado de três homens de poucas cans e nenhuma experiencia. Lembra-me a historia de Roboão, e o peor é que já vemos a capa feita em retalhos; queira Deos que Vossa Senhoria e eu não sejamos Prophetas. De Madrid se me escreve com mais apertados e declarados termos, e suspeito que como de mais perto seja já com alguns fumos de fogo, que se esconda debaixo d'estas cinzas. Eu não sei em que juízo póde caber que tantas cousas e tão grandes, ainda que fossem muito modificadas e muito uteis, se emprehendessem juntas no mesmo tempo.

Bejo a mão mil vezes a Vossa Senhoria pelas copias d'aquelles dous papeis, que só com este favor se podião adoçar as noticias d'elles. Eu as communiquei logo ao Senhor Marquez das Minas, que tornou a execrar a nossa teima, em que elle sempre foi de parecer contrario. Forte cousa é que queirâmos fazer chiméras, e que teimemos em que o mundo as respeite e adore. Tem-me em grande cuidado a resolução a que estava inclinado o Embaixador d'Inglaterra, porque ainda que

seja muito conforme á reputação e ao brio , não estâmos em tempo mais que de dissimular e soffrer. Se o Principe, que Deos guarde, tomára o conselho d'algum vassallo que muito o ama , estivéra o Reino em estado , opulencia , e podêr, que o temêrão os inimigos , e o respeitárão os amigos ; mas cuidâmos que Portugal depois da paz se collocou no céu impyreo ; e que os meteórós , que perturbão o mundo , o não podem inquietar.

O Senhor Embaixador me disse que se partia hoje , mas entendo que não será senão á manhã ; vái regalado de reliquias e indulgencias , e tambem fez regalos , que custão mais , ainda que valem menos. O Residente ainda se não levanta. Morreo o Cardeal Celsi. Veio nomeado Embaixador o Padre Everardo para exercitar em quanto não chega o Marquez de Liche ; e para o fazer em outro habito , em quanto se não accommoda a promoção da purpura , está nomeado Arcebispo de Edéssa com uma obediencia de acceitar , e outra de não replicar. A Companhia com tudo replica , mas entende-se que será sem effeito. Fico trabalhando nas prevenções da estampa , que desejo comece com o anno que vem , mas em terra e casa tão grande como esta não ha momento de tempo livre , nem a

saúde e idade ajuda a aproveitar das noites do inverno, que na repartição regular são iguaes ás do verão. Vossa Senhoria me não falte com novas suas, e Deos me guarde a Vossa Senhoria muitos annos como com todo o coração desejo.

Roma, 10 de Novembro de 1671.

Capellão e Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXIII.

A D. RODRIGO DE MENEZES ¹.

Senhor,

Vossa Senhoria seja muito bem chegado de Salvaterra, e com aquella saúde que desejo, e a Deos peço. A esta ausencia attribuo a falta de Vossa Senhoria esperando que alguns correios proximos me confirmem, em que não errarão n'esta applicação as minhas

¹ É a XLI do tomo III.

saúdaes; e se assim não for, ajuntarei estas queixas da memoria de Vossa Senhoria ás que tenho de outra, cujas lembranças e affectos Vossa Senhoria me tem tanto assegurado; mas bem se poderá perguntar por Antonio Vieira em Salvaterra, a quem ia de Roma. Aqui chegou agora um Padre d'esse Reino, e eu estou tão pouco emendado, que nem o deixei dormir, nem pude, em quanto me não satisfez a um interrogatorio de perguntas tão individuaes, e tão miúdas, que Vossa Senhoria se riria muito d'ellas, e de mim; mas isto é o que eu chamo amor, e merece nome de loucura.

Aqui chegou Embaixador de França, cuja primeira entrada se dilatou, por indisposição de Sua Santidade, e foi muito bem recebido, e ficou muito acceito em Palacio. E' irmão do senhor Bispo do Laon, e se entende que depois da Pascoa se lhe dará o capello, posto que na fôrma da nomina não deixa de haver variedade, pelas consequencias de Hespanha, e do Imperio. Sobre a resolução, que deve tomar Portugal com o Embaixador de Castella, e Enviado de França, fallão diversamente os Politicos Romanos, inclinando-se cada um á parcialidade, que quasi todos seguem; eu não digo a Vossa Senhoria nada,

porque até para o dizer a Vossa Senhoria quasi me falta a confiança. Peço a Nosso Senhor encaminhe as resoluções de Sua Alteza ao que elle só sabe será melhor.

Esta envio por mão de Manoel da Gama de Padua, de quem tive antigo conhecimento, por alguns serviços consideraveis, que fez ao Principe D. Theodosio, e a Suas Magestades, que estão no céo. Hoje se acha mui desassistido do favor, que n'aquelle tempo tinha sobre demandas, ou sentenças, muitas vezes julgadas em dinheiro, que desembolçou nos assentos da guerra, sendo muito poderosas as partes, que lhe impedem a execução da justiça; parece-lhe que só a protecção de Vossa Senhoria lhe póde valer, e se valeo de mim para este favor. Todo o que Vossa Senhoria lhe fizer estimarei muito, e julgo que é merecedor d'elle, pelo grande zelo, e liberal vontade, e effeitos, com que sempre servio a Sua Magestade, e sei deseja servir a Sua Alteza.

O Padre, que acima digo, contou a historia de certo homem, que diz ficava em Lisbôa, com nome de Principe Turco, e se julga aqui ser um frade grego, que havendo-se baptizado quatro vezes fez semelhantes enganos em Roma, e em outras Cortes em

Europa, de que me pareceo avisar a Vossa Senhoria para que Sua Alteza se confirme na cautéla, com que o não tem querido ouvir; mas se esta noticia chegar a tempo, sirva-se Vossa Senhoria de que se não saiba o auctor. Ao Marquez, meu Senhor, beijo a mão, e Deos guarde a Vossa Senhoria mûitos annos, como desejo.

Roma, 9 de Abril de 1672.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXIV.

A D. RODRIGO DE MENEZES ¹.

Senhor,

Duas vezes tomei a penna, para fallar a Vossa Senhoria nos meus particulares, em conformidade do que Vossa Senhoria foi servido avisar-me na ultima; mas sempre me divertio d'este intento o zelo da Patria, e ser-

¹ É a LXXIII do tomo II.

viço de Sua Alteza, sobre que disse tantos disparates, como Vossa Senhoria se haverá cansado de ler; mas todos nascidos d'aquelle coração, cujas culpas Vossa Senhoria me perdoa sempre. Agora fallarei em mim, e de mim brevissimamente.

Com esta vai um Sermão, que o Padre Geral me obrigou a prégar em lingua Italiana, como ha muito tempo deseja. E sem embargo dos defeitos da pronuncia, de que n'elle me desculpo, foi tambem recebido dos Cardeaes, e Grandes d'esta Corte, que o mesmo Padre Geral me tem avisado, para prégar em dous Congressos, em que assiste junto todo o Sagrado Collegio, a instancias das mesmas Eminencias. E' o unico Prégador que tem o Papa, e o maior de Italia, e quer elle, e muitos, que eu lhe succeda no officio. Tambem querem que eu seja assistente das Provincias de Portugal, a que tenho resistido fortissimamente, e qualquer d'estes grilhões, ainda que tão dourados, me prenderão de maneira em Roma, que morrerei n'ella, posto que me dure muito a vida, e ajudarão não pouco a m'a abreviar, sobre outros grandes inconvenientes, e pensões muito alheias dos meus intentos, e da quietação com que me quizera apparelhar para a morte. Sei a

lingua do Maranhão, e a Portugueza, e é grande desgraça, que podendo servir com qualquer d'ellas á minha Patria, e ao meu Principe, haja n'esta idade de estudar uma lingua estrangeira para servir, e sem fructo, a gostos tambem estrangeiros. Accrescentasse, que com qualquer d'estas occupaões, não poderei acabar, nem imprimir os meus livros, assim Latinos, como Portuguezes, em que tanto tenho trabalhado, e dos que os virão, e não virão, são muito desejados.

Fallo com esta sinceridade a Vossa Senhoria porque fallo com Vossa Senhoria, e com a mesma espero que Vossa Senhoria breve e effectivamente se sirva responder-me, para que eu possa tomar as medidas á minha vida. Se Sua Alteza, ou no Reino, ou nas Conquistas se quer servir de mim, importa que logo me mande escrever uma carta, que eu possa mostrar, com ordem muito apertada, em que o diga assim, e me mande ir para Portugal; e quando Vossa Senhoria não ache esta vontade e disposição muito verdadeira e solida no animo de Sua Alteza, peço a Vossa Senhoria que com a mesma verdade e brevidade se sirva avisarm'o por duas regras de sua mão, para que eu com este desengano saiba o que hei de fazer de mim, promet-

tendo a Vossa Senhoria que quando vá buscar a quietação, que só desejo, a outro reino, não será para viver na Corte de nenhum outro Principe, posto que saiba que só no da Senhora Rainha de Inglaterra não serei bem servido por aquelle Sermão, que lhe custou muitas lagrimas, em que defendi o direito de Sua Alteza de que tenho em meu poder testemunho authêntico.

Tenho em grande altura um livro latino intitulado o *Quinto Imperio*, ou *Imperio consummado de Christo*, que vem a ser a *Clavis Prophetarum*; e ninguém o lê sem admiração, e sem o julgar por importantissimo á intelligencia das Escripturas Propheticas. Toda a minha desgraça esteve no tempo, e em me não ouvir o Senhor N. N. presente, que eu desejára muito me ouvisse, etc. Tenho-me confessado com Vossa Senhoria, Vossa Senhoria conforme o que achar n'estes dous tribunaes me mandará a absolvição, ou a penitencia. E Deos me guarde a Vossa Senhoria e ao Senhor Marquez muitos annos, como hei mistér.

Roma, 22 de Outubro de 1672.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXV,

OU

CAPITULO D'UMA CARTA A UM AMIGO, EM QUE
LHE DA' NOTICIA DOS PRINCIPIOS DE LISBOA.

Lava o celebradissimo Tejo com as suas correntes as ribeiras de Lisbôa, fazendo espelho aos montes e torres d'aquella antiquissima Cidade, que na prerogativa dos annos excede a todas as que os contão por seculos. Em seu nascimento foi fundada por Elysa, filho de Javan, irmão de Tubal, ambos nêtos de Noé, d'onde começou a ser conhecida pelo nome de Elysea, depois tão amplificada por Ulysses, que não duvidou a grega ambição a lhe dar, comó a obra propria, o nome de Ulyssipo.

Tanto pelo fundador, como pelo amplificador, lhe compete a Lisbôa a precedencia de todas as Metrôpoles dos Imperios do mundo; porque em quanto Elysea, é duzentos e

'É a LXXXIV do tomo II.

vinte annos mais antiga que Ninive, cabeça do primeiro Imperio, que foi dos Assyrios; e em quanto Ulyssipo, quatro centos e vinte cinco annos mais antiga que Roma, cabeça tambem do ultimo Imperio. Em quanto dominarão os Romanos, ambas caminhando ao Occidente trouxérão das ruínas de Troya as pedras fundamentaes da sua grandeza; mas Roma na descendencia de Eneas, vencido e fugitivo: e Ulyssipo na pessoa do mesmo Ulysses, não só vencedor de Troya, mas o que a sujeitou a poder ser vencida com o despojo da imagem de Pallas, a cujo agradecimento edificou na mesma Lisboa o sumptuoso templo que hoje se vê mudado, ou convertido no insigne Convento de Chellas. O céo, a terra, o mar, todos concorrem n'aquelle admiravel sitio, tanto para a grandeza universal do Imperio, como para a conveniencia, tambem universal, dos subditos, posto que tão diversos. O céo na benignidade dos ares mais puros e saudaveis, porque nenhum homem de qualquer Nação, ou cor que seja, estranhará a differença do clima; para os do Pólo mais frio, com calor temperado, e para os da Zona mais ardente, com moderada frescura. A terra na fertilidade dos fructos, e na amenidade dos montes e valles

em todas as estações do anno sempre floridos; por onde do nome de Elysea se chamão Elysios os seus campos, dando occasião ás fabulosas bemaventuranças e Paraíso dos Heroes famosos.

O mar finalmente, na monstruosa fecundidade, porque n'aquella campina immensa, que não secca o sol, nem regão as chuvas, assim como nos prados da terra pastão os rebanhos dos gados maiores e menores, assim ali se crião sem pastos os maritimos em innumeravel multidão e variedade, entrando pela barra da Cidade em quotidianas frotas, tanto para a necessidade dos pequenos, como para o regalo dos Grandes, sendo n'esta singular abundancia Lisboa, não só a mais bem provida, mas tambem a mais deliciosa terra do mundo.

CARTA LXXVI.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO ¹.

Senhor meu,

Tenha Vossa Senhoria tão alegres e felicissimas festas como eu tive duplicadas estas com duas Cartas de Vossa Senhoria, acompanhando a d'este correio a do passado. O de Portugal devendo chegar, segundo o uso do inverno, na antevespera do Natal, estamos na segunda oitava e ainda não ha novas d'elle; o rigor do tempo o escusa: queira Deos que compense a tardança com alguma noticia que nos dê bom fim e principio do anno.

Muito estimarei saber o estado da negociação d'Inglaterra, e tiro da pressa que agora nos dão as mesmas consequencias. Poderá ser que as novas que correm das offertas de Hollanda em Portugal influissem na frieza d'Inglaterra. Eu, como me parece tenho dito a Vossa Senhoria, nenhum fundamento faço

¹ É a XXXVII do tomo IV.

nem dos avisos , nem das proposições do Conde de Humanes ; porque as estimo totalmente vans , e quanto mais largas e liberaes , tanto mais suspeitosas de artificio e engano para illudir , ou quando menos embaraçar a simplicidade do nosso povo , e ver se com os seus applausos e brados póde arrastar os votos d'alguns Ministros , alguns dos quaes tambem são povo. Estou com Vossa Senhoria em entender que mais de pressa nos darão os Hol-landezes uma das melhores praças de Hollanda , que Ceilão , e muito menos Ceilão e Cochim que vem a ser dar-nos a pimenta e canella , que são as principaes drogas do seu commercio. Perguntára eu ao Conde de Humanes que caução nos ha de dar do que promette? E como Castella nos não ha de dar a que eu apontasse , com esta resposta satisfaria a todas às partes. A condição de liga offensiva e defensiva já se vê quão impraticavel é , e quão abominavel contra duas Corôas , uma tão parenta , outra tão amiga , e ambas tão poderosas. Se acceitassemos os offerecimentos intrinsecos de nossos homens de negocio , são elles taes , que nós , sem companhia d'outrem , podiamos fazer a guerra na India , com que nos livrariamos de grandes inconvenientes ; e este foi sempre o meu parecer,

e é a minha dor, como tantas vezes tenho manifestado a Vossa Senhoria; mas pois não queremos o melhor, é força que nos compo-nhamos com o menos máo.

Atéqui tinha escripto esta esperando pelo correio; chegou n'este ultimo momento, e não traz novidade de que possâmos esperar melhora de anno. Deos. guarde a Vossa Senhoria tantos e tão felizes como desejo.

Roma, 27 de Dezembro de 1672.

Capellão e criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXVII.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO *.

Senhor meu,

Recebi n'este correio a carta do passado, desgraça que me succede mûitas vezes; e diz o Procurador do Collegio Claramontano ao d'esta casa, que a occasião de succeder assim

* É a XL do tomo IV:

é porque lhe chegam as cartas muito tarde. Se Vossa Senhoria poder dar remedio, sem discommodo, a esta dilação, será dobrada mercê; porque é grande falta d'allivio, e grande tormento para a minha impaciencia, haver de esperar oito dias.

Primeiro que tudo dou a Vossa Senhoria infinitas graças pela copia das noticias enviadas de Lisboa; se lá se soubérem aproveitar de tal lição, não lhes fará falta aos nossos conselheiros as poucas que tem do mundo; e ainda que tivérão todas, Vossa Senhoria lh'as manda estiladas em uma tão quinta essencia, que assim como suppre, excede toda a arte. Eu participei o papel em segredo a alguns amigos dos mais noticiosos e politicos d'esta casa, e todos admirarão a comprehensão, estilo, e juízo d'elle, e me dérão o parabem de Portugal ter não taes, mas um tal ministro, que eu acceitei de mui boa vontade. Com a mesma me vanglorio, de que vindo tantas noticias, e por tantas vias a Roma, ninguem as tenha tão certas, nem tão interiores, nem tão profundamente ajuizadas, e prognosticadas para o presente e futuro, como eu.

Vindo ao particular nosso, posso dizer com verdade a Vossa Senhoria que com esta

carta se me tirou uma nuvem especissima que trazia sobre o coração , que não encobri a Vossa Senhoria tocante ao negocio que se trata em Inglaterra, de que atégora não tive mais que as noticias confusas. Como seja condição da liga restituïrem-se aos antigos possuidores todas as praças conquistadas por elles , entrando n'este numero Ceilão , não me parece que será racional , quem a olhos fechados , ou muito abertos , não conhecer e acceitar a conveniencia d'estes partidos. São tão grandes , e tão uteis , que quasi excédem a minha fé e esperança ; mas sempre a tive mui segura , de que sendo este negocio proposto , approvado , e assistido por Vossa Senhoria, não podia deixar de ser qual mais nos convenha.

Reconheço as difficuldades , ou impossibilidades da paz ; mas esta é a que nos dará occasião a lograr este beneficio , e será tanto mais facil a se conseguir , quanto mais embaraçados estiverem os Hollandezes com a guerra. As suspeitas de a termos em Italia não se aquietão de todo ; e a este fim dizem se provê Catalunha , e Milão de Governadores mais marciaes. Hontem foi nomeado Cardeal um nepote do Pontifice passado , casa Rospilhosa, dizendo Sua Santidade o fazia ,

porque Deos nos manda ser agradecidos, e foi esta recompensa do Capello que o Pontifice presente tinha recebido de seu antecessor; mais honesto é o contracto da commutação que o da venda, ainda que a materia pertença á justiça distributiva, de cuja especie ha já poucos individuos no mundo.

Eu prégo áos Eminentissimos *Jove di grasso*, que vem a ser a nossa quinta feira de Comadres, e se trocou esta Capella a petição do Cardeal Decano, pela outra que se faz ao Domingo na nossa Igreja, em que o Sermão não póde chegar a meia hora, admitindo-se n'aquella maior largueza. Eu me não sei reduzir a estas angustias, porque em muito tempo digo pouco, e em pouco, nada. Confesso a Vossa Senhoria que o faço com inexplicavel repugnancia, não sendo possível contentar aos ouvidos, que sempre são mais que os entendimentos; e em Italia os conceitos, que elles chamão Hespanhoes, tem muito pouco credito, quanto mais os Portuguezes. Deos guarde a Vossa Senhoria como desejo.

Roma, 17 de Janeiro de 1675.

Capellão e criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXVIII.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO ¹.

Senhor meu ,

Escrevo a Vossa Senhoria de mão alheia , dando muitas graças a Deos de o poder fazer ainda por este modo. Foi o caso que , haverá seis dias , descendo uma escada de pedra , caí de rosto por ella abaixo com todo o peso do corpo , e ali fiquei por bom espaço , por ser de noite , e a deshoras , até que em braços me trouxérão a esta cama com uma ferida na testa , e sem poder reger a perna direita ; sobreveio febre , de que fico com alguma melhoria : a ferida se cura , e dizem os Medicos que não ha perigo , posto que a perna , ainda que se não tirou nenhum osso de seu lugar , dizem se não solidará tão brevemente.

Tenho dado conta de mim a Vossa Senhoria , e de cá se não offerece outra cousa mais , que a alteração que em Palacio se tem sen-

¹ É a XLVIII do tomo IV.

tido com a nova, que mandou o Nuncio d'essa Corte, por um extraordinario, sobre a cavallaria de S. Lázaro, que El Rei determina instituir, ou resuscitar, prezumindo-se que será em damno da Dataria, que é aqui a dor mais sensivel. Tambem ajuntão a esta novidade a dos Expedicioneiros Ecclesiasticos, cujo numero e pessoas, dizem, quer El Rei seião da sua eleição, tanto em Roma, como em França, com presupposto, ou comminação de se haverem por nullos todos os despachos expedidos por outra via.

Por Flandes se escreve ser morta a Senhora Raíinha d'Inglaterra, o que eu não quero crer, nem devo, pela experiencia d'outros semelhantes avisos sobre a vida de nossos Principes; escrevem o que desejão, e só sinto que os que o lem seja pela maior parte com pouco sentimento. Não sei se o merece assim a reputação de nossas acções, que já me envergonho de não poder defender. Dizem que partem este anno da nossa terra duas naus e um patacho, que é o mesmo que tomar Azamor com Caravelinha; e n'isto desarmarão os estrondos da Companhia Oriental. Vossa Senhoria tem muita razão de entender que nenhuma cousa veremos *extra causas*, principalmente depois que temos tão pouco

valor que tirâmos as nossas da mão do legitimo e Supremo Juiz , e as pômos nas dos que são partes , e tão interessadas.

A resolução de Brandeburg dá aqui grande cuidado a todos os que temem a sujeição ou paz de Hollanda , de que prognosticão pouca quietação por terra em Flandes , e por mar em Italia. As intercadencias da paz de Genova a mettem em novos receios , os quaes chegam até ao Castello de S. Angelo. Se a guerra se romper com Hespanha terão muito em que cuidar os nossos Ministros. Já estará livre d'este zelo Pedro Fernandes Monteiro , que, escrevem todos , acabou a vida com grandes signaes de predestinação , e protestos da innocencia d'alguns indiciados no Tribunal dos inconfidentes , particularmente do Conde de Castel-Melhor. Deos guarde a Vossa Senhoria muitos annos como desejo , e havemos mistér.

Roma , 11 d'Abril de 1673.

Capellão e criado de Vossa Senhoria ,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXIX.A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO ¹.

Senhor meu,

Recebi, como ordinariamente succede, duas de Vossa Senhoria, uma de 15 d'Agosto, outra do primeiro do corrente. E antes de Vossa Senhoria me advertir da pouca verdade com que os Hollandezes escrevem, e estampão, dê's d'o principio d'esta guerra naval, estou sempre firme no conceito que fiz d'ella antes do primeiro combate do anno passado, a que os Padres d'esta Casa chamão o Almanack do Padre Vieira: prognosticando eu dê's d'aquelle tempo (sendo perguntado, como marinheiro velho; do que entendia) que as armadas havião de pelejar valorosamente de ambas, ou de todas as três partes, como nações tão bellicosas; que os Hollandezes havião de ter sempre a vantagem de menear com maior facilidade os

¹ É a LXXIII do tomo IV.

seus navios , e se aproveitar dos ventos ; que no demais uns a outros se havião de fazer damno de parte a parte , mas que jámais se havia de saber por qual d'ellas ficasse a victoria , porque esta nunca pôde ser decretoria nem conhecida , salvo por algum notavel accidente dos elementos , que uns e outros havião de saber prevenir ou evitar , principalmente sendo a guerra no verão em que os mares guardão tregua ; isto é que sempre cuidei e suppuz , e assim o creio por mais ou menos que se diga.

Quanto ao desejo direi sincerissimamente a Vossa Senhoria qual é o meu. Primeiramente quizera ver os Hollandezes não só humilhados mas totalmente perdidos , assim por serem hereges , como pelo damno que nós têm feito e á propagação da Fé de nossas conquistas ; isto como Christão e Religioso. Como Portuguez quizera que a victoria se dividisse de tal modo entre os três contendores , que todos tivessem razão de continuar a guerra , e não vir a accommodamento de paz , na qual , como Vossa Senhoria , considéro a total ruína da India , e ainda passam avante os meus temores.

O bom despacho , que tivérão na Congregação de Propaganda as Missões , se alterou

ou declarou depois, de maneira que querem repartir as Diocezes de forma que d'um Bispado nosso fação três ou quatro, e estes sejam de quem por este modo quer conquistar a India. Com a nova que chegou de que os Francezes tinham occupado a cidadella de Meliapor se tem já pedido este Bispado em nome d'El Rei de França, sendo que na Dioceze temos muito grandes Christandades com Governador do Bispado Portuguez, e muitos Vigarios, e Missionarios, todos tambem Portuguezes; esta notificação fez ao nosso Residente o Cardeal Ursino, para que Vossa Senhoria veja que protector temos: e o peor é que lhe demos as rendas em Igrejas que sempre elle ha de comer, ainda que tenhamos entendimento e valor para lhe tirar o officio. Assim vai tudo cá e lá.

Amanhã esperamos o correio da nossa terra, e eu o espero com ancia para ver o que resultou das devassas dos Pasquins com a vinda do Príncipe para Lisboa, onde chegaria aos 11 do passado. Aqui se diz publicamente que em Portugal é melhor ser Inquizidor que Rei; e eu não sei que modo de reinar é ter Ministros que encontrem publicamente as minhas resoluções, e tão poderosos que, ou per si, ou por outros, ou outros

com as costas n'elles , fação rosto a quem só devêra ser poderoso. Porque não faz o Principe um tal Inquizidor que seja seu , e que sejão seus os que elle fizer , e com isto não seja necessario nem recorrer nem infamar em Roma ! Deos nos allumie , e nos dê aquella fé em que nos manda crer , e com que nos manda obrar !

Morreo o Cardeal Imperial , um dos mais reputados de juizo , letras , e valor ; e Sua Santidade está em disposição de prover muitos mais Capellos , que é toda a felicidade a que , depois da presente , póde aspirar o Cardeal reinante , para o futuro Pontificado. A nossa Residenteza esteve desconfiada dos medicos , os quaes posto que lhe não asseguraõ a vida , por ser o mal incuravel , lhe promettem dias e mezes. Vossa Senhoria vá cuidando na nova esposa , porque não falta quem entenda que com este desengano se resolverá Gaspar de Abreo a seguir o exemplo do Padre Vieira.

Sobre o Breve exhortatorio ao Principe tomar a coroa se fallou aqui , e creio que estava o negocio muito adiantado , porque sei que se mandou fazer um papel a Mr. de Ros-sis , que tem grande opinião de Letrado , e que o fez pela parte affirmativa , posto que o

nosso Ministro não me communicou nada na materia. Sei tambem que o Senhor Cardeal d'Estré, está por esta parte, e o deseja. De Madrid me dêrão a entender que ElRei d'Inglaterra o impugna; e não entendo como isto possa pertencer nem ao Pontifice da Grão-Bretanha, nem ainda ao de Roma: mas tudo são desvios de quem não quiz, e irresoluções de quem não tem querer. Deos guarde a Vossa Senhoria mûitos annos como desejo, e nos dê a ambos a paciencia que havemos mistér.

Roma, 26 de Setembro de 1673.

Capellão e criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXX.

AO GRÃO DUQUE DE TOSCANA ¹.

Senhor,

Tardei em dar conta a Vossa Alteza do negocio principal, para o poder fazer com algum fundamento, e para me informar com a cautella, e seguro necessario, cujas occasiões, ainda buscadas, se não achão facilmente; o que tenho feito atégora por via da conversação, e discurso com alguns Ministros maiores, que podem ter voto na materia, e entender d'elles que a reunião com Castella, por mais que os Principes e Nobreza possão ter n'ella os interesses, que Vossa Alteza considéra, será mui difficiltosa de admittir, por aquellas mesmas razões, que representei a Vossa Alteza, quando Vossa Alteza quiz ouvir os fundamentos d'esta minha opinião. Isto supposto, tenho por mui

¹ É a XLIV do tomo III.

provavel , que no concurso de todos os outros oppositores poderá prevalecer o partido de Vossa Alteza , e eu vigiarei sobre a occasião opportuna , em que mais immediatamente o possa introduzir , até chegar á fonte , d'onde ha de emanar a resolução , fazendo a abertura do tractado com toda aquella circumspecção , que o negocio requer , e Vossa Alteza me tem ordenado , alargando-me mais ou menos , segundo vir que sou ouvido.

Mas porque a união dos Estados de Vossa Alteza com a Corôa de Portugal , na consideração dos interesses communs , é a que deve dar grande pendôr á balança , será necessario que além da grandeza dos ditos Estados , e conveniencias reciprocas , de que vim bem instruído , Vossa Alteza me advirta do modo , com que devo responder , em caso que se me opponhão duas duvidas , as quaes estão muito á flor da terra , e não póde deixar de se reparar muito n'ellas. A primeira é ter Vossa Alteza , além do Principe primogenito , outros dous filhos , de cujo estado se deve tambem deliberar , para que de presente e de futuro não possam ser de impedimento á firmeza do tractado , e perpétua e irrevogavel união de ambas as nações , vassallos , e Corôas , uma de que o Principe de Toscana ja

é herdeiro, outra de que será, casando com a herdeira de Portugal. A segunda é da parte dos mesmos vassallos de Vossa Alteza, os quaes por ventura se quererão conservar desunidos, e debaixo de Principe particular, de que em nós mesmos temos vivo e presente exemplo, posto que os interesses communs entre elles e os Portuguezes, com a largueza de Conquistas, commercios, e empregos de pessoas e fazendas, parece que seja um vinculo muito forte, e de sua natureza indissolúvel. Assim que, estas duas duvidas e perigos são os que no caso do tractado, me parece, que se podem difficultar. E será totalmente necessario que Vossa Alteza me instrua n'este particular da segurança, que se póde prometter a um e a outro; e para que com a dita segurança, sendo qual convém, e que só Vossa Alteza póde mais interiormente conhecer, e mais firmemente dispôr e ordenar, será Deos servido, que a prática d'esta felice união, não sómente seja admittida, mas com effeito se consiga, para grande serviço e gloria do mesmo Senhor, augmento, e prosperidade de ambas as nações e Estados.

5 de Novembro de 1675.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXXI.A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO ¹.

Meu Senhor,

Já este correio nos não enganou, e com esta emenda, e a tardança do passado, me acho com duas de Vossa Senhoria.

Muito estimei a discrição d'este Principe, muito differente dos retratos que vi em Roma seus, e o que elle mais que tudo deve estimar é a saúde e robusteza que procura, também mui differente da pouca vida que todos lhe promettião. Bem a ha mistér ou para restaurar as perdas, ou para parar o curso d'ellas. A discrição interior da Monarchia, posto que Vossa Senhoria a não exprima, bastantemente se deixa ver pela exterior. Bem nos poderamos ver n'esse espelho, se tivéramos olhos; mas parece que apostâmos com ella a quem se ha de perder mais depressa. E já levâmos duas partidas vencidas, por que nos

¹ É a XCVII do tomo VII.

perdemos sem oppositor, nem inimigos, e por não querer acceitar os remedios que Deos nos offerece a nós, e a elles nega. Escrevem maravilhas da pessoa e accções de Vossa Senhoria; isto mesmo, ainda que por uma parte me alegra summamente, por outra me desconsola com igual extremo; pois tendo a Vossa Senhoria o temos lá.

Até o principio d'esta noite, em que recebi a ultima de Vossa Senhoria, cuidava com a opinião commum que os Enviados encobertos vinhão de junto aos Alpes, e estava esta persuasão tão mal recebida, que todos affirmavão, como affirmão, que não ha de consentir o Reino em tal união. A dos vizinhos ao Pó é aquella mesma para que pedirão a Vossa Senhoria solicitasse suffragios. Se ali havia de ser, e querião que fosse, bem poderão escusar de urdir e tecer uma teia tão diversa á custa do meu credito. Mas é Deos servido que para o apurar em secréto ainda me acho com documentos authenticos de que não enganei, nem menti.

Sua Alteza, depois da Solemnidade de Santa Engracia, ás duas horas depois da meia noite, se embarcou para Salvaterra, a quem seguio a Raíinha um dia ou dous depois. Todos gasta Sua Alteza na caça ou montaria

das feras, que aqui podéra domar com mais applauso nosso, e menos risco seu. Um javalí se lhe metteo debaixo do cavallo, e Sua Alteza desmontou a luctar com elle, tomando-o pelas orelhas, mas ainda assim lhe rasgou uma bota e ferio a perna. Bem se ensaia para cumprimento da Prophecia (tomará o porco selvagem na passagem). Dizem que em signal da victoria veio o dito Javalí a Lisboa vivo, e se lhe deo por prisão a tapada d'Alcantara; em que differentes cuidados se achão todos os Principes da Europa!

Corre que está fallado para Nimeguen o Conde do Vimioso, de que Vossa Senhoria terá mais certa noticia. Duvida-se que aceite uma commissão tão engeitada, mas tambem se responde que se lhe dará o titulo de seu pai, e o senhorio de Pernambuco em sua vida. Pouco é em comparação do muito que se merece á sombra das paredes de Côte Real. Os dias já são mais serenos, mas as mercês ainda chovem, não sem lagrimas e clamores dos que se vêm de sustanciar para que haja vapores que se resolvão n'estes diluvios. A quatro d'este mez se fechou o anno, que se tinha assignalado para a execução da pragmatica; mas previrão-se taes difficuldades na execução, que tudo continúa como

d'antes, e só se mandou pôr vigilancia sobre os officiaes, para que não trabalhassem nos generos prohibidos.

Tive n'este mesmo correio Cartas de Roma, e se avisa a reconciliação do Embaixador d'essa Corôa com o Pontifice, de cuja irressolução continuão as queixas. Não devem ser d'esta casta as do Ministro que escreveo a Vossa Senhoria; porque tendo-se dado dia para se resolver o ponto das testemunhas singulares, citadas as partes para allegarem de seu direito, quem defende a da Inquisição pedio mais tempo, e se lhe concedeo todo Janeiro. O livro da Reformação dos estatutos entendo que será concernente a esta materia, de que tambem vi outro em Roma, escripto pelo Padre Andrade, e approvado pelos Revisores. Eu escrevo a D. Manoel Rodrigues m'o remetta, por ter já facilitado com elle esta correspondencia. Vossa Senhoria me viva mil annos por toda a mercê que me faz, e Deos se sirva de ouvir minhas orações e sacrificios, em que sempre lh'o peço.

Lisboa, 8 de Fevereiro de 1678.

Capellão e Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXXII.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO ¹.

Meu Senhor,

Muito mal me tracta o inverno, que sobre tantos annos como os meus é neve sobre neve. Ha mais de três semanas passo gravemente molesto d'uma perna, e hoje faz oito dias foi com tamanhas dores que até este alivio me impedirão. Estou condemnado ás Caldas, mas se o mal repetir como o anno passado, em que me começou no mesmo dia, ainda hei de pôr embargos á sentença, pelo mal que me tenho achado sempre com remedios universaes.

Não sei se será universal o da paz, ainda que se componha o resto da Europa, pois quizémos ficar sós, e assim nos acharemos. Esta semana se provêrão os Generaes ás fronteiras que os não tinham, e se nomeou para Traz-os-montes Nuno da Cunha, para a Beira

¹ É a CL do tomo IV.

o Conde de Ponte-Vel, e para o Algarve o de Sarzedas. Mais me fio do que Vossa Senhoria me refere d'esse governo, do que das nossas prevenções.

As d'Inglaterra nos promettem grande desgosto, que ha tanto tempo se teme. E que me diz Vossa Senhoria a não se acudir a um desamparo, em que não só clama a honra e o interesse, mas a mesma natureza, e todos os respeitos e obrigações d'ella nos accusão? Prevalece porém a paixão do odio contra todas as razões da justiça e da piedade. Oh que tristes consequencias, e que perigosos desenganos se podem colher d'esta desatenção! Em Roma se falla já na materia. E não deixarão lá os discursos italianos de fazer alguma combinação sobre o Embaixador quelá vêem, e em Londres falta, e sobre a differença e desproporção das cousas.

A' cerca da que só se tem por grande e necessaria se escreve n'este correio havia o Cardeal Francisco Barbarino instado pela resolução ultima, offendido da que se havia tomado na negativa dos processos. E' novidade notavel, porque se diria que esta purpura era a que mais favorecia as partes do Embaixador. De o assistir tambem o d'essa Corte não vem de Roma noticia nem suspeita

alguma, com que parece não teve fundamento o dizer-se, como também que ia por Viso-Rei de Napoles.

O pleito com o Nuncio é muito parecido ao nosso, e uns e outros parece navegámos para Inglaterra. Cá o chorão em segredo as prosas, e lá o cantão e publicação os versos. O soneto é um dos melhores que cá chegarão, porque diz quanto quer e quanto ha, e com erudição, graça, e gravidade; e me parece da mesma laia a glosa, que li de corrida.

Pergunta-me Vossa Senhoria em que estado vai a estampa dos meus Sermões, e digo que caminha com prêssa, e com a officina, que é de João da Costa, o Francez, posta n'este Collegio, e não ha duvida que sairá mui correctâ. O segundo tomo já está acabado, e entro pelo terceiro; mas não poderão sair na mesma fórma, porque alguns dos Sermões são do tempo da guerra, e não quero que se offendão esses Senhores da que já escrevêrão lhe fazião as minhas exhortações. Se Deos der vida, materia tenho d'este genero para mais de doze tomos, e todos trocará por um só Sermão de S. Simão e Judas, para poder offerecer á elevação da Senhora D. Maria, e lograr a honra que Sua Excellencia me faz. Se as potencias estiverão

ainda em seu lugar, as applicára ao assumpto com os maiores impulsos da vontade, mas já não tenho memoria nem entendimento. Vossa Senhoria me fará mercê representar a Sua Excellencia uma contra desculpa, com os termos e palavras que eu devia, e tambem me faltão. Aqui não ha novidade. Deos guarde a Vossa Senhoria mûitos annos como desejo e havemos mistér.

Lisboa, 20 de Dezembro de 1678.

Capellão e Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXXIII.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO.

Meu Senhor,

Com razão estranhará Vossa Senhoria a grandeza desusada d'este maço, assim como eu ha mûito tempo com grande repugnancia e desgosto tenho dilatado remetter á dispo-

É a CXVII do tomo IV.

sição e direcção de Vossa Senhoria o bom successo, que tenho procurado a estes papeis, e só espero da mercê que Vossa Senhoria me faz e experimento em tudo.

Presente é a Vossa Senhoria o appetite que têm os Impressores d'essa Corte de estampar os meus Sermões, e tambem a grande injuria, que me têm feito nos dous tomos que antigamente imprimirão em meu nome, e o terceiro com que ultimamente sairão, sendo os mais dos Sermões suppostos e alheios, e os outros por originaes tão corruptos, e tão mal traduzidos, que apenas tem cousa a proposito, como se verá facilmente na combinação d'elles com os legitimos e verdadeiros.

Para evitar d'algun modo este descredito, tratei que os dous primeiros tomos se recolhessem, fazendo petição ao Inquisidor Geral, e delatando alguns erros intoleraveis, para que o Tribunal, que d'outro modo o não costuma fazer, tomasse conhecimento d'elles, como com effeito se conseguio; mas não bastou para que se não continuasse a mesma injustiça no 3.^o tomo, em que só reconheço quatro Sermões meus, e esses totalmente não só transfigurados, mas desfigurados. Muito antes d'esta ultima experiencia, e antes de começar aqui a estampa

d'este primeiro tomo, desejei que os Ser-mões Portuguezes se traduzissem em Castelhano; e com effeito remetti alguns ao Padre Andrez Mendo, os quaes porèm tornárão de lá tão mal traduzidos, que me resolvi a que a traducção se fizesse cá, e porque eu nem tenho tempo, nem sou tão senhor da lingua que o possa fazer exactamente, e havendo-se-me inculcado um Religioso nosso o fiz vir a Lisboa, onde tem traduzido alguma parte, mas com pouca satisfação minha.

Com este desengano, e por não offender a muita graça que me faz o dito Padre Mendo, tendo-se empenhado muito n'este negocio, ajuntando as minhas instancias ás suas tornei a procurar que lá se traduzissem por pessoa habil, para que cá ou lá se imprimissem; e que havendo de ser lá visse o partido a que se accommodavão os livreiros, por quanto tinha eu aqui pessoa que se obrigava a fazer todos os gastos, e partir com o auctor a ganancia meio por meio. A esta proposta me respondeo com o escripto incluso de Gabriel de Leon, em que aponta as conveniencias de se fazer a impressão antes em Madrid que em Lisboa, com as quaes, e com o partido que offereceo me conformei, encomendando sómente que a traducção fosse

fiel e propria, quanto o soffresse a differença do idioma; e apontando para isso ao mesmo D. Estevão de Aguilar y Zuñiga, que foi o traductor dos livros que lá se estamparão, e creio que tendo os originaes legitimos, como Professor da arte, o fará exactamente.

Tendo chegado aqui com esta, recebi nova carta do Padre Mendo, com um largo papel do mesmo impressor, cheio de novos reparos e inconvenientes; sobre os quaes escrevo ao dito Padre a inclusa que Vossa Senhoria me fará mercê ver, porque não tenho tempo para repetir n'esta o que n'ella digo, e fechada a levará ou mandará D. Manoel Rodrigues, amigo do dito Padre, com o maço que vai para elle. Não tenho que encarecer a grande mercê que Vossa Senhoria me fará, em se servir de tomar o trabalho de rever as traducções, e as emendar no caso apontado, e para que Vossa Senhoria o possa fazer, não só nas traducções senão nos mesmos Originaes, vão com esta parte d'elles, como irão os demais nos correios seguintes, suppondo que não passarão da mão de Vossa Senhoria, porque se não possa impedir o intento. Deos guarde a Vossa Senhoria muitos annos como desejo e havemos mistér.

Lisboa, 23 de Maio de 1679.

Vi carta de Roma, em que se diz culpão lá o nosso Nuncio por tardarem as suas Cartas, as quaes chegarão quinze dias depois, e também se diz que vão muito timidas. Dêo-se audiencia ao Embaixador na primeira oitava de Pascoa. A conferencia foi muito larga, e tão forte da parte do Papa, que ficou rouco; e se lhe ouvirão estas palavras: *Vogliamo, ed havemo d'esser obbediti.*

Capellão e Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXXIV.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO.

Meu Senhor,

Depois que escrevi a do Correio passado sobreviêrão taes accidentes, assim da minha enfermidade, como da geral, a que n'estes dias criticos ameação mais perigosos symptomas, que por conselho dos melhores médicos não devo dilatar a jornada ou retiro das Cal-

¹ É a CXIX do tomo IV.

das. Queira Deos que me possa pôr a caminho, porque tomando hontem a ultima disposição me sobreveio com ella uma grande febre com que faço estas regras; e como não posso esperar pela resolução, que lá se ha de tomar á certa dos dous meios ou modos de se fazer cá ou lá a impressão, como propuz na ultima; é forçoso que, não havendo eu d'assistir em Lisboa, a Castelhana se faça em Madrid conforme o partido que offerecia o impressor, ou qualquer outro que parecer mais conveniente e expedito. N'esta fórma faço aviso ao Padre Andrez Mendo, e a Vossa Senhoria torno a pedir me faça d'este preciso caso a mercê de querer passar pelos olhos a traducção que se for fazendo, principalmente em alguns lugares, que por serem proprios da nossa lingua, é força que ou se mudem ou se deixem, de que procurarei mandar um breve apontamento no correio seguinte, se a febre der lugar, que agora me não permite ir por diante. Sua Alteza na jornada da barra, que referi, não foi aos Navios Francezes, mas veio a terra o Conde d'Estrée a fallar-lhe, não se sabe o mysterio que se cuida ha n'estes navios. Hontem se veio despedir de mim o Condinho, ou filho do Conde de Castel-Melhor, a quem

veio tomar a Cascaes uma grande nau ingleza, mandada por El Rei, e me disse que havendo seu pai avisado, em todos os correios antecedentes, que em nenhum caso fosse, agora lhe manda que vá absolutamente, e sem réplica; com que se suppõe melhora nos negocios d'aquelle Reino. Sua Alteza fez logo mercê do titulo de Marquiza á néta do Marquez d'Arrónches, com todos os bens da Corôa, e que dizem seu tio a tem já casado, etc. Não posso mais. Deos guarde a Vossa Senhoria mûitos annos como desejo, e havemos mistér.

Lisboa, 30 de Maio de 1679.

O Nuncio me mandou hontem visitar pelo seu auditor (porque nem eu o vejo, nem elle a mim, por evitar falsos testemunhos) e me disse que ou no Correio proximo, ou por extraordinario, se espera a ultima resolução de Sua Santidade.

Capellão e Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXXV.**PARA ROQUE DA COSTA BARRÊTO.**

Meu Senhor,

Bem necessitavão as saúdades, em que me deixou a ausência de Vossa Senhoria, de tão repetido alivio, como a das multiplicadas cartas de que Vossa Senhoria me fez mercê, fazendo eu d'esta lembrança a summa estimação que ella merece, e de que não acho palavras no maior encarecimento, com que dar a Vossa Senhoria as devidas graças.

Nas mesmas cartas successivamente fui lendo as noticias certas (que cá costumão chegar tão confusas) de tudo o que passa na nossa Corte, e nas da Europa; com que me vejo n'este meu deserto mettido outra vez no Mundo; mas com novos argumentos, ou desenganos do que elle é. Assim viêrão a parar tantos apparatus, e prevenidos triumphos, não só na falta de quem iamos buscar,

• É a LXIII do tomo III.

mas na resolução voluntaria de que não viesse, quando por tantos modos o pretendia. Este fim, que tão prognosticado estava nos discursos, como desejado nos animos, foi geralmente applaudido n'esta terra, onde de longe se vião os inconvenientes, que não quiz a Providencia Divina se experimentassem ao perto. E se os nossos Principes, como leio n'esta ultima de Vossa Senhoria, se inclinão ao de Florença, em Moisés mostrou Deos que escolhia os engeitados para fundar grandes Monarchias. E não será pequena parte da fortuna d'aquelle Principe, haver agora de conseguir o que pretendeo, com a differença que vai de rogar a ser rogado.

Mas recolhendo-me a este nosso cantinho d'America, deixadas as novas de Boenos Ayres, que pertencem mais ao Rio de Janeiro, darei só a Vossa Senhoria as da Bahia. E começando pelas d'este valle, onde vivo, e onde me não deixão viver, temos hoje n'elle quatro plantas de canella bem arreigadas, e a que Vossa Senhoria deixou, tão crescida em ambos os troncos, que já se póde chamar arvore. De pimenta ha dez, ou dôze, que já vão trepando pelas estacas a que se arrimão; mas ainda não dão signal de fructo. A sêcca foi mûitos mezes tão extraordinaria, que

quasi todas as fontes da Cidade seccarão totalmente , a que se seguio muito maior fome, não só natural , mas artificial ; porque a pouca agua dava-a Deos , a pouca farinha repartião-na os homens. Nunca faltou porém na Portaria do Collegio para todos os pobres, que a ella concorrião , e tambem entrãõ n'este numero muitos dos ricos , cujo dinheiro não tinha valor, porque não tinha valia.

A novidade do açúcar, sendo o de Pernambuco muito florente , foi aqui notavelmente menor que em outros annos, para que em tudo se manifestasse o castigo do céo ; e assim dizem , que vai esta fróta mais carregada de queixas , que de caixas. Se não fizerem naufragio no porto os portadores d'esta , que são o Vereador Manoel de Barros da Franca e Gonçalo Ravasco, d'elles ouvirá Vossa Senhoria o que eu não digo , e muito mais do Capitão Diogo de Souza , que o saberá melhor declarar ; e digo , se não fizerem naufragio no porto, porque está a praia guardada por esta causa com três Companhias, como tambem o palacio com outras três. O receio é muito justificado na consciencia de quem o tem , mas muito injurioso á lealdade, e soffrimento d'estes vassallos, devendo suppor quem d'elles se teme , que não são

os soldados mal contentes os que lhe guardão a vida, senão a fidelidade, e respeito devido a Sua Alteza, e merecedor de lhe ser muito gratificado.

Todos esperavão que com a chegada do Arcebispo tivessem as oppressões públicas algum remedio; mas elle sabe muito bem, que entre os milagres de Christo nenhum se lê que curasse doudices, posto que ama e zéla muito o bem de suas ovelhas, ja está desenganado que não basta o poder do seu baculo para as defender da furia do lobo.

Por estas causas, e por outras, indo tudo o mais para traz, só crescem as saüdades de Vossa Senhoria cada dia maiores. Assim o chorão as lagrimas dos pequenos, e o clamão as desesperações dos grandes, merecendo uns e outros a Vossa Senhoria a confiança, que todos tem de que Vossa Senhoria com sua auctoridade patrocina, e apressa o seu remedio que então será completo, quando Vossa Senhoria o seja. Para Vossa Senhoria se accommodar a passar outra vez a Equino-cial, não lhe faltão a Sua Alteza meios, como lhe não deve faltar vontade de não querer perder o Brazil. Deos lhe accuda, e a Vossa Senhoria guarde com saüde, e augmentos de estado, que a Vossa Senhoria são devidos, e

entre os criados de Vossa Senhoria eu mais
que todos desejo.

Bahia, 23 de Junho de 1685.

Capellão e Criado de Vossa Senhoria,
ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXXVI.

A DIOGÔ MARCHÃO THEMUDO ¹.

Meu Senhor,

Alguns dias antes de partir a frota d'esta
Bahia, me passei do ermo em que vivo á Ci-
dade, para escrever o que pedia a forçosa
ocasião, e para responder particularmente á
carta, de que Vossa Mercê me fez mer-
cê, que li uma e mûitas vezes com summo
gôsto, e de que fiz a summa estimação,
que a memoria de Vossa Mercê merece, e
que eu devo ás minhas obrigações, pelos
singulares favores, que de Vossa Mercê
recebi sempre. Mas foi Deos servido, que

¹ É a XC do tomo II.

n'aquelles dias, por uma canellada casual, sobreviesse um tal accidente, que depois de ficar mûitas horas sem juízo, nem uso dos sentidos, se declarou finalmente em uma erysipêla, com ardentissima fevre, de que ainda não estou inteiramente convalecido: e este impedimento foi a causa de não poder então dar a Vossa Mercê as graças, pela mercê e lembrança da dita carta, como agora faço, com todo o affecto do coração, enviando esta por um navio, que aqui arribou, e pela frota de Pernambuco, que se entende não será ainda partida. Antes d'ella chegar, se a Almiranta da Bahia for a salvamento, já meu sobrinho Gonçalo Ravasco terá dado a Vossa Mercê um abraço em meu nome como mûito lhe recommendei na cama, em que se despedio de mim. As violencias que o obrigarão a fazer esta jornada, e o estado em que deixou seu pai, e elle estava, sobre a innocenciã de ambos, são causas tão justificadas, que sem se valer das razões do seu appellido, nem da intercessão de seu tio, lhe não póde faltar o patrocínio e amparo, que com menos certas justificações experimentou já na supererogação ou indulgencia, com que Vossa Mercê se servio de o habilitar para seus despachos; fineza de que eu

vivo muito lembrado, e elle e seu pai tão reconhecidos, quanto só póde declarar o silencio. As causas que eu tive para o pôr tambem aos meus escriptos, muito cruel será a minha Patria, se depois de me ter sido tão ingrata, o não conhece. Mas devo eu por outra parte tanto a Deos, ~~que tambem~~ o seria a suas misericordias, se por respeitos tão humanos, ou deshumanos, deixasse as de seu divino serviço, que é só o que m'obriga a tomar nos meus annos um tão molesto trabalho, como o de pôr os borrões em estilo que se possam ler. Já em Lisbôa está o terceiro volume, e agora foi o quarto, e tambem mando as erratas do segundo, que em muitas partes são intoleraveis; mas como Vossa Mercê sem embargo d'ellas o approva, e me exhorta á continuação, tanto que a saúde me der lugar, o farei assim, tornando para o meu deserto, se ainda n'elle me não perturbarem a quietação, que nem na immundade do habito, nem no retiro do mundo está segura.

Todos ficão esperando o prompto remedio, o qual se não vier logo logo, entenderão estes vassallos que Portugal quer perder o Brazil, como já estivera perdido, se a fidelidade e respeito de Sua Alteza, e os prazos d'esta

mesma esperança, lhe não tivérão sustentádo a paciencia. Deos a conserve aos que tanto têm soffrido, e soffrem, e a Vossa Mercê guarde mûitos annos, com as felicidades que desejo, e ao mesmo Senhor peço em todas as minhas orações e sacrificios.

Bahia, 24 de Julho de 1855.

Capellão de Vossa Mercê e o mais affectuoso servo,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXXVII.

A DIOGO MARCHÃO THEMUDO *.

Meu Senhor,

Estando publicada a partida d'estes dous Navios para quarta feira, agora se avisa que amanhã sabbado partem infallivelmente. Gonçalo Ravasco, e seu pai, ambos ficarão retirados em um Convento, e ambos doentes, e o filho mais gravemente. Pelo que creio,

* É a XCVI do tomo II.

que não poderão escrever, nem dar a Vossa Mercê as infinitas graças, que por tão particulares mercês e amor a Vossa Mercê devemos; e eu, ainda que tivéra muito tempo, não podéra declarar com palavras o que só cabe no coração. Viva-nos Vossa Mercê muitos annos para nosso remedio e amparo, e Deos pague a Vossa Mercê estas, que verdadeiramente são obras de misericordia.

Meu irmão pronunciado e sequestrado pela devassa do Sindicante, cedo fará em Santa Tereza, e S. Bento dous annos de no viciado, sobre o terceiro em que não exercita o seu officio, segundo o Regimento d'El Rei, pelas violencias de N. N. Com elle fica também homisiado seu filho, por não querer o Sindicante dar-lhe livramento conforme a carta de sua Magestade, tendo-o dado por despacho a dous, que as tinham semelhantes, o que consta da copia inclusa. Dá por razão o seu Regimento, outros dão outras.

Se isto continuar assim, passando-se annos entre frotas e frotas, perder-se-ha a Bahia, andando fóra de suas casas e fazendas, e mettidos pelos matos, grande parte dos melhores d'ella, sem recurso, nem remedio para provar sua innocencia, condemnados por

testemunhas notoriamente falsas, e induzidas pela parte. E que será, meu Senhor, se Sua Magestade lhe der credito, como atégora se experimenta? Dizem que este é o estilo das devassas, como se fôra a mesma distancia da Bahia a Lisbôa, que de Coïmbra, ou Evora, sem mais navios que os das frota. Já Thomé Pinheiro da Veiga fez um arrazoado sobre esta difficuldade n'essa mesma Mêsa, pedindo o procurador da Companhia sobre uma demanda d'uma quinta de Carcavellos fosse citado o Reitor do Japão, a quem pertencia.

Pessoa que o póde saber me significou, que tambem eu ia comprehendido n'esta devassa, é depois de ter gastado a vida em servir com maior zelo, e com maiores perigos e trabalhos a El Rei, que a Deos, e o peor é, que nem setenta e sete annos d'idade, nem tantas experiencias me desenganão. Préguei o Sermão das exequias da Rainha, que agora vai, estando sangrado cinco vezes n'aquella semana, por não ficar muda a solemnidade do dia. Praza a Deos que não seja lá mal ouvido.

O mesmo Senhor guarde a Vossa Mercê muitos annos, como desejo, pois não ha tempo para mais.

Bahia, 41 de Maio 1685.

Esquecia-me dizer a Vossa Mercê que Gonçalo fica em concertos de casamento, e com dinheiro, com que lhe crescerão mais as culpas.

Mais obrigado, e mais afeiçãoado criado de Vossa Mercê,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXXVIII.

AO DUQUE DO CADAVAL ¹.

Excellentissimo Senhor,

Nos primeiros navios, que d'aqui partirão antes da frota, remetti a Vossa Excellencia (por Vossa Excellencia assim m'o haver ordenado) o Sermão das Exequias da Rainha nossa Senhora, que está no Céu; e tambem dei as razões e desculpas do pouco que disse, e do que me pareceo, que não havia de deixar de dizer. Se fui tão venturoso, que Vossa Excellencia o approvou, tenho toda a satisfação, que podia desejar do meu

¹ É a XCVIII do tomo II.

trabalho , e do perigo a que me expuz em ir prégar sangrado cinco vezes n'aquella semana , por não ficar a solemnidade muda. Meu irmão , como tão recommendado ao Sindicante , fica com a fazenda sequestrada , e retirado ha dous annos a um Convento. Meu sobrinho trazendo carta de Sua Magestade , para que se lhe dêsse livramento , não o conseguiu. Eu mandado castigar por meus superiores , que como testemunhas de minha innocencia , e da dos meus parentes , não lhes permittio a consciencia serem executores do que não permite a justiça ; e só Deos , que é superior a todos os da terra , me conserva ainda vivo , e tão amante do meu rei , que por elle lhe offereço todas as minhas orações e sacrificios.

E porque n'este mundo só tenho a Vossa Excellencia , e os Governadores do Brazil podem n'este estado tudo , e sei que Vossa Excellencia escreve ao Senhor Marquez das Minhas , estimarei , e peço muito a Vossa Excellencia que , na primeira occasião em que lhe escrever , se sirva Vossa Excellencia de lhe significar que meu irmão e sobrinho , e eu somos antigos criados de Vossa Excellencia , para que este fôro nos conserve no favor e mercê que atégora nos faz , e se con-

firme na vontade de no-lo fazer sempre. Bem creio que esta petição não deixará de enternecer o animo de Vossa Excellencia com as memorias do tempo passado, como a mim me tirou agora dos olhos não poucas lagrimas. Deos guarde muiitos annos a Vossa Excellencia.

Bahia, 20 de Julho de 1685.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXXIX.

A' RAÏNHA D. MARIA SOFIA ¹.

SENHORA,

D. João de Lencastro, que n'este Estado representa a Pessoa Real, com as primeiras noticias do felicissimo nascimento do novo Principe, que Deos guarde, interpretando a vontade de Vossa Magestade, procurou com grandes instancias, que eu prégasse o Sermão d'acção de graças. Havendo porèm

¹ É a LXXIX do tomo III.

muitos dias, que a extrema velhice me tem privado dos instrumentos da voz, e achando-me n'esta occasião, como Zacharias no nascimento do maior dos nascidos, mudo; para obedecer com tudo aos acenos do nome de Vossa Magestade, appellei, como elle, para a penna, com que se póde supprir a falta da lingua. Mais dictei, do que escrevi, porque me falta tambem a mão duas vezes quebrada, e não me cabendo tão grande materia em um só Sermão, ao primeiro e commum acrescentei o segundo e particular de S. Francisco Xavier. Ao mesmo Santo tomo por intercessor para que Vossa Magestade se digne de me perdoar os defeitos d'ambos, tendo eu só inteiro o juízo para os conhecer, mas já sem a antiga viveza para os emendar.

A Real Pessoa de Vossa Magestade guarde Deos, como todos os vassallos de Vossa Magestade lhe pedimos, e havemos mistér.

Bahia, em 16 de Junho de 1689.

De Vossa Magestade,

Humilde Capellão,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XC.

A SEBASTIÃO DE MATOS ¹.

Meu Senhor,

Com duas me acho de Vossa Mercê, ambas do anno passado, e não pude responder então, porque as ancoras da nossa frota, des d'o dia em que deo fundo, me prendêrão de maneira, que ainda no de sua partida me deixárão em cama. Tambem este anno me molestou a mesma enfermidade com três pertinacissimas repetições. Cá lhe chamão n'estes mesmos mezes a bicha, e é Deos servido que só me morda dos joelhos abaixo com inflammação, febre ardentissima, delirios, e nome de erysipéla. Por esta definição pôde parecer sómente grilhão dos pés, mas é tambem algêma das mãos; e por isso escrevo está de mão alheia.

Vossa Mercê, pela mercê que faz aos meus borões, me insta a que os dê á estampa, o

¹ É a LXX do tomo III.

que não póde ser, sem os alimpar primeiro; e com a joêira não ser muito fina tudo se vai em alimpaduras. O de que mais me corro é, que este anno falto as prélo com o costumado tributo; mas nem por isso estive ocioso. O nascimento do nosso Principe me obrigou a subir ao pulpito, e a fatalidade de sua arrebatada morte a dar um vôo mais alto, em que me atrevi a querer penetrar os arcanos da Providencia Divina, que, como são secretos, não poderão sair a publico. Não foi meu intento resuscitar mortos, mas só consolar os vivos. Se o Duque, meu amo e Senhor, tiver d'estes mysterios alguma revelação, ella chegará aos olhos de Vossa Mercê que estou muito certo lh'os porá com toda a benignidade. Assim o creio, e supponho, e por isso o não peço. Deos guarde a Vossa Mercê muitos annos, como desejo.

Bahia, 11 de Junho de 1689.

De Vossa Mercê,

Servo muito obrigado,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XCI.

AO CONEGO FRANCISCO BARRETO .

Meu Senhor, e verdadeiramente meu; pois do Senhor Francisco Barreto se não verifica o que dos outros Senhores disse aquelle discreto desenganado, que tão bem os conhecia :

« Quando te hão mistér, es seu,

« Quando os has mistér, es teu,

« Que não tens donos então. »

Nunca Vossa Mercê se servia de mim, porque Vossa Mercê não ha mistér ainda os que para muito prestão, quanto mais a este servo inutil, que não presta para nada. E quando no papel, que chegou ás mãos de Vossa Mercê, eu houvéra mistér o favor; que no secreto d'elle não pretendi, bastou que elle tivesse o nome de meu, para que Vossa Mercê como meu amo, e Senhor, o quizesse tirar das trevas do meu segredo, e passar á

É a LXI do tomo III.

luz do Mundo. Antes que eu tivesse esta nova , me temia muito d'ella por via d'aquellas vontades , a quem mais tocava ; mas não bastou a ventura fatal , com que a prophesia se leo antes , e o Prophetizado appareceo tão pouco depois , para que tantos discursos , e tão successivos , que não forão só palavras , se gratificassem com uma só palavra : quero allegar commigo , que nas experiencias da ingratição sou auctor classico. Quando nos ouvidos de Sua Magestade quiz consolar os mal despachados , disse em nome d'um d'elles : Eu em servir a minha Patria fiz o que lhe devia , e ella em me ser ingrata faz o que costuma. Se hoje fôra vivo o Senhor Marquez de Gouvea , nosso amigo , póde ser que não impedíra o Sermão das ingratições Portuguezas , em que eu tomei por exemplar a Santo Antonio.

Tambem me lembra , que estando El Rei em Alemtejo , porque exhortei em dia de todos os Santos a que soccorresse a Corte as armás das fronteiras , m'o mandou agradecer Sua Magestade por uma tal Carta , cujas cinzas eu agora tomára resuscitar , como outras muitas suas , que queimei , e mandál-a com esta a Vossa Mercê ; não para testemunha de que os filhos com as corôas não herdão os

animos dos pais , mas para prova de que o meu fiel amor ao Principe D. João, que Deos guarde , soube pagar ao néto antes do nascimento o que devia ao avô depois da morte.

Mas pósta de parte esta queixa , em que Vossa Mercê me trocará o segredo , que não quiz guardar áquelle papel , ensine-me Vossa Mercê as palavras , com que me possa mostrar grato a tamanha fineza. Saiba Vossa Mercê para sua satisfação , que assim como não faltou quem sentissê mal d'esta impressão , teve tambem mûitos , e mûito grandes, que não só approvárão , mas se dignárão de querer ter parte n'ella. Dissérão os que sentírão mal , que este papel seria como o d'El Rei ; e eu digo que será , se o d'El Rei ainda for como este. O certo é que os annos são fataes ; e os que computão os futuros pelos passados , não julgão que havemos de esperar mûitos.

Cá appareceo um Cometa aos seis de Dezembro , dia em que foi coroado El Rei , mûito maior que o grandissimo, que lá vimos no anno de oitenta em figura de palma, que se estendia desd'o Oriente até o Zenith, elevava o curso para a parte austral tão arrebatado, qual nunca se vio em outro. Mais novas quizera dar a Vossa Mercê principal-

mente da India , d'onde , além da nossa nau, tivemos aqui três francezas , com capitães e soldados da mesma nação , lançados d'umas fortalezas , que lá tinham , de que fallo com mais especialidade ao Senhor Roque da Costa Barreto. Mas o nosso Governador Fr. Manoel da Resurreição , está tão teimoso em mandar partir a frota apesar dos tempos e dos mareantes , como se fôra materia d'algun Capitulo Franciscano.

Pelo que , vindo aos dous pontos ultimos da de Vossa Mercê , eu por um aviso , que tive do Padre Balthazar Duarte , tinha começado a traduzir as cinco pedras , e tanto que li esta honra , que Vossa Mercê lhe queria fazer e a mim , logo levantei a penna do papel , e a lancei da mão , e me parece , que David para maior gloria do seu triumpho fez alguma oração no Céu , e quiz ajuntar ao primeiro tiro as quatro , que não tiverão lugar na sua funda , para que com a harpa mais bem temperada sejam cantados na lingua portugueza ; e porque Vossa Mercê não tenha isto por encarecimento , ou lisonja , digo , e podéra jurar , que lendo esta carta de Vossa Mercê reconheci n'ella tal soberania d'estilo , e tal superioridade ao meu , que se não amára tanto a Vossa Mercê me pezára

muito de a ter lido. Torno a dizer que esta é a sincera, e pura verdade, e fôra eu mui ignorante, se assim o não entendêra e confessára. Finalmente pelo bem que quero ás cinco Pédras de David, peço a Vossa Mercê pelo que ellas significão, que esta segunda, e melhor vida, que da penna de Vossa Mercê recebêrem, não seja como de interprete, senão d'auctor, que tudo se póde attribuir á differença da phrase Castelhana.

Sobre as Soledades só digo a Vossa Mercê que ha muitos dias que busco, e desejo a soledade, sem a poder achar. Atégora cuidei que os retratos não ajudavão, antes pelo seu modo fazião companhia; nem sei que o Sudario seja original das ausencias do Filho, para se copiarem por elle as Soledades da Mãi. Vossa Mercê me guie, e Deos me guarde a Vossa Mercê muitos annos, como desejo, e hei mistér.

Bahia, 16 de Julho de 1690.

Humilde e obrigadissimo servo,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XCII.

A SEBASTIÃO DE MATOS .

Meu Senhor,

Acabo de escrever a Vossa Mercê na que escrevo ao Duque , meu e nosso amo , e me envergonho da fraqueza , com que não posso dissimular o meu sentimento. Lá disse não sei quem : *Magnus dolor iratus amor est*, e o meu não se doe d'irado , senão de magoado. Bem fazia eu em querer que as cegueiras do meu amor estivessem em segredo ; mas o secreto , que elle procurou á obra , o achou no agradecimento , não merecendo três escripturas , que não forão só palavras , uma só palavra. Lembre-se Vossa Mercê (para me achar razão) da historia de Daniel com El Rei Balthasar , o qual lhe mandou vestir a purpura , de que elle o despia , por lhe prophetizar a perda da vida e do imperio , para o dia seguinte. Assim pagavão os Reis antiga-

• É a LXXI do tomo III.

mente as prophcias da morte , e Imperios acabados ; e assim se pagão hoje as do nascimento, e dos Imperios futuros. Diz-me Vossa Mercê que o estado presente o não promette assim ; e eu digo, que o mesmo estado é um dos maiores argumentos de haver de ser, e de chegar o tempo em que seja. Quando os Hebrêos se vírão mais apertados no Egypto , então desceo Deos á Çarça para os libertar do Captiveiro. E quando o Mundo menos merecê a redempção , então o remio quem para isso o tinha creado. A maior furia da tempestade é o mais certo signal, que os marinheiros têm de se querer mudar o vento. Consinta-me Vossa Mercê esta esperança, ou nos preparemos ambos para o infallivel naufragio. Se assim for, pouco terei que sentir debaixo da sepultura , e quando succeda o contrario Vossa Mercê logrará as felicidades, que, se forem as que eu desejo , e a Deos peço, serão todas as que elle póde dar.

Bahia, 14 de Julho de 1690.

De Vossa Mercê,

Obrigadissimo criado ,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XCIII.

AO CONDE DA CASTANHEIRA ¹.

Senhor,

Vossa Senhoria me dá o pezame dos achques com que vivo, e juntamente o parabem da enfermidade, com que hei de morrer: isto é, por outras palavras, da minha pouca saúde, e do meu muito amor, que se elle não fôra muito, e mais que muito, não me obrigára a escrever tanto, como n'aquella occasião escrevi; e não ha pouco que agradecer tanto a Vossa Senhoria, quanto Vossa Senhoria me significa, sendo Vossa Senhoria um membro tão principal d'aquella Casa, onde a mesma escriptura, tocando-lhe tão de perto, agradou tão pouco que não mereceo a acceitação d'uma só palavra; circumstancia por certo de grande providencia, para o credito do que não está na nossa mão, pois os que disserem que erro, não dirão que adúlto. Servir aos futuros, pagar aos passados, e não

¹ É a LXXXI do tomo III.

dever nada aos presentes é a maior felicidade de quem fugio dos homens, para só procurar de Deos o que elles lhe não podem dar nem tirar. A este mesmo amor pertencem as anxias, com que sempre espero as boas novas da Senhora Infanta, e sinto, e me alégro com as que Vossa Senhoria me dá, segundo ellas são.

Depois de ficar vivo o primogenito da Casa da Rainha Nossa Senhora, me escrevêrão de Roma se combinava lá um casamento, de que tambem se fallava em Portugal. Deos escolha a Sua Alteza o que for de maior gosto seu, e bem nosso, e a Vossa Senhoria, meu Senhor, guarde com os annos de vida e felicidades, que com todo o coração a Vossa Senhoria desejo.

Bahia, 14 de Julho de 1690.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XCIV.

AO CONDE DE CASTELLO-MELHOR ¹.

Excellentissimo Senhor,

Todas as vezes que considerava a vida de Vossa Excellencia n'esse bom retiro (nome que soube pôr, e de que não soube usar aquelle grande válido de Philippe IV), a reputava pela mais feliz; de que era capaz Portugal no estado presente; mas de um mez a esta parte, em que livre do cuidado d'esta Provincia, não tenho outro que o da propria quietação, agora me parece cheguei a comprehender o summo da mesma felicidade, que não conhecia inteiramente, nem posso deixar de me congratular com Vossa Excellencia d'este genero de fortuna tão pouco appetecida e invejada, por que não dá Deos juntamente o conhecimento d'ella :

O fortunatos nimium, sua si bona norint,
Agricolas!

Até a propriedade d'este nome não quiz

¹ É a CXXXII do tomo II.

deixar Vossa Excellencia á mesma fortuna , pois me diz Vossa Excellencia que por razão e inclinação está retirado de tudo , o que não é mandar abrir o paúl , e ver lavrar , ou lavrar n'elle. Acaba Vossa Excellencia com aquella sentença muito propria do juízo de Vossa Excellencia : *Vou passando o resto da vida , contente de não ter de que me descontentar.* E eu d'ella aprendi a lhe acrescentar : *E contente de não ter a quem descontentar.* Pensão inevitavel a quem professa razão , verdade , e justiça , em um mundo tão irracional , tão mentiroso , e tão injusto.

De tudo o mais que tão larga e ponderosamente refére Vossa Excellencia me parece esta Carta um mappa do mundo , e se assim como nos compassos do mappa , estiverão tão abreviadas e juntas as distancias das terras , oh quanto teria eu que dizer a Vossa Excellencia que não posso escrever de estoutro mundo , ou mundos , etc. ! Da occidental parte a frota com perto de quarenta grandes vasos , sendo tanta a abundancia dos fructos , que ainda poderá carregar outros tantos ; e o peor é que levão o levissimo preço , por que forão vendidos. Ouço que na baixa da moéda perde esta praça mais de quinhentos

mil cruzados, e que ainda a pouca que lhe havia de ficar, se leva para Portugal, porque lá tem mais conta. No Rio de Janeiro com a mesma baixa se acharão em um dia os que possuíão nove, sómente com cinco, etc. Da India vai na mesma frota uma nau que aqui chegou carregada. Poz na viagem cinco mezes, lançou ao mar mais de cem homens, dá por novas, que também morréo em Gôa o governador (tinha mui bôa opinião) e depois d'elle em menos d'um mez, o que lhe succedeo nas vias. Tira Deos os homens quando quer tirar o demais; e n'estas disposições dos castigos reconheço eu em sua Divina Providencia muiitos modos de tirar os mesmos homens, um dos quaes é conservál-os vivos, porque não merecem a morte, e têl-os ociosos, porque o desmerecem os que se devião aproveitar d'elles.

N'este sentido diz Salomão, que castiga Deos os avarentos dando-lhes os bens, e não lhes permittindo o uso, etc. Deos guarde a Vossa Excellencia muiitos annos, como havíamos, havemos, e ainda haveremos mistér, se a Magestade Divina se lembrar de nós.

Bahia, 6 de Julho de 1691.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XCV.

AO DUQUE DO CADAVAL *.

Senhor,

Posto que me mandei despedir de Vossa Excellencia por me faltar a mão com que escrevia, agora ajudando a direita com a esquerda dou a Vossa Excellencia as graças com ambas as mãos pelo excesso de mercê e honra, com que a piedade e grandeza de Vossa Excellencia não cessa de continuar a memoria d'este sempre fiel criado de Vossa Excellencia, ou são ou aleijado.

Chegou o Senhor D. João de Lancastro, e entrou n'esta Bahia com todo o trossos da frota, com que saíu de Lisboa, no mesmo dia. Com a sua vinda se trocou a fome em fartura, a desconsolação em alegria, e até a morte, ordinaria n'estes mezes, em saúde, pagando Deos aos lavradores a esterilidade do anno em tão melhorada moeda. A casa

* É a CXLI do tomo II.

d'ella fica ja em mūito boa altura , com que o trato civil d'esta Republica , que atégora parecia de barbaros , começará a ser politico.

Sobre a administração dos Indiõs concedida aos Paulistas foi servido Sua Magestade que eu tambem dêsse o meu voto , em que me não conformei com os demais , por ver que todo o util se concedia aos administradores , e todo o oneroso carregava sobre os miseraveis Indios , a quem em todas as voltas ou mudanças sempre a roda da fortuna leva debaixo. O modo que me occurreo de concordar sua liberdade com a consciencia e interesse dos que tanto lhe devem , então terei por acertado , quando saiba que não desgraçou a Vossa Excellencia posto que a esperança das minas , que eu não creio , póde ser que incline ao favor contrario não poucos aduladores. A copia do meu parecer remetto com esta á censura de Vossa Excellencia.

De outro captiveiro domestico , com que os Portuguezes n'esta Provincia estamos dominados de estrangeiros , sem nos valêrem Decretos Reaes , tambem espero que o poder e auxilio de Vossa Excellencia nos ajude eficazmente a remir , e todo o bem , e todo o melhor deveremos a Vossa Excellencia.

Excellentissimo Senhor, Deos guarde a

Excellentissima Pessoa de Vossa Excellencia
como Portugal em toda a parte, e os Criados
de Vossa Excellencia havemos mistér.

Bahia, 24 de Julho de 1694.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XCVI.

AO CONDE DA CASTANHEIRA ¹.

Meu Senhor,

E' cousa tão natural o responder, que até
os penhascos duros respondem, e para as
vozes tem échos. Pelo contrario é tão grande
violencia não responder, que aos que nascem
mudos fez a natureza tambem surdos, por-
que se ouvissem, e não podessem responder,
rebutarião de dor. Esta é a obrigação e a pena
em que a carta que recebi n'esta frota de
Vossa Excellencia me tem posto, devendo eu
só esperar reciprocamente que a resposta do

¹ É a CXLII do tomo II.

meu silencio fosse tão muda como elle ; mas quiz a benignidade de Vossa Excellencia que n'este excesso de favor se verificasse o pensamento dos que dizem , que para se conhecer os amigos , havião os homens de morrer primeiro , e d'ahi a algum tempo (sem ser necessario muito) resuscitar. E porque eu em não escrever fui mudo , como morto , agora com o espaço d'um anno e meio , é força que falle como um resuscitado. O que só posso dizer a Vossa Excellencia é que ainda vivo , crendo , com fé muito firme , não será desagradavel a Vossa Excellencia esta certidão. Não posso com tudo callar que no mesmo dia de seis de Fevereiro em que entrei nos oitenta e sette annos , foi tão critico para a minha pouca saude este septeno , que apenas por mão alheia me permite dictar estas regras , as quaes só multiplicadas em copias , sendo as mesmas , podem satisfazer a tantas obrigações , quantas devo á Patria na sua mais illustre Nobreza. Sendo porém tão singular , e não usada , esta indulgencia , ainda reconheço por maior a que de novo peço a todos , e é que a pena de não responder ás cartas se me commute na graça de as não receber d'aqui por diante , assim como é graça e piedade da natureza não ou-

vir quem não póde fallar. E para que o despacho d'este forçado memorial não pareça genero d'ingratidão da minha parte, senão contracto util d'ambas, e muito digno d'acceitação, sirva-se Vossa Excellencia de considerar, que se me falta uma mão para escrever, me ficão duas mais livres para as levantar ao ceo, e encommendar a Deos os mesmos a quem não escrevo, com muito maior correspondencia do meu agradecimento, porque uma carta em cada frota é memoria d'uma vez cada anno; e as da oração de todas as horas são lembranças de muitas vezes cada dia. Estas offereço a Vossa Excellencia sem nome de despedida, e posto que em carta circular e commum, nem por isso esquecido das obrigações tão particulares que a Vossa Excellencia devo, e me ficão impressas no coração. Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos como desejo com todas as felicidades d'esta vida, e muito mais da que não tem fim.

Bahia, dia de Santo Ignacio, 31 de Julho de 1694.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XCVII.

A' RAINHA DA GRÃO-BRETANHA ¹.

SENHORA,

As memorias de Vossa Magestade, que li na carta do Padre Balthasar Duarte, tão proprias da Real benignidade e grandeza, de que ellas e Vossa Magestade descende, me enternecêrão de maneira, que se no Brazil houvera podêr para dispensar nas leis da Religião, logo no primeiro navio se embarcára, como em um ataüde, a minha extrema velhice, para ir acabar felizmente a vida prostrado aos Reaes pés de Vossa Magestade.

Tendo-me alegrado mais que todos, como devia, com a restituição de Vossa Magestade á Patria, não me atrevi porêr a romper por escripto o meu silencio; porque quando escrevi de Roma a Londres, a resposta que tive por Carta do Padre Confessor Antonio Fernandes, foi tão secca, que me tirou toda

¹ É a LXXXII do tomo III.

a confiança, assim de o fazer outra vez, como de me passar a Inglaterra, que era o meu intento. Em fim, não achando em Portugal em El Rei, que Deos guarde, a correspondencia do affecto, que sempre experimentei em seus pais e irmão, como quem pela menor idade não conhecia o muito que eu os tinha servido, e arriscado por elles a vida nas viagens de Hollanda, França, e Italia, com maior perigo dos mesmos negocios do que erão os do mar, e dos inimigos da nossa Corôa no mar e na terra; me condemnei ao desterro d'este Brazil, para n'elle commutar, se podesse, o Purgatorio. Aqui estou ainda vivo, já quasi desacompanhado de mim mesmo, na falta de quasi todos os sentidos; mas sempre com toda a alma n'esse Palacio da Natividade, sacrificando a Vossa Magestade o que só posso, que é o coração, e amando, e adorando a Vossa Magestade com todo aquelle amor e extremo (permitta-me Vossa Magestade fallar assim) que a El Rei D. João, á Raïnhã D. Luïza, e ao Principe D. Theodosio devem a minha memoria e saüdades.

Hontem tivérão elles uma bôa tarde, porque vindo-me ver a uma quinta, ou deserto, onde passo retirado, um soldado da frota,

sò por curiosidade de podêr testemunhar em Lisboa, que ainda sou vivo, lhe perguntei muito em particular por Sua Magestade, e todas as novas que lhe ouvi, foi sempre com as lagrimas nos olhos, e muito mais quando me disse que a Senhora Raïnhã de Inglaterra era mãi da pobreza de Lisboa. Ditosissima a alma de Vossa Magestade, que depois da Corôa d'este mundo assim se emprega em assegurar a do Céu. Se eu tivêra similhante confiança, uma grande parte da minha gloria seria esperar lá, depois de muitos annos, pela entrada de Vossa Magestade, tão triumphante como foi a da despedida d'essa Côrte.

Lembra-me quanto tempo Vossa Magestade por duas vezes me permittio a seus Reaes pés na Camara da Capitania, em quanto não partia a Armada, sendo eu o correio fiel dos recados e lembranças da mãi, e das saüdades da filha; por signal que então me disse Sua Magestade uma cousa muito digna da sua grandeza, e do seu amor, que foi: *Estoy muy mal con Catalina, porque enviandole unas perlas, me las agradecio.* Onde o agradecimento é offensa, bem se podia ser secretario d'estes Corações.

Na Carta que acima refiro, li a memoria,

que Vossa Magestade ainda conserva d'aquella porta da antecamara de Alcantara, onde estando eu aos pés do Principe com o Infante D. Affonso nos braços, appareceo, e se deteve Vossa Magestade, coroando com a sua presença a conversação, mas não assentindo ao que n'ella se fallava, que foi, pouco mais ou menos, o que depois veio a ser, com um canal no meio sómente.

Em fim, minha Rainha, minha Senhora, e minha ama, em um livro impresso em França vejo aqui, e venero o retrato de Vossa Magestade, mas o que eu tenho impresso no coração, quizera eu que Vossa Magestade visse; posto que tão quebrantado dos annos, ainda posso dizer Missa todos os dias, e em todas, não sei se em mim, ou fóra de mim, peço a Deos me deixe ver a Vossa Magestade na eternidade, pois n'esta vida não posso. Entre tanto Deos guarde a Real e Augustissima Pessoa de Vossa Magestade, como El Rei, o Reino, e os criados de Vossa Magestade em toda a parte, e eu mais que todos desejo, e havemos mistér.

Bahia, 25 de Settembro de 1695.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XCVIII.

A' RAINHA DA GRÃO-BRETANHA.

SENHORA,

N'esta frota não tive carta do Padre Confessor de Vossa Magestade, nem o Padre Balthasar Duarte, ausente d'essa Corte, me pôde dar as novas, que em todo o anno são a minha esperança, e unica consolação d'este meu desterro; mas foi com tudo necessario valer-me das noticias vivas dos que vêm na mesma frota: os quaes desd'o maior até ao menor, perguntados pela Senhora Rainha da Grão-Bretanha, fallão com tal veneração nos extremos de suas heroicas acções, e Reaes virtudes, que as não posso ouvir sem lagrimas, e sem grandes invejas dos que gozão de perto o bem, de que eu não fui digno.

Uma carta tive d'um irmão leigo de São Roque, e me conta miúdamente, desd'o Natal até as Quarentas horas, a edificação de

· É a XCIII do tomo III.

toda a Corte; a piedade e grandeza, com que Vossa Magestade não só se digna de sustentar e mandar assistir aquella Casa, mas de a frequentar com a magestade de sua Real presença em todos os dias, e actos de maior devoção. Quasi eu estive para enviar a Vossa Magestade as relações d'este Chronista, como dictadas simplesmente por bocca da verdade, sem outro ornato, ou affectação, como eu tambem faço. Sobre tudo chegou d'essa Côrte a esta Bahia um Padre, que lá tinha sido Procurador da Provincia, o qual particularmente me contou o grande respeito, e grande veneração, com que El Rei, que Deos guarde, ouve os conselhos de Vossa Magestade, e dei infinitas graças a Deos por esta, que estimo singular providencia, com que dispoz todas as cousas de tão longe, para que Vossa Magestade em tempos tão perigosos, como os presentes, podesse dar aos acertos do seu governo aquella luz, que hoje não tem outra parte d'onde a possa receber, depois de trinta annos de paz, tendo-se por melhor a neutralidade, sem conseguir as utilidades d'ella, perderem-se n'este tempo todos os grandes Cabos, que tinha feito a guerra passada, sem haver hoje no mar, nem na terra quem os possa substituir; d'onde

é lástima ouvir (posto que de tão longe) os medos , com que de Portugal se escreve na probabilidade da morte d'El Rei de Castella , e intentos de França sobre Hespanha ; o que não posso deixar de representar a Vossa Magestade , porque sei quão falsamente é informada a d'El Rei , a quem na occasião presente não vejo , nem considéro outro remedio , senão (como dizia) o da Providencia Divina , que ordenou estivesse Vossa Magestade em tal tempo em Portugal para seu unico remedio .

Eu tenho por certo , que os fins hão de ser felicissimos ao nosso Reino e Nação ; mas os meios , antes d'elles , de igual difficuldade e perigo . O soccorro do Céu e da terra todo considéro na presença de Vossa Magestade , assim pelo valimento com Deos , como pelo conhecimento das cousas do mundo ; no meio do qual ordenou Nosso Senhor assistisse Vossa Magestade tantos annos , recolhendo em tão soberano juízo as experiencias , que nunca , ou tarde chegão á nossa terra , hoje mais que em nenhum outro tempo necessitada d'ellas .

Mais quizéra dizer a Vossa Magestade n'este particular , mas no tempo , e idade , em que me tomou esta occasião , só posso appellar para Deos ; e o faço com todo o affecto que sou obrigado , e me é possível . Atégora , como

fiel vassallo, e criado da Casa Real, offerecia a Deos por esta tenção todos os meus sacrificios; porèm de ha um anno a esta parte, em que no espaço de oito dias perdi totalmente a vista, ja o não posso fazer como Capellão, mas fál-o-hei como Mercieiro, e com toda a propriedade; pois Vossa Magestade por sua Real grandeza foi servida mandar-me dar, na impressão d'aquelle livro, salario que não só me póde bastar, mas sobejar para os dias, que sobre os noventa annos posso ter de vida; rogando sempre ao Senhor do temporal e eterno conserve a de Vossa Magestade com mûito inteira saúde, como Portugal, e os criados de Vossa Magestade havemos mistér; e eu nunca me esquecerei de o pedir assim á Divina misericordia, com todo aquelle affecto, que devem as minhas obrigações passadas e presentes.

Serenissima e Augustissima Raíinha, Deos guarde a Vossa Magestade por mûitos e felizes annos, para gloria da patria, exemplo de todos os Principes, edificação de toda a Igreja Catholica, credito da Fé, e Religião Christã.

Bahia, 24 de Junho de 1697.

De Vossa Magestade,
Humilde Servo Capellão,
ANTONIO VIEIRA.

CARTA XCIX.

A SEBASTIÃO DE MATOS .

Meu Senhor,

Esta carta com que Vossa Mercê foi servido continuar o favor e mercê, que me faz em todas as frotas, recebi com a costumada alegria e alvoroço, mas com igual mortificação, por não podêr ler, nem ouvir o que n'ella se contém.

Na frota passada dei conta a Vossa Mercê de como, deixadas todas as molestias, tinha occupado a paciencia no soffrimento de diversas enfermidades; uma d'estas (por occasião, dizem, de duas sangrias que me receitárão em noventa annos de idade) em espaço de oito dias me tirou totalmente a vista, de sorte que nenhuma letra por grande que seja, nem a dos titulos dos livros posso ver, e juntamente tendo já mui debilitado o uso de ouvir, o perdi tambem de modo, que apenas posso entender o que outros me lêem.

‘É a LXXVIII do tomo III.

Os que fazem jogo dos achaques alheios dizem, que me veio este a bom tempo, para não ver o que se vê, nem ouvir o que se ouve; e eu me conformára facilmente com esta sentença, se os mysteriosos desenganos da Carta de Vossa Mercê me não chegarão mais á alma. Eu nos meus trabalhos não tenho aprendido outra lição por uma parte mais forçosa, e por outra mais util, que a da conformidade com a vontade de Deos, com a qual considéro a Vossa Mercê muito unido, e é remedio universal para tudo o que póde dar, ou tirar a fortuna.

Das cousas publicas não digo a Vossa Mercê mais, que ser o Brazil hoje um retrato e espelho de Portugal; em tudo o que Vossa Mercê me diz dos apparatus de guerra sem gente, nem dinheiro; das seáras dos vicios, sem emenda; do infinito luxo, sem cabedal; e de todas as outras contradicções do juízo humano. O demasiado inverno tem detido a frota d'este anno, e tambem a discordia dos mercadores com os senhores de engenho no preço do açúcar, que elles querem que desça a 1,400 reis, e estes que suba a 1,600 reis: não montando menos esta differença de tostão que trezentos mil cruzados. Eu tambem sou de voto, que se abata o preço

do açúcar, mas com a balança na mão, de maneira que também se abatão os preços das outras cousas; mas é manifesta injustiça que crescendo as de lá, e as de Angola cento por cento mais, se queira no mesmo tempo que toda a baixa das drogas seja a do Brazil: por certo, que não é este arbitrio muito conforme aos receios, que de Portugal se escrevem sobre a contingencia em que nas pazes pôde ficar a nossa neutralidade. Mas de cá escrevem-se mentiras, e de lá responde-se com lisonjas, e n'este voluntario engano está fundada toda a nossa conservação. Deos nos acuda, e me traga melhores, e mais confiadas novas de Vossa Mercê, que será uma grande parte do alivio n'estes poucos dias, que as molestias me podem conservar de vida, a qual o Senhor augmente a Vossa Mercê por muitos annos, com todas as felicidades temporaes, e eternas que Vossa Mercê pôde desejar, e eu em minhas orações peço á Sua Divina Magestade.

Bahia, 40 de Julho de 1697.

De Vossa Mercê,

Obrigadissimo Servo,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA C.

PAPEL,

Que fez o Padre Antonio Vieira para se ler a El Rei D. Affonso VI na sua menoridade, na presença dos Tribunaes do Reino, por mandado da Rainha Mãe a Senhora D. Luiza de Gusmão.

Senhor,

A obediencia que a Rainha nossa Senhora deve aos preceitos d'El Rei, que Deos tem, e omuito que ama a Real pessoa de Vossa Magestade, que Deos guarde, e o desejo de conservar estes reinos, e de corresponder aos vassallos d'elles e ao bom animo com que sempre lhe assistirão, forão os motivos que a obrigarão a tomar sobre si o governo, quando o sentimento da sua perda pedia diferente resolução; procurou fazêl-o á satisfação de todos, sem perdoar ás vigias da noite, e aos trabalhos do dia: mas não bastou isto para o conseguir, ou porque Deos quizesse continuar o castigo, ou por outras razões que elle só alcança. E porque crescem

as queixas communs, e com ellas o sentimento da Rainha nossa Senhora; e ainda mais o desejo do remedio, t~~ve~~e por conveniencia convocar em presença de Vossa Magestade o Reino, que, em falta de Cortes, se representa nos Tribunaes, para lhe fazer presente os remedios que tem applicado áquellas queixas, e mais principalmente para lhe ordenar (como ordena) que se aquelles não bastarem, lhe represente com toda a liberdade os mais que lhe parecerem convenientes; considerando-se, que o seu intento só é acertar, no que for mais do serviço de Deos, e bem d'estes Reinos.

Ha queixa geral de-se não administrar justiça com igualdade; e porque esta é a primeira e mais principal obrigação dos Reis, e o que a Rainha nossa Senhora traz diante dos olhos, como ella por si não póde resolver materias contenciosas, e nem ainda o costuma fazer nas graciosas, se resolve a mandar juntar os Tribunaes, e Ministros d'este Reino, para que havendo quem instantemente dê occasião a esta queixa, receba o castigo que merece a sua culpa, e o Reino a satisfação que se lhe deve, em tempo que por tantas vias padece.

Queixa-se, e desconsola-se tambem o Rei-

no, e a Rainha nossa Senhora, com mais sentimento do que se póde declarar, que sendo já os annos d'El Rei Nosso Senhor bastantes para tomar em seus hombros o peso do Reino, de que a Rainha nossa senhora deseja tanto alliviar-se, Sua Magestade se não tenha applicado ao cuidado, e manejo dos negocios tanto como era necessario, antes deixando-se levar do excesso e do valor, tenha tantas vezes posto em manifesto perigo de vida a successão, d'onde pendem todas as esperanças d'estes Reinos, os quaes nenhuma outra cousa desejão, e hão mister, como ver a Sua Magestade empregado todo n'aquelles exercicios que mais lhe podem conciliar a graça para com Deos, e amor para com os seus Vassallos, respeito e veneração para com os estrangeiros. E pois nos achâmos aqui todos presentes, quer a Rainha nossa Senhora, que peçâmos a Sua Magestade se lembre de si, e de Deos, gastando o tempo em exercicios dignos de Sua Real Pessoa e grandeza, encaminhados a ser tão grande Rei, como Deos o fez, consolando os melhores vassallos que teve rei algum, pois sem repararem ao amor paternal na perda dos filhos; ao desejo de ter, na falta da fazenda; ao gosto de viver, no risco de perder a vida; dão filhos, dão

fazendas, e dão vidas, sem outro fim mais que de conservar o nome de Vassallos de Vossa Magestade.

Deve Vossa Magestade a um Deos tão grande, á consolação d'uma tal Mãi, e ao remedio d'uns taes Vassallos, que chegam aos Reaes Pés de Vossa Magestade com os corações rotos de dor, desejos nascidos no mais interior de suas almas, de ver a Vossa Magestade com saúde dos achaques de animo, assim como as suas lagrimas a alcançarão de Deos para Vossa Magestade nas doenças do corpo, que Vossa Magestade mude os descaminhos por onde anda, e nos livre de sobressaltos em que o desejo da vida e saúde de Vossa Magestade nos traz continuamente. Empregue Vossa Magestade melhor o seu talento ou generosidade do seu animo, imitando como Vossa Magestade deseja as virtudes d'aquelle Rei auctor da nossa liberdade, cujas memorias viverão com saúde eterna nos nossos corações, e fazemos a Vossa Magestade estas lembranças, porque servir aos Reis a seu gosto, consultando-lhes só o gosto, é vicio; mas servindo-os a seu gosto, advirtindo-os, é virtude e razão mui propria de Portuguezes, que jurámos, como temos jurado, humildemente prostrados aos Reaes

Pés de Vossa Magestade, a maior obediencia, a maior lealdade, e a maior resolução de dar as vidas pelo Real serviço de Vossa Magestade.

Não é menor a queixa e sentimento da Raíña nossa Senhora de se haverem introduzido no Paço, e muito juntos á Pessoa d'El-Rei Nosso Senhor, sujeitos de mui inferior qualidade, costumes, e conselhos, que parece estarem estabelecidos no poder que tem tomado, sem excepção, e desunião entre os grandes, e divertirem a natural benignidade d'El Rei Nosso Senhor a fim de seus interesses, persuadindo-lhe sempre necessarias as suas pessoas para conciliar os animos de seus vassallos, e para os pôr á sua obediencia, e estorvando e perturbando com a sombra de Vossa Magestade o bom governo do Reino, e juntamente commettendo de noite e de dia os delictos, que com tanto escandalo são notorios n'esta Corte, que se El Rei nosso Senhor os soubéra, todos castigára com muito rigor, atrevendo-se a intentar discreditos contra Sua Magestade; e até no sagrado com discursos indignos de toda a imaginação; contra o decóro da Fé, do sangue, do amor, do respeito, e da unica e devida adoração, que só está na Real Pessoa de Vossa Magestade.

Como esta queixá é a maior, e a que envolve em si todas as outras, porque se falta com ella mui principalmente á justiça, e é a principal causa dos divertimentos d'El Rei Nosso Senhor, e a que muito perturba a paz, e póde perturbar muito mais gravemente ao diante o socego commum do mais interior e sensível do Reino, cessará apresentando-a a Raíinha nossa Senhora com toda a instancia por parte dos Ministros que se achão presentes, e por outros que o não estão, e por pessoas zelosas do serviço de Deos e bem do Reino. Convém muito atalhar este damno, de mais d'outras razões, para aplacar a ira de Deos, que nos castiga tão severamente pelas culpas de que estes insolentes são causa; e assim convém que a dita Senhora tire de junto da Pessoa d'El Rei Nosso Senhor semelhantes sujeitos, que nos põem a Côrte em maior perigo que os Castelhanos nas fronteiras; porque estes, quando muito, nos tirão as vidas, mas est'outros nos tirão as vidas, a reputação, o favor, e a misericordia infinita de Deos.

Conformando-se a Raíinha nossa Senhora com o melhor sentir, que tantos e tão leaes, e grandes Ministros e Vassallos tem mandado executar, assim o quiz fazer saber a todos os

Tribunaes juntos, para que o tenham assim entendido, e por elles todo o Reino, da estimação que Sua Magestade faz e fará sempre, do zelo, advertencia, e conselho de seus Vassallos; e certificando-se melhor do grande desejo em que a Rainha Nossa Senhora está de satisfazer á obrigação da sua consciencia na Regencia d'este Reino, que está commettido á sua conta e disposição.

Senhor, isto que tenho referido, o mais breve que pude, não é meu, nem em substancia, nem ainda em palavras; e, como tenho dito, é só dos Ministros que zelão a conveniencia, e a vida de Vossa Magestade, e bem do publico, que os obrigou a fazer esta representação á Rainha Nossa Senhora, e são tudo cousas tão conformes á razão, e justiça, de que Vossa Magestade é tão zeloso, que esperamos todos mui confiadamente do juízo de Vossa Magestade, e da sua clemencia, e da inclinação que todos conhecemos em Vossa Magestade por melhor, do muito que aborrece a lisonja, e estima á natural, e liberal inteireza dos Ministros, que não só approva e que com tão boas considerações está disposto, mas que conhece com igualdade o socego do Seu Real animo, a boa intenção, e cordeal amor com que a-

conselhou e obrou o Reino, para remedio de tão grandes e leaes Vassallos, a quem zelámos prostrados humildemente diante do Real acatamento de Vossa Magestade, que Deos guarde como lhe pedimos.

FIM DAS CARTAS.

INDICE ANALYTICO

DAS CARTAS SELECTAS

DO PADRE ANTONIO VIEIRA.

Pag.

CARTAS DE EMPENHO.

- I. *A certo Ministro.* — A favor dos Missionarios do Maranhão instando para que se lhes pague a Ordinaria, não pelos Ministros da Fazenda, mas sim pelos contractadores ou rendeiros dos Dizimos da Bahia. 1
- II. *A Diogo Marchão Themudo.* — A favor de Antonio de Brito de Castro, que ficára pronunciado n'uma devassa na Bahia, e vinha ao Reino livrar-se; allega os bons serviços que elle e sua familia prestarão na defensão do Brazil, e as razões de parentesco que com elle tem. 4
- III. *A Diogo Marchão Themudo.* — A favor de João Alvares da Cunha, que fôra governador de S. Thomé, e vinha preso para o Reino por culpas, pela maior parte calumniosas; allega os serviços que elle havia feito aos Religiosos da Companhia, e encom-

	Pag.
menda o negocio (sem offensa da justiça) á sua piedade e podêres de seu patrocínio. . .	7
IV. <i>Ao Marquez de Gouvea.</i> — A favor de um néto de Diogo Lopes de Olhòa, que pretendia um officio em Setubal, vago pela morte do Avô; allega não só igualál-o em capacidade e juízo, mas excedêl-o em letras. . .	8
V. <i>Ao Marquez de Gouvea.</i> — A favor de um pretendente, que péde uma mercê mais de piedade que de justiça.	9
VI. <i>A D. Rodrigo de Menezes.</i> — A favor de um seu Cunhado que pretendia o posto de Mestre de Campo na Bahia; além da capacidade do sujeito allega é empenha os seus proprios serviços.	12

CARTAS DE AGRADECIMENTO.

VII. <i>A' Rainha.</i> — Agradece em seu nome e de todos os Missionarios a protecção que S. M. lhes prestára para o estabelecimento da Christandade no Maranhão.	15
VIII. <i>Ao Duque do Cadaval.</i> — Agradece o bom conceito em que o tem.	19
IX. <i>A certo Fidalgo.</i> — Agradece em seu nome e da Communiidade umas Camoêzas que lhe havia mandado.	22

CARTAS DE PARTICIPAÇÃO.

X. <i>A El Rei.</i> — Dá conta do estado em que se achão as Missões do rio das Amazonas, do Rio Negro, e dos Tocantins; falla dos Inheiguáras, e dos Topinambás; descreve a ilha dos	
--	--

- Nheegaibas, costumes e habitos d'aquelles povos, como e por que se rebellárão; reláta miúdamente o modo como se sujeitárão, sem armas nem ameaças, mas pela influencia dos Missionarios, e como em suas proprias mãos prestarão juramento de obediencia ao Rei de Portugal, quebrando seus arcos em testemunho de paz e amizade. 23
- XI. *Ao Duque do Cadaval.*— Sobre o casamento que pretendia fazer fóra de Portugal; informa-o a respeito das senhoras de Italia, dissuade-o de o fazer em França, e aconselha-o que o busque em Hespanha. 54

CARTAS DE PARABENS.

- XII. *A D. Rodrigo de Menezes.*— Por uma Victoria que alcançára o Marquez de Marialva no Alemtejo. 58
- XIII. *Ao Almotacel-Mór.*— Pela sua feliz chegada a Pernambuco, onde foi ser governador. 60
- XIV. *Ao Arcebispo da Bahia.*— Pela sua nomeação. 62

CARTAS DE PEZAMES.

- XV. *A D. Rodrigo de Menezes.*— Pela morte d'um filho de poucos annos. 64
- XVI. *Ao Marquez de Gouvea.*— Pela morte de D. Diogo, seu irmão. 67
- XVII. *Ao Marquez de Gouvea.*— Pela morte do Conde de Soure, seu grande amigo, e parente. 69

	Pag.
XVIII. <i>A certo Fidalgo.</i> — Pela morte d'uma pessoa que muito estimava.	71
XIX. <i>Ao Duque do Cadaval.</i> — Pela morte de D. Theodosio, seu irmão.	72

CARTAS DE CONSOLAÇÃO.

XX. <i>Ao Marquez de Gouvea.</i> — Na perda de seu irmão D. Diogo.	75
XXI. <i>Ao Marquez de Gouvea.</i> — Pelo mesmo motivo.	76

CARTAS SOBRE POLITICA.

XXII. <i>A D. Rodrigo de Menezes.</i> — Sobre o es- tado do exercito nas campanhas contra Cas- tella, guerra de Alemtejo, etc.	78
XXIII. <i>Ao Marquez de Gouvea.</i> — Sobre a Companhia de Commercio de que elle fôra auctor, e de que se promettia grandes pro- veitos; lamenta-se de que em Portugal se não aproveitem os meios de defeza e consi- deração exterior que estavam ao seu alcance.	81
XXIV. <i>A El Rei.</i> — Sobre os Governadores do Pará, estado d'aquella provincia, situa- ção infeliz dos Indios, oppressões que sof- frem dos governadores; e dá o seu parecer sobre o modo de a administrar civil e mili- tarmente.	84
XXV. <i>Ao Secretario d'Estado.</i> — Sobre a guerra que se deve fazer a Castella; susten- ta que deve ser a defensiva; allega o exem- plo da Hollanda, e pondéra as razões gravissi- mas que ha contra a guerra offensiva.	91

XXVI. *Ao Senhor D. Theodosio.* — Receia fatalidades ao Reino porque não ha emenda no que cumpria emendar; corrobora sua opinião com a apparição d'um Comêta; diz que a verdadeira prevenção contra o inimigo é a reconciliação do Rei com os grandes, d'estes entre si, e de todos com todos, etc. 102

XXVII. *A D. Rodrigo de Menezes.* — Cõsidera o estado miseravel em que se achava Portugal; diz que era necessario governarmos com a espada na cinta, e a balança na mão; pondêra a nossa posição politica respectivamente ás outras Nações, especialmente á Hespanha; insta para que se aproveite a nossa posição geographica, os nossos portos, e se promova o commercio, como fazem as outras Nações. 105

XXVIII. *A Duarte Ribeiro de Macedo.* — Sobre varias plantas e drogas da India que se dão bem no Brazil; de cuja cultura resultaria grande proveito áquelle paiz e a Portugal, e grave ruína ao commercio Hollandez que da India as importava á Europa. . . 111

CARTA APOLOGETICA.

XXIX. *Ao Conde da Ericeira.* — Sobre o que a seu respeito escrevêra no *Portugal Restaurado*, que diz e prova ser menos exacto; explica qual fôra o motivo de sua missão a França e Hollanda; enumêra os negocios em que se mettêra, e os serviços que pres-

tára a El Rei, nomeadamente o de lhe procurar (d'um dia para o outro) 300:000 cruzados, quando o Concelho d'Estado declarára não se podêrem haver, e a criação das duas Companhias Oriental e Occidental, a ultima das quaes trouxéra a Portugal tanta riqueza, etc. 116

CARTA DE DESCULPA.

XXX. *Ao Principe D. Theodosio.* — Por sair de Lisboa para o Maranhão sem se despedir de Sua Alteza; expõe as razões da subita partida, que parece ter sido ordem de seus superiores. 132

CARTA DE EXCUSA.

XXXI. *Ao Geral da Ordem.* — Excusa-se de ser Confessor da Rainha de Suecia, allegando sua insufficiencia e adiantados annos. . 137

CARTAS DE RECOMMENDAÇÃO.

XXXII. *Ao Marquez de Gouvea.* — A favor de um Cavalheiro Italiano que vinha a Lisboa. 141

XXXIII. *Ao Mordomo-Mór.* — A favor de Manoel de Barros, fidalgo da Bahia, e de seu sobrinho Gonçalo Ravasco, que vinhão a Lisboa queixar-se das violencias que n'aquella terra soffrião. 143

XXXIV. *A D. M. Themudo.* — A favor de Antonio d'Abreo e Lima, morador no Rio de Janeiro, que vinha a Lisboa a livrar-se de culpa, e a requerer justiça. 144

XXXV. *Ao Confessor de S. Alteza.* — A favor

dos Parochos, e gentes catholicas das ilhas de Cabo Verde; faz uma descripção de seu estado, costumes, boas disposições, e recommenda-os mui particularmente ao seu zelo. 146

CARTAS DE SUPPLICA.

XXXVI. *A D. M. Themudo.* — A favor de seu irmão, que se achava preso na Bahia. . . . 152

XXXVII. *Ao Padre Sebastião de Matos.* — Para que lhe consiga a cobrança d'uma tença que seu sobrinho tinha no Porto, e com a qual queria acudir-lhe. 154

CARTA DE LOUVOR.

XXXVIII. *Ao Padre F. Lopes, Jesuita Hespanhol.* — Acerca d'um sermão que pregára de S. Francisco Xavier. 156

CARTA DE QUEIXA.

XXXIX. *A' Rainha da Grão-Bretanha.* — Queixa-se do Principe D. Pedro, e do máo pago que recebêra depois de tantos serviços que prestára. 160

CARTA DE CONSELHO, OU EXHORTATORIA.

XL. *Ao P. D. Theodosio.* — Sobre como devia portar-se quando o Reino estava em grande aperto pela guerra dos Castelhanos. 163

CARTAS DE BONS ANNOS.

- XLI. *Ao Marquez de Gouvea.* 168.
 XLII. *A certo Fidalgo.* 169

CARTA DE RESIGNAÇÃO.

- XLIII. *Ao Duque do Cadaval.* — Resigna-se a
 ir para onde o mandarem, e mostra grande
 desgano, paciência, e conformidade . . . 170

CARTAS DE DESPEDIDA.

- XLIV. *Ao seu Geral.* — Na ocasião de partir
 de Portugal para a Bahia; refêre-se á Carta
 XXXI. 172
 XLV. *Ao Padre Balthasar Duarte.* — Despede-
 se como quem contava morrer cedo. 175

CARTAS MIXTAS.

DE PARTICIPAÇÃO E DE QUEIXA.

- XLVI. *A El Rei.* — Sobre as Missões do Pará
 e Maranhão. 177
 XLVII. *Ao Duque do Cadaval.* — Sobre o ser
 degradado, e os motivos que para isso con-
 corrêrão. 192
 XLVIII. *Ao Marquez de Gouvea.* — Participa
 a entrada do Arcebispo na Bahia; queixa-se
 de que alguns de seus sermões fossem mal
 recebidos depois d'impessos; participa como
 no Mexico lhe dedicarão umas Conclusões,

e queixa-se que n'uma Universidade de Portuguezes se affrontasse a sua estatua. 196

DE QUEIXA E DESCULPA.

XLIX. *A D. Rodrigo de Menezes.* — Queixa-se de não ter recebido cartas suas, e desculpa-se d'algumas expressões que empregára diktadas pelo zelo. 200

DE DESCULPA E LOUVOR.

L. *Ao Conde da Ericeira.* — Desculpa-se por haver formado tenção de não ler o Portugal Restaurado, mas tendo depois lido o Castrioto, mudou d'opinião, lê-o, e elogia seu estilo, método, etc. 204

DE PARTICIPAÇÃO E CONSELHO.

LI. *A certo Ministro.* — Participa o como fizera a sua viagem a Pariz, e aconselha que se conclua certo negocio relativo á guerra com Hespanha. 207

DE AGRADECIMENTO E PARTICIPAÇÃO.

LII. *A D. Rodrigo de Menezes.* — Agradece um despacho, que d'elle recebêra, e participa qual o estado de sua saúde, e como ía trabalhando na composição de certo livro. . . . 210

DE FELICITAÇÃO E PARTICIPAÇÃO.

LIII. *A D. Rodrigo de Menezes.* — Felicita-o pela victoria alcançada no Alemtejo, e participa qual seja o seu estado de saúde. . . . 212

DE FELICITAÇÃO E EMPENHO.

- LIV. *Ao mesmo.* — Renova a felicitação da precedente, e empenha-se a favor de Domingos Vás Correa, que andava requerendo na Côrte. 214

DE FELICITAÇÃO E LOUVOR.

- LV. *Ao Conde de Castello-Melhor.* — Dá-lhe o parabem por se achar retirado no Pombal, livre dos negocios publicos; e louva-o em geral pelo bem que os desempenhára. . . . 217

DE PARTICIPAÇÃO E FELICITAÇÃO.

- LVI. *A D. Rodrigo de Menezes.* — Participa o estado de sua saúde, e felicita-o pelos novos successos de nossas armas no Alemtejo. . . 219

DE QUEIXA, PARTICIPAÇÃO, E AGRADECIMENTO.

- LVII. *A D. Rodrigo de Menezes.* — Queixa-se da differença que experimentava na mercê que lhe fazia a Raíha d'Inglaterra; participa o que era passado em Roma á cerca da nomeação dos Bispos; e agradece a mercê que fizera a seu irmão, e seus procuradores. 221

DE PARTICIPAÇÃO E SUBMISSÃO.

- LVIII. *Ao Principe D. Pedro.* — Participa haver alguns inconvenientes para sair de Roma; mas submette-se em tudo á vontade de S. A., desejando quanto antes ver-se a seus reaes pés. 226

DE LOUVOR E CRITICA.

- LIX. *Ao Padre Sebastião de Matos.* — Louva-o por occasião d'um sermão d'elle que encontrára impresso; critica o não ver na sua cabeça uma mitra, e bem assim os grandes descuidos que havia em Portugal. 229

DE DESENGANO E RECUSA A UM PEDIDO.

- LX. *A D. Maria da Cunha.* 231

DE MORALIDADE, ARREPENDIMENTO, AMOR DE DEOS
E CONFORMIDADE.

- LXI. *Ao Padre Francisco de Moraes,* seu grande Amigo e Condiscipulo do Curso. . 232

CARTAS SOBRE ASSUMPTOS VARIOS.

- LXII. *A D. Rodrigo de Menezes.* — Falla das molestias que havia em Coimbra; dos receios que tinha sobre o bom successo de nossas armas; e agradece uma mercê feita a um seu recommendado. 236

- LXIII. *Ao mesmo.* — Manifesta o seu sentimento pelos achaques de Sua Excellencia; falla do estado de sua saúde, e dos desgostos que o acompanhavão. 238

- LXIV. *Ao Senhor D. Theodosio.* — Manifesta receio pelas cousas de Castella, e mostra o seu sentimento pela injustiça com que o tratavão. 241

- LXV. *Ao mesmo.* — Falla da morte do Papa Clemente XI, desereve seu enterro, etc. . 243

- LXVI. *A certo Prelado.* — Falla da morte do

- Papa, reunião do Consistorio, intrigas e pasquins, e diz que de tudo que vê tira uma conclusão, *que de todos os Catholicos do mundo nós somos os mais Catholicos*, etc. 246
- LXVII. *A Duarte Ribeiro de Macedo*. — Dá algumas noticias de Roma, d'onde escreve, e faz varias reflexões sobre o estado de Portugal, e a politica do tempo. 248
- LXVIII. *Ao Marquez de Gouvea*. — Escreve de Roma, e falla dos Bispados providos para Portugal; da entrada do Vice-Rei de Naples; diz que gosta mais de ver em Roma as ruínas do que foi, do que a vaidade do que é; e algumas outras particularidades. . . . 252
- LXIX. *Ao mesmo*. — Annuncia a nomeação de sette Bispos; theor das Bullas; e podêres conferidos ao Nuncio para os sagrar, etc. . 255
- LXX. *Ao mesmo*. Dá noticia das Comedias do Carnaval; e dos apparatus de guerra d'aquelle anno; etc. 258
- LXXI. *A Duarte Ribeiro de Macedo*. — Lamenta o quanto em Portugal se desprezão os homens de merito; e refere algumas particularidades de Roma, d'onde escrevia. . 261
- LXXII. *Ao mesmo*. — Lamenta a fórma monstruosa do Governo de Portugal; manifesta receios da parte da politica ingleza; e falla d'algumas particularidades de Roma, d'onde escreve. 265
- LXXIII. *A D. Rodrigo de Menezes*. — Falla d'algumas particularidades de Roma, d'onde

escreve, e péde a sua protecção a favor do
portador da Carta. 268

LXXIV. *Ao mesmo.* — Falla d'um sermão que
pregára em Italiano, de que remette copia;
manifesta grande desejo de voltar a Portugal
ou ao Brazil. 271

LXXV. *A um seu Amigo.* — Dá noticia dos
principios de Lisboa, e elogia seu clima,
producções, etc. 275

LXXVI. *A Duarte Ribeiro de Macedo.* — Ma-
nifesta quanto desconfiava das promessas do
Conde de Humanes sobre os arranjos
que então se propunhão com a Hollanda. . 278

LXXVII. *Ao mesmo.* — Agradece as noticias
que lhe mandára de Lisboa, e certo papel, o
qual tendo-o mostrado a varios amigos
todos o elogiáram; mostra-se muito contente
e satisfeito por ver que uma das condições
da liga era a entrega de Ceilão; falla d'al-
gumas particularidades de Roma, d'onde es-
creve. 280

LXXVIII. *Ao mesmo.* — Falla de seu máo es-
tado de saúde, que o obriga a escrever por
mão alheia; participa a alteração que houve
em Palacio com a noticia de querer El Rei
de Portugal restabelecer a Cavallaria de São
Lazaro; deplora o mandarem-se de Portugal
á India sómente duas náos; falla dos projec-
tos de paz de Hollanda, etc. 284

LXXIX. *Ao mesmo.* — Expende o prognostico
que fizera á cerca da guerra naval da Hol-

- landa, e qual o seu sentimento e desejo á cerca do resultado da luta; falla das pretenções que tinha o Rei de França em propor Bispo para a cidade de Meliapor, que os Francezes tinham occupado; lamenta-se sobre o modo como vão as cousas em Portugal, onde, segundo se dizia então em Roma, era melhor ser Inquizidor que Rei; falla de mais algumas particularidades de Roma. 287
- LXXX. *Ao Grão Duque de Toscana.* — Sobre a projectada união d'aquelles Estados com os de Portugal. 292
- LXXXI. *A Duarte Ribeiro de Macedo.* — Escreve de Lisboa, e manifesta bastante dissabor pelo modo como corrião os negocios; e nomeadamente pela paixão que S. A. tinha pela caça e montaria das feras, etc. Critica a nomeação do Conde do Vimioso para Nimeguen, e a quantidade de graças que se fazião na Corte, etc. 295
- LXXXII. *Ao mesmo.* — Falla do seu estado de saúde, que era máo; da desattenção que havia no governo pelos negocios com Inglaterra; e da estampa de seus Sermões. 299
- LXXXIII. *Ao mesmo.* — Falla da traducção que se fazia em Madrid de seus Sermões, da qual não estava contente, e roga-lhe queira encarregar-se da sua revisão e correcção, etc. 302
- LXXXIV. *Ao mesmo.* — Sobre a mesma materia. Dá tambem algumas noticias de Lisboa, e refere varias particularidades. 306

- LXXXV. *A Roque da Costa Barreto.* — Dá noticia das cousas da Bahia, d'onde escrevia; nomeadamente d'umas arvores de canella, da colheita do açúcar, etc. 309
- LXXXVI. *A Diogo Marchão Themudo.* — Falla do estado de sua saúde, recommenda o negocio de seu sobrinho, e remette o quarto tomo dos seus Sermões para se imprimir em Lisboa. 313
- LXXXVII. *Ao mesmo.* — Sobre a devassa tirada na Bahia, em que seu irmão e sobrinho forão pronunciados, e elle mesmo desconfiava sê-lo. 316
- LXXXVIII. *Ao Duque do Cadaval.* — Falla do Sermão que pregára nas Exequias da Rainha, e péde a intercessão de Sua Excellencia para com o Marquêz das Minas a favor de seu irmão e sobrinho. 319
- LXXXIX. *A Rainha D. Maria Sofia.* — Offerece a S. M. o sermão que pregára no nascimento do Principe, e com elle outro de S. Francisco Xavier. 321
- XC. *A Sebastião de Matos.* — Dá noticia das doenças que grassavão n'aquelle anno na Bahia, d'onde escrevia; diz que se occupa em pôr a limpo os seus Sermões; e como pregára pelo nascimento e arrebatada morte do Principe. 323
- XCI. *Ao Cônego Francisco Barreto.* — Manifesta grande sentimento pelas ingratidões com que o tratava a sua Patria, que elle jul-

- gava não merecer; e falla á cerca da traducção das cinco pedras de David. 325
- XCII. *A Sebastião de Matos.* — Significa-lhe as esperanças que tinha sobre as cousas de Portugal. 330
- XCIII. *Ao Conde da Castanheira.* — Agradece o cuidado que tomava pela sua saúde; lisonjea-se que, se alguma vez errára, nunca adulára, etc. 332
- XCIV. *Ao Conde de Castello-Melhor.* — Consola-se com Sua Excellencia por viver n'um retiro; e dá noticia das frotas d'aquelle anno, etc. 334
- XCV. *Ao Duque do Cadaval.* — Falla da entrada de D. João de Lancastro na Bahia, e de como as cousas mudarão d'aspecto; e remette uma copia do parecer que déra á cerca dos Indios. 337
- XCVI. *Ao Conde da Castanheira.* — Falla do seu estado de saúde, e pede desculpa de não ter escrito ha mais tempo, e ainda o fazia por mão alheia. 339
- XCVII. *A' Rainha da Grã-Bretanha.* — Agradece as lembranças que S. M. d'elle conservava; desabafa a sua dor pelas ingratidões que recebêra do Principe D. Pedro, pelas quaes se retirára ao Brazil. 342
- XCVIII. *A' mesma Rainha.* — Congratula-se pela bôa fama que de suas reaes virtudes chegára ao Brazil, e pelo quanto poderão ser uteis a Portugal sua presença e conselhos. 346

XCIX. *A Sebastiao de Matos.*—Falla do máo estado de sua saúde, falta de vista, e de ouvido; das cousas da Bahia, que era um retrato de Portugal no desgoverno, etc. 350

C. Papel que fez o Padre Antonio Vieira para se ler a El Rei D. Affonso VI na sua minoridade, na presença dos Tribunaes do Reino, por mandado da Rainha Mãe, a Senhora D. Luiza de Gusmão. 353

FIM.

18-474

C838
V657C

175

(92)



